

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

VERÔNICA ALVES DE LIRA

**A INFORMATIVIDADE NO TEXTO DO ALUNO: AS CONTRIBUIÇÕES DA
INTERVENÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL DO
ALUNO DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

NATAL-RN

2017

VERÔNICA ALVES DE LIRA

**A INFORMATIVIDADE NO TEXTO DO ALUNO: AS CONTRIBUIÇÕES DA
INTERVENÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL DO
ALUNO DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras – Profletras, da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Sulemi Fabiano
Campos.

Natal-RN

2017

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Lira, Verônica Alves de.

A informatividade no texto do aluno: as contribuições da intervenção do professor no processo de produção textual do aluno do 9º ano do ensino fundamental II / Verônica Alves de Lira. - Natal, 2017.

204f.: il. color.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Mestrado Profissional em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos.

1. Informatividade - Dissertação. 2. Intervenção do professor - Dissertação. 3. Produção textual - Dissertação. I. Campos, Sulemi Fabiano. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 81'1

VERÔNICA ALVES DE LIRA

**A INFORMATIVIDADE NO TEXTO DO ALUNO: AS CONTRIBUIÇÕES DA
INTERVENÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL DO
ALUNO DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras pelo
Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade Federal do Rio Grande do
Norte.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Presidente da Banca

Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Examinadora Interna

Profa. Dra. Marinalva Vieira Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM
Examinadora Externa

Dedico este trabalho à Fausta Carvalho de Lira, uma grande mulher que, com toda a sua simplicidade e experiência de vida, sempre valorizou e incentivou a educação em nosso lar. Obrigada, minha avó, por todos os seus ensinamentos, principalmente o de que jamais devemos desistir de nossos sonhos.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À minha orientadora, Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos, por ter guiado o percurso a ser trilhado pelo presente trabalho, mesmo quando este ainda era apenas um projeto embrionário. Sinto-me privilegiada que tenha compartilhado comigo conhecimentos teóricos e práticos, além de conselhos valiosos, que contribuíram para o meu crescimento, tanto acadêmico quanto profissional e pessoal. Obrigada por seu apoio, profissionalismo e dedicação. E principalmente, por ter permanecido ao meu lado, pelo incentivo e compreensão em momentos difíceis e pela atenção depositada diante dos obstáculos e atribulações que surgiram no decorrer deste estudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me proporcionou esta experiência ímpar, iluminando-me e guiando nos momentos mais difíceis, por me conceder saúde e força para que eu prosseguisse, mostrando os caminhos nas horas incertas e me suprimindo em todas as minhas necessidades. Graças ao Senhor, eu “tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4.13).

A minha filha, Ludmyla Maria, agradeço pelas demonstrações de afeto, por tentar entender que é uma dissertação e o motivo de não poder atendê-la sempre que requisitava a minha presença. Ao meu filho, Enzo, que ainda não tem idade para compreender o que é um mestrado, agradeço pela espontaneidade, pelo carinho e amor incondicional que sempre me estimularam.

Ao meu esposo, Clyfton, que além de ter me presenteado com as maiores bênçãos em minha vida (nossos filhos), trilhou junto comigo todo este percurso, pois além de viajar comigo para que eu pudesse assistir a todas as aulas do mestrado, foi capaz de compreender a minha ausência, e que, mesmo do seu jeito, incentivou-me nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, Francisca e José, responsáveis por minha existência. Sou grata a minha mãe, por ter me ensinado a ser uma pessoa de bom coração e por mostrar que devemos sempre buscar “fazer o bem, sem olhar a quem”.

A minha avó, Fausta, por ter me encaminhado nos estudos. Por orar e acreditar sempre em mim, por me emocionar com a sua emoção diante de cada conquista por mim alcançada. Graças a ela cheguei até aqui.

Aos meus amados irmãos, que vibram e torcem por mim, pelo incentivo e afeto, e pela felicidade que demonstram diante das minhas vitórias, que também são deles.

A toda a minha família: tias (os), primas (os), cunhadas (os), que direta ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento e que sempre acreditaram em mim e me apoiaram.

À Professora Sulemi, pela sua generosidade, sempre me orientando e até ralhando quando necessário, uma verdadeira “mãezona”, que Deus lhe conceda muitos anos de vida para que ela possa continuar desenvolvendo majestosamente o trabalho que vem fazendo.

Aos professores do Profletras, que compartilharam conosco riquezas inestimáveis: os seus saberes.

A todos os companheiros do curso, pelas trocas de conhecimentos e experiências vividas. Especialmente a Adriana Oliveira, Mirella, Adriana Coutinho e Waldenira, por me encorajar, e me fazer ver que as minhas angústias não eram uma exceção, e que se tornavam

menores quando compartilhadas em nossas conversas, e ínfimas diante de tantos obstáculos vividos por outros da turma. Obrigada pela preocupação e pelo incentivo.

Aos meus queridos e inesquecíveis alunos do 9º ano, que colaboraram para tornar possível este estudo.

Às professoras Dra. Maria da Penha Casado Alves e Maria das Graças Soares Rodrigues, pelas pertinentes e enriquecedoras contribuições no Exame de Qualificação.

À CAPES, que investe na educação de nosso país, concedendo, não só a mim mas também a cada aluno do Profletras, uma Bolsa de Estudos.

E, por fim, agradeço às professoras Dras. Maria da Penha e Marinalva Barbosa, que compõem a Banca de defesa desta dissertação, pela leitura deste trabalho e pelas contribuições que sei que herdarei, neste momento em que o sonho se torna realidade.

A todos vocês, minha profunda gratidão.

RESUMO

A presente dissertação tem como propósito apresentar uma proposta de intervenção que contribua para o desenvolvimento da informatividade na produção textual do aluno do 9º ano do Ensino Fundamental II. Toma como objeto de investigação textos escritos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de São Paulo do Potengi/RN. Teoricamente, busca contribuições que advém da Linguística de Texto, tendo como base os estudos de Costa Val (1991); Koch e Fávero (2000), Adam (2011), entre outros. A escrita dos textos ocorreu em quatro versões: a produção inicial, escrita sem abordar previamente o tema, a fim de analisar o conhecimento prévio do aluno. Nas demais etapas, a produção ocorreu após uma ação interventiva, a partir de oficinas de vídeos, leituras, debates e refacções textuais. Para a reescrita da 2ª versão, aborda o tema proposto apresentando informações que contribuíssem para o desenvolvimento da informatividade. Ao analisar os textos produzidos, constata que as produções textuais escritas sem a mediação do professor apresentaram um índice menor de informatividade, ao passo que, durante a segunda versão (realizada após a intervenção do professor), os alunos acrescentaram informações não apresentadas na primeira produção. No entanto, a pesquisa diagnostica que a maioria das produções apresentava argumentos inconsistentes e que as informações apareciam desconectadas, ficando evidente a necessidade de trabalhar outros elementos que corroborem para a refacção textual das versões seguintes. Dessa forma, aborda: a sequência argumentativa; o gênero artigo de opinião; os elementos responsáveis pela textualidade; e recursos linguísticos estabelecadores da coesão textual (como as conjunções explicativas e adversativas). A partir das análises, constata que o processo de intervenção, mediada pelo professor, é fundamental para o desenvolvimento do aluno produtor de textos, posto que a ação interventiva proporciona ampliar os conhecimentos linguísticos e pragmáticos do aluno, resultando na escrita de textos mais significativos para o leitor, e ainda que, é de suma importância trabalhar a reescrita em sala de aula, uma vez que permite ao aluno tanto aprimorar o seu texto quanto refletir sobre o que ele escreveu.

Palavras-chave: Informatividade. Intervenção do professor. Produção textual.

ABSTRACT

This thesis aims to present a proposal for intervention to contribute to the development of informativeness in text production students who attend the 9th grade of elementary school II. We take as an object of research texts written by these students who attend public school in the city of São Paulo do Potengi/RN. Theoretically, we seek contributions that come from Text Linguistics, based on studies of Costa Val (1991); Koch and Favero (2000), Bakhtin (2011), Adam (2011), among others. The texts were been written in four versions: the initial production was been written without previously approach the subject in order to analyze the prior knowledge of the student. While the remaining stages have had produced after we realize an interventional action, in which we develop workshops videos, lectures, debates and rewrite of the text. For the rewriting of the 2nd version approached the theme proposed presenting information to contribute to the development of informativeness. In analyzing the texts produced, we find that the textual productions written without the teacher's mediation showed a lower level of informativeness, whereas the second version (performed after the teacher's intervention), they were added information that had not been presented in the first production. However, we diagnose that most productions had inconsistent arguments and that the information appeared disconnected, evidencing the need to work for other elements to corroborate with the rewritten text of the following versions: the argumentative sequence; gender article opinion; the elements responsible for textuality; setting and language resources text cohesion (the explanatory and adversative conjunctions). From the analysis it was established that the intervention process, mediated by the teacher, it is essential for the development of producer student texts. Since the interventional action provides enlarge the linguistic and pragmatic knowledge of the student that result in the most significant texts written for the reader. Therefore, it is very important work rewriting the text in the classroom as it allows the student to both improve your writing, as to reflect on what he wrote.

Keywords: Informativeness. Teacher intervention. Textual production.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Escolas públicas no Brasil.....	24
Figura 2 – Escolas estaduais no Rio grande do Norte	26
Figura 3 – Situação da Escola Estadual Maurício Freire pelo IDEB 2011	27
Figura 4 – Esquema de sequência didática.....	41
Figura 5 – Menina de 14 anos	60
Figura 6 – Documentário Ilha das flores	61
Figura 7 – Reportagem sobre o aproveitamento do lixo	62
Figura 8 – Reportagem sobre a reciclagem do lixo	62
Figura 9 – Vídeo educativo	74
Figura 10 – Vídeo sobre responsabilidade social	75
Figura 11 – Imagens para reescrita.....	76
Figura 12 – Atividade proposta	99
Figura 13 – Esquema de Sequência argumentativa	113
Figura 14 – Exposição da versão final dos textos dos alunos	146
Figura 15 – Origem do lixo e exemplo de rios poluídos pelo lixo doméstico, industrial, químico, entre outros	147
Figura 16 – Problemas ambientais, socioeconômicos e de saúde causados pelo acúmulo inadequado do lixo	147
Figura 17 – Soluções para o lixo	148
Figura 18 – Visitação da comunidade escolar à feira de ciências e explanação dos alunos sobre o projeto – I.....	148
Figura 19 – Visitação da comunidade escolar à feira de ciências e explanação dos alunos sobre o projeto – II.	149
Figura 20 – Visitação da comunidade escolar à feira de ciências e explanação dos alunos sobre o projeto – III.	149
Figura 21 – Visitação da comunidade escolar à feira de ciências e explanação dos alunos sobre o projeto – IV	150
Figura 22 – Turma 9o ano "A" – Escola Estadual Maurício Freire – 2014	150
Quadro 1 – Conteúdos planejados para a sequência didática.....	47
Quadro 2 – Plano de Aula 1.....	48
Quadro 3 – Procedimentos metodológicos do Plano de Aula 1	48
Quadro 4 – Transcrição do texto 1 – aluno PS – primeira versão	52
Quadro 5 – Transcrição do texto 2 – aluno NC – primeira versão	53
Quadro 6 – Plano de Aula 2.....	56
Quadro 7 – Procedimentos metodológicos do Plano de Aula 2	57
Quadro 8 – Cronograma – Distribuição das atividades desenvolvidas de acordo com o Plano de Aula 2.....	59
Quadro 9 – Sequência de apresentação de vídeos	63
Quadro 10 – Sequência de textos apresentados.....	64
Quadro 11 – Primeiro texto-fonte – entregue ao Grupo 1	66
Quadro 12 – Resumo do grupo 1 (escrito pelos alunos, a partir do Primeiro texto-fonte).....	67
Quadro 13 – Segundo texto-fonte – entregue ao grupo 2.....	68
Quadro 14 – Resumo do grupo 2 (escrito pelos alunos, a partir do 2º texto-fonte – parte 1) ..	70
Quadro 15 – Resposta dos alunos à atividade	73
Quadro 16 – Análise comparativa de primeira e segunda versão.....	80
Quadro 17 – Análise comparativa das versões 1 e 2 do aluno NC.....	84

Quadro 18 – Plano de Aula 3.....	93
Quadro 19 – Fases de produção do artigo	94
Quadro 20 – Cronograma: distribuição das atividades desenvolvidas de acordo com o Plano de Aula 3.....	96
Quadro 21 – Resposta dos alunos à atividade	96
Quadro 22 – Questões propostas para atividade.....	98
Quadro 23 – Texto 2 do aluno PS.....	103
Quadro 24 – Análise de texto do aluno PS.....	103
Quadro 25 – Texto sobre o lixo.....	107
Quadro 26 – Discussão do texto com os alunos	108
Quadro 27 – Textos do aluno LFSS	114
Quadro 28 – Apresentação de movimentos de argumentação.....	117
Quadro 31 – Movimentos de argumentação.....	118
Quadro 30 – Plano de Aula 4.....	123
Quadro 31 – Proposta de escrita.....	124
Quadro 32 – Cronograma – Distribuição das atividades desenvolvidas de acordo com o Plano de Aula 4.....	125
Quadro 33 – Texto Circuito Fechado	127
Quadro 34 – Questões sobre coerência e coesão	128
Quadro 35 – Respostas dos alunos	129
Quadro 36 – Exposição de textos diversos.....	130
Quadro 37 – Resposta dos alunos.....	130
Quadro 38 – Texto de Koch e Travaglia (2003).....	131
Quadro 39 – Resposta dos alunos.....	132
Quadro 40 – Tipos de conjunções	133
Quadro 41 – Texto sobre o lixo urbano.....	135
Quadro 42 – Conjunções coordenativas	136
Quadro 43 – Trechos das versões 3 e 4 da produção textual do aluno ECDS.....	143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultado do IDEB e metas para o Brasil – escolas públicas.....	23
Tabela 2 – Resultado do IDEB e metas para o Rio Grande do Norte – escolas públicas	25
Tabela 3 – Resultado do IDEB e metas para o Rio Grande do Norte – escolas estaduais	25
Tabela 4 – Resultado do IDEB e metas para a EE Maurício Freire – Ensino Fundamental II	26

SUMÁRIO

1 POR QUE INFORMATIVIDADE?	16
1.1 OS DADOS NO SEU CONTEXTO	21
1.1.1 Breve avaliação quanto ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)	21
1.1.2 O IDEB no Brasil – uma projeção para o futuro	22
1.1.3 Rio Grande do Norte – dados que preocupam?	24
1.1.4 Escola Estadual Maurício Freire – dados em alerta	26
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
2.1 A LINGUÍSTICA DE TEXTO	29
2.2 TEXTO E TEXTUALIDADE	31
2.3 AS TRÊS DIMENSÕES BÁSICAS: A FORMAL, A CONCEITUAL E A PRAGMÁTICA	32
2.3.1 Formal	32
2.3.2 Conceitual	34
2.3.3 Pragmática	34
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ESTABELECENDO O <i>CORPUS</i>	37
3.1 TIJOLO POR TIJOLO: A BASE TEÓRICA COMO ALICERCE METODOLÓGICO DO OBJETO DE PESQUISA	37
3.2 PESQUISA QUALITATIVA: UM OLHAR SOBRE A PESQUISA METODOLÓGICA	38
3.3 DESENVOLVENDO O PROJETO PEDAGÓGICO: SEQUÊNCIAS E MÓDULOS DIDÁTICOS	39
4 PROPOSTA PARA ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA	44
4.1 OS PARTICIPANTES	44
4.2 LOCAL DA COLETA DE DADOS	44
4.3 DA REDAÇÃO À PRODUÇÃO TEXTUAL, A EVOLUÇÃO DA ESCRITA A PARTIR DE UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	45
4.4 APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO	46
4.5 PRODUÇÃO INICIAL	47
4.5.1 Aula 1 – Primeira produção: uma escrita sem intervenção do professor	47
4.5.2 Análise das primeiras produções textuais: foco na informatividade	50
4.6 MÓDULO I: Informatividade na Produção Textual	55
4.6.1 Aula 2 – Oficinas de leitura e escrita mediadas pelo professor	56
4.6.2 Segunda produção: reescrita após oficinas de intervenção	77
4.7 MÓDULO II: O TRABALHO COM O GÊNERO TEXTUAL	89
4.7.1 Aula 3 – A argumentação e o artigo de opinião	92

4.7.2 Conhecendo gêneros e sequências textuais	96
4.7.3 Desenvolvimento da sequência argumentativa	102
4.7.4 Apropriando-se do artigo de opinião	105
4.7.5 Terceira produção: uma (re)escrita a partir da apropriação da sequência argumentativa e do artigo de opinião.....	110
4.7.6 Análise comparativa da argumentação entre as versões 2 e 3 do aluno LFSS	113
4.8 MÓDULO III: O trabalho com a coesão textual.....	120
4.8.1 Aula 4 – Mecanismos de coesão constituintes da lógica do texto	122
4.8.2 Proposta de escrita para a quarta produção: estudo de conjunções explicativas e adversativas.....	124
4.8.3 Mecanismos de coesão e colaboradores da coerência textual	126
4.9 PRODUÇÃO FINAL: Aspectos formais do texto	137
4.9.1 Quarta produção: proposta de escrita.....	140
4.9.2 Análise da quarta produção: um olhar voltado à sequencialidade do texto, a partir das conjunções explicativas e adversativas	141
4.9.3 Análise comparativa quanto ao uso dos conectores de coesão – conjunções explicativas e adversativas (entre as versões 3 e 4)	143
4.9.4 Aula 5 – Exposição dos textos ao público	145
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS	155
ANEXO A – TEXTOS DE ALUNOS PARA AMOSTRA DA ANÁLISE	159
ANEXO B – TEXTOS TRABALHADOS NAS OFICINAS DE INTERVENÇÃO:	179

1 POR QUE INFORMATIVIDADE?

Esta pesquisa parte de uma inquietação que afligia não só a mim, na condição de professora de língua portuguesa, mas também a professores de outras disciplinas. Estes sempre faziam observações e questionamentos em reuniões, em encontros pedagógicos, ou mesmo durante encontros nos intervalos em dias letivos, acerca de questões como: “os alunos de hoje não sabem como escrever” ou “por que a maioria dos alunos não consegue escrever sobre temas tão simples?”, ou ainda “às vezes eles até sabem como escrever, mas parece que lhes faltam informações para escreverem bem”. Essas questões sempre soavam como uma interrogativa direcionada apenas aos professores de português, como se fôssemos os únicos responsáveis por todo o fracasso na escrita do aluno. E o mais difícil é que eu tinha como certeza de que era a única responsável por esse fracasso, deduzia que o curto período de experiência como professora fosse o principal fator causador da deficiência no texto do aluno.

Muitas vezes, voltava para casa frustrada, decepcionada comigo mesma, perguntando sempre onde havia errado, por que os alunos não conseguiam se desenvolver na produção de textos e o que poderia fazer para mudar esse quadro. Entretanto, ao desabafar com outros professores de língua portuguesa, ouvia o mesmo relato, professores que já tinham experiência de longos anos em sala de aula (alguns mais de vinte anos) passavam pelo mesmo problema. Além de outros fatores, chamavam a nossa atenção o fato de os alunos não terem o que dizer ou não saberem como fazê-lo, o que tornavam deficientes as suas produções textuais. Porém, não chegávamos a um consenso de como proceder para solucionar esse problema.

Só consegui encontrar algumas respostas quando comecei a fazer o mestrado profissional em letras (Profletras¹), ao me deparar com as reflexões feitas por Geraldi (2003), nas quais o autor estabelece um aporte teórico-reflexivo para a constituição de um “novo” professor em sala de aula, a partir da produção de textos escritos, que servirão como o ponto de partida e o ponto de chegada de todo o processo ensino/aprendizagem da língua portuguesa, sendo esse processo capaz de recuperar professor e alunos, como sujeitos que se debruçam sobre o objeto a conhecer, compartilhando contribuições exploratórias (tanto do professor quanto do aluno) na construção do conhecimento (GERALDI, 2003, p. 160). Dessa

¹ O Profletras, Programa de Mestrado Profissional em Letras, é um curso de pós-graduação *stricto sensu*, oferecido em rede nacional, que conta com a participação de instituições de ensino superior públicas no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) e é coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O programa tem como objetivo a formação de professores do Ensino Fundamental no ensino de língua portuguesa em todo o território do Brasil.

forma, o professor não tem o direito de esconder ou sonegar informações das quais dispõe, pois estaria se anulando como sujeito.

Assim, é essencial que o professor forneça as condições necessárias para que o aluno possa compor a sua produção textual. Isso implica um direcionamento de subsídios para que ele: a) tenha o que dizer; b) tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) tenha em mente para quem ele irá dizer; d) posicione-se como locutor (na condição de sujeito que precisa ser constituído como aquele que diz tal coisa para alguém); e) escolha as estratégias adequadas para realizar (a), (b), (c) e (d).

O professor tem papel fundamental para a constituição desse sujeito. Para tanto, é preciso que sejam estabelecidas estratégias que possibilitem ao aluno desenvolver tal trabalho. O contexto de produção irá proporcionar para o ambiente escolar um local de interação e os processos de produção poderão desmistificar a produção textual, bem como apresentar à comunidade escolar textos produzidos de maneira eficiente.

Diante da necessidade de repensar a prática pedagógica voltada para a produção textual em sala aula, e principalmente de que forma poderia contribuir para que o aluno pudesse construir textos mais eficientes, que fui orientada a ler o livro *Redação e textualidade* de Costa Val, um estudo realizado em 1983, no qual a autora se propôs a analisar cem (100) textos escritos por candidatos ao vestibular do curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A autora concluiu que, apesar de as produções analisadas apresentarem um bom nível em seu aspecto formal, os textos examinados revelavam grande fragilidade quanto ao aspecto pragmático e conceitual. As falhas mais significativas foram relacionadas à informatividade e a dois requisitos da coerência, quais sejam: a não contradição externa e a articulação, pertencentes aos aspectos da macroestrutura.

Costa Val (1991) também apresenta em sua obra conceitos dos fatores pragmáticos da textualidade, entre eles, o da informatividade que, segundo a autora, a depender do seu grau, é responsável pelo interesse do receptor do texto. Baseando-se nos estudos de Breaugande e Dressler (1983), a autora afirma que esse fator diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal (COSTA VAL, 1991, p.14). Para ela, um discurso menos previsível tende a ser mais envolvente. Logo, mais aceito. Porém, se esse discurso for inteiramente inusitado, corre o risco de ser rejeitado. O ideal seria o texto se manter em um nível mediano de informatividade. Costa Val aponta ainda como requisito responsável pela informatividade a suficiência de dados, fator este que possibilita ao texto apresentar todas as informações necessárias à sua compreensão.

A partir da compreensão a respeito da informatividade, passei a observar mais criteriosamente os textos escritos pelos meus alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Com isso, percebi que a maioria desses textos apresenta problemas como a falta de coerência e de coesão textuais. Problemas esses que dificultam a compreensão do leitor. Porém, o que mais me chamava a atenção era o fato de a maior parte desses textos não apresentar informações significativas; ou mesmo, quando apresentavam algumas informações interessantes, estas não vinham explícitas de modo a facilitar a leitura, pois geralmente apareciam no texto de forma solta e desconectada, ou ainda não eram claras o suficiente para tornar o texto mais compreensível. Ou seja, o que eu buscava nesses textos era de fato a informatividade.

Observamos também que os alunos apresentavam as informações em seus textos na tentativa de expressar o conhecimento que têm sobre os temas abordados nas propostas de escrita em sala de aula. Geralmente, esse conhecimento advém do meio em que vivem, e de que estes estão impregnados por fatores sociais, culturais, religiosos, entre outros, que contribuem para a formação do conhecimento de cada indivíduo. Logo, não é de se estranhar que esses fatores influenciassem o comportamento e o pensar dos alunos e, conseqüentemente, fossem refletidos nas suas produções textuais. De acordo com Bakhtin (apud BRAIT, 2005, p.26), o texto também pode ser definido como produto da criação ideológica ou de uma enunciação, com tudo o que está aí subtendido: contexto histórico, social, cultural etc. e não existe fora da sociedade, só existe nela e para ela e não pode ser reduzido à sua materialidade linguística ou dissolvido nos estados psíquicos daqueles que o produzem ou o interpretam. Dessa forma, não creio que devamos desvalorizar esse conhecimento que o aluno traz consigo para escola e que se reflete no seu texto, ao contrário, ele pode ser o ponto de partida para a sistematização do conhecimento.

No entanto, somente a vivência do aluno não promove condições suficientes para a produção de textos bem articulados e compreensíveis. É preciso levar em consideração que outros fatores também colaboram para enriquecer esse processo. Entre eles, é importante destacar o papel do professor, que pode contribuir para que o aluno produza textos mais atrativos para o leitor.

Partimos, então, da problemática detectada em sala de aula, na qual se apresenta a dificuldade do aluno em produzir textos com um bom nível de informatividade; da proposta do curso do Profletras, que visa qualificar professores do Ensino Fundamental para melhorar a educação básica do país; e da intenção de buscar respostas para questões como: a intervenção feita pelo professor pode contribuir para o desenvolvimento da informatividade na produção textual do aluno? O que muda na reescrita do aluno ao apresentar-lhe as sequências e os

gêneros textuais? De que forma os elementos linguísticos e de textualidade podem contribuir para a refacção da produção textual?

Diante dessas indagações e partindo da hipótese de que as produções iniciais apresentariam um baixo índice de informatividade, propomos, neste estudo, alguns caminhos que possam colaborar para que esses alunos apreendam tanto as informações necessárias à construção do conhecimento (de acordo com as temáticas propostas para a produção dos textos) como os elementos linguísticos desencadeadores da coesão e da coerência que auxiliam na compreensão do texto.

Entendemos que esse avanço precisa acontecer de forma gradual e sistematizada, para que professor e aluno tenham um norte a seguir. Assim, defendemos uma intervenção que considere as diversas etapas do processo de reescrita textual, proporcionando ao aluno a possibilidade de refletir sobre o seu texto e a oportunidade de melhorá-lo. Optamos, assim, por promover uma ação interventiva, tendo como base procedimental a pesquisa qualitativa educacional, por ser uma estratégia direcionada ao desenvolvimento do professor/pesquisador, que lhe possibilita utilizar suas pesquisas para aperfeiçoar o seu ensino e o aprendizado de seus alunos, e que, segundo André (2012), envolve um conjunto de ações que deve ser planejado e executado pelos participantes, sendo submetido sistematicamente a observação, reflexão e mudança.

Para realizar essa intervenção, adotamos como pressupostos teóricos, advindos da Linguística de Texto, as seguintes perspectivas: com relação aos procedimentos adotados na sequência didática, os projetos de classe (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004) e projetos pedagógicos de leitura e produção de gêneros discursivos (LOPES-ROSSI, 2011), ambos estruturados em módulos de aprendizagens e adaptados ao nosso estudo, conforme as necessidades apresentadas; no que diz respeito aos conteúdos, ao estudo e à escolha do gênero textual e suas implicações, seguimos uma abordagem interacionista bakhtiniana (BAKHTIN, 2011); quanto à sequência textual, tomamos como base os estudos de Jean-Michel Adam (apud BONINI, 2005); e em relação aos fatores de textualidade e aos elementos linguísticos de coesão, consideramos principalmente os estudos de Costa Val (1991) e Koch (2003).

O propósito maior é desenvolver um projeto pedagógico que contribua para amenizar as dificuldades encontradas pelos alunos, quando estes se deparam com uma proposta de produção textual e, muitas vezes, não sabem por onde começar. Buscamos, assim, auxiliá-los de forma que se tornem mais capazes diante das diversas práticas de linguagem as quais estão expostos. Por isso, mesmo nos guiando por um modelo pré-estabelecido, como é o caso da

sequência didática², buscamos trabalhar tentando associar esse modelo prévio a uma proposta de intervenção mais livre, a exemplo da pesquisa-ação, uma vez que faz parte do processo desta o ato de planejar uma ação, implementá-la, monitorá-la, avaliá-la e, quando necessário, repetir o ciclo dessas ações, fator esse que possibilitou idas e vindas em nosso projeto de maneira mais livre, de acordo com as necessidades que surgiram no percurso.

Dessa forma, este estudo tem como *objetivo geral* apresentar uma proposta de intervenção para o professor/pesquisador, que contribua para o desenvolvimento da informatividade na produção textual do aluno do 9º ano do Ensino Fundamental II; já como *objetivos específicos* elege:

- 1) Interpretar o desenvolvimento da informatividade na produção textual dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, a partir da comparação entre os textos escritos sem/com a intervenção pedagógica (mediada pelo professor para a (re) construção dos textos).
- 2) Avaliar a reescrita textual do aluno, a partir da estrutura de um artigo de opinião, considerando a sequência argumentativa como prototípica.
- 3) Analisar o desenvolvimento na refação textual do aluno, considerando os elementos coesivos (conjunções explicativas e adversativas), como encadeadores de argumentos essenciais para a construção da textualidade e o estabelecimento da coerência do texto.

Para que possamos alcançar os objetivos propostos, almejamos não uma fórmula pronta, mas maneiras que concorram para o desenvolvimento do aluno/escritor, como produtor de bons textos, e capaz de atingir as três dimensões: a formal (compreende a coesão, estabelecida por mecanismos gramaticais e lexicais), a conceitual (envolve a coerência, responsável pelo sentido do texto) e a pragmática (função informacional e comunicativa).

Para tanto, partimos da hipótese de que devemos trabalhar com o aluno em uma ordem inversa ao que comumente estamos habituados, visto que o foco está voltado para a construção da informatividade. Assim, desenvolvemos inicialmente estudos na ordem da pragmática textual, tentando valorizar o conhecimento prévio do aluno, associando-o às novas informações que podem enriquecer o seu texto. Apenas após o desenvolvimento da informatividade, buscamos meios de organizar e estruturar o texto do aluno, trabalhando, na sequência, com a dimensão conceitual, para só depois promover a dimensão formal.

Dessa forma, esta dissertação está dividida em quatro seções. A primeira, *Os dados no seu contexto*, apresenta uma breve avaliação quanto ao Índice de Desenvolvimento da

²“é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 82).

Educação Básica (IDEB) no Brasil, no estado do Rio Grande do Norte e na escola estadual Maurício Freire, relacionando os resultados do IDEB com a situação-problema desta pesquisa. A segunda, da *Fundamentação Teórica*, aborda a Introdução à Linguística Textual e apresenta os conceitos de texto, textualidade (e seus componentes), além de trazer uma exposição sobre as três dimensões básicas: a formal, a conceitual e a pragmática. A terceira, *Constituição do corpus e Procedimentos Metodológicos*, explana a composição do corpus, descrevendo as condições da produção da escrita textual por meio dos procedimentos metodológicos adotados. A quarta, *proposta para enfrentar o problema*, além de apresentar algumas sugestões para o professor/pesquisador, trabalha a produção textual em sala de aula de forma colaborativa, auxiliando no processo de ensino/aprendizagem para que o aluno amplie os seus conhecimentos e desenvolva a informatividade em seus textos; também faz uma análise comparativa entre as quatro versões textuais produzidas pelos alunos em momentos distintos, sendo o primeiro destinado a uma proposta de escrita sem uma orientação concreta e os demais como resultado da efetivação de uma ação pedagógica interventiva, considerando os propósitos comunicativos, o perfil dos autores, dos receptores e os critérios utilizados para análise da (re)escrita.

Finalmente, as considerações finais, que retomam brevemente o nosso estudo, a fim de refletirmos sobre o trajeto percorrido durante a pesquisa e a análise do corpus, as metodologias desenvolvidas em sala de aula, bem como a eficácia de uma ação interventiva diante da produção textual do aluno, visto que, almejamos, a partir de nossa proposta, contribuir para a evolução da informatividade no texto desse aluno. Nesse processo, consideramos que esse aluno precisa escrever textos que façam sentido, não apenas dentro da sala de aula mas também fora da escola, uma vez que a sociedade está cada vez mais exigente perante os aspectos da escrita textual, em que prevalece a lei de que um bom produtor de texto é também um ser mais pensante, consequentemente, com mais oportunidades à sua frente.

1.1 OS DADOS NO SEU CONTEXTO

1.1.1 Breve avaliação quanto ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), o IDEB sintetiza dois conceitos indicadores, igualmente importantes para a qualidade da educação, a saber: aprovação e média de desempenho dos estudantes em língua portuguesa e matemática. O indicador é calculado a partir dos dados obtidos no Censo Escolar – por meio dos indicadores de fluxo (taxas de

aprovação, reprovação e evasão) e de médias de desempenho nas avaliações do INEP, SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), e da Prova Brasil³.

As metas do IDEB para as escolas, os municípios e as Unidades de Federação foram estabelecidas considerando todos os estágios de desenvolvimento educacional dessas unidades de referência, assim como a diminuição das desigualdades entre elas. O Plano de Desenvolvimento da Educação⁴ (PDE) tem como meta para o Brasil, até o ano de 2022, que o IDEB consiga atingir média 6,0 no Ensino Fundamental I e 5,5 no Ensino Fundamental II, tornando-se, assim, equivalentes a um sistema educacional de qualidade, obtidas em países desenvolvidos.

Apesar de algumas metas do IDEB terem sido atingidas no Brasil, ainda estamos muito distantes da realidade de outros países, ou mesmo de superarmos as metas projetadas no nosso país. O que podemos observar é que, de acordo com os dados do próprio INEP, em grande parte das escolas públicas brasileiras, os índices alcançados pelo IDEB ainda são inferiores ao que se foi projetado.

Não nos cabe, neste estudo, avaliar de quem é a culpa pelos baixos índices do IDEB, mas fazer uma reflexão sobre o que podemos fazer, na condição de educadores, para mudar essa realidade, convertendo os resultados alcançados e superando as metas projetadas, de forma a proporcionar uma educação de qualidade para nossos alunos.

Sendo o IDEB resultado de fatores que estão diretamente relacionados ao ensino da disciplina de Língua Portuguesa, e visando ao desenvolvimento do aluno, este estudo busca alternativas para contribuir com o ensino/aprendizagem da produção de textos na sala de aula. Consequentemente, viabiliza também uma possível mudança no quadro da educação brasileira e nos resultados alcançados pelo IDEB até o presente.

1.1.2 O IDEB no Brasil – uma projeção para o futuro

Segundo análise das pesquisas realizadas pelo INEP⁵, os resultados alcançados no Ensino Fundamental II⁶, por escolas públicas no Brasil, atingiram um índice de 3.9 no ano de

³A Prova Brasil é uma avaliação nacional que tem como objetivo a produção de dados informacionais sobre os níveis de aprendizagem em língua portuguesa e matemática. Os resultados de desempenho são expressos em uma escala de proficiência por disciplina.

⁴ O Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) é elaborado no âmbito do município e da escola, respectivamente. O PDE é uma ferramenta de apoio à gestão escolar por meio da qual as escolas com menores IDEBs identificam suas principais dificuldades e elaboram um Plano de Ação com a fixação de metas. Para as escolas priorizadas, o MEC transfere recursos destinados à implementação das ações definidas.

⁵ Os resultados e as metas do IDEB 2011 apresentados estão acessíveis no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), e no Portal do IDEB. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/home.seam?cid=4505880>> e <<http://www.portalideb.com.br/brasil/ideb>>, respectivamente. Acesso em: 16 jul. 2014.

2011, ultrapassando timidamente a meta proposta pelo governo brasileiro de 3.7 para o mesmo ano. Percebemos também que houve um avanço pouco expressivo, quando comparamos esses índices com os resultados alcançados no ano de 2005, em que se obteve o índice de 3.2, de acordo com os dados registrados pelo INEP dispostos na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Resultado do IDEB e metas para o Brasil – escolas públicas

	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Crescimento		9%	6%	5%					
IDEB	3.2	3.5	3.7	3.9					
Meta		3.3	3.4	3.7	4.1	4.5	4.7	5.0	5.2

Fonte: IDEB 2011 – INEP – portalidep.com, 2014

Logo, podemos observar que não houve um avanço significativo em notas do IDEB entre os anos de 2005 e 2011. De fato, o que constatamos é que, apesar do singelo aumento no índice do IDEB, uma evolução considerável ainda está muito distante do que se espera, pois mesmo o Brasil tendo alcançado as metas de desenvolvimento projetadas para o ano de 2011⁷, esse feito se deu de forma muito discreta, mesmo porque o aumento do IDEB não significa exatamente que os alunos aprenderam mais português e matemática, uma vez que, na composição do IDEB, são considerados tanto o aprendizado – medido pela Prova Brasil – como o fluxo escolar, fruto do percentual de aprovação.

Assim, apesar de legítimo, o índice pode não deixar claro qual foi exatamente o crescimento da aprendizagem dos estudantes. Foi o que ocorreu no estado do Rio de Janeiro que, de acordo com a revista *Exame* (2013), no ano de 2013, apesar de uma ligeira queda no rendimento dos alunos da rede pública nas provas de português e matemática, o IDEB subiu de 3,4 para 3,7. Esse aumento no índice se deu em consequência de um crescimento de 7,16% na taxa de aprovação.

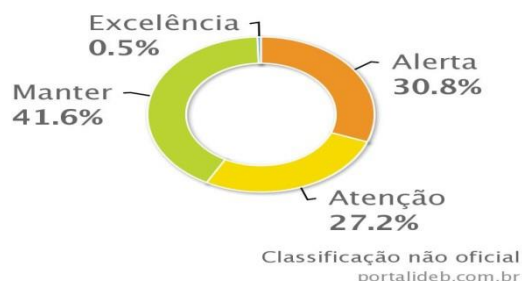
Além disso, quando se analisam os indicadores calculados para cada escola da rede de ensino público(município, estado e país), a realidade se mostra diferente, com um índice ainda muito elevado de escolas que não atingiram os componentes propostos⁸, ou seja, que estão em situação de atenção ou de alerta, conforme pode ser visto na Figura 1 a seguir.

⁶ Tomaremos como base, para comparação de dados, os anos finais do Ensino Fundamental II, apenas de escolas públicas, por se tratar de referência para este *corpus*, uma vez que a intervenção será realizada em turma do 9º ano de uma escola da rede pública de ensino.

⁷ O ano de 2011 é o ano de referência para esta pesquisa, porque foi o ano mais atual com pesquisas do IDEB registradas pelo INEP.

⁸ Considerar os valores de acordo com as seguintes legendas dos componentes, classificadas pelo INEP: ALERTA – não atingiu a meta, teve queda no IDEB e está abaixo do valor de referência; ATENÇÃO – não atingiu a meta e/ou teve queda no IDEB e/ou está abaixo do valor de referência; MANTER – atingiu a meta,

Figura 1 – Escolas públicas no Brasil
Situação das escolas pelo Ideb 2011



Fonte: Portal IDEB (2014)

Esses dados são relevantes para uma projeção futura, visto que o PDE tem como meta alcançar os índices de países de primeiro mundo. Dessa forma, faz-se necessário pensar em políticas públicas que conduzam a uma educação de qualidade para toda a sociedade, principalmente para as escolas situadas em periferias ou em regiões mais pobres do país, uma vez que a maioria dessas escolas tem os índices mais baixos do IDEB.

É notório que os recursos direcionados à educação no Brasil tenham progredido a partir de vários investimentos, como os programas governamentais, que visam a uma melhora qualitativa na educação do país, ou à qualificação dos profissionais que estão na sala de aula, com o intuito de colaborar para processo de ensino/aprendizagem na escola. No entanto, talvez essas contribuições ainda não tenham sido suficientes, ou mesmo nem tenham se concretizado na prática como deveriam, para que ocorresse uma transformação considerável no sistema educacional e, conseqüentemente, uma superação nos resultados do IDEB no Brasil.

1.1.3 Rio Grande do Norte – dados que preocupam?

Se direcionarmos o olhar para os resultados alcançados pelos estados, observando, em especial, o Rio Grande do Norte (RN), percebemos que as escolas públicas do estado potiguar obtiveram o mesmo índice da meta proposta pelo governo para essa categoria, de 3.0, para os anos finais do Ensino Fundamental 2011. Porém, ao observar os mesmos critérios, mas restringido às escolas estaduais, verificamos que a meta de 3.0 não foi alcançada,

cresceu o IDEB e está abaixo do valor de referência; EXCELENCIA – atingiu a meta, cresceu o IDEB e está acima do valor de referência.

registrando apenas o índice máximo de 2.9 nas escolas estaduais do RN, conforme apresentados nas Tabelas 2 e 3, a seguir.

Tabela 2– Resultado do IDEB e metas para o Rio Grande do Norte – escolas públicas

	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Crescimento		12%↑	4% ↑	3% ↑					
IDEB	2.5	2.8	2.9	3.0					
Meta		2.6	2.7	3.0	3.4	3.7	4.0	4.3	4.5

Fonte: IDEB 2011 – INEP – portalidep.com, 2014

Nota:↑= crescimento

Tabela 3 – Resultado do IDEB e metas para o Rio Grande do Norte – escolas estaduais

	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Crescimento		4% ↑	7%↑	0%					
IDEB	2.6	2.7	2.9	2.9					
Meta		2.6	2.7	3.0	3.4	3.8	4.0	4.3	4.6

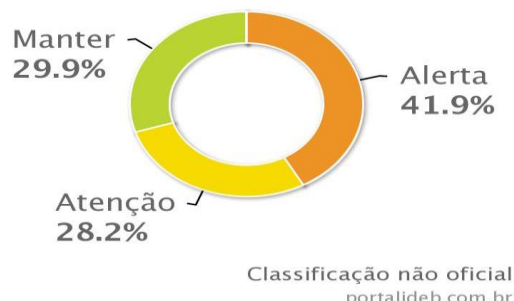
Fonte: IDEB 2011 – INEP – portalidep.com, 2014

Leia:↑= crescimento

De acordo com os dados expostos, percebemos que tanto o índice das escolas públicas como o das escolas do estado, ou permaneceram o mesmo, ou estão com resultados inferiores aos de outros anos comparados, e que nas instituições estaduais não houve crescimento entre os anos 2009 e 2011. Isso demonstra que a mudança na educação não tem caminhado a passos largos, e que apesar dos investimentos *falta algo relevante e concreto* para que ocorra verdadeiramente uma transformação significativa do sistema educacional brasileiro.

A classificação das escolas estaduais do Rio Grande do Norte demonstra dados preocupantes quanto aos indicadores apontados pelo IDEB (alerta, atenção, manter, excelência) para os anos finais do Ensino Fundamental, inferiores aos resultados de nível nacional, como podemos perceber no gráfico disposto na Figura 2, a seguir.

Figura 2 – Escolas estaduais no Rio grande do Norte
Situação das escolas pelo Ideb 2011



Fonte: Portal IDEB

A situação das escolas estaduais do RN se torna preocupante, principalmente porque os indicadores de **alerta** e **atenção**, juntos, apresentam uma soma de mais de 70%. Isso significa que a maioria dessas escolas não atingiu a meta estipulada para o IDEB, e/ou ainda teve uma defasagem no IDEB, e provavelmente está abaixo do valor de referência.

1.1.4 Escola Estadual Maurício Freire – dados em alerta

Esses dados oficiais, tanto nacional quanto estadual, fazem-se necessários para que se compreenda o nível de desenvolvimento educacional da escola analisada neste estudo, a Escola Estadual Maurício Freire, localizada no município de São Paulo do Potengi, estado do Rio Grande do Norte. A escola Maurício Freire obteve uma média de 2.3 no IDEB de 2011, em seu Ensino FundamentalII, que tinha como meta atingir o índice de 3.3, resultando em uma nota inferior à média do Brasil e do estado potiguar no mesmo ano, como podemos constatar na Tabela 4.

Tabela 4 – Resultado do IDEB e metas para a EE Maurício Freire – Ensino Fundamental II

	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Crescimento	..	7% ↓	15%↓	0%	..	..	..	..	..
IDEB	2.9	2.7	2.3	2.3	..	..	..	..	..
Meta	..	2.9	3.1	3.3	3.7	4.1	4.4	4.6	4.9

Fonte: IDEB 2011 – INEP – portalidep.com, 2014

Nota:↓= queda no crescimento do IDEB.

Não diferentemente da maioria das escolas públicas do Brasil, a instituição educacional selecionada para fomentar esta pesquisa apresentou resultados 30% abaixo da

meta esperada para 2011. É necessário registrar que a média obtida pela escola apresentou uma queda constante e inferior aos anos anteriores em que se realizou o IDEB. Isso pode indicar uma tendência de queda para os anos seguintes, que precisa ser contida urgentemente para que a escola possa sair do nível de alerta em que se encontra, conforme está registrado no gráfico da Figura 3 que segue.

Figura 3 – Situação da Escola Estadual Maurício Freire pelo IDEB 2011
Situação das escolas pelo Ideb 2011



Fonte: Portal IDEB

O componente de *alerta* é registrado quando o resultado da classificação para a instituição de ensino não atingiu a meta estipulada, teve queda no IDEB e está abaixo do valor de referência. Ou seja, a escola que recebe essa classificação está numa situação de ensino muito fragilizada e precisa que providências sejam tomadas com urgência. As escolas nessa categoria possuem um duplo desafio: reverter a tendência de queda e alcançar as metas dos anos seguintes. Essas escolas demandarão da Secretaria de Educação um investimento diferenciado em recursos humanos e infraestrutura. Para tanto, é preciso analisar o valor e a variação dos componentes do IDEB (fluxo e proficiência), identificar junto com a comunidade escolar os fatores responsáveis, definir e implementar urgentemente um conjunto robusto de ações e ter o monitoramento permanente das taxas de evasão, reprovação e aprendizagem dos alunos.

Por sua vez, é dever do Estado garantir a acessibilidade à escola, e investir em programas que contribuam para a permanência do aluno em sala de aula. Porém, não se trata de uma obrigação apenas do Estado, mas constitui-se um dever de toda a comunidade escolar. Desse modo, gestores, educadores, e pais também são responsáveis pelo ensino/aprendizagem dos alunos, logo, também os são pelo (in)sucesso do estabelecimento de ensino. Nesse processo, o professor tem uma responsabilidade muito grande, pois, dependendo do seu desempenho, ele pode ser capaz de transformar os dados negativos em positivos,

considerando que um dos componentes do IDEB está relacionado diretamente ao aprendizado do aluno, e é avaliado pelo desempenho na Prova Brasil (avaliação em língua portuguesa e matemática).

Diante do exposto, este estudo busca contribuir tanto com a comunidade escolar Maurício Freire como com os professores que se angustiam com os baixos índices apresentados pela sua escola, especialmente, com os índices resultantes da dificuldade que os alunos têm em produzir textos coesos, coerentes e significativos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A LINGUÍSTICA DE TEXTO

Antes de compreender o fenômeno da produção de textos escritos, é necessário explicitar o que é a Linguística Textual e o que ela entende por texto. Para Koch e Fávero (2000, p. 11), a Linguística Textual tem como objeto particular de investigação não apenas a palavra ou a frase mas principalmente o texto, visto que é a forma específica da manifestação da linguagem. Ter o texto como unidade de referência para análise no campo dos estudos da linguagem pode parecer comum nos dias atuais, ou mesmo essencial. Entretanto, de acordo com Bentes (MUSSALIM; BENTES, 2001, p. 259), essa ideia só passou a ser bem aceita, no sentido que lhe é atribuído atualmente, cerca de 30 anos após o termo ter sido empregado por Harald Weinrich (em torno de 1966 e 1967), autor alemão que postula que toda a Linguística é necessariamente Linguística de Texto. Pela diversidade de concepções de texto, segundo Bentes (2001), há alguns autores que a classificam por outras nomenclaturas, como: Análise Transfrástica e Gramática de Texto; Textologia (Harweg); Teoria de Texto (Schmidt); Translinguística (Barthes); Hipersintaxe (Palek); Teoria da Estrutura do Texto-Estrutura do Mundo (Petöfi), entre outros.

Os principais fatores que levaram os pesquisadores linguistas a desenvolver as gramáticas textuais foram as lacunas existentes nas gramáticas de frase, como, por exemplo, os fenômenos da correferência, a pronominalização, a seleção de artigos, a ordem das palavras no enunciado, a relação tópico-comentário, a entoação, as relações não ligadas por conjunções, entre outros, que, segundo Koch e Fávero (2000, p. 12), só poderiam ser explicados em termos de texto ou se fazendo referência a um determinado contexto situacional.

Foi, portanto, a partir da tentativa de explicar esses fenômenos que se deu origem à Linguística Textual (doravante chamada LT). Logo, a LT surgiu como parte de um esforço teórico, com perspectivas e métodos diferenciados, a fim de constituir um campo que buscasse ir além dos limites da frase, capaz de reintroduzir o sujeito e a situação da comunicação no seu escopo teórico, excluídos anteriormente do campo da Linguística Estrutural que, em oposição à LT, compreendia a língua como sistema, como código e com função puramente informativa.

Segundo Dresller (1977 apud KOCH; FÁVERO, 2000, p. 12), são poucos os problemas da gramática que não têm alguma relação com uma linguística do texto, uma vez que a gramática da frase exclui parte da morfologia, da fonologia, e da lexologia, enquanto que a LT preencheria essas lacunas deixadas pela gramática da frase, abrangendo, dessa forma, as diversas manifestações, uma vez que de acordo com Koch e Fávero (2000, p. 12):

Cabe à *semântica do texto* interdisciplinar de contribuir e explicitar o que se deve entender por significação de um texto e como ela se constitui. É tarefa da *pragmática do texto* dizer qual é a função de um texto no contexto (extralinguístico). A *sintaxe do texto* tem por encargo verificar como vem expressa sintaticamente a significação de um texto e como pode expressar o que está à sua volta. Estreitamente correlacionada à sintaxe do texto, está a *fonética do texto*, que, de modo análogo à fonética da frase, ocupa-se das características e dos sinais fonéticos da configuração sintática textual.

Dessa forma, a Linguística Textual assume uma função com disciplinas afins não linguísticas, e estas, por sua vez, podem cooperar e enriquecer a gramática textual. No entanto, a construção da Linguística Textual não ocorreu adotando critérios a partir de momentos de ordem cronológica, mas tipológica, uma vez que esses momentos estão fundamentados por tipos diferentes de desenvolvimentos teóricos.

De acordo com Conte (1977 apud KOCH; FÁVERO, 2000, p. 13), os momentos fundamentais de transição da teoria da frase para a teoria do texto estão divididos na seguinte sequência: Análise Transfrástica – trata das regularidades que transcendem os limites do enunciado; construção das Gramáticas Textuais; e construção das Teorias de Texto. O primeiro momento tem como ponto de partida o enunciado, ou sequências de enunciados, em relação ao texto, tendo por finalidade analisar os tipos de relações estabelecidas com os diversos enunciados que compõem uma sequência significativa.

O segundo momento, construção da gramática textual, objetiva analisar os fenômenos linguísticos inexplicáveis pela gramática do enunciado. A gramática textual entende como competência textual a capacidade específica do falante em compreender e produzir textos, assim sendo, essas habilidades linguísticas justificam a elaboração da própria gramática textual, que tem como tarefas básicas: verificar o que faz com que um texto seja um texto – designar os princípios de constituição, os fatores da coerência e as circunstâncias em que se apresentam a textualidade; buscar critérios para a delimitação de textos visando à completude como essencial ao texto; e especificar as múltiplas espécies de textos.

Finalmente, o terceiro momento de transição, a construção das teorias de textos, preocupa-se com o tratamento dado ao texto no seu contexto pragmático, ou seja, investiga do

texto ao contexto, sendo este responsável pelo conjunto de condições de produção, recepção e interpretação, como elementos externos ao texto. Segundo Koch e Fávero (2000, p. 15-16), alguns autores divergem quanto à introdução da pragmática aos estudos linguísticos, a exemplo Dressler, que considera a pragmática como um componente acrescentado à gramática textual, com função de analisar a situação comunicativa em que o texto está inserido. Em contrapartida, Schmidt agrega a pragmática como componente da descrição linguística, uma vez que essa inserção trata da evolução da Linguística Textual rumo à teoria pragmática do texto, partindo do ato de comunicação incorporado em uma situação comunicativa. Outro autor que considera a pragmática como componente da descrição linguística é Oller, para quem o uso da língua se realiza em três níveis ou dimensões integradas indissolavelmente – a sintática, a semântica e a pragmática.

2.2 TEXTO E TEXTUALIDADE

O processo de escrever está inter-relacionado à construção textual, uma vez que, ao escrever socialmente, procuramos interagir com o mundo através do próprio texto. Segundo Antunes (2005), é partindo da compreensão que temos quanto ao que seja escrever que desenvolveremos nossas atividades relacionadas à prática da escrita. Dessa forma, poderemos tanto treinar a escrita com palavras soltas, com frases inventadas ou ainda redações descontextualizadas, para nada e ninguém, como também poderemos escrever textos socialmente significativos, fazendo uso adequado de um determinado gênero, com objetivos claros e sempre direcionado a um leitor, mesmo hipoteticamente. Com o objetivo de compreender melhor como acontece o processo da escrita textual, a autora considera como requisitos fundamentais que definem a atividade de escrever:

1. Escrever é, como falar, uma *atividade de interação*, de intercâmbio verbal. Por isso é que não tem sentido escrever quando não se está procurando *agir com outro*, trocar com alguém alguma informação, alguma idéia, dizer-lhe algo, sob algum pretexto. [...]
2. Escrever, na perspectiva da interação, só pode ser uma *atividade cooperativa*. Uma atividade em que dois ou mais sujeitos agem conjuntamente para a interação de um sentido (o que está sendo dito), de uma intenção (pó que está sendo dito). Daí que se torna muito difícil escrever sem se saber para quem. [...]
3. Escrever, a outros e de forma interativa, é, pois, uma *atividade contextualizada*. Situada em algum momento, em algum espaço, inserida em algum evento cultural. Os valores que, convencionalmente, se atribuem a esses momentos ou espaços determinam certas escolhas linguísticas. Dessa forma, não se escreve da mesma maneira, com os mesmos padrões, em contextos diferentes. [...]
4. Tal como falar, escrever é uma *atividade necessariamente textual*. Ninguém fala ou escreve por meio de palavras ou frases justapostas aleatoriamente, desconectadas, soltas, sem unidade. O que vale dizer: só nos comunicamos através

de textos. [...] Assim, a competência comunicativa, aquela que nos distingue como seres verbalmente atuantes, inclui necessariamente a competência para formular e entender textos, orais e escritos.

5. Escrever é *uma atividade tematicamente orientada*. Ou seja, em um texto, há uma idéia central, um tópico, um tema global que se pretende desenvolver. Um ponto de chegada, para o qual cada segmento vai-se encaminhando, vai-se orientando. Assim, como acontece em uma caminhada. [...]

6. Escrever é *uma atividade intencionalmente definida*. Escreve-se *para* se obter determinado fim, para cumprir um determinado objetivo. Na verdade, nenhum dizer é simplesmente um dizer. Todo *dizer* é, como propõe a teoria dos atos da fala (cf. Searle, 1981), uma forma de *fazer*, de agir, de atuar. [...]

7. Escrever é *uma atividade que envolve, além de especificidades linguísticas, outras, pragmáticas*¹. Creio que já se pode perceber como tudo na linguagem está inter-relacionado. [...] Ou seja, se escrever constitui uma atividade interativa, contextualmente situada e funcionalmente definida, é natural que cada texto seja marcado pelas condições particulares de cada situação.

8. Escrever é *uma atividade que se manifesta em gêneros particulares de textos*. Isto é, os textos não têm a mesma cara. Não têm o mesmo esquema de sequencição, o mesmo conjunto de partes ou a mesma forma de distribuição dessas partes. [...]

9. Escrever é *uma atividade que retoma outros textos*, isto é, que remonta a outros dizeres. De forma mais ou menos explícita, estamos sempre voltando a outras fontes, (ou a outras “vozes”, como costuma dizer), próximas ou remotas. Nunca somos inteiramente originais. Nosso discurso vai-se compondo pela ativação de conhecimentos já adquiridos. Em alguma medida, todo texto comporta procedimentos de recapitulação e de reenquadramento de outros que ouvimos que lemos. [...] Não pode, isso sim, preencher a maior parte de seu texto com a palavra alheia. Mas pode, evidentemente, apoiar-se nos dizeres de outro ou refutá-los, conforme as estratégias adotadas em cada situação discursiva.

10. Por último, gostaria de lembrar que a escrita é *uma atividade em relação de interdependência com a leitura*. Ler é a contraparte do ato de escrever, que como tal, se complementam. O que lemos foi escrito por alguém, e escrevemos para que outro leia. Na verdade, só aparentemente estamos sós, quando escrevemos ou lemos. Há sempre alguém do outro lado. [...] (ANTUNES, 2005, grifo do autor).

Costa Val (1991, p.3) define “texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de uma cidade sociocomunicativa, semântica e formal”. Isso quer dizer que, para que ocorra a compreensão de um texto, é necessário avaliá-lo de acordo com três aspectos determinantes: o formal, o conceitual e o pragmático.

2.3 AS TRÊS DIMENSÕES BÁSICAS: A FORMAL, A CONCEITUAL E A PRAGMÁTICA

2.3.1 Formal

Refere-se à coesão textual, cujos constituintes linguísticos devem estar integrados, promovendo uma unidade formal e material do texto, configurando-o um todo coeso. A construção formal se dá por meio de mecanismos gramaticais relacionados no interior das frases, além de sequências de frases dentro do texto, como pronomes anafóricos, artigos,

elipse, concordância, correlação entre tempos verbais, conjunções, entre outros; e mecanismos lexicais, através da reiteração, substituição e associação.

2.3.1.1 Coesão – mecanismos gramaticais e lexicais

É recorrente dizer que os alunos ouvem a frase “seu texto não possui coesão”, mas, muitas das vezes, o texto que o aluno reescreve permanece com falta de coesão. A esse respeito, podem-se apontar dois fatores que provavelmente contribuam para essa incidência: 1º) o aluno não compreendeu o que é coesão; 2º) ele não compreendeu porque talvez não tenha sido explicitado de forma compreensível pelo professor. Mas, afinal de contas, o que é mesmo coesão? Que funções a coesão tem no texto? E como se faz a coesão? De acordo com Antunes(2005, p. 47), a coesão é a: “Propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade de temática”.

Isso quer dizer, que quando se constata que algo não está funcionando conforme os padrões normais, da fala ou da escrita, ou fora do modelo pré-determinado pela língua, soa como esquisito. Isso se dá, pois, como falantes usuais de uma língua, ninguém fala por meio de trechos desarticulados ou de pedaços soltos, o que causaria incompreensão por parte do ouvinte/leitor. Tudo o que se fala ou se escreve é com a intenção de atingir um receptor. Para que isso ocorra de forma compreensível, é necessário que tudo esteja interligado em uma cadeia de enunciados, de maneira que nada fique solto. Desse modo, um segmento deve dar continuidade ao outro, da palavra à frase, desta ao parágrafo, e deste ao texto como um todo.

Nessa perspectiva, Antunes (2005, p. 46) mostra que no texto “se vai fazendo um fio, ou melhor, vão se fazendo fios, ligados entre si, atados, com os quais o texto vai sendo *tecido*, numa unidade possível de ser interpretada”. É essa tessitura articulada que estabelece um sentido lógico para os textos, com os quais nos deparamos em nosso meio. Assim, a autora conclui que: “O texto com sequência, em que se reconhece um tipo qualquer de continuidade, de articulação, é que constitui a normalidade dos textos com que interagimos” (ANTUNES, 2005, p. 46).

Por isso, as propostas impostas pelo sistema educacional de algumas escolas se tornam muitas vezes inadequadas para a promoção da escrita textual em sala de aula, pois promovem a escrita de frases desarticuladas e fora de um contexto, promovendo o exercício da não linguagem, contrariando o modo de ser do funcionamento da língua, reduzindo, assim, a habilidade inerente textual do aluno de juntar e articular cada parte, o que tornaria possível o sentido global do texto ou a intenção que se pretende realizar. Nesse processo, a criança fora

da escola e no seu convívio em sociedade interage com as pessoas, por meio de textos contínuos e bem articulados.

2.3.2 Conceitual

Essa dimensão também é classificada como **Semântico-Conceitual**, diz respeito à coerência, responsável pelo sentido do texto, que precisa ser significativo para o receptor. Envolve aspectos lógicos, semânticos e cognitivos. Um discurso é aceito como coerente ao se configurar compatível com o conhecimento de mundo do receptor, que constrói o sentido do texto a partir de conhecimentos explícitos que detém necessários à interpretação textual, e/ou implícitos (capacidade de pressuposição e inferência do receptor).

2.3.2.1 Coerência

Já é de amplo conhecimento de que a coerência está relacionada ao sentido do texto, ou seja, a semântica textual. A dúvida que persiste é o que é de fato a coerência e como fazer para produzir textos coerentes? De acordo com Koch (2003, p. 21) a coerência é:

[...] o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. Este sentido, evidentemente deve ser do todo, pois, a coerência é global.

A autora ressalta ainda que para que haja coerência é necessário que se tenha possibilidade de estabelecer no texto formas de unidade ou relação entre seus elementos. Esta relação não é simplesmente estabelecida no campo da semântica, mas também na pragmática, por meio dos atos da fala ou as ações manifestadas ao falar.

2.3.3 Pragmática

Tem função informacional e comunicativa, que possibilita a construção do sentido e do reconhecimento do uso normal da língua no texto. São elementos do processo pragmático as intenções do produtor, o jogo de imagens mentais de cada interlocutor, o espaço de perceptibilidade visual e acústica comum na comunicação, e o contexto em que está inserido. Esses aspectos formam um conjunto de características responsável pela composição do texto

definido como textualidade. Segundo Costa Val (1991), que se baseia nos estudos de Beaugrande e Dressler, a **textualidade** de um discurso qualquer é formada por sete fatores essenciais, quais sejam: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade.

2.3.3.1 Fatores de textualidade

Para Costa Val (1991), a coerência e a coesão promovem a inter-relação semântica do discurso e são responsáveis pela conectividade textual. A primeira refere-se ao nexos entre os conceitos; enquanto a segunda, à expressão desse nexos no plano linguístico. Quanto aos outros cinco fatores constituintes da textualidade, para Beaugrande e Dressler (apud COSTA VAL, 1991), são classificados como fatores pragmáticos do texto, ou seja, processos sociocomunicativos. São eles:

Intencionalidade – refere-se ao empenho do produtor para construir um discurso coerente, coeso, e capaz de satisfazer aos objetivos que ele tem em mente numa determinada situação comunicativa, isto é, o valor ilocutório do discurso.

Aceitabilidade – diz respeito à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor. Para que o produtor alcance a aceitabilidade do receptor, Grice (1975/1978) estabeleceu máximas conversacionais como estratégias, que se referem à necessidade de cooperação, à qualidade (autenticidade), à quantidade (informatividade), à pertinência e relevância das informações e como elas são apresentadas.

Situacionalidade – responsável pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação sociocomunicativa, ou seja, o contexto pode orientar a produção e/ou recepção do discurso, definindo, dessa forma, o sentido do texto.

Informatividade – é a forma na qual se dão as ocorrências de um texto, no plano conceitual e no formal, pois o interesse do receptor do texto vai depender do grau de informatividade, do que se pode esperar ou do inusitado (imprevisibilidade). No entanto, um texto completamente imprevisível ou com baixo grau de informatividade corre o risco de ser rejeitado pelo leitor. Para Costa Val (1991, p. 14), “o ideal é o texto se manter um nível mediano de informatividade”, alternando as ocorrências entre o conhecido e a informação nova. Além disso, para se ter um bom índice de informatividade, é necessário que haja a

suficiência de dados, de forma todas as informações relevantes para a compreensão do texto, pelo leitor, com o mesmo sentido que o produtor queria transmitir, estejam presentes.

Intertextualidade – concerne aos fatores que fazem a utilização de um texto dependente do conhecimento de outro(s) texto(s). De fato, alguns textos só fazem sentido quando interpretados partindo do conhecimento de outros, em variadas situações comunicativas. Nesse processo, incluem-se, entre outros textos, o discurso anônimo do senso comum. Assim, para avaliar a intertextualidade em um discurso, deve-se considerar o conhecimento de mundo na produção textual, porém, de maneira cautelosa, uma vez que essa fala pode se apresentar de forma subliminar, como também ser uma informação completamente previsível, baixando o grau de informatividade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ESTABELECENDO O CORPUS

A metodologia é abordada nesta seção com a função de mostrar os caminhos a ser seguidos no decorrer da pesquisa. Adotar uma metodologia significa escolher um percurso, a fim de se chegar a um objetivo. Quanto ao sucesso para esse fim, este depende do trabalho sistematizado do professor, que elabora os objetivos, seleciona os conteúdos e as formas organizativas de ensino. Os métodos, conforme Libâneo (1994, p.149), “são determinados pela relação objetivo-conteúdo, e referem-se aos meios para alcançar os objetivos gerais e específicos do ensino”, o que implica uma sucessão planejada e sistematizada de ações por parte dos envolvidos. Nesse caso, a concepção metodológica assumida é o ponto de partida para seleção e utilização desses métodos.

Sob essa ótica, esta seção trata inicialmente do processo de construção dos dados gerados, a partir de uma concepção teórica que guia os procedimentos metodológicos propostos para este estudo. Em seguida, descrevemos a comunidade escolar envolvida no processo, assim como o corpus que compõe este estudo e o contexto situacional. Por fim, caracterizamos a metodologia adotada e o planejamento da sequência didática trabalhada em nossa intervenção, dividindo os seus procedimentos por etapas e descrevendo cada uma delas.

3.1 TIJOLO POR TIJOLO: A BASE TEÓRICA COMO ALICERCE METODOLÓGICO DO OBJETO DE PESQUISA

A elaboração de um projeto de pesquisa, assim como o desenvolvimento da própria pesquisa e a metodologia adotada, deve se basear em um planejamento cuidadoso, em reflexões conceituais sólidas e buscar alicerce em conhecimentos já existentes, para que os seus resultados sejam satisfatórios. Dessa forma, é preciso destacar que nossa pesquisa assume uma perspectiva teórica baseada na Linguística Textual (LT).

Do ponto de vista de sua natureza, podemos afirmar que este estudo insere-se na Pesquisa Aplicada, uma vez que esta objetiva gerar conhecimentos para aplicações práticas dirigidas à solução de problemas específicos (GIL, 1991), o que condiz com nosso estudo, cujo objetivo maior está relacionado à apresentação de uma proposta de intervenção, direcionada ao professor/pesquisador, com o intuito de solucionar problemas relacionados à produção de texto do aluno.

Quanto aos objetivos, este estudo assume características de Pesquisa Exploratória, que, de acordo com Gil (1991), tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos, com vistas à formulação de problemas ou hipóteses pesquisáveis, envolvendo levantamento bibliográfico e análise de exemplos. Com isso, buscamos, a partir de fundamentação teórica, conhecimentos e respostas para nossas indagações diante dos problemas e das hipóteses levantadas, a fim de atingir nossos objetivos.

Consideramos, ainda, que este estudo também assume particularidades da Pesquisa Descritiva, pois esta tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou de um fenômeno (procura descrevê-los, classificá-los e interpretá-los), ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Para tanto, utiliza técnicas padronizadas de coleta de dados. Desse modo, o pesquisador procura conhecer e interpretar a realidade (GIL, 1991). Utilizamos a pesquisa descritiva ao descrevermos a comunidade escolar e o fenômeno (no caso, o baixo índice de informatividade em textos de alunos) que deu origem a este trabalho; e ainda ao analisarmos o objeto de estudo (os textos produzidos pelos alunos).

Quanto à classificação da forma de abordagem referente às técnicas de coleta dos dados registrados nesta pesquisa, podemos afirmar que predomina uma abordagem qualitativa, dado que esta considera que existe uma relação entre o mundo e o sujeito que não pode ser traduzida em números, estes devem ser analisados e interpretados. A abordagem qualitativa teve suas raízes no final do século XIX e está baseada em uma perspectiva idealista-subjetivista do conhecimento, que é defendida por Weber e Dilthey e outros estudiosos. Essa perspectiva valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo, não aceitando uma postura neutra do pesquisador (ANDRÉ, 2012, p.17). Originada na fenomenologia e fundamentada em ideais do interacionismo simbólico, na etnometodologia e na etnografia, a abordagem qualitativa compreende o fenômeno na sua globalidade, assumindo uma visão holística, levando em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.

3.2 PESQUISA QUALITATIVA: UM OLHAR SOBRE A PESQUISA METODOLÓGICA

A pesquisa qualitativa, segundo Silveira e Córdova (2009, p. 31), “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. Nesse tipo de estudo, os pesquisadores utilizam os métodos qualitativos no intuito de explicar o porquê das coisas, explicitando o que convém ser feito. Nela, o cientista é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto de suas pesquisas e o

conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas – sendo ela pequena ou grande –, uma vez que o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS apud SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

De acordo com Minayo (apud SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 34), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Ademais, como características da pesquisa qualitativa, encontram-se: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de *descrever*, *compreender*, *explicar*; precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados, os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35).

Conhecida também como naturalística, por não interferir ou manipular suas variáveis e experimentos e por analisar os fenômenos em seu acontecer natural, a abordagem qualitativa é explorada em nosso trabalho tanto ao analisarmos os dados coletados nos textos dos alunos, sem que haja manipulação dos resultados obtidos, quanto ao estudarmos os fenômenos e as situações vivenciadas na sala de aula. Além disso, a metodologia a ser adotada deve levar em consideração o objetivo da pesquisa, nesse caso: apresentar uma proposta de intervenção para o professor/pesquisador, que contribua para o desenvolvimento da informatividade na produção textual do aluno do 9º ano do Ensino Fundamental II. Ou seja, apresentar métodos que não apenas auxiliem no processo constituinte da pesquisa, mas também que apresentem alternativas que contribuam para o ensino/aprendizagem da produção de textos significativos.

3.3 DESENVOLVENDO O PROJETO PEDAGÓGICO: SEQUÊNCIAS E MÓDULOS DIDÁTICOS

O fazer pedagógico vem passando lentamente por um processo de transformação. Para tanto, é comum serem adotados procedimentos de ensino da língua portuguesa baseados em sequências e módulos didáticos no meio acadêmico. Entretanto, no ensino básico da educação brasileira, pensar em um projeto pedagógico que valorize a sequência didática, visando trabalhar a habilidade oral e escrita dos alunos, é algo ainda distante da

maioria dos professores. Muitos não adotam os procedimentos da sequência didática porque estão aprisionados a um sistema de ensino tradicional, no qual o professor não vai além do que está nos livros didáticos, tornando-se, conforme Carmagnani (1999, p. 131), “uma personagem (que segue o ‘script’ pré-formulado) que interage com outra personagem (o aluno) que, também, deve seguir seu ‘script’” e, assim, o livro didático torna-se o detentor único da verdade para esses professores; outros, simplesmente, porque desconhecem a existência de procedimentos capazes de proporcionar ao professor uma maneira precisa de trabalhar em sala de aula.

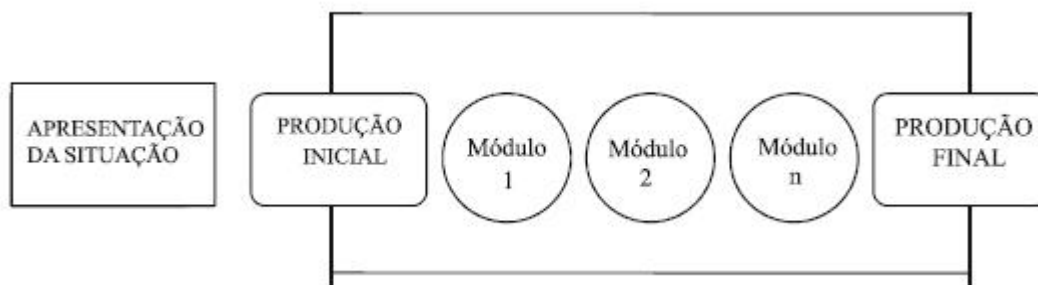
Por conseguinte, esses fatores são responsáveis por dar continuidade a um ensino ultrapassado e enfadonho, no qual a rotina da sala de aula e a falta de planejamento do professor contribuem para a dificuldade apresentada pelo aluno em produzir textos em situações comunicativas diversificadas. Como forma de contribuir com a produção de texto (oral/escrito), Dolz e Schneuwly (2004, p. 82) propõem que devamos:

Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas.

Adotar os procedimentos da sequência didática é uma maneira de criar esses contextos de produção e desenvolver um projeto pedagógico que contribua para amenizar as dificuldades encontradas pelos alunos, tornando-os mais capazes diante das diversas práticas de linguagem, como também contribui com a prática docente no ensino dos gêneros textuais, uma vez que a sequência didática “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 82), que facilita a apropriação desse gênero pelo aluno. Para os autores, os textos (oral ou escrito) diferenciam-se uns dos outros de acordo com as condições de produção. Nesse processo, os textos que apresentam características semelhantes compõem os gêneros textuais. Segundo os autores, contribuir para que o aluno domine melhor um gênero de texto, e conseqüentemente, escreva ou fale de maneira adequada à situação de comunicação é o objetivo da sequência didática, o que possibilita ao aluno o acesso a práticas de linguagem novas ou que são difíceis de dominar.

A estrutura de base de uma sequência didática está representada pelo esquema a seguir.

Figura 4– Esquema de sequência didática



Fonte: Dolz e Schneuwly (2004)

De acordo com a figura, a etapa de apresentação da situação consiste em descrever, de forma detalhada, a tarefa de expressão oral ou escrita a ser trabalhada pela turma. É o momento em que se expõe o projeto de comunicação para a produção final, como também prepara o aluno para a produção inicial. Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p.86), essa produção inicial permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades reais de uma turma. É na apresentação da situação que os alunos constroem a representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada.

Nessa etapa, distinguem-se duas dimensões, quais sejam: a do projeto coletivo de produção de um gênero oral ou escrito, no qual se propõe aos alunos que compreendam a situação de comunicação em que devem agir e qual o problema de comunicação que devem resolver ao produzir um texto. Nesse caso, sugerem-se: o gênero abordado; a quem se dirige a produção; qual forma ela assumirá; quem participará da produção. A outra dimensão mencionada pelos autores é a dos conteúdos. A esse respeito, é necessário que os alunos percebam na apresentação da situação a importância desses conteúdos e saibam com quais vão trabalhar. Realizar junto com os alunos um projeto de classe lhes permite compreender a tarefa proposta e facilita a apresentação da situação.

A produção inicial é o momento em que os alunos elaboram o primeiro texto oral ou escrito e revelam, tanto para si como para o professor, as representações e as dificuldades que apresentam no percurso da atividade. A partir dessa primeira produção, o professor pode intervir e definir o caminho a percorrer, contribuindo para o desenvolvimento eficaz da sequência, motivando o aluno.

Tanto para os alunos como para o professor, a produção inicial tem um papel central como reguladora da sequência didática. Conforme afirmam Dolz e Schneuwly (2004, p.86), para os alunos, a realização do texto concretiza-se a partir dos elementos abordados na apresentação da situação, esclarecendo também o gênero abordado. Com isso, os alunos

tornam-se conscientes dos problemas encontrados. Dessa forma, a sequência define o que é preciso trabalhar a fim de desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos que, ao se apropriarem dos instrumentos de linguagem próprios ao gênero, realizarão a produção final de forma mais preparada.

Para o professor, a primeira produção consiste em momentos privilegiados de observação que permitem refinar a sequência, modulá-la e adaptá-la de maneira mais precisa, de acordo com as capacidades reais de cada aluno. Ou seja, é quando se pode pôr prática um processo de avaliação formativa. A análise das produções dos alunos, guiada por critérios pré-estabelecidos, permite avaliar em que ponto está a classe e quais as maiores dificuldades encontradas pelos alunos. Ao evidenciar esses pontos (fracos e fortes), ao avaliar as técnicas de produção, ao buscar soluções para os problemas encontrados, é introduzida uma primeira linguagem entre aprendizes e professor, além de ser delimitado o arcabouço dos problemas que serão trabalhados como objeto nos módulos.

Por sua vez, os módulos tratam dos problemas apresentados na primeira produção e dão aos alunos os instrumentos necessários para superá-los. O movimento geral da sequência didática vai do complexo ao simples, percorrendo da produção inicial aos módulos; para, na sequência, tornar ao complexo (produção final). Nesse processo, o encaminhamento de decomposição e de trabalho sobre os problemas abordam três questões, a saber:

- Trabalha os problemas de níveis diferentes – o aluno depara-se com problemas específicos em cada gênero, tornando-se capaz de solucioná-los simultaneamente. Esquemáticamente, há quatro níveis de produção de textos: representação da situação de comunicação, elaboração dos conteúdos, planejamento e realização do texto.

- Variação das atividades e exercícios – o princípio essencial de elaboração de um módulo que trate de um problema de produção textual é o de variar os modos de trabalho. Nessa perspectiva, devem-se propor, em cada módulo, atividades diversificadas, possibilitando ao aluno o acesso a diferentes vias para o sucesso.

- Capitalização das aquisições – por meio dos módulos, os alunos aprendem também a falar sobre o gênero, adquirem um vocabulário e uma linguagem técnica, comum à classe e ao professor, construindo progressivamente conhecimentos sobre o gênero. Além disso, esse planejamento favorece uma atitude reflexiva e um controle do próprio comportamento. O vocabulário técnico e as regras elaboradas durante as sequências são registrados numa lista que resume tudo o que foi adquirido nos módulos.

A produção final é a parte da sequência didática que possibilita ao aluno pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos. Também permite ao professor realizar uma avaliação somativa, conforme Dolz e Schneuwly(2004), que utiliza critérios pré-estabelecidos durante a realização das sequências e um vocabulário conhecido por professor e alunos, em que são avaliados progressos e falhas nas produções para que possa planejar a continuação do trabalho, focando nos pontos que foram mal assimilados pelos alunos. A avaliação é uma questão de comunicação e de trocas. Ela orienta os professores para uma atitude responsável, humanista e profissional.

4 PROPOSTA PARA ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

Nesta seção, discorreremos sobre a metodologia adotada, o planejamento da sequência didática e os módulos desenvolvidos durante a intervenção. O objetivo é apresentar, por meio da sequência didática, uma proposta para enfrentar o problema detectado na produção textual da maioria dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental III da escola estadual Maurício Freire: o baixo índice de informatividade.

4.1 OS PARTICIPANTES

A intervenção ocorreu na turma do 9º ano do Ensino Fundamental, turma única, turno matutino. São vinte e cinco (25) alunos matriculados, sendo quinze (15) meninos e doze (12) meninas. A idade dos alunos varia entre 13 e 16 anos. Geralmente, as aulas são frequentadas por vinte e dois (22) alunos. Alguns discentes apresentam comportamento bastante agitado. Desse total, 23% utilizam transporte.

4.2 LOCAL DA COLETA DE DADOS

Essa intervenção ocorreu no município de São Paulo do Potengi/RN, localizado na região agreste do estado. É um município pequeno, com pouco mais de quinze mil (15.000) habitantes. Sendo uma cidade pacata, faz parte da rotina a população se reunir nas calçadas para conversas, inclusive à noite. Por isso, é muito comum a prática da oralidade pela população.

A escola selecionada pertence à rede estadual de ensino e oferece ensino do 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio, incluindo a Educação de Jovens e Adultos – EJA – no Ensino Médio. A instituição funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, oferecendo atividades integrais no contraturno para alunos do Ensino Fundamental pelo Programa Mais Educação.

O quadro de funcionários é composto por 20 (vinte) professores estatutários e 03 (três) professores contratados, 02 (dois) auxiliares administrativos, 03 (três) merendeiras, 02 (dois) vigias. A escola dispõe ainda de coordenação pedagógica e profissionais na biblioteca, no entanto, faltam profissionais na sala de informática, por isso, conta com a ajuda de voluntários – alunos e ex-alunos da escola – para auxiliar os alunos nesse ambiente. Os recursos tecnológicos que a escola possui são computadores, projetores multimídia,

notebooks, tablets, aparelhos de áudio, DVD, internet banda larga, kits laboratoriais de Química, Física e Biologia.

A escola Maurício Freire obteve uma média de 2.3 no IDEB de 2011, em seu Ensino FundamentalII, que tinha como meta atingir o índice de 3.3, resultando em uma nota inferior à média do Brasil e do estado potiguar no mesmo ano, que foram de 3.9 e 3.0, respectivamente. Isso não diferente do que vem ocorrendo na maioria das escolas públicas do Brasil: a instituição educacional selecionada para fomentar esta pesquisa apresentou resultados 30% abaixo da meta esperada para 2011. É necessário registrar que a média obtida pela escola apresentou uma queda constante e inferior nos anos anteriores em que se realizou o IDEB. Isso pode indicar uma tendência de queda para os anos seguintes, que precisa ser contida urgentemente, a fim de que a escola possa sair do nível de alerta em que se encontra. Nessa direção, uma das possíveis alternativas para se reverterem esses índices é preparar o aluno tanto para a produção textual quanto para outros conteúdos que os põem em prova quando se trata de avaliações para se obter índices, como, por exemplo, a do IDEB.

4.3 DA REDAÇÃO À PRODUÇÃO TEXTUAL, A EVOLUÇÃO DA ESCRITA A PARTIR DE UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Na perspectiva de cooperar para o desenvolvimento do aluno no que diz respeito à produção de textos competentes, buscamos meios que contribuíssem para a (re)escrita textual que satisfaçam o aspecto da informatividade, proposta pela Linguística Textual no campo da pragmática. Para esse fim, planejamos a sequência didática orientada a partir de uma primeira versão textual escrita pelos alunos. Os primeiros textos foram analisados a fim de diagnosticarmos os principais problemas apresentados, tanto no aspecto formal quanto no conceitual, mas com foco no campo da pragmática, dando ênfase ao fator da informatividade.

Iniciaremos expondo sobre a apresentação da situação para os alunos, realizada em sala de aula, e sobre a importância do projeto: para eles, na condição de produtores de textos; e para nós, professores e mediadores do conhecimento. Em seguida, apresentaremos a produção inicial e o Plano de Aula, os procedimentos realizados para coleta dessa primeira escrita, bem como a análise dos primeiros textos produzidos. Desenvolveremos ainda nesta seção os módulos trabalhados na ação interventiva, os planos elaborados e as análises feitas em cada módulo.

4.4 APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

A fase inicial consta da apresentação da situação. Nela, expomos para os alunos o processo a ser trabalhado em sala de aula para que construíssem uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada. Descrevemos a proposta de intervenção, explicando que se tratava de um projeto educacional do programa de mestrado profissional em Letras (Profletras), do qual faço parte, que tem o intuito de promover a qualificação do professor de Língua Portuguesa e o desenvolvimento da educação no país. Apresentamos para os alunos a importância de desenvolver o projeto, que busca solucionar problemas diagnosticados pelo professor em sala de aula, explicitando algumas dimensões, que serão discutidas a seguir.

Quanto ao problema de comunicação a ser resolvido, explicamos aos alunos que diagnosticamos como problema a ser enfrentado o baixo índice de informatividade presente em suas produções textuais. Expomos para estes que se tratava de um dos fatores da textualidade, responsável pelo bom funcionamento do texto, capaz de proporcionar o seu entendimento ao leitor. Justificamos que selecionamos o baixo índice de informatividade por ser um problema bastante recorrente nas produções de textos, independentemente do gênero ou sequência textual. Por esse motivo, inicialmente, não abordávamos nenhuma dessas temáticas, informando que, nos módulos seguintes, desenvolveríamos um projeto coletivo de produção de um gênero escrito a partir de uma sequência textual. Nessa primeira produção, daríamos ênfase às informações apresentadas nos textos e ao conhecimento que o aluno tem sobre o tema abordado. Expomos para os alunos que, para que esse projeto progredisse, seria fundamental tanto a minha participação efetiva e comprometimento, como professora e mediadora do conhecimento, quanto a cooperação e colaboração da turma, e que ainda seria essencial contar com o apoio da direção e da coordenação da escola, como também com o consentimento dos seus pais, ou seja, para que pudéssemos obter êxito em nosso trabalho, teríamos de trabalhar em conjunto.

No que diz respeito aos conteúdos dos textos a ser produzidos, explicitamos para os alunos sobre a importância dos conteúdos que seriam trabalhados durante a intervenção. Desse modo, ressaltamos que, se de fato apreendessem esses conteúdos, seria relevante tanto para se desenvolverem, na condição de produtores de textos, como para se prepararem para a vida, uma vez que o indivíduo que detém um conhecimento intelectual mais aprimorado, possivelmente terá mais oportunidades em uma sociedade como a nossa, que exige cada vez mais capacitação. Sabemos quão importante é o aluno desenvolver a habilidade escrita,

conhecimento que pode ser trabalhado por meio de uma sequência didática. Diante do exposto, desde a apresentação da situação até a produção final, a intervenção foi planejada a partir dos conteúdos dispostos no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Conteúdos planejados para a sequência didática

Tema (macro) abordado: Lixo;

- Conhecimentos Linguísticos:
- O que são texto e textualidade;
- Fatores responsáveis pela textualidade, foco na informatividade;
- Sequência argumentativa;
- Gêneros textuais, ênfase no artigo de opinião;
- Elementos responsáveis pela coesão, foco nas conjunções explicativas e adversativas.

Fonte: Autoria própria

Acreditamos que é essencial compartilhar com o aluno sobre o projeto elaborado, uma vez que a razão principal deste trabalho é promover o aprendizado, mediando o conhecimento e contribuindo para que se desenvolvam as suas habilidades. Dessa forma, é fundamental que a apresentação da situação seja exposta de maneira bastante esclarecedora para o aluno, dado que sua participação e cooperação são essenciais para que possamos obter êxito ao final da intervenção.

4.5 PRODUÇÃO INICIAL

A produção inicial do aluno foi pensada como um fator primário para guiar toda a proposta de intervenção. Ela servirá de base tanto para a refacção textual quanto para a orientação do nosso trabalho. A seguir, detalharemos como foi planejada esta primeira aula.

4.5.1 Aula 1 –Primeira produção: uma escrita sem intervenção do professor

Nessa primeira produção, tínhamos o propósito de identificar o conhecimento prévio dos alunos, tentando intervir o mínimo possível em sua escrita. Assim, conduzimos essa etapa apenas orientando como deveriam proceder para produzir o seu texto. Antes, porém, justificamos para a turma o porquê de estarmos trabalhando com eles dessa forma e expomos a apresentação da situação. Em seguida, demos continuidade à aula de acordo com a proposta de escrita para a primeira versão, sendo esta produzida de acordo com o Plano de Aula, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Plano de Aula 1

PLANO DE AULA 01	
Escola	Estadual Maurício Freire
Professora	Verônica Alves de Lira
Dados da turma	9º Ensino Fundamental II – Turma:A – Turno: Matutino
Tema da aula	Produção Textual – Lixo (uma proposta de escrita a partir do conhecimento prévio do aluno – sem que haja intervenção direta do professor).
Objetivos comunicativos	Analisar como se concretizava a produção textual dos alunos, a fim de que se perceba o que eles são capazes de produzir, de acordo com o tema abordado, partindo dos conhecimentos prévios que trazem consigo para a sala de aula, assim como analisarmos o índice de informatividade textual presente em suas produções.
Objetivos linguísticos	Analisar o desempenho linguístico dos alunos ao expressarem, por escrito, seus conhecimentos prévios sobre o tema abordado.
Proposta de escrita para 1ª versão	Os alunos devem redigir um texto (15 a 20 linhas), dissertativo, de acordo com a norma culta da língua, que aborde o tema “LIXO”; o produtor deverá dar um título ao texto.

Fonte: Autoria própria

O Plano de Aula 1 foi elaborado levando em consideração os alunos, o tema, os objetivos deste trabalho e a proposta de escrita. Partimos dele para traçar a metodologia aplicada, a fim de chegar ao produto almejado para essa etapa: a primeira versão textual do aluno. Para tanto, aplicamos o primeiro Plano de Aula conforme os procedimentos metodológicos disposto no Quadro 3.

Quadro 3 – Procedimentos metodológicos do Plano de Aula 1

Fase/data	Procedimentos metodológicos	Duração	Material	Avaliação
1ª fase oral (04/04/2014)	Apresentação da situação; Leitura da proposta de escrita para os alunos; e explicação de possíveis dúvidas.	30 min.	Quadro branco; caneta para quadro; folhas do tipo ofício e de cadernetas dos alunos em branco para a escrita da 1ª versão pelos alunos.	Será feita uma análise diagnóstica dos textos gerados, que servirão tanto para o planejamento das oficinas de intervenção, quanto para orientação da reescrita da 2ª versão, e ainda para a comparação com os textos escritos nas demais versões, após a intervenção do professor.
2ª fase escrita (04/04/2014)	Em seguida, os alunos irão produzir a primeira versão de escrita, a partir dos seus conhecimentos prévios.	1h e 10 min.		

Fonte: Autoria própria

A produção inicial tem um papel fundamental: o de regular a sequência didática. É por meio da primeira produção que delineamos melhor o objeto da sequência didática, delimitamos o problema de base da pesquisa e/ou podemos diagnosticar outros problemas/dificuldades (linguísticos ou comunicativos) apresentados pelos alunos. Ademais, confirmamos ou negamos as hipóteses levantadas. Logo, a produção inicial guia a ação interventiva proposta para atingir o objetivo final.

Como o problema detectado inicialmente foi o baixo índice de informatividade no texto do aluno, esse será o objeto de estudo para análise nessa primeira produção. Por isso, não estabelecemos especificamente um gênero na proposta da primeira escrita, solicitamos que os alunos escrevessem um texto dissertativo, por ser um modelo pré-estabelecido, do qual a maior parte dos alunos já se apropriou, não havendo, assim, a necessidade de dizer o que é como fazer. Solicitamos apenas que escrevessem de acordo com a proposta de escrita. Nessa fase, procuramos não intervir (ou intervir o mínimo possível) no processo de escrita da primeira produção.

O motivo dessa não intervenção inicial se deu de forma proposital, dado que essa produção teria como objetivo, além de guiar a ação interventiva, conhecer como se concretizava a escrita desse aluno, tornando possível perceber o que ele seria capaz de produzir sobre o tema abordado, partindo dos conhecimentos prévios que traz consigo para a sala de aula. Acreditamos que, se intervíssemos de forma direta, teríamos um diagnóstico distorcido sobre a informação que o aluno realmente detém e que é capaz de transportar para o seu texto.

Iniciamos a aula fazendo a apresentação oral da situação (descrita anteriormente). Sobre o projeto a ser desenvolvido em parceria com a comunidade escolar, expomos sobre: o problema detectado, a análise a ser realizada acerca do problema e a busca por possíveis soluções; e ainda o conteúdo a ser trabalhado durante a intervenção realizada em sala de aula.

Explicamos para os alunos que, para atingirmos nossos objetivos, teríamos de realizar uma intervenção. Para tanto, precisaríamos da cooperação de todos, o que inclui a colaboração dos pais, visto que eles teriam de assinar um termo de consentimento autorizando que seus filhos participassem da ação interventiva a fim de que os dados coletados em sala de aula fossem utilizados como objeto de investigação nesta pesquisa. Comunicamos, ainda, para os alunos que eles também deveriam assinar o termo de consentimento, por se tratar de um procedimento padrão da instituição responsável por este estudo.

Dado que todos os alunos da turma concordaram em participar da ação interventiva, afirmando que poderíamos usar suas produções em nossa pesquisa, e se prontificaram a

assinar o termo de consentimento, entregamos o termo para que assinassem e ainda para que levassem para seus pais no intuito de tomarem conhecimento do projeto e assinarem o documento, legalizando assim os procedimentos que viessem a ser executados durante o trabalho.

Esclarecemos ainda aos alunos que, para podermos implementar o projeto, seria necessária uma ação planejada passo a passo, e que esse planejamento teria de partir de dados concretos obtidos em sala de aula. Ou seja, para planejarmos a intervenção precisaríamos de informações que partiriam dos próprios alunos. Para isso, eles teriam de expor seus conhecimentos de acordo com o tema proposto em uma produção textual. Assim, surgia a produção inicial.

Dessa forma, solicitamos que escrevessem um texto de acordo com a proposta de escrita exposta em momento anterior. Recomendamos que escrevessem sobre o tema lixo, fazendo uso dos conhecimentos que já tinham sobre o assunto, que trouxessem para os seus textos fatos e informações que ouviram em suas casas, na rua, de alguém da família, de um vizinho, ou na própria escola, ou que mencionassem sobre alguma reportagem que viram em televisão, alguma informação da internet ou de outras mídias. Previnimos que não poderiam copiar o texto de uma dessas fontes, mas sim “tentar lembrar o que viram ou sabiam” sobre o tema, isto é, mostrar em seus textos o conhecimentos que tinham sobre o lixo.

Em seguida, questionamos se tinham compreendido a proposta de escrita e o que deveriam fazer. A maioria respondeu que sim, que havia entendido o que deveriaser feito. Outros indagaram se deveriam escrever sobre algum tipo específico de lixo. Respondemos que poderiam escrever sobre qualquer tipo de lixo, reafirmando que o mais importante era que escrevessem e que trouxessem para seus textos o que sabiam sobre o lixo.

Após apresentarmos a situação inicial e orientarmos a primeira produção de forma sucinta – uma vez que nossa intenção não era a de intervir na escrita do aluno, mas apenas coletar dados –, deixamos a escrita a critério dos alunos, que utilizassem poderiam escrever em folhas do próprio caderno ou em folhas A4 que disponibilizamos.

4.5.2 Análise das primeiras produções textuais: foco na informatividade

Com o propósito de analisar o desempenho dos alunos ao expressarem por escrito os seus conhecimentos, assim como o índice de informatividade presente em suas produções, a análise da produção inicial teve como referência a informatividade textual, objeto de nosso estudo e apontado por Costa Val (1991) como fator relevante nas produções de texto.

Lembramos que a informatividade é responsável pelo interesse do receptor do texto. Desse modo, o texto precisa atingir um nível mediano de informatividade, não podendo ser sempre previsível ou imprevisível demais. Além disso, é essencial que sejam apresentadas informações necessárias para que o texto seja compreendido pelo leitor, fator determinado pela suficiência de dados.

Reafirmamos que, nesse primeiro momento, não seriam analisadas questões do tipo conceitual ou formal, focamos apenas no aspecto pragmático, em especial, no fator da informatividade textual. Ou seja, inicialmente, não analisamos questões de semântica e de elementos linguísticos, mas os componentes responsáveis pela informatividade.

Para esta pesquisa, transcrevemos os textos produzidos a fim de poder analisá-los. Por essa razão, eles foram transcritos preservando a escrita dos alunos. Isso significa que questões de ortografia, número de linhas, limites de parágrafos, entre outros aspectos, foram apresentados conforme constavam dos textos dos alunos. Apesar de todos os textos terem sido analisados, levando em consideração os mesmos critérios, tomamos apenas dois para servirem de exemplificação dos resultados que obtivemos. Os textos foram selecionados de forma aleatória, por compreendermos que estes representariam os demais.

Ademais, a fim de preservar a identidade e a integridade dos informantes desta pesquisa, utilizamos letras/siglas para denominar os alunos autores dos textos. Estabelecemos, ainda, que a cada conjunto (versão) de textos produzidos pelos alunos, classificaríamos por blocos, sendo o primeiro, que apresentaremos a seguir, denominado de bloco A.

4.5.2.1 Análise da informatividade na produção inicial

Optamos por estabelecer como critérios para análise da informatividade na produção inicial os mesmos fatores adotados por Costa Val (1991) em seu estudo, uma vez que este revelou que um texto, para atingir um bom índice de informatividade, deveria atender essencialmente ao critério da imprevisibilidade e da suficiência de dados.

A fim de exemplificar esse critério, apresentaremos, no Quadro 4, o texto produzido pelo aluno PS.

Quadro 4 – Transcrição do texto 1 – aluno PS – primeira versão

Texto 1**Lixo no nosso cotidiano**

1 Nos dias de hoje e as cidades estão cada vês maiores, não tem onde
2 colocar o lixo todos os locais apropriados estão com uma capacidade muito
3 pouca para a quantidade de abitantes na terra, na maioria das veses a
4 população queima o lixo.

5 Para diminuir o lixo tem uma maneira que e recicla, tem pessoas que
6 sobrevive da reciclagem, eles catam coisas que da pare reaproveita como
7 latinhas, garrafas, plástico e outras coisas.

8 Para melhora a quantidade de lixo nos temos que recicla e reaproveita
9 para não coloca na atmosfera.

10 Nos temos que ser consientisa e que o lixo e uma coisa que tem jeito
11 então nunca coloque lixo na rua bote nos locas apropriados para melhora
12 nossa sidade.

Fonte: Autoria própria

O aluno PS produziu a sua primeira versão buscando atender as condições mencionadas na proposta de escrita. Ele trata do tema lixo de uma forma global, apresenta informações que fazem parte do conhecimento de mundo dele e aponta a reciclagem como solução para o problema do lixo. No entanto, não explica de que forma isso é possível. Afirma ainda que temos de nos conscientizar, mas também não deixa claro sobre o que precisamos fazer para alcançar essa conscientização, ou seja, não apresenta dados suficientes para que se promova uma compreensão do texto.

PS inicia o seu texto (linhas 1-2) afirmando que “as cidades estão cada vês maiores, não tem onde colocar o lixo”. Nesse caso, a maioria das pessoas tem o conhecimento de que as cidades aumentam cada vez mais e que, por isso, falta local apropriado para dar destino ao lixo. Essa é uma informação que faz parte do conhecimento de mundo, do conhecimento prévio do aluno. Logo, trata-se de uma informação conhecida do leitor e, portanto, previsível pelo receptor, o que demonstra um alto índice de previsibilidade nesse trecho.

Adiante, o autor apresenta um dado interessante ao dizer que “na maioria das vezes a população queima o lixo” (linhas 3-4), ao que inferimos que, possivelmente, ele ouviu alguém falar que queimava o lixo produzido. Entretanto, essa informação é imprecisa, não por mencionar que o lixo é queimado, mas por afirmar que “na maioria das vezes” esse lixo é queimado, expressão recorrente utilizada pelos alunos na fase fundamental de estudos quando não se têm mais informações sobre o assunto. Sabemos que a maioria do lixo que produzimos tem como destino os aterros sanitários, ou imensos lixões a céu aberto.

Em seguida, o aluno apresenta uma possível solução para o problema que é gerado pelo aumento do lixo (linhas 4 a 8): “Para diminuir o lixo tem uma maneira que e recicla”, e

argumenta que “temos que recicla e reaproveita para não coloca na atmosfera”. Apesar disso, a ideia de reciclagem não consiste exatamente em uma *informação nova*, visto que é algo bastante divulgado pela mídia de massa ou nas próprias escolas, o que a configura como uma informação compartilhada pela maioria da população. Porém, não podemos taxar essa informação de completamente previsível, dado que algumas pessoas, mesmo já ouvindo falar, ainda desconhecem o processo da reciclagem. PS também menciona que “tem pessoas que sobrevive da reciclagem, eles catam coisas que da pare reaproveita” (linhas 5-6), citando alguns exemplos de materiais que podem ser reciclados, como “*latinas, garrafas, plástico e outras coisas*” (linha 7), o que comprova que o aluno tem um conhecimento, ainda que básico, sobre a reciclagem, mas não apresenta dados suficientes para a compreensão do leitor.

PS conclui a sua produção inicial sugerindo mais soluções para o problema: “temos que ser consientista” e “nunca coloque lixo na rua bote nos locas apropriados”(linhas 10 e 11, respectivamente), propostas que podem provocar o leitor a fazer uma reflexão sobre o problema, porém, também podem gerar dúvidas, como “conscientizar de quê?” e “quais locais poderiam ser apropriados?”. Tais dúvidas são causadas pela falta de esclarecimentos por parte do autor do texto para a exposição de suas ideias. Mais uma vez, apontamos como problema que prejudicou a informatividade no texto do aluno PS a insuficiência de dados. Isso comprova que a falta de informatividade está associada ao conhecimento restrito do aluno sobre o assunto, ao conhecimento comum entre sujeitos dessa faixa etária.

No Quadro 5, a seguir, apresentaremos um texto produzido por outro aluno a fim de prosseguirmos com a análise da informatividade.

Quadro 5 – Transcrição do texto 2– aluno NC – primeira versão

Texto 1

Lixo nas ruas

*1 O lixo causa problemas serios muitos graves, ele nas ruas causa
2 alagamentos, enxentes, famílias perdendo casas por causas de desabamentos
3 de terras. A um ano passou uma novela que apareceu no lixão eles Botando
4 crianças para fazer a reciclagem e no lugar disso elas ganhavam comida e
5 cama de dormir. No Brasil tem fabricas de reciclagem eles pegam garrafas
6 sujas e reciclam, pasarau na televisão que tem um projeto que eles vam no
7 lixão recolher garrafas para fazer uma escolas.*

*8 A varios tipos de lixos marinhos, terrestres e o pior de todos o
9 eletrónico, tem cidades que é direto a agua Batendo no telhado, eles tentam
10 salva animais.
11 existe o lixo toxico que e muito ruim atingi na respiração da pessoa, em são
12 Paulo do potengi o lixão pra não reciclar eles Botam fogo.*

Fonte: Autoria própria

A proposta e as condições para a produção textual da produção inicial para o aluno NC foi a mesma mencionada anteriormente para o aluno PS. Recapitulamos que essa versão não teve uma ação interventiva do professor. Desse modo, o aluno escreveu o seu texto com base no que sabe sobre o tema lixo.

O texto de NC é iniciado com a apresentação de graves problemas causados pelo lixo (como disposto nas linhas 2-3) “alagamentos, enxentes, famílias perdendo casas por causas de desabamentos de terras”. Porém, ele ultrapassa o limite da imprevisibilidade ao expor no mesmo parágrafo um fator que, para ele, aparentemente, parece ser algo louvável: “uma novela que apareceu no lixão Botando crianças para fazer a reciclagem e no lugar disso elas ganhavam comida e cama de dormir” (linhas 3-5). Nesse trecho, o aluno além de não dar uma continuidade ao seu pensamento sobre os problemas causados pelo lixo, ele muda de assunto bruscamente mencionando a novela e apresentando, provavelmente, uma solução plausível para o lixo, que seria a reciclagem em troca de alimentos para crianças. Essa informação, além de se mostrar muito imprevisível, pode provocar estranheza no leitor, pois, apesar de se tratar de algo fictício, retrata algo que não foge do mundo real. Entretanto, houve problema de compreensão do aluno para separar o que é a atividade de catador de lixo para venda da atividade de reciclagem do lixo, o que demonstra que, para ele, a atividade de catar lixo para venda soluciona esse problema do lixão e não as formas de reciclagem em si, prejudicando assim a informatividade.

Em seguida, o aluno cita em seu texto a “reciclagem”, recorrente em vários textos do *corpus*, e até dá exemplo de como é feita a reciclagem em algumas fábricas do Brasil (linhas 5-6), porém, mais uma vez, ele menciona algo da televisão “um projeto que eles vão no lixão recolher garrafas para fazer uma escola” (linhas 6-7), referindo-se, provavelmente, a alguma reportagem que viu e que poderia até ter sido utilizada como exemplo para apresentar soluções para o problema do lixo. Observamos, assim, que mais uma vez NC não apresentou dados suficientes para a compreensão da informação que quis transmitir em seu texto, demonstrando algo peculiar para os alunos que frequentam o 9º ano do Ensino Fundamental: a demonstração de informações vagas, sem relacionar as informações acrescidas ao tema abordado.

Por fim, o aluno NC, ao concluir o seu texto, expõe alguns tipos de lixo e na mesma linha (8), inicia uma nova informação: “tem cidades que é direto a água Batendo no telhado”, referindo-se a alagamentos causados por enchentes, novamente mudando de assunto bruscamente. Logo após, menciona um fato curioso (linha 9), “eles tentam salvar animais”, imagem também comum em noticiários de televisão, e que remete a cenas que chamaram a

atenção do país no mesmo período, em que animais eram arrastados pela enchente. Porém, não apresentou dados suficientes para explicar o ocorrido.

Nas linhas finais do texto, NC muda de assunto bruscamente, de “lixo toxico” (linha 11) passa para o destino dado ao lixo em sua cidade: “o lixão pra não reciclar eles Botam fogo”. Percebe-se, assim, a falta de continuidade na sequência textual e a insuficiência de dados para dar essa continuidade a cada assunto exposto.

O que pudemos diagnosticar como principais problemas para o desenvolvimento da informatividade textual, a partir dos textos analisados, tanto dos alunos NC e PS quanto da maioria das produções dos demais alunos foi um alto índice de imprevisibilidade e a exposição de dados insuficientes, fatores que comprometem a unidade textual. Esse fator justifica a próxima etapa, na qual adaptamos os módulos desenvolvidos por Dolz e Schneuwly (2004) de acordo com a nossa proposta de intervenção. Como, inicialmente, planejamos colaborar para convertermos o baixo índice de informatividade diagnosticado na primeira versão, esse é o principal elemento a ser trabalhado no módulo I, descrito a seguir.

4.6 MÓDULO I: INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO TEXTUAL

O Módulo didático I é destinado ao desenvolvimento da informatividade na produção textual, a partir de uma proposta de escrita mediada pelo professor. Conforme pudemos observar na análise das produções iniciais, há um longo percurso a ser trilhado por nós (alunos e professores) para que a produção final apresente um índice satisfatório de informatividade e que atenda a outros fatores responsáveis pela textualidade. Dessa forma, decidimos desenvolver uma intervenção partindo da produção inicial, na qual detectamos como maior problema nos textos dos alunos (assim como já prevíamos) um baixo índice de informatividade.

Assim, acreditamos que, para transformar os resultados apresentados, deveríamos iniciar nossa intervenção focando na questão da informatividade. Para isso, planejamos, no Módulo I, expor para os alunos as diversas informações acerca do tema, no caso, o lixo. Após terem se apropriado de informações suficientes sobre o tema abordado, visamos modificar os resultados relativos aos baixos índices de informatividade em suas produções.

A proposta para revertermos esse quadro é trabalharmos em um sentido inverso do que comumente é mais utilizado, pois geralmente o processo é feito partindo dos aspectos formais e conceituais para o pragmático. Planejamos, então, que o desenvolvimento da produção textual se iniciasse com a discussão sobre os aspectos pragmáticos, em seguida, com

os conceituais e, por último, para os formais. Optamos ainda, por não apresentar as sequências e os gêneros textuais para os alunos nesse módulo, posto que o objetivo, para o momento, era o de mediar a apreensão das mais diversas informações sobre o lixo pelo aluno, a fim de ampliar o seu conhecimento e transformar os resultados obtidos na primeira produção, aumentando, conseqüentemente (essa é a nossa hipótese), o índice de informatividade presente nos textos desses alunos.

4.6.1 Aula 2 – Oficinas de leitura e escrita mediadas pelo professor

Com base no planejamento da ação interventiva, desenvolvemos o Plano de Aula 2, o qual apresentaremos a seguir.

Quadro 6 – Plano de Aula 2

PLANO DE AULA 2	
Escola	Estadual Maurício Freire
Professora	Verônica Alves de Lira
Dados da turma	9º Ensino Fundamental II – Turma: A – Turno: Matutino
Tema da aula	Produção textual, contemplando o tema “Lixo, questão de cidadania e responsabilidade social”.
Objetivos comunicativos	Possibilitar a expansão dos conhecimentos dos alunos sobre o tema abordado, a partir das novas informações adquiridas em oficinas mediadas pelo professor, para que eles reescrevam seus textos sendo capazes de aperfeiçoá-los.
Objetivos linguísticos	Analisar o desempenho linguístico dos alunos ao expressarem, por escrito, seus conhecimentos prévios sobre o tema abordado. Proporcionar o desenvolvimento da informatividade na produção textual do aluno.
Proposta de escrita para 2ª versão	Redigir um texto dissertativo (15 a 20 linhas), que aborde o tema “Lixo, questão de cidadania e responsabilidade social”; o produtor deverá dar um título ao texto e fazer uso da norma culta da língua.
Orientação	O aluno poderá utilizar a 1ª versão para reescrevê-la, podendo acrescentar informações adquiridas nas oficinas, por meio de vídeos, textos impressos, slides, imagens, dentre outros, assim como modificar ou excluir o que acharem que é irrelevante da versão anterior, ou mesmo explicar algum dado/informação que facilite a compreensão do texto pelo leitor. Fica a critério do aluno manter/alterar o título do seu texto.

Fonte: Autoria própria

Os módulos, conforme afirmam Dolz e Schneuwly (2004, p.87), tratam de trabalhar os problemas presentes na primeira produção e apresentar aos alunos os mecanismos capazes de superar esses problemas. Por isso, nesse módulo, a sequência didática foi planejada após

analisarmos a produção inicial e constatarmos, assim como prevíamos, a pouca informatividade presente nesses textos. A nossa hipótese é que, ao proporcionarmos o contato da turma com informações de diversas fontes, de acordo com o tema proposto, conseguiremos sanar (ou reeduzir) o déficit de informatividade dessas produções. Nesse sentido, para que o aluno tivesse acesso ao conteúdo informativo acerca do assunto, desenvolvemos o nosso trabalho em sala de aula pautado nos procedimentos metodológicos descritos a seguir.

Quadro 7 – Procedimentos metodológicos do Plano de Aula 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO PLANO DE AULA 2				
Fase	Procedimentos metodológicos	Duração	Material	Avaliação
1.1 Trabalhando a Informatividade Oficina com vídeos e discussão sobre o tema (Oral)	Apresentação de vídeos informativos (documentários e reportagens) que abordem o tema “lixo”; Debate com os alunos sobre as informações que acharam relevantes e poderiam ser acrescentadas em uma nova versão.	1h e 40 mim.	Projeto multimídia, notebook e quadro branco.	Durante ambas as fases, realizaremos uma avaliação contínua, com o objetivo de analisar os textos produzidos pelos alunos, após trabalharmos nas oficinas: vídeos, leitura de textos, discussões, produção coletiva, entre outros, que abordem o tema em questão. Analisaremos ainda se houve acréscimo de informatividade textual, da 1ª para a 2ª versão, nas produções dos alunos após a intervenção mediada pelo professor. Esta 2ª versão também servirá para análise entre as versões seguintes.
1.2 Oficina de leitura de textos impressos, debates, produção escrita coletiva, e exposição oral (Oral e escrita)	Após dividir a turma em grupos, distribuir textos multimodais impressos entre os alunos, para que façam leitura, discussão e anotações sobre os textos informativos aos quais tiveram acesso; A partir dos textos trabalhados, cada grupo irá produzir e apresentar (oralmente) para a turma uma síntese coletiva do texto-fonte sobre “Lixo”.	2h e 30 min.	Textos impressos em folhas do tipo ofício para distribuir entre os alunos; e folhas em branco para a escrita dos textos coletivos.	
1.3 Oficina de vídeos e debates (Oral)	Solicitar aos alunos que externem os seus conhecimentos sobre “cidadania e responsabilidade social”; Após respostas	1h e 40 min.	Quadro branco, caneta para quadro, projetor multimídia, e notebook.	

1.4 Produção textual da 2ª versão (Escrita)	pessoais dos alunos, apresentar vídeos que esclareçam sobre o tema proposto; Promover um diálogo com a turma relacionando as respostas dos alunos com as dos vídeos e associando os temas “cidadania, responsabilidade social e lixo” Orientar os alunos para que reescrevam seus textos, de acordo com a proposta de escrita para a 2ª versão e para que aproveitem as informações adquiridas durante as oficinas. O aluno terá como base a 1ª versão, que pode ser alterada conforme necessidade de excluir/acrescentar alguma informação (ir)relevante ou explicar algum(a) dado/informação da versão anterior, afim de torná-lo(la) mais compreensível para o leitor.	1h e 40 min.	Quadro branco e caneta para quadro, cópias da 1ª versão produzida pelos alunos, e folhas em branco (ofício ou de cadernetas dos alunos)	
--	--	---------------------	--	--

Fonte: Autoria própria

Os procedimentos elaborados foram aplicados, conforme apresentados no Plano de Aula2, divididos em momentos distintos, como, por exemplo, apresentação de vídeos e discussões sobre o tema, porém, interligados entre si. Esses momentos foram compostos por 09 aulas de 50 minutos cada. As atividades foram trabalhadas no Plano de Aula2 em consonância com o cronograma discriminado a seguir.

Quadro 8 – Cronograma – Distribuição das atividades desenvolvidas de acordo com o Plano de Aula2

Data	Nº de aulas – Hora/aula	Atividades desenvolvidas
25/04/14	02 aulas/ 1h e 40min	Apresentação de vídeos informativos, como documentários e reportagens, que abordem o tema lixo. Debate com os alunos.
28 e 30/04/14	03 aulas/ 2h e 30min	Oficina de leitura de textos impressos, debates, produção escrita coletiva, e exposição oral.
05/05/14	02 aulas/ 1h e 40min	Oficina de vídeos e debates sobre “cidadania e responsabilidade social”.
09/05/14	02 aulas/ 1h e 40min	Produção textual da 2ª versão.

Fonte: Autoria própria

Esse cronograma representa o período em que aplicamos as atividades propostas para o Módulo I. Entretanto, a ação começa antes mesmo da sala de aula, uma vez que todo o planejamento é cuidadosamente elaborado e estruturado a partir das pesquisas teóricas e de reflexões feitas previamente. Entendemos que é essencial estarmos preparados para sermos mediadores entre o aluno e as informações, como também para responder as possíveis indagações que possam surgir durante o fazer pedagógico. O produto, que resultou deste estudo, também foi fonte relevante tanto para o desenvolvimento do aluno quanto para o seu ato de (re)fazer.

Para realizarmos as oficinas de intervenção, iniciamos apresentando em sala de aula vídeos e documentários que tratassem do tema lixo, visando atender às necessidades dos nossos alunos. Assistimos aos vídeos, junto com os alunos, e orientamos que cada um refletisse sobre os aspectos que mais chamou a atenção; sugerimos que se preferissem poderiam fazer anotações das informações, para utilizá-las conforme sua relevância em uma nova versão de seus textos.

4.6.1.1 Vídeo 1: documentário *Vidas no lixo*

Para proporcionarmos o desenvolvimento da informatividade na produção textual do aluno, no primeiro momento, levamos para sala de aula o seguinte material e conteúdo trabalhado nessa etapa:

a) **Vídeo 1:** documentário *Vidas no lixo*, um filme de curta-metragem brasileiro, do gênero documentário, escrito e dirigido por Alexandre Stockler, em 2008, produzido por A Exceção e a Regra Produções Artísticas– SP. O filme mostra crianças e adolescentes que vivem do lixo. Enquanto reviram sacos de lixo pelas ruas e recolhem materiais úteis para vender a empresas de reciclagem, crianças – que se alimentam desse mesmo lixo – falam

sobre suas vidas, suas famílias, seus sonhos e desejos de estudar, mas logo sua avassaladora realidade se impõe com a gravidez inesperada de uma menina de 14 anos.

Figura 5 – Menina de 14 anos



Fonte: Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=vidas_no_lixo>. Acesso em: 18 mar. 2014.

4.6.1.2 Vídeo 2: documentário *Ilha das Flores*

Vídeo 2: documentário *Ilha das Flores*, um filme de curta-metragem brasileiro, do gênero documentário, escrito e dirigido pelo cineasta Jorge Furtado, em 1989, com produção da *Casa de Cinema de Porto Alegre*. O filme faz uma reflexão sobre as desigualdades sociais, a complexidade do tratamento dado ao lixo, e mostra como pessoas em situação de extrema pobreza recorrem a ele em busca de alimentos e fonte de renda.

Figura 6 – Documentário Ilha das flores



Fonte: Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=ilha_das_flores>. Acesso em: 18 mar. 2014.

4.6.1.3 Vídeo 3: reportagem exibida pelo Jornal Nacional

Vídeo 3: reportagem exibida pelo *Jornal Nacional* (2011), na rede Globo, sendo a última de uma série de reportagens sobre as soluções encontradas por muitas cidades para reaproveitar o lixo. Nessa edição, o repórter Marcos Losekann mostra como Barcelona, na Espanha, revolucionou a maneira de transportar o lixo que era jogado nas lixeiras e passou a ser coletado por um mecanizado sistema subterrâneo, tornando-se uma cidade sustentável, exemplo na coleta de lixo.

Figura 7 – Reportagem sobre o aproveitamento do lixo



Fonte: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=XZ0fNysGn_Y>. Acesso em: 25 abr. 2014.

4.6.1.4 Vídeo 4: reportagem apresentada pelo Jornal da Gazeta (2012)

Vídeo 4: reportagem apresentada pelo *Jornal da Gazeta* (2012), na TV Gazeta, sobre uma nova forma de coleta de lixo em São Paulo/SP. É um sistema no qual o resíduo domiciliar é depositado em contêineres subterrâneos. Um conjunto habitacional, em Parada de Taipas, na Zona Norte de São Paulo, foi o primeiro a receber essa tecnologia.

Figura 8 – Reportagem sobre a reciclagem do lixo
Um novo sistema de coletar lixo em São Paulo (Jornal da Gazeta)



Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QmM1Hj6IzYU&spfreload=10>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

4.6.1.5 O trabalho interpretativo: cotejamento das informações

Em um segundo momento (após a apresentação dos vídeos), solicitamos aos alunos que fizessem um círculo, para darmos início a uma nova atividade, que seria uma discussão sobre o tema. Em seguida, indagamos quais passagens dos vídeos chamaram mais a atenção de cada um. Na ocasião, registramos (fazendo anotações) as respostas mais frequentes entre a maioria dos alunos, de acordo com cada vídeo apresentado, conforme Quadro 9, a seguir.

Quadro 9 – Sequência de apresentação de vídeos

1. Documentário “Vidas no lixo”	a) Pessoas comendo lixo; b) As pessoas vivem em extrema pobreza; c) A falta de escola; d) Adolescentes que engravidam cedo; e) O uso de drogas; f) Roubar para comer; e g) Morte precoce.
2. Documentário “Ilha das flores”	• Pessoas vivendo na miséria; • O consumismo exagerado que causa o aumento do lixo; • O desperdício; • Pessoas disputando comidas que não servia mais para os porcos;
3. Reportagem “Barcelona (Espanha): exemplo de coleta de lixo – cidade sustentável”	• A coleta de lixo é feita pelo subsolo; • Não fica sujeira nas ruas; • Ecologicamente correto; • A coleta é seletiva; • O lixo é reciclado; • Economiza dinheiro; • Reduz o número de caminhões de lixo pelas ruas; • O lixo orgânico se transforma em matéria prima para a produção de energia;
4. Reportagem “Um novo sistema de coletar lixo em São Paulo”	• As ruas ficaram mais limpas; • Evita o lixo ir para os bueiros; • Não polui o Meio ambiente; • Ainda não faz coleta seletiva;

Fonte: Autoria própria

A partir do diálogo com os alunos, após a apresentação desses vídeos, pudemos observar que eles se mostraram bastante surpresos com as informações que conseguiram extrair de cada vídeo. Alguns se mostraram indignados com os problemas sociais expostos nos vídeos, como a miséria em que vivem muitas pessoas, a fome, a desigualdade social;

outros relataram sobre a consciência que cada cidadão deveria ter, ou sobre a responsabilidade de todos.

Percebemos, assim, que os alunos ampliaram seus conhecimentos com a visualização dos documentários e das reportagens, entretanto, inferimos que seria necessário que eles soubessem mais a respeito do lixo, como conhecer os tipos de lixo, a sua origem, o seu destino, as causas e consequências do excesso de lixo, antes de iniciarem a produção de uma segunda versão. Compreendemos também a importância da leitura para a (re)escrita do texto, uma vez que é por meio da leitura que os alunos recebem os novos dados, possibilitando a conversão desses dados em referências de escrita.

4.6.1.6 O trabalho com textos informativos sobre o lixo

Preparamos, para a aula seguinte, diferentes textos impressos sobre o lixo, a fim de que fossem lidos pelos alunos, com o propósito de que apreendessem informações relevantes e se apropriassem da escrita. Antes de distribuirmos o material entre os alunos, solicitamos que se dividissem em seis grupos de cinco a seis componentes cada. Entregamos diferentes textos entre os grupos, para que fizessem uma leitura compartilhada e anotassem trechos que mais lhes chamaram a atenção sobre os textos informativos aos quais tiveram acesso. Os textos foram distribuídos conforme o Quadro 10 a seguir.

Quadro 10 – Sequência de textos apresentados

Grupo	Texto
01	Lixo Urbano (Wagner de Cerqueira e Francisco, site Brasil escola, 2011)
02	O lixo – Parte I: Tipos de lixo, (Mingau Produções, site Se liga no lixo)
03	O lixo – Parte II: Problemas que o lixo causa; e, Quanto dura? (Mingau Produções, site Se liga no lixo)
04	O lixo – Parte III: Os quatro “Rs” – Reduzir, Reutilizar, Reciclar e Repensar, (Mingau Produções, site Se liga no lixo)
05	O lixo nosso de cada dia (Giovanni Salera Júnior, site Recanto das letras, 2007)
06	Como mudar hábitos de consumo para produzir menos lixo (André Albert, site Nova Escola, 2010)

Fonte: Autoria própria

No momento seguinte, orientamos que cada grupo produzisse um resumo sobre o “Lixo”. Este seria uma síntese, com seleções dos trechos mais relevantes, a partir do texto-fonte trabalhado por cada grupo. Explicamos para os alunos que eles fariam em seguida uma

exposição oral dos resumos confeccionados para o restante da turma. Assim, todos teriam acesso às principais informações presentes nos textos-fonte dos demais grupos, uma vez que cada grupo ficou com texto diferente do outro.

As atividades de leitura dos textos-fonte, de confecção dos resumos, bem como a exposição destes resumos, tinham o objetivo de estudar esses textos-fonte com os alunos, como também buscavam contribuir para que os mesmos ampliassem ainda mais os seus conhecimentos a cerca do tema Lixo, e pudessem, assim, aproveitar os dados e informações dos textos estudados em suas próprias produções.

Reproduzimos a seguir dois dos textos-fonte (Quadros 11 e 13) e os seus respectivos resumos (Quadros 12 e 14), que foram escritos e apresentados oralmente pelos alunos aos demais em sala de aula, e ainda um breve comentário sobre cada texto-fonte e cada resumo reproduzido a seguir.

Quadro 11 – Primeiro texto-fonte – entregue ao Grupo 1

Lixo Urbano

Um dos principais problemas ambientais da atualidade é a grande produção de lixo, pois esse processo tem como consequência a liberação de gases que promovem o efeito estufa e a poluição das águas subterrâneas e superficiais. Esse fenômeno é uma das consequências do aumento populacional nas cidades, da intensificação do modelo consumista, do uso de produtos descartáveis, além do modismo, pois existe uma “necessidade” de se adquirir objetos mais modernos.

O lixo é também um problema socioeconômico, visto que grandes quantias de dinheiro são destinadas à coleta e tratamento do lixo urbano. No aspecto social, vários indivíduos são afetados pela concentração de lixo nas cidades, que causa proliferação de insetos, transmissão de doenças, poluição visual, entupimento de bueiros, entre outros.

As origens do lixo urbano são as mais distintas, e ele é classificado em:

Domiciliar: alimentos, papéis, plásticos, vidros, papelão, produtos deteriorados, etc.

Industrial: cinzas, lodos, metais, cerâmicas, madeira, borracha, resíduos alcalinos, etc.

Hospitalar: embalagens, seringas, agulhas, curativos, gases, ataduras, peças atômicas.

Lixo tecnológico: computadores, pilhas e aparelhos eletrônicos em geral.

A coleta do lixo deve ocorrer de acordo com a sua classificação, pois os tratamentos finais desses resíduos são diferentes. O lixo hospitalar, por exemplo, tem que ser incinerado, queimado em forno de micro-ondas ou tratado em autoclave. Porém, não é o que acontece na maioria das cidades.

A falta de estrutura e empenho dos políticos em solucionar o problema do lixo tem como consequência a existência de lixões a céu aberto em várias cidades. O destino adequado para o lixo urbano é o aterro sanitário, construído em áreas adequadas, com profissionais qualificados e estrutura para o tratamento dos gases e do chorume. Outra alternativa é a incineração dos resíduos, no entanto, esse método é muito caro, sendo inviável em muitos casos.

O mais importante, porém, é a conscientização da população, e isso pode ser promovido através da utilização da Política dos 3 R's: Reduzir, Reutilizar e Reciclar. A coleta seletiva é uma das alternativas mais eficientes para reduzir o lixo, além de ser uma forma de contribuir para os catadores de materiais recicláveis. Portanto, através de simples atitudes e mudanças de comportamento todos os habitantes podem colaborar para reduzir a produção de lixo.

Por Wagner de Cerqueira e Francisco
Graduado em Geografia

Fonte: Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/lixo-urbano.html>>. Acesso: 25 abr.

2014

O primeiro texto-fonte, o artigo *Lixo Urbano* escrito por Wagner de Cerqueira e Francisco, aponta que a grande produção de lixo é um dos principais fatores responsáveis pelos problemas ambientais. O autor afirma em seu texto que esse aumento é consequência do crescimento populacional e do consumismo exagerado da sociedade. Denota ainda que o lixo é responsável por problemas sociais (a sua proliferação dissemina várias doenças) e econômicos (a sua coleta demanda de altos investimentos). Cerqueira classifica em seu artigo a origem e os tipos de lixo urbano. Em seguida, o autor aponta a forma adequada para a coleta do lixo e ressalta que na prática isso não acontece como deveria, mencionando as possíveis

causas para o lixo não ter o destino correto. Por fim, o autor do texto-fonte instiga o leitor a refletir sobre a solução para o problema, sugerindo a política dos 3R's (Reduzir, Reutilizar e Reciclar) e principalmente a ação individual para o bem comum de todos.

Quadro 12 – Resumo do grupo 1 (escrito pelos alunos, a partir do Primeiro texto-fonte)

Lixo Urbano

*1 Um dos principais problemas ambientais
2 é a grande quantidade de lixo, que tem
3 como conseqüências a poluição das águas,
4 a liberação de gases que causam transmissão
5 de doenças, poluição visual, entupimento
6 de bueiros, entre outros. O lixo é
7 classificado em quatro, domiciliar industrial,
8 hospitalar e lixo tecnológico. Cada tipo
9 de lixo tem que estar no lugar ideal,
10 pois se não estiver pode causar problemas
11 ambientais, como: enchentes. Quando ocorrer
12 a coleta do lixo cada um tem que
13 estar na sua classificação correta, pois
14 os tratamentos do lixo são diferentes
15 e caso não estejam no lugar correto o
16 tratamento torna-se mais demorado.
17 Uma das consequências do lixo é a
18 existência de lixões a céu aberto, que
19 causa muita poluição e doenças. O destino
20 adequado para o lixo é o aterro sanitário,
21 que não causa problemas para a população.
22 Uma das opções mais importante é
23 a conscientização da população para
24 reduzir o lixo: Reduzir, reutilizar e
25 reciclar, além de ajudar para os
26 catadores de materiais recicláveis.*

Fonte: Autoria própria

Após breve explanação do texto-fonte entregue ao grupo 1, analisamos o resumo (do artigo de Cerqueira) escrito pelos componentes desse grupo. Com isso, pudemos perceber que os alunos conseguiram captar as principais informações transmitidas por Wagner de Cerqueira. Eles trouxeram para o seu resumo pontos importantes do texto original, como os principais problemas e as consequências causados pelo lixo, afirmando que “a grande quantidade de lixo, que tem como consequências a poluição das águas, a liberação de gases que causam transmissão de doenças, poluição visual, entupimento de bueiros, entre outros” (linhas 2-6). Classificaram os tipos de lixo (domiciliar industrial, hospitalar e lixo tecnológico) e ainda mencionaram que a coleta de lixo deve estar de acordo com essa

classificação para que seja dado o tratamento adequado (linhas 7-16). Por fim, relataram sobre a importância da conscientização da população para solucionar o problema (linhas 22-24) e fizeram referência aos 3R's, "Reduzir, reutilizar e reciclar" (linhas 24 e 25), descritos no texto-fonte. Os alunos do grupo 1 leram esse resumo para o restante da turma, e ainda se posicionaram quanto aos problemas causados pelo lixo e suas consequências, mostrando que apreenderam informações importantes do texto-fonte.

O segundo grupo de alunos leu e resumiu outro texto-fonte, de acordo com a mesma proposta de atividade do grupo 1 e dos demais grupos, como podemos observar a seguir.

Quadro 13 – Segundotexto-fonte – entregue ao grupo 2

O lixo – Parte I: Tipos de lixo

Lixo é tudo aquilo que você não quer mais e joga fora. São coisas que não servem mais, que estão velhas, quebradas ou estragadas. Mas o que é lixo para você pode ser útil para outras pessoas. Ou porque elas vão usar aquilo, ou porque elas podem ganhar a vida juntando e vendendo "lixo" como o seu. É o caso das cooperativas de catadores de lixo, mas também dos brechós (que vendem coisas usadas) e dos sebos (livrarias que vendem livros e revistas usados).

Tipos delixo

O lixo é um problema ambiental muito sério que coloca em risco toda a vida na Terra. Como há cada vez mais gente, todas usando produtos (e às vezes comprando coisas de que nem precisaria), a quantidade de lixo no planeta só faz aumentar.

Faltam locais adequados para colocarmos a grande quantidade de lixo que geramos todos os dias. **Só no Brasil, são produzidos todos os dias cerca de 240 mil toneladas de lixo.** A maior parte deste total vai parar nos lixões a céu aberto e só uma pequena parte é reciclada ou reutilizada.

Lixo doméstico – é o lixo que as pessoas produzem em casa e também em bares, restaurantes, supermercados e lojas. Também é chamado domiciliar ou urbano. É composto por restos de comida, papéis, vidros e plásticos. Normalmente esse material é levado para aterros sanitários, locais próprios para o depósito de lixo.

Lixo hospitalar – é o lixo de hospitais, farmácias, postos de saúde e casas veterinárias. São seringas, vidros de remédios, algodão, gaze, restos de órgãos humanos que são jogados fora. Este tipo de lixo é muito perigoso, pois pode transmitir doenças. Por isso, deve ter um tratamento diferenciado, desde a hora em que é coletado até a sua deposição final. Precisa ser transportado em veículos especiais e encaminhado para o incinerador, local onde o lixo é queimado.

Lixo industrial – vem das indústrias e pode conter restos de alimentos, madeiras, tecidos, couros, metais e produtos químicos. Pode ser perigoso, até mesmo tóxico, por isso não pode ir para os mesmos aterros sanitários que o lixo doméstico. A não ser que passe por processos de tratamento específicos.

Lixo nuclear – esse lixo vem das atividades que envolvem produtos radioativos. É o lixo produzido principalmente pelas usinas nucleares e laboratórios de exames clínicos, onde são feitos os exames de sangue e urina, por exemplo. Deve ser transportado, tratado e isolado com o máximo de cuidado, seguindo normas de segurança internacionais, para evitar qualquer tipo de acidente ou contaminação.

Lixo agrícola – é o lixo que vem das áreas rurais. É o resto de colheitas, as sobras de

fertilizantes, agrotóxicos, esterco, rações e produtos veterinários.

Lixo tecnológico – são os restos de aparelhos eletroeletrônicos e seus componentes, sucatas de informática, pilhas, baterias e produtos magnetizados.

Você ainda pode classificar o lixo como **lixo orgânico** e **lixo inorgânico**.

Lixo orgânico: é todo o lixo que tem origem animal ou vegetal. Por exemplo: restos de alimentos, folhas, sementes, restos de carne e ossos, fezes e urina, papéis, e madeira. Quando acumulado (nas lixeiras e nos terríveis lixões) polui muito e é super mal-cheiroso, porque os produtos orgânicos vão apodrecendo com o passar dos dias. Esse apodrecimento até o completo desaparecimento do lixo orgânico é chamado de “decomposição”. O lixo orgânico contém bactérias, fungos e vírus. Pode, portanto, causar muitas doenças.

Lixo inorgânico: é todo lixo feito de material que não vem dos animais ou vegetais. Por exemplo: plásticos, metais, e vidro. Quando o lixo inorgânico é jogado no meio ambiente sem tratamento, pode demorar centenas de anos para se decompor.

Fonte: Disponível em: <<https://seliganolixo.wordpress.com/por-que-o-lixo-e-um-problema/tipos-de-lixo/>>. Acesso: 25 abr. 2014.

O texto *O lixo* faz parte do conteúdo de um site que aborda o problema. Para essa atividade, ele foi adaptado para trabalharmos junto com os alunos, dividindo-o em três partes de acordo com subtemas diferentes. Entregamos cada subtema a um grupo de alunos. O grupo 2, representado nesta pesquisa, ficou responsável pela parte 1, que trata dos tipos de lixo.

A primeira parte do texto-fonte conceitua inicialmente o termo lixo e, em seguida, afirma que o aumento do lixo é responsável pelos problemas ambientais, assim como no primeiro texto-fonte, apresentando como causas desse aumento o crescimento populacional e o consumismo desnecessário. Logo após, o texto apresenta dados concretos sobre a quantidade de lixo produzida por dia no país e o destino dado a ele. Posteriormente, conceitua vários tipos de lixo, como doméstico, hospitalar, industrial, nuclear, agrícola e tecnológico. Por fim, a parte 1 do texto classifica o lixo como orgânico e inorgânico, descrevendo cada um deles.

Quadro 14 – Resumo do grupo 2 (escrito pelos alunos, a partir do 2º texto-fonte– parte 1)

O lixo – Parte I: Tipos de lixo

1 A parte do leitura do citado texto “O Lixo”,
 2 Nossa total atenção foi voltada para a quantidade
 3 e os tipos de lixo produzido em áreas diferentes,
 4 Mas como será o tratamento desses produtos usados
 5 em nosso dia-a-dia?
 6 O lixo domesticos (papeis, vidros e plasticos)
 7 diariamente são levados a aterros o céu aberto,
 8 quando não reciclavel.
 9 Um dos mais “lembrados” é o lixo nuclear, é
 10 aquele que envolve a radiação desde usinas nucleares
 11 o exames clinicos, esses lixos radioativos são perigosos para
 12 a maioria das formas de vida e ao ambiente, e é
 13 regulado por organizações governamentais de maneira
 14 o que possa ser protegida o saúde humana e o
 15 ambiente.
 16 O Brasil estar no rank dos países que mais
 17 produzem lixo, no Brasil são produzidas, diariamente,
 18 cerca de 240 mil toneladas de lixo. Sendo que a cidade
 19 de São Paulo é o que mais produz lixo no pais, com
 20 cerca de 19 mil toneladas por dia. Todo esse lixo
 21 que é produzido no Brasil só 2% dele vai para
 22 compostagem e reciclagem esses são números alarmantes.
 23 devemos diminuir o quantidade de lixo
 24 produzido para conservar o meio ambiente
 25 que vivemos.

Fonte: Autoria própria

O grupo 2 inicia o seu resumo relatando que o que mais chamou a atenção do grupo no referido texto foi a quantidade e os tipos de lixo produzidos (linhas 2 e 3). Em seguida, indaga sobre o tratamento dado ao lixo, e respondem à questão exemplificando com o destino dado ao lixo doméstico, afirmando que “são levados a aterros o céu aberto”. No parágrafo seguinte (linhas 9 -15), o grupo chama a atenção para o lixo nuclear, conceituando e relatando sobre a cautela que deve ser dada a esse tipo de lixo. No último parágrafo, mais uma vez, a quantia de lixo produzida chama a atenção dos alunos. Dessa vez, eles apontam os números que constam do texto-fonte, como em “cerca de 240 mil toneladas de lixo” (linha 18) são produzidas no Brasil.

Ademais, o grupo 2 acrescenta um dado que não aparece no texto-fonte, quando faz menção à cidade de São Paulo, afirmando que essa cidade é a que mais produz lixo, “cerca de 19 toneladas por dia” (linha 20), e ainda que de todo o lixo produzido no país “só 2% dele vai para a compostagem e reciclagem” (linhas 21 e 22). Ao serem apresentados esses dados oralmente para o restante da turma, questionamos o grupo sobre qual seria a fonte dessas

informações acrescentadas ao resumo do grupo, e obtivemos como resposta que o grupo havia pesquisado na internet sobre a produção do lixo e encontraram esses dados em um site⁹ de pesquisa. A fim de confirmar se os dados eram verídicos, em um novo momento, fizemos a pesquisa e constatamos que, de fato, havia essa informação no referido site. Fizemos ainda pesquisa em outros sites¹⁰ e obtivemos os mesmos números apresentados pelo grupo. Finalmente, o grupo 2 concluiu acrescentando ao seu resumo a importância de diminuirmos a produção do lixo para a conservação do meio ambiente (linhas 23-25).

É importante ressaltar que os resumos escritos e lidos pelos grupos e comentados pelos demais alunos presentes na sala de aula faziam parte de um momento de atividades de estudo dos textos-fonte, que tinham o propósito de que todos compartilhassem as novas informações, para que estas pudessem ser aproveitadas na reescrita da versão seguinte.

Para possibilitar essa troca de informações, deixamos livre o espaço para reflexões acerca do tema, proporcionando a interação entre os alunos. Além das observações feitas pelos próprios alunos, resolvemos ampliar ainda mais a discussão sobre o tema. Para isso, em mais uma atividade, questionamos os alunos sobre alguns tópicos que constavam dos textos-fonte trabalhados em sala de aula. Como exemplo, podemos destacar algumas das questões feitas aos alunos:

- 1) O que é o lixo, quais os tipos de lixo e quais podem ser reciclados;
- 2) Quais os principais problemas causados pelo excesso do lixo à saúde, ao meio ambiente e à sociedade que produz esse lixo;
- 3) Qual é a importância da destinação correta dada ao lixo e o que pode ser feito para contribuir com a coleta de lixo;
- 4) Se existe algum responsável pela produção em excesso do lixo ou pelo destino dado a ele;
- 5) Qual é a associação do crescimento urbano e econômico ao aumento do consumo e ao impacto socioambiental causado pela produção do lixo;
- 6) O que pode ser feito para amenizar o volume de lixo ou os problemas causados pelo seu excesso.

As respostas orais, dadas pelos alunos, para as respectivas questões não constam deste trabalho porque foram dadas em forma de conversa, e tinham apenas o propósito de ser

⁹Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/ecologiasaude/lixo.htm>>, indicada pelo grupo 2 e constatamos que a informação fornecida pelo grupo era verídica. Acesso em: 30 abr. 2014.

¹⁰Disponível em: <http://www.bio3consultoria.com.br/?page_id=344>, <<http://geoconceicao.blogspot.com.br/2011/03/problema-e-solucoes-com-o-destino-do.html>>. Acesso em: 30 abr. 2014. Essas fontes também compartilhavam dos mesmos dados apresentados pelos alunos.

mais uma atividade para que os alunos apreendessem as informações às quais tiveram acesso, servindo assim para esmiuçar ainda mais o tema, de forma que o aluno refletisse sobre as informações que eles poderiam acrescentar aos seus textos.

Pretendemos, com todas essas questões, direcionadas à reflexão do aluno, encaminhar a etapa seguinte, ou seja, a reescrita dos textos, e contribuir para tornar a produção do aluno menos previsível e também para que ele exponha dados mais significativos para a compreensão do seu texto pelo leitor, aspectos estes que compõem a informatividade textual e que auxiliam para o desenvolvimento do aspecto formal e conceitual das produções que serão reescritas.

Entretanto, percebemos a necessidade de delimitarmos o tema “Lixo”, uma vez que é um assunto muito amplo, o que pode desnortear o aluno a respeito do que escrever, pois existem inúmeras possibilidades de se tratar desse assunto, ou seja, entendemos que ficaria mais fácil para o aluno escrever sobre o tema se delimitássemos um ponto de partida e/ou final para a proposta de escrita. Optamos, então, por especificarmos o assunto abordado pelo tema, de maneira que o aluno se sentisse mais seguro tanto para discorrer sobre o assunto quanto para propor possíveis soluções para o problema do lixo.

Partimos dos textos dos próprios alunos para delimitarmos o tema, e observamos que vários deles mencionavam a importância de “termos consciência”, como podemos comprovar no trecho do texto de PS, quando afirma que “Nos temos que ser conscientisa e que o lixo e uma coisa que tem jeito então nunca coloque lixo na rua bote nos locas apropriados para melhora nossa sidade” (linhas 10-12). Conforme observamos, PS menciona sobre nos conscientizarmos para darmos ao lixo o destino adequado, mas não diz qual seria.

Assim como PS, muitos dos alunos não conseguem ir além do termo “consciência” e não explicam que tipo de consciência seria essa, ou de que maneira isso traria uma solução para o problema. Porém, entendemos que mesmo o aluno não conseguindo explicar esse termo, ele tem certa noção do que diz, pois se trata de um “clichê” muito utilizado em nossa sociedade. No caso do lixo, compreendemos que, ao usarmos o termo consciência, estamos nos referindo não apenas a conhecermos os nossos direitos e deveres como ainda a praticá-los, o que quer dizer que devemos agir para solucionar o problema. Por isso, resolvemos adotar o tema “Lixo, questão de cidadania e responsabilidade social”, visto que tanto a cidadania quanto a responsabilidade estão relacionadas com os nossos direitos e deveres, como cidadãos que somos.

Para que os alunos se apropriassem dos tópicos acrescentados ao tema anterior, planejamos para o próximo momento colocá-los em contato com os termos “cidadania” e

“responsabilidade social”. Iniciamos, assim, mais um momento de atividades para levarmos mais informações para os alunos. Entretanto, dessa vez, tratamos dos novos termos.

Começamos a atividade questionando os alunos sobre o que eles conheciam a respeito dos termos cidadania e responsabilidade social. Fomos escrevendo no quadro as respostas dadas pelos alunos para cada um dos termos, reproduzimos no Quadro 15 a seguir as respostas mais recorrentes:

Quadro 15 – Resposta dos alunos à atividade

Para vocês o que significa:	
Termo	Respostas dos alunos
a) Cidadania	• É o direito de votar; • É quando tem o título de eleitor; • É a carteira de identidade; • É o direito que cada um tem nas leis.
b) Responsabilidade social	• É a obrigação de votar; • É o dever que cada um tem; • É cumprir com os seus deveres;

Fonte: Autoria própria

Podemos, assim, constatar, pelas respostas orais dadas pelos alunos em sala de aula, que eles detêm certo conhecimento prévio sobre os termos cidadania e responsabilidade social, pois os nossos direitos estão relacionados com a cidadania, bem como faz parte de nossa responsabilidade cumprir com os nossos deveres. Porém, a maior parte dos alunos relaciona o termo “cidadania” ao direito de votar ou ao direito de um registro documental. Enquanto que a “responsabilidade social” é referenciada como uma obrigação, um dever que todos temos de cumprir. Constatamos, de acordo com as respostas reproduzidas no quadro, que mesmo os alunos conhecendo de certa forma os termos expressos, esse conhecimento é limitado. Essa percepção justifica as atividades trabalhadas a seguir para ampliar o conhecimento dos alunos também sobre ambos os termos.

4.6.1.7 Vídeo 5 (documentário): “Cidadania – o que eu tenho a ver com isso?” (2011)

Após dialogarmos com os alunos sobre o que seria cidadania e responsabilidade social, iniciamos, no momento seguinte, uma nova atividade, na qual apresentamos para os alunos vídeos que trouxessem mais informações sobre esses dois termos. Para tanto, expomos o seguinte material:

Vídeo 5 (documentário): “Cidadania – o que eu tenho a ver com isso?” (2011) é um vídeo educativo produzido pelo Telecurso – Ensino Médio, direcionado à disciplina de Sociologia, com o apoio da Fundação Roberto Marinho.

Figura 9– Vídeo educativo



Fonte: Disponível em: <<http://educacao.globo.com/telecurso/videos/ensino-medio/t/sociologia/v/telecurso-ensino-medio-sociologia-aula-03/1291713/>>. Acesso em: 8 maio 2014.

Abordamos o vídeo “Cidadania: o que eu tenho a ver com isso?” na perspectiva de que o aluno compreenda que a cidadania vai além do direito de votar, pois o vídeo mostra que, junto com os direitos, também vêm os deveres para todos e que o exercício de nossos direitos depende também do cumprimento dos nossos deveres, evidenciando que é dever do cidadão respeitar o próximo, pois nossos direitos terminam onde começa o direito do outro. Ainda denota sobre o que é política e a importância que ela tem na vida das pessoas; a importância de participarmos do meio em que se vive, considerando a segurança, moradia, saúde e educação. O vídeo ressalta que ser cidadão de um país não é só ter seus direitos reconhecidos pelo Estado mas também reconhecer as práticas sociais e culturais de nossa sociedade e ter consciência de que devemos participar da construção e da evolução dessa sociedade, exercendo a nossa cidadania.

4.6.1.8 Vídeo 6 : “Cenários: o que (não) é responsabilidade social?”

Vídeo 6: “Cenários: o que (não) é responsabilidade social?” foi produzido pela Equipe Bigorange (2012), com direção de Bárbara Duarte e Simoni Helfer.

Figura 10 – Vídeo sobre responsabilidade social



Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OLe77z50Xs8&spfreload=10>>. Acesso em: 8 maio 2014.

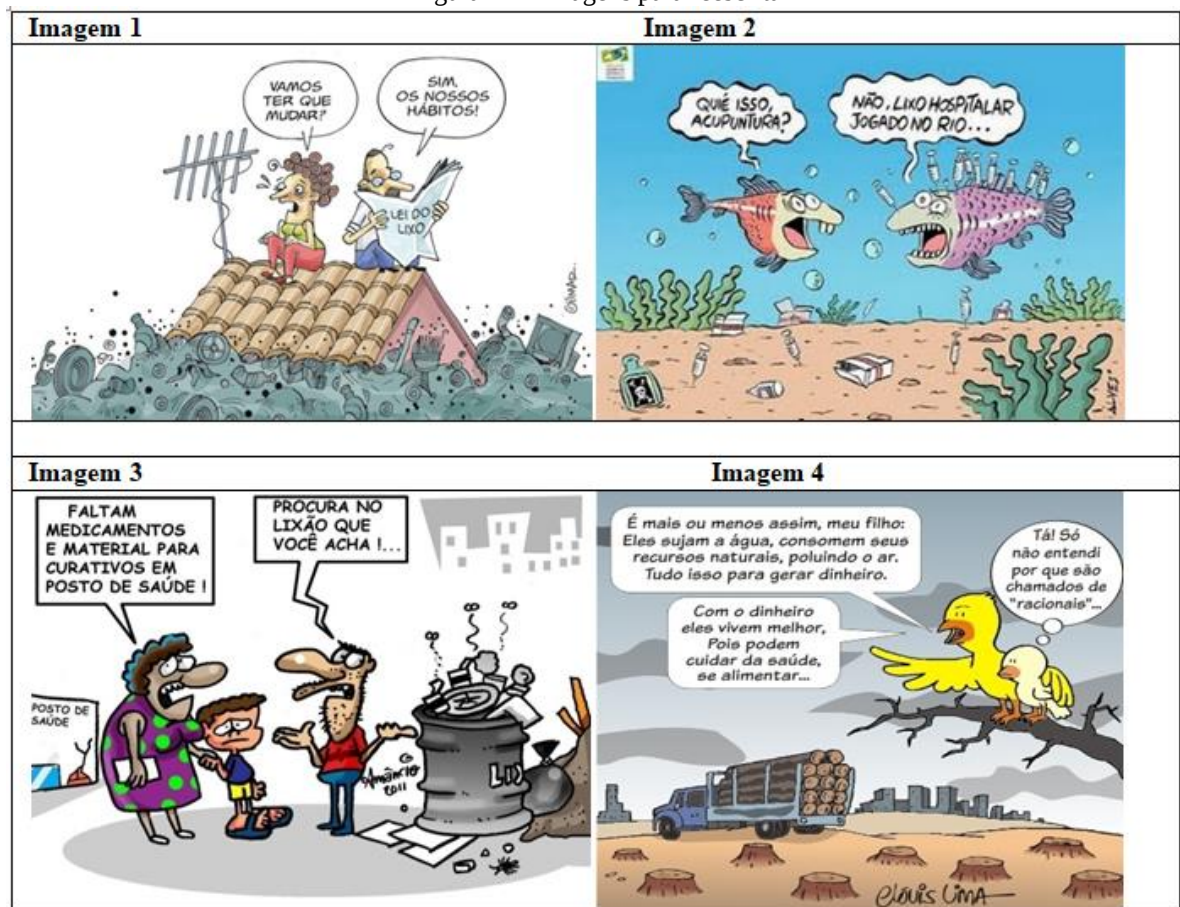
Apresentamos o vídeo “Cenários: o que (não) é responsabilidade social?” para os alunos com o intuito de que eles percebessem que a responsabilidade social vai além do que eles pressupõem. Conforme observamos, para os alunos, o termo representa a obrigação de votar, ou simplesmente o dever que cada pessoa tem, sempre com um sentido muito individual. Porém, o vídeo mostra outros conceitos que vão além da obrigação de um indivíduo, expressa a responsabilidade do coletivo diante da nossa sociedade, nesse caso, das empresas, tratando de forma interativa a realidade e os princípios das empresas que atuam na nossa sociedade. O vídeo desenvolve uma breve história, desde a empresa socialmente atuante na comunidade até os membros dela, e como absorvem e lidam com essa situação. Também estabelece uma linha interessante de comparação entre o que é responsabilidade social e o que não é. De acordo com o politicamente correto, as empresas deveriam trabalhar conscientes do serviço que prestam, deixando de visar somente aos lucros. Porém, conforme o vídeo, na realidade atual, existe uma grande diferença entre saber o que é, e executar o politicamente correto.

Após a apresentação dos vídeos 5 e 6, explicamos para os alunos que eles se relacionam com todo o estudo feito acerca do tema lixo (como os vídeos 1, 2, 3 e 4; os textos

impressos; os questionamentos e os diálogos proporcionados em sala de aula), uma vez que buscar soluções para o problema do tema proposto é um dos nossos deveres como cidadãos e também é responsabilidade de toda a sociedade, inclusive das grandes empresas (conforme exposto no vídeo 6).

Acrescentamos ainda às atividades proporcionadas anteriormente a exposição de textos imagéticos, os quais traziam à tona imagens sobre os problemas relacionados ao lixo e as implicações relativas ao tema, com o propósito de estimular os alunos a mais um diálogo, em mais uma atividade que colabore para o seu desenvolvimento. Além do mais a apresentação das imagens é uma forma de chamar a atenção para dados ou comentários que algumas vezes podem ter passado despercebidos nos textos escritos, ou nos vídeos apresentados, expondo, dessa maneira, outras informações relevantes que implicam a construção da (re)escrita. Assim sendo, expomos os seguintes cartuns:

Figura 11 – Imagens para reescrita



Fonte: Disponível em: <<http://www.reciclagemnobrasil.com/o-que-e-lixo-hospitalar-e-o-que-fazer/>>. Acesso em: 8 maio 2014.

Ao expormos as imagens fizemos interpretação, juntamente com a turma, a partir da leitura oral tanto das imagens quanto do texto escrito que as compõe. Os alunos, por sua vez, demonstraram suas impressões e observações sobre as figuras.

Logo em seguida, expandimos o diálogo, orientando-os que relembassem de todas as informações que constavam dos vídeos, textos e imagens. Requisitamos então que eles as relacionassem esse conteúdo ao conhecimento que já detinham antes das oficinas. Solicitamos, portanto, que eles tentassem associar o tema “lixo” aos tópicos “cidadania” e “responsabilidade social”. Finalmente, explicamos para a turma que o estudo que fizemos sobre os temas e o resultado da associação destes seria o responsável por fomentar a nova etapa, ou seja, o conhecimento adquirido nas oficinas guiaria a reescrita da próxima versão.

4.6.2 Segunda produção: reescrita após oficinas de intervenção

Ao realizarmos as diversificadas oficinas de intervenção dessa etapa (nas quais tentamos atuar como agente mediador no processo de ensino/aprendizagem da produção de textos), tivemos como objetivo proporcionar o desenvolvimento da informatividade na produção textual do aluno. Isso quer dizer que, buscamos promover a expansão de seus conhecimentos, conforme o tema proposto, a partir das novas informações adquiridas nessas oficinas que permitiram a construção de um pensamento mais sólido para que os alunos reescrevessem os seus textos, sendo capazes de aperfeiçoá-los, tornando-os significativos para o leitor.

Iniciamos, assim, essa etapa devolvendo para a turma a primeira produção textual e solicitando que cada aluno analisasse o seu texto, comparando as informações apresentadas por eles em sua primeira versão e as que lhes foram transmitidas a partir de oficinas de intervenção. A nossa expectativa era de que eles percebessem o que poderiam acrescentar, modificar ou excluir no seu texto, ou ainda explicar algum dado/informação que facilitasse a compreensão do texto pelo leitor, aproveitando as informações relevantes coletadas do material informativo.

Estando os alunos embasados pelo estudo da etapa anterior, orientamos para que reescrevessem os seus textos de acordo com a seguinte proposta de escrita para a segunda versão:

➤ Redigir um texto dissertativo, contemplando de 15 a 20 linhas, de acordo com a norma padrão da língua e que aborde o tema “Lixo, questão de cidadania e responsabilidade social”. Fica a critério do aluno manter/alterar o título do texto anterior.

O processo da refacção do aluno teve como proposta o mesmo tema da primeira produção textual, *lixo*. Porém, o recorte para essa nova etapa passou a ser mais específico: Lixo – questão de cidadania e responsabilidade social. Delimitamos esse tema com a intenção de que não ficasse tão amplo, permitindo ao aluno articular melhor as suas ideias.

Na nova produção, o aluno contou com a nossa intervenção. Desse modo, orientamos todo o processo de refacção textual. O nosso propósito era de que a reescrita acontecesse de forma mais reflexiva, pois acreditamos que os alunos iriam refazer os seus textos, sendo capazes de perceber a necessidade de acrescentar uma nova informação ou apresentar dados mais concretos sobre o que já existia em seu texto, resultando em um texto com um bom índice de informatividade ao final da reescrita.

Nessa etapa, assim como na primeira, não abordamos um gênero específico ou sequência textual. Optamos por deixar livre a escrita do aluno, sem impor um padrão ou estrutura fixa, pois o nosso estudo para esse momento está centrado no campo da pragmática, mais especificamente voltado à informatividade textual.

Coletamos, então, a segunda versão dos textos e esta, bem como a primeira e as versões seguintes, foi objeto de estudo acrescentado ao corpus desta pesquisa, por isso fotocopiámos todos os textos escritos pelos alunos, para que pudéssemos devolver a versão original para cada um deles.

Analisamos os textos produzidos pelos alunos, a fim de averiguarmos se há coerência na nossa hipótese, a de que a partir da ação interventiva mediada pelo professor haverá acréscimo de informatividade no texto (re)escrito pelo aluno. Ou seja, investigamos se houve progresso ao comparar a 1ª com a 2ª versão, quanto ao aspecto da informatividade textual e se a intervenção do professor é pertinente para o desenvolvimento da escrita desse aluno.

4.6.2.1 Segunda versão – uma escrita embasada teoricamente

Para analisarmos a segunda versão, faz-se necessário retomarmos o nosso objetivo para essa etapa: analisar/descrever o desenvolvimento da informatividade na produção textual dos alunos do 9º ano, a partir da comparação entre os textos escritos sem/com a intervenção pedagógica. Assim, a segunda versão tem como base comparativa a primeira versão, assumindo também os mesmos critérios estabelecidos na análise da produção inicial.

Isso quer dizer que utilizamos para esse fim os dois critérios estabelecidos por Costa Val em seu estudo (1991) para a análise da informatividade na produção textual – a imprevisibilidade e a suficiência de dados –, elementos essenciais em um texto para se atingir

um bom índice de informatividade, ou seja, para que seja aceito pelo recebedor. A autora considera que um texto muito previsível ou que extrapole a imprevisibilidade não interessa ao leitor, ou ainda, um texto, para que seja compreendido, é necessário que apresente informações/dados que facilitem a sua compreensão.

Nessa análise que faremos dos textos dos alunos, para compararmos as duas versões, também é preciso averiguar o que o aluno conseguiu apreender a partir da intervenção. Uma forma de fazer isso é delimitar o conhecimento prévio do aluno e o conhecimento que ele adquiriu nas oficinas trabalhadas em sala de aula.

Para distinguirmos o conhecimento prévio do conhecimento adquirido pelo aluno, utilizamos os critérios estabelecidos por Koch e Elias (2012, p.37) no intuito de definir o tipo de conhecimento. Segundo as autoras, ao escrevermos, recorremos a conhecimentos armazenados em nossa memória, que estão relacionados à língua, ao saber enciclopédico e às práticas interacionais. Ainda conforme as autoras, os tipos de conhecimentos são determinados de acordo com as atividades de linguagem/mundo/práticas sociais em que nos envolvemos, podendo ser classificadas como: conhecimento linguístico (demanda da convenção da escrita – segundo a ortografia, gramática ou o léxico da língua), conhecimento enciclopédico (remete ao conhecimento prévio/de mundo do produtor/leitor do texto); conhecimento de texto (o produtor recorre ao conhecimento do gênero/sequência textual ou a intertextualidade – presença de um texto em outro), e conhecimento interacionais (recorre às práticas constituídas histórica e culturalmente – como reconhecer o propósito pretendido ou selecionar uma variante linguística de acordo com a situação de interação).

Sob uma perspectiva interativista, ao escrevermos, ativamos simultaneamente vários tipos de conhecimentos. Nesse caso, para averiguarmos o tipo de conhecimento ao qual o aluno recorreu selecionamos dois deles: o conhecimento enciclopédico e o conhecimento de texto. Para tanto, elegemos como critérios os fatores de imprevisibilidade e suficiência de dados a fim de analisarmos se aluno foi capaz de atingir um nível mediano de informatividade em sua segunda produção textual.

Reiteramos que os textos foram transcritos conforme produzidos pelos alunos, ou seja, mantivemos ortografia, gramática, número de linhas, de parágrafos, entre outros fatores, utilizados pelos alunos em seus textos. Também não foram analisadas, nessa segunda versão, questões conceituais ou formais, posto que nosso objetivo é analisar o fator da informatividade textual.

4.6.2.2 *Análise da segunda produção– um olhar voltado à informatividade*

Após realizarmos a intervenção pedagógica, os alunos produziram a segunda versão de seus textos partindo da proposta de escrita já mencionada e tendo como base a primeira versão. Para critérios de análise, nomeamos o conjunto de textos da versão dois de bloco B. Dessa forma, a análise da segunda versão também teve como parâmetro a primeira produção textual do aluno, que serviu para comparar o nível de informatividade presente em seu texto, a partir dos fatores de imprevisibilidade e suficiência de dados. A análise comparativa entre as duas versões também serviu para averiguar o tipo de conhecimento – enciclopédico ou de texto – que o aluno empregou na refacção de seu texto, uma vez que, em sua segunda produção, os alunos tiveram como fonte todo o conteúdo trabalhado durante as oficinas descritas no Módulo 1.

Para representarmos a análise feita nas produções textuais do bloco B, optamos por expor os textos dos mesmos alunos que foram analisados no bloco A. Assim, poderemos comparar o desenvolvimento da informatividade entre as versões 1 e 2. Por isso, trouxemos novamente o texto 1 da primeira versão para junto do texto 2, com o propósito de facilitar a comparação entre os dados das duas versões.

4.6.2.3 *Análise comparativa da informatividade entre as versões 1 e 2 do aluno PS.*

Quadro 16 – Análise comparativa de primeira e segunda versão

Primeira versão de PS
Lixo no nosso cotidiano

1 Nos dias de hoje e as cidades estão cada vês maiores, não tem onde
 2 colocar o lixo todos os locais apropriados estão com uma capacidade muito
 3 pouca para a quantidade de abitantes na terra, na maioria das veses a
 4 população queima o lixo.

5 Para diminuir o lixo tem uma maneira que e recicla, tem pessoas que
 6 sobrevive da reciclagem, eles catam coisas que da pare reaproveita como
 7 latinas, garrafas, plástico e outras coisas.

8 Para melhora a quantidade de lixo nos temos que recicla e reaproveita
 9 para não coloca na atmosfera.

10 Nos temos que ser consientisa e que o lixo e uma coisa que tem jeito
 11 então nunca coloque lixo na rua bote nos locas apropriados para melhora
 12 nossa sidade.

Segunda versão de PS
Lixo no cotidiano

*1O lixo, nos humanos produsimos varias toneladas de lixo. Mais tem
 2 varias opesões de reciclagem, mas para a gente recicla nos temos que fase o
 3 primero passo que e em casa a separação do lixo, colocar lixo orgânico no
 4 resipiente que porsa se despejado em adubos, o lixo de casa nos colocamos
 5 uma parte para a reciclagem e outra para os lixeros perga.*

*6 Nos temos diretos e deveres, primero passo e ser um cidadão bem com
 7 a sociedade, ter direitos de ter saude, educação, segurança, mas deveres de
 8 paga empostos, ajuda a sociedade.*

*9 Com iso tudo nos podemos diser que somos sidadão, mas termos que
 10 cumpri com a nossa responsabilidade, ajude o proximo.*

*11O pais tem que se mordernisa como fase um sistema de coleta de lixo
 12 subterrânios, e com esse lixo eles fasem gera varias fontes de enegias e
 13 empregos.*

Fonte: Autoria própria

O aluno PS associa, em sua primeira versão, o excesso de lixo ao aumento da população, ou seja, se aumenta o número de pessoas, consequentemente, aumenta a quantidade do lixo. PS recorre a essa informação implícita em sua primeira versão para iniciar a sua segunda produção. Nesta, o aluno também começa expondo sobre o aumento do lixo, porém, apesar de não apresentar um número exato, expressa a quantidade de lixo como um montante capaz de impressionar o leitor quando diz “nos humanos produsimos varias toneladas de lixo” (linha 1). A palavra “toneladas” ganha dimensão de uma informação nova, que não tinha sido apresentada na primeira versão.

Ainda no primeiro parágrafo, ele aborda o fator da reciclagem (linha 2), já mencionado em sua primeira versão. Contudo, ele expõe alguns dados que não constavam da produção anterior e aponta fatores que contribuem para o processo da reciclagem, como em (linhas 2 a 4) “para a gente recicla nos temos que fase o primero passo que e em casa a separação do lixo, colocar lixo orgânico no resipiente que porsa se despejado em adubos, o lixo de casa nos colocamos uma parte para a reciclagem e outra para os lixeros perga”, ou seja, cita dicas que explicam como separar o material que serve para ser reaproveitado e o que vai para a coleta de lixo.

Nas linhas seguintes (6 a 10), PS faz alusão aos novos tópicos acrescentados ao tema para a segunda versão: Lixo – questão de cidadania e responsabilidade social. Entretanto, não relaciona, diretamente, o lixo à questão da cidadania e da responsabilidade social, mas traz para seu texto informações que foram expostas em oficinas durante a intervenção e que seria (implicitamente) uma possível solução para o problema do lixo quando diz que “somos

cidadão, mas termos que cumpri com a nossa responsabilidade, ajude o proximo”. Apesar disso, ainda não explicita se essa ajuda ao próximo se refere a algo amplo, ajuda em outros sentidos, ou a amenizar o problema do lixo.

O aluno finaliza o seu texto (linhas 10 a 13) propondo que o país tem de se modernizar e criar um sistema de coleta subterrâneo para erradicar o problema do lixo, sugere ainda que esse lixo pode ser gerador de “varias fontes de enegias e empregos”(linha 12). O aluno PS acrescentou ao seu texto novas informações. Assim, ele, ao invés de generalizar, como na primeira versão, especifica melhor como se dá a reciclagem, o que não foi possível verificar na primeira versão.

Também, na segunda versão, PS retoma informações da primeira. Dessa vez, de forma mais detalhada, ao explicar como o cidadão pode se conscientizar, a partir de sua participação e as responsabilidades geradas por esse fato. É o que se percebe em “Nos temos direitos e deveres, primero passo e ser um cidadão bem com a sociedade, ter direitos de ter saude, educação, segurança, mas deveres de paga empostos, ajuda a sociedade”. Assim, o texto, por completo, denota as informações que o aluno adquiriu por meio da leitura e da visualização de documentários sobre os assuntos durante as aulas após a primeira produção de textos. Desse modo, em relação à primeira versão, nota-se o acréscimo da imprevisibilidade a partir do uso de informações novas, mas há um prejuízo à informatividade ao se perceber a forma aleatória como essas informações foram inseridas.

Observamos ainda que PS teve certa dificuldade para estabelecer relação entre as novas informações e a sua primeira versão. O que se percebe é que o aluno se vê diante de muitas informações e tenta utilizá-las de forma aleatória, parecendo desorientado em certo momento com tantas informações adquiridas, como podemos observar no trecho em que ele diz que “Nos temos direitos e deveres, primero passo e ser um cidadão bem com a sociedade, ter direitos de ter saude, educação, segurança, mas deveres de paga empostos, ajuda a sociedade” (linhas 6 a 8). Nesse trecho, temos a impressão de que o aluno misturou temas diferentes e de que não há conexão alguma entre esse trecho e o assunto do lixo, a não ser pelo fato de que, no parágrafo seguinte, ele tenta completar o trecho, afirmando que “Com iso tudo nos podemos diser que somos cidadão, mas termos que cumpri com a nossa responsabilidade, ajude o proximo”.

Com isso, podemos inferir que, como cidadãos, temos a responsabilidade de ajudar ao próximo, talvez buscando soluções para o problema do lixo. Mas essa ligação entre os assuntos não está concreta no texto do aluno. Isso evidencia a necessidade de se trabalhar com o aluno um modo de organizar as informações no texto, algo que pode ser feito por meio das

sequências textuais, uma vez que podem estruturar e dar um norte ao texto do aluno. Logo, o que se percebe é que, com a quantidade de informações apresentadas, o aluno se viu na necessidade de empregar tais informações, mas elas estão dispostas de forma desorganizada, no sentido da produção de um gênero textual que contemple uma organização que permita compreender as ideias defendidas pelo autor do texto.

Assim como analisamos e comparamos os textos do aluno PS, utilizamos os mesmos critérios para fazermos análise e comparação entre as versões dos demais alunos. A segunda versão do aluno NC, analisado a seguir, também tem como base a primeira versão, e adota os mesmos critérios da versão anterior para comparar o desenvolvimento da escrita desse aluno, considerando os tipos conhecimentos ativados por ele e se conseguiu manter um nível mediano de imprevisibilidade e ainda apresentar dados suficientes para que o receptor aceite o seu texto.

4.6.2.4 Análise comparativa da informatividade entre as produções 1 e 2 do aluno NC.

Quadro 17 – Análise comparativa das versões 1 e 2 do aluno NC

Texto 1

Lixo nas ruas

1 O lixo causa problemas serios muitos graves, ele nas ruas causa
2 alagamentos, enxentes, famílias perdendo casas por causas de desabamentos
3 de terras. A um ano passou uma novela que apareceu no lixo eles Botando
4 crianças para fazer a reciclagem e no lugar disso elas ganhavam comida e
5 cama de dormir. No Brasil tem fabricas de reciclagem eles pegam garrafas
6 sujas e reciclam, pasarau na televisão que tem um projeto que eles vam no
7 lixo recolher garrafas para fazer uma escolas.

8 A varios tipos de lixos marinhos, terrestres e o pior de todos o
9 eletrónico, tem cidades que é direto a agua Batendo no telhado, eles tentam
10 salva animais.
11 existe o lixo toxico que e muito ruim atingi na respiração da pessoa, em são
12 Paulo do potengi o lixo pra não reciclar eles Botam fogo.

Texto 2

“Lixo – Questão de cidadania e responsabilidade social”

1 O lixo nas ruas causam sérios problemas sociedade. Como
2 desabamentos, alagamento, famílias perdendo casas. No lixo vivem varias
3 famílias porque perderam casas. O lixo em minas gerais vam para a ilhas das
4 flores, que moram um povoado que criam porcos, o lixo organico os porcos
5 comeram, que estam disponiveis para os seres Humanos.

6 Já em Barcelona na espanha, La existe um sistema de coleta
7 subterranea, os lixos vam em tubos direto para os caminhões de reciclagem,
8 que servem para combustíveis, ceras. Cerca de 160 caminhões de reciclagem
9 em Barcelona na espanha pararam de circular pelas ruas por causa dos
10 sistemas subterraneo, responsabilidade social é você pensar no proximo seus
11 netos, filhos e etc. A cidadania depende dos políticos

Fonte: Autoria própria

Assim como na produção escrita pelo aluno PS, o aluno NC produz sua segunda versão após trabalharmos em sala de aula uma ação pedagógica de intervenção, abordando o tema: Lixo – Questão de cidadania e responsabilidade social.

O aluno NC, na segunda versão, aponta os problemas causados pelo lixo, apresentados em sua primeira versão para iniciar a refacção de seu texto. Segundo o aluno, o lixo causa “desabamentos, alagamento, famílias perdendo casas” (linha 2). Essas informações, apresentadas por ele em ambas as versões, evidenciam que o aluno não está alheio aos problemas que o lixo pode causar, demonstrando assim o seu conhecimento enciclopédico acerca do tema, uma vez que se trata de um conhecimento compartilhado pela maioria das pessoas.

Em seguida, NC substitui as informações de seu primeiro texto, vistas por ele em uma novela, pelos dados apreendidos nas oficinas de intervenção, como podemos observar no trecho “O lixo em minas gerais vam para a ilhas das flores, que moram um povoado que criam porcos, o lixo organico os porcos comeram, que estam disponiveis para os seres Humanos”, retirado do documentário *Ilha das flores*, de Jorge Furtado. Entretanto, o aluno demonstrou certa confusão com as informações expostas, inicialmente, porque ele afirmou que o lixo em Minas Gerais vai para a Ilha das Flores – no filme não se fala em Minas Gerais, mas em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul – e depois porque toda a turma foi orientada que a obra se tratava de um documentário reflexivo, mas ainda assim uma obra de caráter ficcional. O lixo que aparece no filme não se localiza exatamente na Ilha das Flores, mas na Ilha dos Marinheiros, banhada pelo Rio Guaíba e localizada no município de Rio Grande, Rio Grande do Sul.

Além disso, os alimentos catados pela população no filme não são os que foram rejeitados pelos porcos, isso foi uma roteirização feita pelo diretor Jorge Furtado considerando aspectos de uma realidade verdadeira, para mostrar que muitas pessoas retiram o seu sustento dos lixões. Assim, não se constitui como um documentário que retrata a vida daquele local, mas evidencia uma realidade social, uma demonstração de como é o funcionamento da sociedade capitalista, na qual só é “gente” quem tem dinheiro. Visto dessa forma, é que o filme poderia ser aproveitado pela turma, como uma maneira de nos fazer refletir sobre a nossa realidade.

No parágrafo seguinte, o aluno também faz menção ao conteúdo trabalhado durante a intervenção. Porém, dessa vez, ele expõe fatos reais e números concretos: “em Barcelona na espanha, La existe um sistema de coleta subterranea” e “Cerca de 160 caminhões de reciclagem em Barcelona na espanha pararam de circular pelas ruas”. Essas informações foram apresentadas em uma reportagem do Jornal Nacional, e mostram possíveis soluções para o destino dado ao lixo na cidade de Barcelona (Espanha). Ao expor esses dados, o aluno fez uso do seu conhecimento de texto (intertextualidade), como também tornou o seu texto mais imprevisível, visto que apresentou informações que a maioria dos leitores desconhece, inclusive ao mencionar que um determinado número (160) de caminhões deixou de circular pelas ruas de Barcelona. Isso fez com que atingisse também o critério de suficiência de dados, principalmente quando resumiu o que seria esse sistema subterrâneo de coleta de lixo: “os lixos vam em tubos direto para os caminhões de reciclagem, que servem para combustíveis, ceras” (linhas 7-8), o que facilita a compreensão do leitor.

NC finaliza o seu texto com novas informações, mencionando que “responsabilidade social é você pensar no proximo seus netos, filhos e etc. A cidadania depende dos políticos”. Nesse caso, mais uma vez, aponta para questões trabalhadas em sala de aula, porém, esses dados ainda não foram suficientes para uma compreensão efetiva por parte do leitor. O aluno não estabeleceu, por exemplo, relação direta dos novos conteúdos (cidadania e responsabilidade social) com o tema principal (lixo), ele poderia, para tanto, associar o trecho “responsabilidade social é você pensar no proximo seus netos, filhos e etc”(linha 10-11) à questão de que, com a solução do problema do lixo, estaríamos contribuindo com as novas gerações, assim seu texto seria mais coerente e não ultrapassaria o critério de imprevisibilidade, já que mudou bruscamente de um assunto para o outro (da coleta subterrânea para conceito de cidadania e responsabilidade social).

Na primeira versão do seu texto, o aluno NC menciona sobre os graves problemas causados pelo lixo, ele relata fatos que são divulgados, principalmente pela televisão, em especial nas novelas, como crianças trabalhando em lixão, o que parece ser comum para ele. Comenta sobre a reciclagem, cita alguns exemplos de lixo e o destino dado ao lixo em sua cidade. Dessa forma, NC traz para seu texto várias informações novas, porém, extrapola o nível de imprevisibilidade, pois ele inicia uma informação e, em seguida, passa a outra de forma inusitada, sem apresentar dados suficientes para uma compreensão da informação anterior.

A segunda versão textual do aluno NC foi produzida após ação interventiva do professor e resultou em um texto diferente do escrito na primeira versão, apresentando informações importantes para a qualidade do texto. NC inicia sua reescrita textual destacando alguns dos problemas causados pelo lixo e suas consequências. Em seguida, apresenta informações que foram trabalhadas na oficina de intervenção, como o destino dado ao lixo em países desenvolvidos, fazendo, inclusive, referência a dados exatos (quantia de caminhões de coleta de lixo que não circulam mais pelas ruas). Além disso, tenta relacionar a questão do lixo à responsabilidade social, porém, poderia ter associado melhor os conteúdos. Mesmo assim, ele abordou os temas trabalhados nas oficinas de leitura, o que confirma que a intervenção do professor foi importante para a ampliação do conhecimento do aluno, possibilitando a produção de textos com um índice melhor de informatividade, uma vez que a produção escrita apresenta, na sua segunda versão, dados mais relevantes para a compreensão do leitor.

Em uma análise geral das produções dos dois alunos, observamos que, no geral, tanto NC quanto PS conseguiram ampliar o seu conhecimento de texto, pois souberam aproveitar as

informações advindas da intervenção, tornando a segunda versão mais imprevisível e com dados mais sustentáveis, logo com um índice mais satisfatório de informatividade. Ainda assim, percebemos a grande dificuldade que os alunos tiveram para organizar as novas informações em seus textos, não apenas NC e PS, mas uma parte relevante da turma do 9º ano na qual intervimos.

Tínhamos como hipótese que ao proporcionarmos aos alunos o contato com as mais diversas informações acerca do tema abordado, eles elevariam o índice de informatividade em suas produções. De fato, constatamos, após análise e comparação entre os textos dos blocos A e B, que os alunos se apropriaram dos dados aos quais tiveram acesso durante a ação interventiva, inserindo essas novas informações na segunda versão. Como exemplificação, destacamos um trecho em que EC, outro aluno, conceitua o termo cidadania afirmando que “cidadania é um conjunto de deveres e direitos” (linhas 12-13) e o associa ao tema lixo ao declarar que o “Direito da gente é ter rua limpa e nosso dever é coletar o lixo de nossa casa e separa-lo para que fique mais fácil para os outros trabalhadores” (linhas 14 a 17). O aluno também faz menção ao termo responsabilidade social e o relaciona ao problema do lixo afirmando que “nós temos que ter responsabilidade social” (linha 18), pois, de acordo EC, “é um dever nosso coletar nosso proprio lixo e separa até pra nós mesmos recicla-ló” (linhas 20 a 23). Dessa forma, o aluno EC, apesar de outros problemas em seu texto, conseguiu relacionar os novos tópicos (cidadania e responsabilidade social) propostos para a segunda versão ao tema (lixo) trabalhado na primeira sua produção.

Percebemos, assim, que EC faz parte de um grupo que conseguiu associar esses conteúdos, verificamos, porém, que outra parte dos alunos se perdeu diante de tantas informações e acabou não conseguindo organizá-las em seu texto. Em alguns casos, pudemos constatar que o aluno se preocupou tanto em expor os novos dados na sua reescrita, que isso fez com que sua primeira produção, considerada razoável quanto ao nível de informatividade e outros aspectos como a coerência, acabasse sendo prejudicada na reescrita. Como foi o caso do aluno MJT, que apesar de ter feito associação na segunda versão entre o tema e os subtemas, dizendo que “não jogar lixo no chão também é questão de cidadania e responsabilidade social” (16 a 18), ele o fez de forma sucinta, ou seja, não foi além dessa informação. Percebemos que esse aluno se preocupou muito em empregar as novas informações e deixou de lado pontos favoráveis que tinha apresentado na primeira versão, como quando apontou uma solução para o problema do lixo, sugerindo que “no Brasil era pra existir uma lei que multasse as pessoas que jogassem lixo no chão” (linhas 15 a 16). Nesse trecho, MJT surpreende ao propor a criação de uma lei como solução para o lixo, o que

demonstra que esse aluno é bem informado, por estar inteirado de que uma lei pode mudar o comportamento das pessoas, uma vez que podem ser punidas por meio de multas.

Ao apontar uma proposta diferenciada, MJT conseguiu superar a expectativa (imprevisibilidade) do leitor, apresentando informatividade em sua primeira versão. Enquanto que na refacção de seu texto, ele abandona a sua proposta de multar quem joga lixo na rua, e acrescenta apenas que não jogar lixo é questão de cidadania e responsabilidade social, sem explicar o porquê. Nesse caso, o aluno poderia ter associado à proposta da lei a questão da cidadania e da responsabilidade social em sua segunda versão.

A partir não só da análise do texto desse aluno, mas da de outros que se assemelham a esse, constatamos que apresentar ao aluno um leque diversificado de informações não é suficiente para que ele produza um texto com um índice satisfatório de informatividade. Apuramos que ele consegue sim melhorar esse índice ao se comparar a refacção com a primeira produção. Porém, atestamos que não é um consenso entre todos os alunos, pois parte deles permaneceu com dificuldades, não apenas quanto à organização de seus textos mas principalmente quanto ao ato de argumentar ou concatenar os argumentos e informações em sua segunda versão, o que também prejudica o desenvolvimento da informatividade textual.

Comprovamos, ainda, a necessidade de adequarmos a escrita do aluno a um gênero textual que trabalhe as dificuldades encontradas nessa escrita. Pressupomos que isso faz com que o aluno dê um rumo a sua produção, organizando melhor a estrutura e as informações acrescentadas a esse texto. Para elegermos o gênero a ser trabalhado com os alunos em sala de aula, levamos em consideração a sua função social, ou seja, o seu uso em um determinado contexto, pois, para que haja interesse por parte do aluno em aprender/apreender determinado gênero, o estudo deste precisa fazer sentido para ele. Além disso, o professor deve fazer suas escolhas quanto ao gênero textual, bem como elaborar as atividades para se trabalhar esse gênero a partir do objetivo a ser alcançado.

Assim, nós nos propusemos a trabalhar com o gênero artigo de opinião no Ensino Fundamental, mais precisamente no 9º ano – por meio de sequências didáticas (desenvolvidas no Módulo II a seguir) já propostas por Dolz e Schneuwly (2004) que objetivam proporcionar meios dos quais o professor poderá dispor para nortear e dar suporte ao ensino do gênero escolhido.

Elegemos artigo de opinião por ser um texto jornalístico e este, por sua vez, é de grande relevância social (o que não desvaloriza os demais gêneros que circulam em nossa sociedade), pois tem o propósito de formar cidadãos críticos e informados. Optamos trabalhar esse gênero com o 9º ano porque se espera que essa série já tenha habilidades de lidar com

textos mais complexos, confrontar ideias e posicionar-se criticamente. Além disso, esse é um gênero que proporciona ao aluno lidar com sua faculdade de argumentar. É por isso que também abordamos as sequências textuais, em especial, a argumentativa, pois esta, além de compor o gênero proposto, é fundamental para que o aluno perceba sobre a importância de saber argumentar e assim produzir um bom texto.

Reiteramos que não iniciamos a proposta de escrita a partir de uma sequência ou de gênero textual por termos o propósito de compararmos o conhecimento que o aluno detinha sobre o assunto em questão e o conhecimento que ele conseguiu adquirir após a intervenção, e ainda, analisar a sua capacidade de aproveitar esses conhecimentos em uma nova versão textual. Porém, compreendemos a importância de trabalharmos com as sequências e com os gêneros, pois ambos são essenciais para o desenvolvimento do aluno. Portanto, o módulo apresentado a seguir foi elaborado pensando em colaborar para que o aluno refaça o seu texto adequando-o ao artigo de opinião e à sequência argumentativa.

4.7 MÓDULO II: O TRABALHO COM O GÊNERO TEXTUAL

O Módulo didático II está voltado à construção da argumentação na produção textual do aluno, tendo como eixo estruturante do conhecimento o artigo de opinião, com a sequência argumentativa como prototípica. Para tanto, planejamos o Módulo II seguindo a nossa proposta de contribuir para o desenvolvimento da produção textual do aluno, sabendo que cada módulo é utilizado como instrumento para superar os problemas apresentados no seu texto. De início, partimos da análise da segunda versão escrita pelo aluno para orientá-lo em sua próxima etapa. Após análise, constatamos que a ação interventiva foi de grande valia para que o aluno/escritor superasse as expectativas do recebedor/leitor. Observamos que após trabalharmos as oficinas com os alunos, eles conseguiram ampliar o seu conhecimento, ultrapassando o limite do conhecimento enciclopédico (prévio) e apresentando em sua produção o conhecimento de texto (referente à intertextualidade). Esses conhecimentos e outros, de acordo com Koch e Fávero (2006), são ativados pelo escritor ao se recorrer à memória no ato da escrita, por isso, é essencial o contato do aluno com as informações a que, até então, ele não tinha acesso. Houve progresso também na refacção quanto aos aspectos de imprevisibilidade e suficiência de dados, fatores estabelecidos por Costa Val (1991) para se atingir um índice satisfatório de informatividade.

Ademais, um fator interessante observado é que a maioria dos alunos, mesmo evoluindo em sua produção quanto aos critérios analisados anteriormente, teve dificuldade em

estabelecer relação entre as informações de sua primeira produção e as novas informações acrescentadas na segunda versão. Diagnosticamos, ainda, que boa parte dos textos expressava argumentos inconsistentes e informações desconectadas, como podemos verificar no texto do aluno RTRA, quando tenta relacionar os termos cidadania e responsabilidade social ao tema lixo afirmando que são “temos [termos] ótimos para se discuti” (linha 13). RTRA até que consegue associar o termo lixo e cidadania ao conceituar este último e descrever como exemplo para cidadania “o Direito de votar nas eleições em um determinado candidato, e se ele for eleito, exigir as melhorias sociais, e a demanda dos problemas nas sociedades como já citado o lixo”. Porém, não dá continuidade ao seu pensamento, pois não desenvolveu os seus argumentos de forma clara para estabelecer uma relação consistente entre ambos os termos. Além do mais, o aluno conclui o seu texto apenas conceituando responsabilidade como “o dever de arcar com atos, e promessas, feitas seja ele de uma pessoa normal ou um político”, e ainda acrescenta que “também envolve dezenas de aspectos, e políticas de pessoas, sem estabelecer nenhuma relação com o tema proposto (lixo)”.

Fica evidente, assim, a necessidade de trabalharmos com elementos que colaborem, tanto com a organização textual quanto com o desenvolvimento da argumentação. Acreditamos que esses fatores podem ser estabelecidos por meio do artigo de opinião e pela sequência argumentativa. Por isso, selecionados para esse módulo o trabalho com esses conteúdos, com o propósito de solucionarmos os principais problemas diagnosticados na segunda versão textual dos alunos (produzidas no módulo anterior).

Além disso, sabemos também que, para que um texto seja aceito pelo recebedor, é necessário que ele atenda a outros critérios além da informatividade. É preciso que o produtor no ato da escrita recorra a modelos pré-estabelecidos de textos para que estes sejam reconhecidos pelo leitor. Para isso, segundo Koch e Elias (2006, p.43), devemos levar em consideração todos os elementos que entram na composição de um texto (modo de organização), além do conteúdo, estilo, suporte de veiculação e sua função social. Ou seja, o escritor deve recorrer aos conhecimentos que detém sobre um determinado gênero textual e adequá-lo ao seu texto, observando que os gêneros são modelos flexíveis que estão suscetíveis a alterações ao longo do tempo. Fator este que fez com que Bakhtin (2011, p.262) postulasse que gêneros textuais são tipos relativamente estáveis de enunciados. Além disso, os gêneros são determinados pela sua extrema heterogeneidade funcional, pois, de acordo com o autor:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se

diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p.262).

Mesmo estando associados aos modelos pré-determinados de acordo com sua função social, os gêneros podem estar em constante transformação, uma vez que são determinados tanto pela sociedade, que está sempre se reinventando histórica e culturalmente, quanto pela atividade humana, que pela sua multiplicidade também é responsável pela diversidade de gêneros textuais.

Entretanto, para que o produtor seja capaz de acompanhar essas transformações de acordo com um determinado gênero, ou mesmo ter a consciência de qual gênero se adequaria a uma determinada situação de comunicação (oral/escrita), é necessário que esse produtor detenha o conhecimento de texto, visto dessa vez não apenas como um aspecto da intertextualidade (conforme estudado no módulo I) mas também a partir do qual o produtor é capaz de ativar, segundo Koch (2006, p.43), modelos que possui sobre as práticas comunicativas, ou seja, a partir do conhecimento de texto, nessa etapa, o produtor tem de ativar e fazer uso do seu conhecimento sobre gêneros textuais.

Contudo, para compreender o gênero textual, é preciso conhecer os mecanismos que o compõem, entre eles, está a sequência textual, que é analisada por Bonini (2005) de acordo com a noção pragmático-textual delineada por Michel Adam, em seus trabalhos durante o final da década de 1980 e início de 1990. De acordo com a concepção analisada, a sequência textual é vista como:

Um conjunto de proposições psicológicas que se estabilizam como recurso composicional de vários gêneros. O fato de ser linguisticamente estável é que possibilita sua determinação (mais facilmente em relação ao gênero), embora ela também ocorra de modo heterogêneo nas realizações textuais (BONINI, 2005, p.208).

As sequências textuais são utilizadas por Adam (2011), que se vale da ideia de estabilidade de Bakhtin, para defini-las como responsáveis pela estruturação dos gêneros. Essa estabilidade das sequências é pensada seguindo raciocínio prototípico, a partir do qual se reúne o maior número de pistas de validade, que indicam as sequências que compõem os gêneros. Elas também são pensadas a partir dos conceitos de base e tipo de texto e de superestrutura textual. Quanto ao tipo de texto, as sequências textuais são classificadas em: narrativa, argumentativa, descritiva, explicativa e dialogal. Para Bonini (2005, p.210), essas sequências são entendidas como pontos centrais da categorização dos textos e, portanto, como os principais componentes para atividade com textos. Ou seja, para estudarmos um

determinado gênero textual, teremos também de associá-lo à sequência textual prototípica que o compõe.

Reconhecemos, assim, a importância de que o texto esteja atrelado a um determinado gênero e a uma sequência textual, assim como a relevância de trabalhá-los em sala de aula, durante a leitura e a produção de textos com os alunos, pois, a partir de ambos, interagimos no ato das práticas comunicativas. Se não trabalhamos esse conteúdo com os alunos para cooperar com suas produções anteriores, como justificamos anteriormente, foi de forma intencional, pois tínhamos outros propósitos adequados para aqueles momentos.

4.7.1 Aula 3 – A argumentação e o artigo de opinião

Já para esse Módulo II, elaboramos o nosso Plano de Aula voltado especialmente para os mecanismos que compõem a estrutura do texto, gêneros e sequências textuais, com o intuito de contribuir ainda mais para a produção escrita. Nesse processo, diagnosticamos na maioria dos textos dos alunos, na segunda versão, como principais problemas a dificuldade que eles tiveram para: estabelecer uma organização estrutural ao seu texto; estabelecer relação entre as informações; e apresentar argumentos consistentes. Dessa maneira, planejamos a nossa ação interventiva para esse módulo, de acordo com o plano apresentado no Quadro 18, a seguir.

Quadro 18 – Plano de Aula 3

PLANO DE AULA 3	
Escola	Estadual Maurício Freire
Professora	Verônica Alves de Lira
Dados da turma	9º Ensino Fundamental II – Turma: A – Turno: Matutino
Tema da aula	Construindo a argumentação no artigo de opinião, a partir da sequência argumentativa e do tema “Lixo, questão de cidadania e responsabilidade social”.
Objetivos comunicativos	Contribuir para que o aluno desenvolva competências no âmbito da leitura e da produção textual, principalmente no que concerne à capacidade de argumentar e defender pontos de vista, olhando criticamente a realidade que nos cerca. Utilizando para esse fim o artigo de opinião e a sequência argumentativa como prototípica.
Objetivos linguísticos	Proporcionar ao aluno elementos substanciais para que ele seja capaz de: ➤ Conhecer e diferenciar sequências textuais de gêneros textuais; ➤ Conhecer o esquema da sequência argumentativa; ➤ Compreender a importância da argumentação na defesa de um ponto de vista; ➤ Conhecer as principais características, organização textual, e estabelecer uma definição de artigo de opinião; ➤ Organizar as ideias entre as versões 1 e 2 (produzidas pelos alunos) e relacioná-las de forma lógica, de modo a organizar uma terceira versão com argumentos mais claros e coerentes; ➤ Produzir artigo de opinião, observando as características linguísticas, textuais e discursivas do gênero, bem como o tema proposto.
Proposta de escrita para 3ª versão	➤ O aluno deverá redigir um artigo de opinião (15 a 20 linhas), contemplando o tema “Lixo: questão de cidadania e responsabilidade social”. O texto deverá atender a estrutura do gênero; ➤ É essencial que o aluno se posicione diante do tema abordado, apresentando, para isso, argumentos relevantes e coerentes, capazes de fundamentarem seu ponto de vista; ➤ O texto deverá estar de acordo com a norma culta da língua; ➤ O aluno poderá manter/alterar o título do seu texto; ➤ Ao final, o aluno deverá assinar o artigo como “Cidadão Consciente”.
Orientação	A refacção textual (3ª versão) terá como base as informações contidas nas oficinas trabalhadas em sala de aula (diálogos, textos impressos, slides, dentre outras), assim como também servirão de referência para esta etapa as versões produzidas anteriormente pelos alunos (versões 1 e 2).

Fonte: Autoria própria

A sequência didática planejada para esse módulo foi pensada a partir da análise feita da segunda produção escrita pelo aluno, após realizarmos a intervenção de acordo com o

módulo anterior. Na segunda versão, diagnosticamos que os alunos capturaram as informações necessárias para melhorar o índice de informatividade, mas constatamos também que uma parte deles teve dificuldades para relacioná-las ao seu primeiro texto, resultando em certo déficit na segunda versão. Verificamos ainda que alguns desses textos expressavam argumentos inconsistentes, fatores que comprovaram a relevância de se trabalhar a produção textual agregada ao gênero e à sequência textuais. Seleccionamos, então, o artigo de opinião, com o intuito de que a nova versão produzida pelo aluno apresentasse um texto mais eficiente, capaz de sanar os problemas mencionados. Entretanto, iniciamos a sequência didática a partir da sequência textual (argumentativa) que atravessa o artigo de opinião, para, em seguida, trabalharmos de fato com esse gênero. Para tanto, abordamos os procedimentos metodológicos detalhados no Quadro 19.

Quadro 19 – Fases de produção do artigo

Fase	Procedimentos metodológicos	Duração	Material	Avaliação
1ª Fase (oral): Trabalhando a sequência argumentativa: 1.1 Entendo melhor a argumentação 1.2 Estabelecendo relações entre a tese e seus argumentos	Por meio de diálogo, verificar o conhecimento prévio que os alunos têm do verbo argumentar (anotar no quadro as opiniões sugeridas); Perguntar o que acham que seja necessário para argumentar e qual o objetivo de quem argumenta; Enfatizar que a linguagem é essencialmente ARGUMENTATIVA; Apresentar (através de slides) de forma mais teórica diferença entre sequências e gêneros textuais, e recursos da sequência argumentativa.	1h e 40 mim.	Quadro branco; caneta para quadro; projetor multimídia; e notebook.	Será diagnosticado se o aluno conseguiu atender às competências da sequência argumentativa, a partir do artigo de opinião, para tanto, será analisado, nesta 3ª versão, se o aluno foi capaz de se posicionar claramente sobre o tema; se a ideia está fundamentada em argumentos fortes e se estão bem desenvolvidos; se a linguagem está adequada ao gênero; se o texto apresenta título e se é convidativo,
2ª Fase: Artigo de opinião 2.1 Conhecendo o Artigo de opinião 2.2	Iniciar falando da importância de se conhecer os gêneros textuais, enfatizando o Artigo de opinião. Apresentar slides que contemplem conceitos,	2h e 30 min.	Projetor multimídia e notebook, cópias de textos impressas em folha de ofício, quadro branco e caneta para quadro.	

Identificando a argumentação no artigo de opinião	características, e exemplos de artigos de opinião, para que o aluno tome conhecimento e se aproprie desse gênero; Distribuir para os alunos cópias impressas do texto “Lixo urbano” (de Wagner de Cerqueira e Francisco), e solicitar que eles identifiquem a tese, os argumentos, e o posicionamento do autor, presentes no artigo, anotar respostas no quadro a fim de mostrar como os argumentos se constroem (partindo do uso de elementos linguísticos, como os conectivos).			e, por fim, se o texto como um todo é persuasivo. Esta versão também servirá como referência para a 4ª versão.
3ª Fase: Produção textual da 3ª versão	Orientar os alunos para que reescrevam seus textos, de acordo com a proposta de escrita para a 3ª versão, esta terá como base a 2ª versão, e deverá se adequar ao gênero proposto (artigo de opinião), apresentando elementos típicos da sequência argumentativa, a fim de convencer o leitor de seu posicionamento e argumentos diante da tese.	1h e 40 min.	Quadro branco e caneta para quadro, folhas do tipo ofício e de cadernetas dos alunos em branco para a escrita da 3ª versão pelos alunos.	

Fonte: Autoria própria

Para atender os objetivos propostos pelo Plano de Aula 3, fragmentamos os procedimentos metodológicos descritos anteriormente de forma a compreender o conteúdo a ser trabalhado em sala de aula com os alunos do 9º ano, fracionando em 09 aulas de 50 minutos cada. O cronograma¹¹, apresentado no Quadro 20 a seguir, representa a distribuição dessas aulas.

¹¹ Ao observarmos as datas que compõem o cronograma, verificamos que há um distanciamento entre a aplicação de atividades da sequência didática, proposta pelos Módulos I e II. Esse fator é justificável por ter havido um extenso período de férias e aplicação de outras atividades em sala de aula, que colaboraram para adiarmos a conclusão dos módulos que se seguem.

Quadro 20 – Cronograma: distribuição das atividades desenvolvidas de acordo com o Plano de Aula 3

Data	Nº de aulas – Hora/aula	Atividades desenvolvidas
12/11/14	02 aulas/ 1h e 40min	Roda de conversa com os alunos; Apresentação de conceitos teóricos através de slides que abordem a sequência argumentativa e gêneros textuais.
14, 17, e 19/11/14	05 aulas/ 4h e 10min	Apresentar slides que contemplem conceitos e características de artigo de opinião; Oficina de leitura de textos impressos, debates, produção escrita coletiva, e exposição oral.
21/11/14	02 aulas/ 1h e 40min	Produção textual da 3ª versão.

Fonte: Autoria própria

4.7.2Conhecendo gêneros e sequências textuais

Seguimos o cronograma proposto para ministrarmos a sequência didática dessa etapa. Para tanto, iniciamos a primeira aula do Módulo II sugerindo que os alunos formassem um círculo para que pudessemos dialogar. Em seguida, solicitamos que alguns alunos expressassem o que eles presumiam como significado do verbo argumentar. Esse questionamento tinha o intuito de identificarmos os seus conhecimentos prévios acerca do assunto para que pudessemos dar introdução à sequência argumentativa. Ao passo que os alunos respondiam, íamos registrando as suas respostas no quadro. Destacamos algumas das respostas mais usuais e a inserimos no Quadro 21 a seguir.

Quadro 21– Resposta dos alunos à atividade

Aluno – Resposta
1 – “É quando a gente tem argumentos para convencer alguém”;
2 – “É se posicionar sobre um assunto”;
3 – “É defender o que acredita”;
4 – “É quando a gente apresenta uma solução”

Fonte: Autoria própria

Podemos perceber, com as respostas dadas pelos alunos, que apesar de responderem de forma superficial, eles não estão completamente alheios ao assunto, pois quando o aluno 1 responde que argumentar é “quando a gente tem argumentos para convencer alguém”, ele se refere (mesmo sem base teórica) a um dos propósitos da argumentação, que é, segundo Bonini(2005, p.220), “a construção por um falante de um discurso que visa modificar a visão de outro sobre determinado objeto, alterando, assim, o seu discurso”, ou seja o ato de

argumentar tem como propósito produzir uma mudança de mentalidade/comportamento, provocando dessa forma, a adesão do interlocutor em favor de uma determinada tese (quando o interlocutor não crê ou crê parcialmente na tese defendida pelo locutor).

Nesse sentido, entendemos tese como uma proposição admitida como verdadeira por quem a defende, é a ideia que defendemos, e é também necessariamente polêmica, uma vez que a argumentação implica a divergência de opinião. A esse respeito, o aluno 3 se aproxima bastante dessa ideia, pois ele afirma que argumentar é “defender o que acredita”, demonstrando assim, como o aluno 1, que ele também tem conhecimento prévio sobre o que seja argumentar.

Apresentamos ainda para os alunos as seguintes questões: i) o que eles achavam que seria necessário para se argumentar e ii) qual o propósito de quem argumenta. A partir das respostas dadas, oralmente, pelos alunos e registradas no quadro branco, pudemos obter que para se argumentar é preciso que se apresentem dados, estatísticas e fontes das informações para que o argumento seja aceito. Eles também afirmaram que quem argumenta tem como propósito convencer o outro do seu ponto de vista. Constatamos, assim, que os alunos não estão isentos do que seja o ato de argumentar e, conseqüentemente, a sequência argumentativa. Principalmente por se tratar de uma turma do 9º ano, que começa a ter consciência dos vários tipos de textos.

Enfatizamos também sobre a importância de sabermos argumentar, explicando que a linguagem é essencialmente argumentativa, pois a argumentação é um dos recursos utilizados pelo indivíduo para estabelecer um discurso com outros indivíduos, sendo capaz de influenciá-los, ou seja, é através da argumentação que conseguimos envolver o leitor/ouvinte, impressioná-lo, convencê-lo e persuadi-lo para que ele acredite em nossa tese. Ademais, ressaltamos que ela é direcionada a um público-alvo pré-estabelecido, o que definirá o tom do discurso.

Em seguida, explicamos para os alunos que a argumentação perpassa por diversos tipos de textos com os quais nos deparamos em nosso cotidiano. Por isso, a importância de conhecer essa estratégia, de sabermos quais são os textos que podem fazer uso desse recurso e de que maneira ela contribui para a organização textual. Ainda explicamos que antes de nos aprofundarmos nesse tipo de texto, era preciso que eles compreendessem a diferença entre os tipos de textos e os gêneros textuais. Sabemos que alguns termos utilizados neste estudo são nomenclaturas mais comuns na esfera acadêmica, por isso, ao trabalharmos esse conteúdo com os alunos do 9º ano, demos preferência à terminologia “tipos textuais” ao invés de “sequências textuais”.

Para darmos início à apresentação de conceitos, de características e alguns exemplos de tipos textuais e gêneros textuais, e as principais diferenças entre ambos, começamos com uma atividade reflexiva, solicitando aos alunos que respondessem às questões apresentadas no Quadro 22.

Quadro 22 – Questões propostas para atividade

Respondam de acordo com o que vocês pensam, sem recorrer a fontes externas:

- a) O que são os tipos textuais?
- b) O que são gêneros textuais?
- c) Existe diferença entre gêneros e tipos textuais? Se existe, qual é?
- d) O que os gêneros textuais podem ter a ver com o contexto social de circulação dos textos?

Fonte: Autoria própria

Após apresentação dessas questões, a maioria dos alunos permaneceu em silêncio, alguns até se arriscaram a responder e/ou a dar exemplos de alguns gêneros, mas sempre sem distinguir tipos de gêneros textuais. Então, propomos a atividade seguinte, que pode ser vista na Figura 12.

Figura 12– Atividade proposta

Leiam os textos a seguir e apontem a que gênero textual eles pertencem.

Alugue um carro na Unidas e faça seu dia mais feliz!



**Carro básico
4 portas
Toca CD
Proteção inclusa
Km livre
...e mais nada!**

R\$ 80,00

Av. Nações Unidas 23-87 - Bauru - SP
Fone.: (14) 3234 4800 - Plantão: (14) 3011 7569

unidas
RENT A CAR

a)

Medicamento Anvisa®

Paracetamol

APRESENTAÇÕES

Comprimidos revestidos de
- 500 mg em embalagem com 20 ou 200 comprimidos.
- 750 mg em embalagem com 20 ou 200 comprimidos.

USO ORAL

USO ADULTO ACIMA DE 12 ANOS

COMPOSIÇÃO

Medicamento Anvisa® 500 mg:
Cada comprimido revestido contém 500 mg de paracetamol.
Excipientes: ácido esteárico, amido pré-gelatinizado, hipromelose, macrogol e povidona.

Medicamento Anvisa® 750 mg:
Cada comprimido revestido contém 750 mg de paracetamol.
Excipientes: ácido esteárico, amido pré-gelatinizado, hipromelose, macrogol e povidona.

1. PARA QUE ESTE MEDICAMENTO É INDICADO?

Medicamento Anvisa® é indicado para o tratamento de febre e de dores leves a moderadas, de adultos, tais como: dores associadas a gripes e resfriados comuns, dor de cabeça, dor de dente, dor nos ossos, dores associadas a artrites e cólicas menstruais.

2. COMO ESTE MEDICAMENTO FUNCIONA?

Medicamento Anvisa® reduz a febre atuando no centro regulador da temperatura no Sistema Nervoso Central (SNC) e diminui a sensibilidade para a dor. Seu efeito tem início 15 a 30 minutos após a administração oral e permanece por um período de 4 a 6 horas.

b)



c)

NOEL, QUERIDO,

NO PRÓXIMO DIA 24 VOU OFERECER UMA CEIA PARA ALGUNS AMIGOS EM MINHA CASA, "EN PETIT COMITÉ". EU ADORARIA PODER CONTAR COM A SUA PRESENÇA. E, SE VOCÊ QUISER TRAZER UM PRESENTE PARA A ANFITRIÃ, NÃO VOU ME IMPORTAR, PELO CONTRÁRIO, ATÉ DOU UMA SUGESTÃO: VOCÊ JÁ VIU A NOVA LINHA DE MONITORES DE PLASMA DA GRADIENTE? É UM MUST! DESIGN CLEAN, TECNOLOGIA DE ÚLTIMA GERAÇÃO. FICARIA O MÁXIMO AO LADO DAS MINHAS OBRAS MODERNISTAS. APENAS UM PEDIDO, QUERIDO. POR FAVOR, NÃO ENTRE PELA CHAMINÉ PARA NÃO ASSUSTAR OS CONVIDADOS. UM BEIJO.

RSVP: COM MINHA SECRETÁRIA.

d)

Ao verem esses textos, as respostas dos alunos foram unânimes, todos disseram que sabiam do que se tratava cada texto exposto e reconheceram cada item, como sendo:

a) Anúncio publicitário;

- b) Bula de remédio;
- c) Quadrinhos;
- d) Carta.

Apontamos, então, para os alunos, alguns dos fatores que os levaram ao reconhecimento de cada um dos textos apresentados:

- As características formais (composicionais);
- O estilo da linguagem e o suporte;
- O contexto (ou esfera social) de circulação;
- A função e os objetivos de cada um.

Frisamos que cada espécie de texto circula em um determinado suporte, que tem seu próprio formato, usa um estilo de linguagem específico, funciona em um dado contexto social, e que essas “espécies” de texto são o que chamamos de *Gêneros Textuais*. Assinalamos que não confundimos, por exemplo, uma bula com uma carta, uma notícia de jornal com uma charge, ou um poema com uma entrevista. Não entramos no consultório e esperamos que o médico nos passe uma receita de bolo, simplesmente porque reconhecemos as características dessas “espécies” de texto, apreendidas na convivência social ou na escola. Sabemos também como cada uma delas funciona socialmente.

Em seguida, externamos para a turma que o gênero textual surge a partir do uso coletivo da linguagem – oral e escrita, pois os membros de uma comunidade linguística vão estabelecendo, no correr de sua história, modos específicos de se dirigirem a determinado público, para alcançarem determinados objetivos ou funções. Ademais, seja qual for o gênero, o texto é sempre constituído por segmentos de natureza e características diferentes, como, por exemplo, segmentos de exposição de ideias, de narração, de descrição, de argumentação, de orientação para a realização de uma ação. Explicamos para os alunos que esses segmentos, reconhecidos pelas regularidades no emprego dos recursos linguísticos, são o que chamamos de *tipos e sequências textuais*.

Enfatizamos também como principais diferenças entre os gêneros e os tipos de textos as seguintes características:

➤ **Os gêneros:** seguem certo padrão, modelos de texto que “têm vida própria”, ou seja, circulam de fato na vida social. São muito numerosos, porque atendem as necessidades comunicativas e organizacionais de muitas áreas da atividade humana, e porque se renovam, ao longo do tempo, em razão de novas necessidades, novas tecnologias, novos suportes.

➤ **Os tipos:** não são textos concretos, não “têm vida própria”. São componentes dos textos e podem aparecer em diferentes gêneros, com exclusividade ou articulados entre si.

Acrescentamos ainda que os tipos são marcados pelo uso característico de certos recursos linguísticos e que podem ser definidos como:

a) **narrativo:** em geral, apresenta verbos no tempo passado e articuladores (também chamados “organizadores textuais”) que expressam relações de tempo.

b) **expositivo:** organiza-se em torno do presente verbal e usa articuladores que indicam relações lógicas (de causa, consequência, condição etc.).

c) **argumentativo:** os textos apresentam uma tese a ser discutida e os argumentos utilizados para concordar ou discordar dela.

d) **descritivo:** tem uma estrutura simples com o verbo no presente ou no imperfeito, um complemento e uma indicação circunstancial de lugar.

e) **instrucional ou injuntivo:** prevalece o modo imperativo, já que se trata de um tipo que organiza textos cujo objetivo é oferecer ao leitor orientação para realizar alguma ação.

Por fim, mencionamos a importância de conhecermos também os suportes textuais da escrita (cartazes, *outdoors*, faixas, livros, revistas, jornais, folhetos publicitários, folhetos religiosos, murais escolares, livros didáticos etc.). Estes são classificados em função do seu formato e de sua função comunicativa.

A justificativa de abordarmos os conceitos e as principais diferenças entre gêneros e tipos de textos na turma do 9º ano se dá, primeiro, porque, por meio da apresentação desse conteúdo (parte em slides, parte em exposição oral), pudemos colaborar para a expansão do conhecimento dos alunos, devido a eles terem se apropriado de temas que ainda desconheciam. Apesar disso, de certa forma, eles já os utilizavam, uma vez que estamos sempre produzindo gêneros textuais e convivendo com eles em todos os lugares. O mesmo acontece com as sequências textuais, pois se encontram internalizadas nos gêneros. O segundo fator, responsável por explanarmos sobre esse conteúdo em sala de aula, se dá porque entendemos que, para desenvolvermos a sequência argumentativa e introduzirmos o artigo de opinião à nossa proposta, é preciso que o aluno já conheça os termos mais amplos (gêneros e tipos de textos). Além disso, é um conteúdo que consta da grade curricular da série do 9º ano do Ensino Fundamental.

O conteúdo também foi trabalhado durante essa mesma aula por meio do diálogo com os alunos, a partir de questões motivadoras expostas nos slides como forma de provocá-los a refletir sobre o assunto e a responder às questões conforme a impressão ou o

conhecimento prévio que detinham. Nesse processo, buscamos abordar o tema de forma interacional, porque quando estamos dialogando com outros e expondo as nossas impressões, tanto compartilhamos como adquirimos informações significativas para a nossa aprendizagem.

4.7.3 Desenvolvimento da sequência argumentativa

Iniciamos a aula seguinte distribuindo cópias impressas da segunda versão textual produzida por um dos alunos da referida turma com o intuito de promovermos uma atividade que estimulasse o trabalho com a sequência argumentativa. Para isso, sugerimos que todos fizessem uma leitura silenciosa do texto e que analisassem, registrando no próprio texto, quais os principais problemas que dificultaram a sua compreensão (orientamos que não considerassem as questões gramaticais ou ortográficas).

Essa atividade de analisar o texto de um dos alunos feita por eles mesmos tem como objetivos torná-los mais conscientes e criteriosos diante da produção dos próprios textos, além do que, a análise feita de forma coletiva é um excelente estímulo à escrita, bem como permite um diálogo entre os alunos que muitas vezes fica limitado na relação aluno-professor. Portanto, a análise dos textos de forma interativa permite que não apenas o autor do texto mas ainda outros alunos também reflitam sobre o que produziram e o que podem melhorar em sua próxima produção.

O texto entregue à turma foi escrito pelo aluno PS, porém, retiramos o nome do aluno/produtor do texto para evitarmos constrangimentos em sala de aula. Selecionamos o texto, exposto a seguir, por já termos analisado anteriormente neste trabalho, o que colabora para uma possível verificação das análises feitas pelos alunos, conforme Quadro 23 a seguir.

Quadro 23 – Texto 2 do aluno PS

Texto 2**Lixo no cotidiano**

1O lixo, nos humanos produzimos varias toneladas de lixo. Mais tem
2 varias opesões de reciclagem, mas para a gente recicla nos temos que fase o
3 primero passo que e em casa a separação do lixo, colocar lixo orgânico no
4 resipiente que porsa se despejado em adubos, o lixo de casa nos colocamos
5 uma parte para a reciclagem e outra para os lixeros perga.

6 Nos temos diretos e deveres, primero passo e ser um cidadão bem com
7 a sociedade, ter direitos de ter saude, educação, segurança, mas deveres de
8 paga empostos, ajuda a sociedade.

9 Com iso tudo nos podemos diser que somos sidadão, mas termos que
10 cumpri com a nossa responsabilidade, ajude o proximo.

11O pais tem que se mordernisa como fase um sistema de coleta de lixo
12 subterrânicos, e com esse lixo eles fasem gera varias fontes de enegias e
13 empregos.

Fonte: Autoria própria

Após realização da leitura e da análise por parte dos alunos, solicitamos que eles externassem os seus registros, e, conforme se fazia necessário, íamos intervindo durante as explanações. De acordo com os problemas mais recorrentes apontados pelos alunos, montamos o Quadro 24.

Quadro 24 – Análise de texto do aluno PS

Aluno	Linhas	Problemas detectados pelos alunos (falas dos próprios alunos)
01	1-2 2-3	‘O autor diz que “ <i>mais tem várias opções de reciclagem</i> ” e depois diz de novo outro mas, quando diz “ <i>mas para a gente recicla nos temos que fase o primero passo</i> ’.
02	5-6	‘Ele termina falando de lixo no primeiro parágrafo e muda de assunto completamente, falando só dos direitos e deveres no segundo’.
03	9-10	‘No outro parágrafo ele muda de assunto de novo quando diz “ <i>somos sidadão</i> ” e depois fala “ <i>mas termos que cumpri com a nossa responsabilidade, ajude o proximo</i> ”, sem falar de lixo’.
04	11-12	‘Ele diz que o país tem que se modernizar e fazer um sistema subterrâneo e depois diz que eles já fazem gerar várias fontes de energias’

Fonte: Autoria própria

Nessa análise, os alunos chamaram a atenção para trechos que achavam estranhos, com algum problema. A maioria deles não sabia dizer qual era, mas sabia que algo estava fora do lugar. O aluno 1, por exemplo, chamou a atenção para o início do texto, ele achou estranho o autor utilizar duas vezes o termo “mas”, mesmo sendo escrito de forma diferente: um “mais” e o outro “mas”, percebendo que ambos foram utilizados no mesmo sentido, o de contrariedade. Intervimos, mostrando para a turma como os termos escolhidos podem, de fato, deixar o texto estranho se não selecionarmos o termo adequado, inferimos que provavelmente o aluno quis utilizar uma expressão para unir/organizar as frases e que optou por aquela, mas

que poderia ter escolhido outras. Em seguida, mostramos como poderia ficar o trecho se escrito de forma adequada: “Nós produzimos várias toneladas de lixo diariamente, que poderiam ser recicladas, entretanto, apesar de haver várias opções de reciclagem, nós temos que começar pelo primeiro passo”. Enfatizamos para os alunos que para se ter uma organização argumentativa é preciso escolher termos que auxiliem a organização das informações, caso contrário, o texto se torna “estranho”, como eles mesmos colocaram.

Os alunos 2 e 3 chamam a atenção para trechos diferentes, mas com o mesmo problema detectado: a falta de continuidade das informações. Ambos apontam que o autor, ao passar de um parágrafo para o outro, muda bruscamente de assunto, pois no primeiro parágrafo ele se refere ao lixo; no segundo, aos direitos e deveres que temos; e no terceiro parágrafo, o autor fala que temos de cumprir com a nossa responsabilidade e ajudar o próximo. Mostramos para os alunos como a falta de continuidade prejudica o funcionamento do texto, parece que são trechos de diferentes textos que foram agrupados sem terem a ver um com o outro, pois os parágrafos não conversam entre si. Detectamos, também, que, algumas vezes, isso acontece na mesma frase, como podemos exemplificar no trecho: “mas termos que cumpro com a nossa responsabilidade, ajude o proximo”; nesse caso, o termo “ajude o próximo” não deixa claro que ajuda seria essa e se tem alguma relação com o tema lixo. Assim, ressaltamos a importância de colaborarmos com o leitor. Para isso, devemos ser claros e objetivos no nosso texto, organizando as informações, estabelecendo uma sequência lógica, uma continuidade, pois não podemos quebrar um argumento e partir para outro, como aconteceu no referido texto.

O problema apontado pelo aluno 4 se encontra no último parágrafo, no trecho em que o autor diz que o país tem de se modernizar, e que deveria fazer um sistema de coleta de lixo subterrâneo, acrescentando que, com o lixo, “eles fazem gera varias fontes de enegias e empregos”. Mostramos, então, aos alunos que: se “eles já fazem” gerar fontes de energia, supõe-se que o sistema subterrâneo já esteja em funcionamento no país. Entretanto, esse sistema é apresentado como uma solução a ser pensada para o futuro. A esse respeito, sugerimos que o autor poderia ter escrito o verbo “fazer” no futuro do pretérito (fariam), assim a frase se tornaria mais coerente, uma vez que ao propor a coleta de lixo subterrânea, o autor poderia dizer que “a partir desse lixo eles fariam gerar várias fontes de energias e empregos”. Aliás, outro termo mal colocado, que também explicamos para os alunos, foi o pronome “eles” (utilizado nessa mesma frase), pois não fica claro quem é esse “eles” (plural), se é o país (singular), o lixo (singular), ou outro/s.

Como vimos, os próprios alunos perceberam que algumas informações não se encaixavam no texto, isso porque as informações não estavam devidamente organizadas. A partir disso, explicamos para a turma que é preciso uma organização argumentativa, que pode ser proporcionada com base na sequência argumentativa. Esta se dá pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por isso, mostramos para os alunos que os textos da tipologia argumentativa apresentam uma tese a ser discutida e os argumentos utilizados para concordar ou discordar dela, e tem como objetivo persuadir o interlocutor. Ressaltamos, ainda, que não devemos apenas utilizar as informações como argumentos, mas também é essencial que esses argumentos estejam organizados. Uma forma de fazer isso é por meio dos conectores – expressões de contraste discursivo, ou seja, conexões textuais contrastivas que são fundamentais para a manutenção das estratégias argumentativas.

A abordagem da sequência argumentativa com o aluno teve como propósito prepará-lo para que ele perceba como pode organizar as informações em textos essencialmente argumentativos, como é o caso do artigo de opinião, gênero textual eleito para organizar a produção do aluno, visto que, nas duas primeiras versões, os textos escritos se mantiveram ausentes de um gênero específico, pois, conforme já justificamos, interessava-nos analisar apenas o seu conhecimento (antes e depois da ação interventiva). A nossa proposta é a de que após os alunos terem se apropriado das informações iríamos trabalhar com eles para que elas fossem organizadas. Dessa forma, planejamos para o momento seguinte instruí-los para que adequassem o seu texto ao gênero artigo de opinião.

4.7.4 Apropriando-se do artigo de opinião

Para trabalharmos o artigo de opinião com a turma do 9º ano, iniciamos a aula mencionando a importância de se conhecer os gêneros textuais, pois, mesmo de forma inconsciente, nós nos deparamos com eles onde quer que estejamos. O mundo a nossa volta está constituído por gêneros. Explicamos ainda que, mesmo quando achamos que determinado gênero não faz parte de nosso cotidiano, podemos nos deparar com alguma situação inusitada e perceber que seria essencial compreender como funciona e como se organizam os gêneros textuais. Como exemplo, apresentamos a própria turma do 9º ano, pois é composta de alunos com faixa etária entre treze e quatorze anos e que, em sua maioria, são jovens que não estão tão habituados com os gêneros jornalísticos, como é o caso do artigo de opinião. Justificamos que, de repente, eles poderiam se deparar com uma proposta de escrita na qual tivessem de produzir um artigo, geralmente em provas como a Prova Brasil, ou ainda em provas de

concursos que propiciam o acesso ao Ensino Médio em instituições renomadas, uma vez que estas primam por trabalhar com gêneros argumentativos, com o propósito de avaliar o conhecimento do aluno e a sua capacidade de argumentar.

Justificamos para os alunos que esses eram alguns dos fatores que colaboravam para que tivéssemos optado em trabalhar com esse gênero, pois seria fundamental que eles conhecessem o artigo de opinião, compreendessem a importância de argumentar e desenvolvessem a habilidade da organização argumentativa, elementos substanciais para a construção de um bom texto. Além disso, externamos que esse gênero é um importante instrumento para a formação do cidadão. Aprender a ler e a escrever o artigo de opinião contribui para desenvolver a capacidade de participar, com argumentos convincentes, das discussões sobre as questões do lugar onde se vive e, mais do que isso, de formar opinião sobre elas, contribuir para resolvê-las e praticar a cidadania.

Assim, exibimos slides contemplando o artigo de opinião, dando ênfase e explicando para os alunos as suas principais características:

- Geralmente são escritos por especialistas (articulistas) sobre um determinado assunto. Os autores, em sua maioria, são pessoas publicamente reconhecidas por suas posições, autoridade etc.;
- Abordam assuntos e/ou acontecimentos polêmicos atuais, recentemente noticiados e de interesse público;
- Costumam circular em veículos tipicamente jornalísticos e de grande penetração popular: jornais impressos, revistas, *sites* de notícias etc.;
- Dirigem-se a um leitor que o jornal considera como potencialmente envolvido no debate, na qualidade de cidadão;
- Têm como finalidade defender uma opinião ou uma tese, que é apresentada com base em argumentos coerentes.

Definimos também o ato de argumentar, explicando que se trata de uma ação verbal capaz de levar uma pessoa e/ou todo um auditório a aceitar uma determinada tese, valendo-se, assim, de recursos que dêem consistência a essa tese, sendo estes aceitos como verdades, e os valores e procedimentos considerados corretos ou válidos por uma comunidade específica. Logo, conceituamos o termo argumentação como o ato de convencimento, bem como o conjunto de recursos utilizados para realizá-lo.

Expressamos ainda para os alunos outras características que compõem o artigo de opinião, como abordar questões polêmicas, voltadas para a sociedade em geral; ter posicionamento definido e saber que a sustentação da posição se dá a partir de diferentes tipos

de argumentos (de autoridade, exemplificação, provas, causa e consequência, crença pessoal, e de contrariedade).

Após apresentarmos os principais elementos que compõem a estrutura de um artigo de opinião, demos início a uma atividade voltada para que o aluno perceba de que forma se estabelece a argumentação desse gênero textual. Dessa forma, levamos para a sala de aula cópias de um artigo de opinião e orientamos os alunos a analisá-lo a fim de identificar a tese, o posicionamento do autor, os argumentos, a solução para o problema e a conclusão presentes no artigo. Nesse sentido, sugerimos que buscassem os indícios argumentativos partindo de elementos linguísticos, como o uso de conectivos. O texto *Lixo Urbano* é um artigo escrito por Wagner de Cerqueira e Francisco, trabalhado anteriormente nas oficinas de intervenção e transcrito no Quadro 25 a seguir.

Quadro 25 – Texto sobre o lixo

Lixo Urbano

1Um dos principais problemas ambientais da atualidade é a grande produção de lixo, 2pois esse processo tem como consequência a liberação de gases que promovem o

efeito estufa 3e a poluição das águas subterrâneas e superficiais. Esse fenômeno é uma das consequências do 4aumento populacional nas cidades, da intensificação do modelo consumista, do uso de 5produtos descartáveis, além do modismo, pois existe uma “necessidade” de se adquirir objetos 6mais modernos.

7O lixo é também um problema socioeconômico, visto que grandes quantias de dinheiro 8são destinadas à coleta e tratamento do lixo urbano. No aspecto social, vários indivíduos são 9afetados pela concentração de lixo nas cidades, que causa proliferação de insetos, 10transmissão de doenças, poluição visual, entupimento de bueiros, entre outros.

11As origens do lixo urbano são as mais distintas, e ele é classificado em:

12Domiciliar: alimentos, papéis, plásticos, vidros, papelão, produtos deteriorados, etc.

13Industrial: cinzas, lodos, metais, cerâmicas, madeira, borracha, resíduos alcalinos, etc.

14Hospitalar: embalagens, seringas, agulhas, curativos, gazes, ataduras, peças atômicas.

15Lixo tecnológico: computadores, pilhas e aparelhos eletrônicos em geral.

16A coleta do lixo deve ocorrer de acordo com a sua classificação, pois os tratamentos 17finais desses resíduos são diferentes. O lixo hospitalar, por exemplo, tem que ser incinerado, 18queimado em forno de micro-ondas ou tratado em autoclave. Porém, não é o que acontece na 19maioria das cidades.

20A falta de estrutura e empenho dos políticos em solucionar o problema do lixo tem 21como consequência a existência de lixões a céu aberto em várias cidades. O destino adequado 22para o lixo urbano é o aterro sanitário, construído em áreas adequadas, com profissionais 23qualificados e estrutura para o tratamento dos gases e do chorume. Outra alternativa, é a 24incineração dos resíduos, no entanto, esse método é muito caro, sendo inviável em muitos 25casos.

26O mais importante, porém, é a conscientização da população, e isso pode ser 27promovido através da utilização da Política dos 3 R's: Reduzir, Reutilizar e Reciclar. A coleta 28seletiva é uma das alternativas mais eficientes para reduzir o lixo, além de ser uma forma de 29contribuir para os catadores de materiais recicláveis. Portanto, através de simples atitudes e 30mudanças de comportamento todos os habitantes podem colaborar para reduzir a produção de 31lixo.

Por Wagner de Cerqueira e Francisco
Graduado em Geografia

Fonte: Wagner de Cerqueira e Francisco (2011). Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/geografia/lixo-urbano.htm>>. Acesso: 12 maio 2017.

As respostas para as questões foram anotadas no quadro a fim de provocarmos um diálogo com a turma, mostrando como os argumentos se constroem. Assim, em consenso com os alunos, extraímos do texto algumas possibilidades, a ser apresentadas no Quadro 26.

Quadro 26 – Discussão do texto com os alunos

Tese:

A grande produção de lixo é um dos principais causadores dos problemas ambientais e socioeconômicos da atualidade.

Posicionamento do autor: Favorável a hipótese de que o lixo traz problemas e de que algo precisa ser feito para solucioná-los.
Argumentos: 1. “pois esse processo tem como consequência a liberação de gases que promovem o efeito estufa e a poluição das águas subterrâneas e superficiais” (linhas 2-3). 2. “visto que grandes quantias de dinheiro são destinadas à coleta e tratamento do lixo urbano” (linhas 7-8). 3. “As origens do lixo urbano são as mais distintas, e ele é classificado em: domiciliar [...] lixo tecnológico: computadores, pilhas e aparelhos eletrônicos em geral” (linhas 11-15). 4. “A coleta do lixo deve ocorrer de acordo com a sua classificação, pois os tratamentos finais desses resíduos são diferentes” (linhas 16-17). 5. “Porém, não é o que acontece na maioria das cidades” (linhas 18-19). 6. “A falta de estrutura e empenho dos políticos em solucionar o problema do lixo tem como consequência a existência de lixões a céu aberto em várias cidades” (linhas 20-21).
Soluções para o problema: 1. “O destino adequado para o lixo urbano é o aterro sanitário” (linha 21); 2. “Outra alternativa, é a incineração dos resíduos” (linha 23); 3. “A conscientização da população, e isso pode ser promovido através da utilização da Política dos 3 R’s: Reduzir, Reutilizar e Reciclar” (linha 26); 4. “A coleta seletiva é uma das alternativas mais eficientes para reduzir o lixo” (linha 27);
Conclusão: “Portanto, através de simples atitudes e mudanças de comportamento todos os habitantes podem colaborar para reduzir a produção de lixo” (linha 29).

Fonte: Autoria própria

A atividade de análise do artigo de opinião trabalhado serviu para que os alunos percebessem os elementos que compõem esse gênero, conforme descritos no quadro. No entanto, nosso objetivo maior era que eles identificassem alguns dos argumentos responsáveis por sustentar a tese e o posicionamento do autor. A partir da identificação desses argumentos, intervimos mostrando para os alunos que os argumentos são construídos a fim de dar credibilidade ao texto. Nessa perspectiva, orientamos que observassem os indícios argumentativos e como eles são organizados pelo autor, tomando como exemplo os itens que tratam dos argumentos no quadro anterior.

Explicamos, então, que a organização desses argumentos é facilitada por elementos linguísticos, como é o caso dos conectores, que geralmente podem introduzir uma explicação “A coleta do lixo deve ocorrer de acordo com a sua classificação, pois os tratamentos finais desses resíduos são diferentes” (linhas 16-17); um exemplo “As origens do lixo urbano são as mais distintas, e ele é classificado em: domiciliar [...] lixo tecnológico: computadores, pilhas e

aparelhos eletrônicos em geral” (linhas 11-15); uma restrição “Porém, não é o que acontece na maioria das cidades” (linhas 18-19). Destacamos também que, para sustentar uma posição, o autor deve apresentar, entre outros, argumentos de prova, de autoridade, de crença pessoal, de causa e consequência, mostrando como exemplo deste o trecho “A falta de estrutura e empenho dos políticos em solucionar o problema do lixo tem como consequência a existência de lixões a céu aberto em várias cidades” (linhas 20-21).

Após os esclarecimentos, esperando que os alunos tenham se apropriado dos conteúdos trabalhados, visto que desenvolvemos a sequência argumentativa e o artigo de opinião em oficinas de estudos com a turma do 9º ano, partimos para a terceira etapa do Módulo II: a produção da terceira versão textual. No tópico a seguir, detalharemos como se deu essa atividade.

4.7.5 Terceira produção: uma (re)escrita a partir da apropriação da sequência argumentativa e do artigo de opinião.

O segundo módulo foi desenvolvido com intuito de que os alunos produzissem uma reescrita mais elaborada, considerando outros aspectos linguísticos, que visam a uma organização composicional e estrutural do texto, aspectos estes fundamentados principalmente nos estudos de Adam (2005) e de Bakhtin (2011), no que concerne às sequências textuais e aos gêneros textuais, respectivamente. Ou seja, o aluno irá produzir uma nova versão do seu texto organizando, reconstruindo, reelaborando e reestruturando a sua escrita a partir de uma nova retextualização.

Em relação ao processo de refacção textual da terceira versão, este foi promovido após abordarmos, em sala de aula, o referido conteúdo, que foi explorado em diversas atividades que envolviam, desde os conceitos e as características da sequência argumentativa e do artigo de opinião até análises de textos-modelo com especificidades distintas, como foi o caso da análise sobre o texto produzido por um dos alunos da própria turma para identificar possíveis problemas que poderiam dificultar a compreensão do leitor (Lixo no cotidiano – escrito por PS), e ainda a análise de um artigo escrito por um especialista (Lixo Urbano – de Wagner de Cerqueira e Francisco), para que os alunos percebessem como a argumentação deve ser desenvolvida no artigo de opinião.

Assim, demos início a essa nova etapa, na qual orientamos os alunos para a produção textual de sua terceira versão. Devolvemos, então, para eles a segunda produção de seu texto e explicamos que poderiam explorá-la, verificando a melhor forma de adequá-la aos princípios

da sequência argumentativa e às principais características que compõem o artigo de opinião, ou seja, os alunos deveriam adequar a sua produção textual anterior ao gênero proposto para a terceira versão (artigo de opinião), apresentando elementos capazes de convencer o leitor de seu posicionamento e argumentos coerentes diante da sua tese. Orientamos ainda que, com base nesses elementos, eles deveriam seguir a seguinte proposta de reescrita:

- Redigir um artigo de opinião (15 a 20 linhas), contemplando o tema “Lixo: questão de cidadania e responsabilidade social”. O texto deve atender a estrutura do gênero;
- É essencial um posicionamento diante do tema abordado e a exposição de argumentos relevantes e coerentes, capazes de fundamentar seu ponto de vista;
- O texto deve estar de acordo com a norma padrão da língua;
- O título pode ser o mesmo da segunda versão ou pode ser alterado;
- O artigo deve ser assinado, ao final, com o pseudônimo de “Cidadão Consciente”.

Assim, a partir da referida proposta de escrita, os alunos produziram a terceira versão de seu texto. A refacção foi orientada após promovermos atividades de intervenção voltadas para o desenvolvimento organizacional e estrutural no texto do aluno. Para tanto, abordamos em sala de aula as sequências e os gêneros textuais, que ainda não haviam sido trabalhados nas primeiras etapas, mas que se faziam necessários na etapa atual. Nesse caso, a nossa hipótese para o momento seria a de que, após trabalharmos a pragmática, ao desenvolvermos uma esquemática global (superestrutura) com base na sequência argumentativa e no artigo de opinião, estaríamos guiando a reescrita do aluno como propósito de contribuir também para a coerência textual, colaborando, portanto, como desenvolvimento do texto no plano conceitual.

Dessa forma, depois de escrita a terceira versão textual, coletamos os textos dos alunos, para que, junto com as demais versões, servissem de objeto de estudo acrescentado ao *corpus* de nosso trabalho. Providenciamos, ainda, a fotocópia desses textos, bem como a digitação do conteúdo proveniente deles, com o intuito de analisar toda a produção textual referente à terceira versão. Para analisarmos os dados do *corpus* nessa etapa, levamos em consideração se o aluno conseguiu atender em seu texto as competências da sequência argumentativa, necessária para a escrita do artigo de opinião, e conforme critérios estabelecidos que apresentaremos no tópico a seguir.

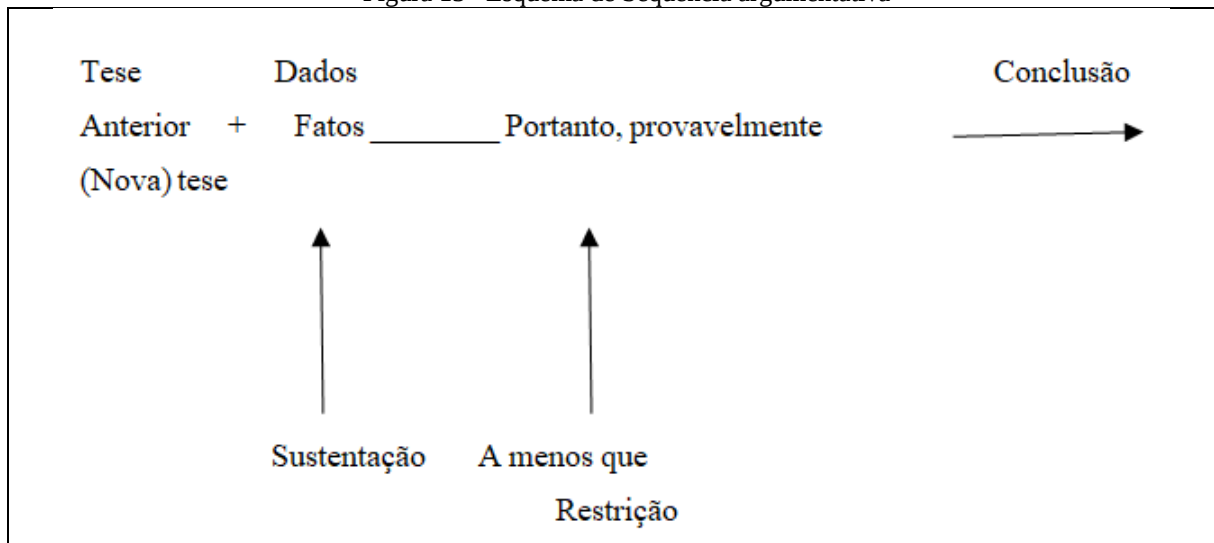
4.7.5.1 Terceira produção – uma análise argumentativa do artigo de opinião

Para analisarmos a terceira versão textual, fez-se necessário retomarmos o nosso segundo objetivo específico, o de avaliarmos a reescrita do aluno, considerando a estrutura composicional do artigo de opinião, partindo da sequência argumentativa como prototípica. Ou seja, examinamos se o texto escrito pelos alunos conseguiu atender as competências dos referidos gênero e sequência textuais. Dessa forma, averiguamos se o aluno foi capaz de se posicionar claramente sobre o tema abordado; se a ideia está fundamentada em argumentos fortes e se estes estão bem desenvolvidos; se a linguagem está adequada ao gênero; se o texto apresenta título e se este é convidativo, e, por fim, se o texto como um todo é persuasivo. O conjunto de textos produzidos pelos alunos nessa etapa e organizados para análise são componentes do *corpus* deste estudo, os quais nomeamos de bloco C.

Para averiguar se a produção textual dos alunos atende aos requisitos estabelecidos na sequência argumentativa, consideramos os estudos feitos por Adam (2011, p. 232-238), quando explicita sobre a passagem do período argumentativo para a sequência argumentativa, voltando a sua atenção para dois movimentos, a saber: o de demonstrar/justificar uma tese e o de refutar uma tese ou certos argumentos de uma tese adversa. Segundo o autor, o movimento realizado nos dois casos é o mesmo, por partir das premissas (dados, fatos) que não poderiam ser admitidas sem que também fosse admitida uma conclusão-asserção (C). A passagem entre ambos se dá por meio de procedimentos argumentativos, que assumem a forma de argumentos-prova, responsáveis pelos suportes de uma lei de passagem e/ou microcadeias de argumentos e movimentos argumentativos encaixados.

Partindo de um esquema simplificado proposto por T.A. Van Dijk (1980), Adam (2011, p. 234) propôs um esquema mais completo, dando à sequência argumentativa prototípica um espaço destinado à contra-argumentação, pois o seu esquema, além de comportar um nível justificativo (a estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos colocados, e não pelo interlocutor), comporta também um nível dialógico ou contra-argumentativo (a argumentação é negociada com um contra-argumentador real ou potencial, a estratégia argumentativa visa a uma transformação dos conhecimentos), que também abrange várias proposições argumentativas (denominadas de P. arg.), conforme podemos observar no esquema disposto na Figura 13 a seguir.

Figura 13– Esquema de Sequência argumentativa



Fonte: Adam (2011, p. 234).

É essencial acrescentar que as etapas da argumentação não se desenvolvem numa ordem preestabelecida, a (nova) tese (P.arg3) pode ser formulada de início e retomada, ou não, por uma conclusão que a duplica no final da sequência. Além disso, a tese anterior (P.arg0) e os apoios podem estar subtendidos. Ou seja, na sequência argumentativa, a sua ordem não está previamente estabelecida e nem todos os movimentos devem estar obrigatoriamente explicitados.

Assim, levando em consideração os elementos que compõem o esquema 22 proposto na sequência argumentativa por Adam (2011), analisamos o desenvolvimento da argumentação na terceira versão produzida pelo aluno. Buscamos identificar nos textos que compõem o corpus os principais enunciados que caracterizam a argumentação, lembrando que os movimentos da argumentação podem não corresponder à linearidade do texto.

Antes, porém, de demonstrarmos os movimentos argumentativos específicos analisados na terceira versão, fizemos uma comparação entre as segundas e terceiras versões¹² produzidas pelos alunos, com o propósito de perceber se há alteração de argumentos no texto do aluno e de que forma ela ocorre após trabalharmos a sequência argumentativa em sala de aula. Selecionamos, então, as versões dois e três do texto de um aluno para demonstrarmos de que maneira ele passa a argumentar após essa intervenção.

4.7.6 Análise comparativa da argumentação entre as versões 2 e 3 do aluno LFSS

¹²A segunda versão foi produzida [considerando](#) a informatividade textual, por isso, a sequência textual não foi trabalhada com os alunos, enquanto que a terceira versão foi produzida após explorarmos a sequência argumentativa como prototípica, bem como o artigo de opinião.

Para fazer uma análise comparativa, escolhemos os textos de segunda e terceira versão do aluno LFSS, por ser um dos textos da terceira versão que atenderam os movimentos argumentativos propostos por Adam (2011), o que propicia a amostragem comparativa e sua análise, conforme textos expostos no Quadro 27.

Quadro 27 – Textos do aluno LFSS

Texto 2

O lixo questão de cidadania e responsabilidade Social

1 O lixo é um assunto sério na nossa sociedade,
 2 Deve ser Refletido por cada pessoa, devemos nos perguntar
 3 Qual é a quantidade de lixo que produzimos todos os
 4 dias. O lixo é tratado como um assunto de cidadania e de
 5 responsabilidade social, todos as pessoas tem o dever de
 6 jogar o lixo no seu devido local.
 7 Existe muitas formas de limpar as Ruas, nós Devemos
 8 fazer Reciclagem, jogar o lixo no seu devido lugar, podemos
 9 fazer a coleta do lixo.
 10 O lixo pra muitas pessoas significa sobrevivencia ou
 11 seja é do lixo que os moradores de rua comem, que os
 12 catadores conseguem o dinheiro para se manter
 13 nessa sociedade.
 14 O lixo acumulado pode virar um problema para as
 15 cidades, Quando chove muito o lixo acumulado vai
 16 ser arrastado pela água até os bueiros e isso pro-
 17 voca as enchentes.

Texto 3

O lixo, Questão de Cidadania e responsabilidade Social

1 Antigamente as cidades eram mais limpas e agradáveis
 2 porque não existia essa enorme Quantidade de lixo, Hoje
 3 em dia está totalmente ao contrário, não é difícil achar nas
 4 ruas um lixão à céu aberto, esse aumento significativo
 5 da quantidade de lixo nos últimos anos foi causado pelo consu-
 6 mismo da sociedade que também aumentou, a cada ano as
 7 pessoas vão comprando cada vez mais aparelhos eletrônicos, obje-
 8 tos que são descartáveis, além desse consumismo exagerado
 9 falta organização das cidades, essa organização tem que ser
 10 elaborada pelos políticos.
 11 Cada cidadão tem seu papel para acabar com o problema do
 12 lixo, as formas de acabar com esse problema são: jogar o lixo
 13 no seu devido lugar, podemos fazer a coleta do lixo. O lixo pode
 14 causar doenças devido ao acúmulo dele, o lixo atrai insetos, ratos
 15 e etc, esses bichos são transmissores de doenças.
 16 O lixo pode ser devastador, Quando Há muita chuva o lixo
 17 acumula-
 18 do nas ruas é arrastado pela água até os bueiros e isso provoca
 19 as enchentes, Deixando famílias desabrigadas.
 Ass: Cidadão Consciente.

Fonte: Autoria própria

Escolhemos o texto do aluno LFSS para representar os demais, por considerarmos que o aluno demonstra uma consciência sobre a importância do assunto abordado, o lixo (linha 1), pois ele menciona, em sua segunda versão, sobre a responsabilidade que as pessoas têm quanto à quantidade de lixo produzida todos os dias (linhas 2-4); os cuidados que cada um deveria ter com o destino dado ao lixo (linhas 5-6) e a importância que este tem como fonte de sobrevivência por parte da sociedade (linha 10); e ainda enfatiza os problemas causados pelo lixo (linhas 14-17).

Entretanto, apesar de apresentar uma tese coerente – de que o lixo é um assunto sério (linha 1) – e dados concretos (como os mencionados), LFSS não desenvolve uma argumentação consistente na segunda produção, pois não há um embasamento para os dados expostos (que poderiam ser fonte de fortes argumentos). Como exemplo, podemos citar o trecho em que ele relaciona o assunto (lixo) à cidadania e à responsabilidade social, ao afirmar que as pessoas devem jogar o lixo no lugar adequado (linha 6 e 8). Na sequência seguinte, não menciona qual local seria esse, acrescenta apenas que podemos limpar as ruas fazendo reciclagem e coleta de lixo, sem exemplificar como isso poderia acontecer, ou qual seria o tratamento correto para o lixo. Ele ainda menciona os problemas causados pelo lixo (linhas 14 a 17) sem apontar possíveis soluções para resolver esse problema.

Ao analisarmos a terceira versão escrita por LFSS, percebemos que houve uma evolução com relação a sua versão anterior, pois demonstrou na sua última produção uma maior assimilação do assunto, como também uma melhor organização do pensamento demonstrado em cada parágrafo. O aluno iniciou seu novo texto apresentando uma tese mais clara, ao afirmar que, no passado, as cidades eram mais limpas e agradáveis porque não havia a enorme quantidade de lixo que há na atualidade (linhas 1 a 3). Acrescenta ainda um novo fato: a existência de lixões a céu aberto (linha 4), para comparar o passado e o presente e justificar a tese de que as ruas passaram a ser mais poluídas e menos agradáveis.

Segundo LFSS, o aumento do lixo nas cidades foi ocasionado pela intensificação do consumismo que, assim como a população, também aumentou (linhas 5 e 6). Ele busca apoio para esse pensamento citando o fato de que “a cada ano as pessoas vão comprando mais aparelhos eletrônicos” (linhas 6 e 7), e acrescenta que esses objetos são descartáveis, o que de fato pode promover um aumento significativo do lixo. Logo após, atribui à “falta de organização das cidades” (linha 9) como mais um fator responsável pelo aumento do lixo, defendendo a ideia de que os políticos devem elaborar essa organização.

Em seguida, propõe que cada cidadão cumpra seu papel para solucionar o problema do lixo (linhas 11 e 12), apontando que uma forma de fazer isso é “jogar o lixo no seu devido

lugar” e outra é a coleta do lixo (linhas 12 e 13). A proposta do aluno para resolver o problema é coerente, pois sabemos que quando cada cidadão faz a sua parte, contribui também para melhorar o mundo a sua volta. Porém, LFSS não apresenta fortes argumentos que deem apoio a sua proposta, uma vez que, ao mencionar que devemos jogar o lixo em seu devido lugar, ele não explica qual seria esse “devido lugar”; e ao sugerir a coleta de lixo, não explica ou exemplifica sobre que tipo de coleta se refere. Outro fator que chama a atenção é o de que esse parágrafo (com a proposta para enfrentar o problema) deveria concluir o seu texto. Contudo, o aluno termina a terceira versão apresentando os problemas causados pelo lixo (linhas 16 a 18), parágrafo que poderia ter sido apresentado antes da conclusão. Mesmo assim, é perceptível que houve um progresso na escrita desse aluno, quando se trata do conjunto textual.

Porém, tivemos a necessidade de fazer uma comparação – de forma que essa análise estivesse embasada teoricamente – entre as duas últimas versões do mesmo aluno, com o propósito de analisar se houve (ou não) uma evolução argumentativa em seu texto. Assim, fragmentamos a segunda e terceira versão escrita por LFSS, e adotamos como requisitos os elementos componentes da sequência argumentativa, no movimento da argumentação, proposto por Adam (2011): tese anterior; dados/fatos; apoio; restrição/contra-argumentos; e conclusão. Seguindo esses requisitos, comparamos as duas versões, conforme Quadros 28 e 29 dos tópicos a seguir.

4.8.2.1 Segunda versão: Movimentos da argumentação

Quadro 28– Apresentação de movimentos de argumentação

Movimentos da argumentação (componentes da sequência argumentativa)	
Movimentos da argumentação	Enunciados
Tese anterior	<i>“O lixo é um assunto sério na nossa sociedade” (L 1)</i>
Dados / fatos	i) <i>“devemos nos perguntamos Qual é a quantidade de lixo que produzimos todos os dias” (L 2-4)</i> ii) <i>“O lixo e’ tratado como um assunto de cidadania e de responsabilidade social, todos as pessoas tem o dever de jogar o lixo no seu devido local” (L 4-6)</i> iii) <i>“O lixo pra muitas pessoas significa sobrevivência” (L 10)</i> iiiii) <i>“O lixo acumulado pode virar um problema para as cidades” (L 14-15)</i>
Apoio	i) ii) iii) <i>“é do lixo que os moradores de rua comem, que os catadores conseguem o dinheiro para se manter nessa sociedade” (L 11-13)</i> iiiii) <i>“Quando chove muito o lixo acumulado vai ser arrastado pela água até os bueiros e isso provoca as enchentes” (L 15-17)</i>
Restrição/Contra-argumentos	
Conclusão	

Fonte: Autoria própria

Percebemos, com essa análise, que o aluno apresenta uma tese (incompleta), mas que não consegue concluir os movimentos argumentativos, isso porque os dados apresentados não têm apoio suficiente para sustentar os seus argumentos, como podemos ver nos itens i) e ii), nos quais o aluno apresenta os dados/fatos e não conclui ou aponta exemplos para esses dados. Vemos também que ele não apresenta contra-argumentos para fortalecer a sua tese e que encerra seu texto sem apresentar uma conclusão que aponte uma possível solução para o problema do lixo, deixando, assim, lacunas vazias no movimento da argumentação.

Observamos que ocorre algo diferente na terceira versão do mesmo aluno, pois constatamos que ele consegue atender a maior parte dos critérios estabelecidos pelo movimento da sequência argumentativa, conforme podemos comparar no Quadro 31.

4.8.2.2 Terceira versão: Movimentos da argumentação

Quadro 29 – Movimentos de argumentação

Movimentos da argumentação (componentes da sequência argumentativa)	
Movimentos da argumentação	Enunciados
Tese anterior	“antigamente as cidades eram mais limpas e agradáveis porque não existia essa enorme quantidade de lixo” (l 1-2)
Dados / fatos	i) “hoje em dia está totalmente ao contrário” (l 2) ii) “esse aumento significativo da quantidade de lixo nos últimos anos foi causado pelo consumismo da sociedade que também aumentou” (l 3-4) iii) “além desse consumismo exagerado falta organização das cidades” (l 5-6) iii) “O lixo pode ser devastados” (l 11)
Apoio	i) “não é difícil achar nas ruas um lixo à céu aberto” (l 2-3) ii) “a cada ano as pessoas vão comprando cada vez mais aparelhos eletrônicos objetos que são descartáveis” (l 4-5) iii) “quando há muita chuva o lixo acumula nas ruas é arrastado pela água até os bueiros e isso provoca as enchentes, deixando famílias desabrigadas” (l 11-12)
Restrição/Contra-argumentos	iii) “essa organização tem que ser elaborada pelos políticos” (l 6)
Conclusão	“Cada cidadão tem seu papel para acabar com o problema do lixo, as formas de acabar com esse problema são: jogar o lixo no seu devido lugar, podemos fazer a coleta do lixo” (l 7-8)

Fonte: Autoria própria

Podemos ver, com esse quadro, que a terceira versão apresenta uma tese mais completa e mais clara que na versão anterior, pois, dessa vez, o aluno aponta o problema já explicitando quem é o seu responsável. Além disso, constatamos que a nova produção preenche as lacunas que ficaram em branco no movimento argumentativo da segunda versão, uma vez que, para cada dado ou fato exposto em cada item, há também um item de apoio ou restrição correspondente. Ademais, em sua terceira versão, o aluno apresenta uma conclusão, mesmo que esta aponte uma proposta para solucionar o problema que poderia ter sido ampliada ou que apresentasse argumentos mais fortes, o que não houve na versão anterior.

Apesar de observarmos alguns problemas que foram diagnosticados na terceira versão escrita pelos alunos (como a ausência de conectores, a falta de conclusão na explanação de alguns argumentos, ou o deslocamento de parágrafo conclusivo), constatamos que houve uma melhora significativa na apresentação de argumentos na maioria dos textos produzidos; que os dados apresentados estavam mais fundamentados do que na versão anterior; e, por fim, que

foi notório o desenvolvimento na escrita do aluno, após termos trabalhado em sala de aula a sequência argumentativa.

Contudo, apesar dos apontamentos diagnosticados anteriormente, nos quais ficou evidente que houve uma evolução na produção textual do aluno – pois constatamos que este conseguiu prosperar em seu texto após efetivarmos uma intervenção voltada para a argumentação –, percebemos a necessidade de trabalharmos elementos linguísticos capazes de promover a progressão e o sentido do texto, como é o caso dos conectivos de coesão, que possibilitam uma sequencialidade no texto e colaboram para uma produção escrita mais articulada.

Observamos que parte dos textos da terceira versão, produzidos pelos alunos, apresenta problemas de coesão sequencial, por não apresentarem elementos linguísticos capazes de estabelecer uma relação semântica ou pragmática, com o intuito de fazer o texto progredir. Diagnosticamos, assim, não apenas no texto do aluno LFSS mas também em uma grande parte dos textos escritos pelos demais alunos, a ausência de conectores entre os argumentos apresentados, como é o caso do trecho “Lixo está no termo cidadania, cidadania é um conjunto de direitos e deveres e o direito da população é ter ruas e cidades limpas”, no qual o aluno ECDS, na tentativa de associar lixo e cidadania, explica o termo cidadania sem introduzir um conectivo que o ligue ao seu conceito.

Ainda no mesmo texto, o trecho “as pessoas não querem saber se estão fazendo mal ou não na hora de poluir, na hora de cobrar a limpeza todos querem”, o aluno apresenta um argumento e, em seguida, um contra-argumento, sem que haja um conectivo entre ambos que facilite ao leitor perceber que se trata de ideias opostas. Já em outro trecho – “Devemos deixar de poluir tanto, deixar de ser tão cabeças duras, nas cidade deveria ter mais carros para coletar o lixo” – o seu argumento não se sustenta porque ele diz que devemos deixar de poluir e de ser “cabeças duras”. Em seguida, muda de assunto, afirmando que deveria haver mais carro para coleta do lixo, sem concluir o pensamento anterior, algo que poderia ser feito introduzindo um conectivo explicativo e a sua justificativa.

Podemos observar, ainda, que o mesmo problema ocorre em textos de outros alunos, como no trecho: “a maioria das pessoas não Param Para Pensar nessas coisas, muitos de nos não compreendemos muito Bem esse assunto e Alguns na verdade nem se importa tanto com todos os problemas que podem Esta Relacionado com o nosso lixo”, no qual verificamos que, ao tentar explicar sobre o que a maioria das pessoas deveria parar para pensar, o aluno FMAS poderia ter iniciado sua explicação com um conectivo que colaborasse com esse intuito (explicativo). Percebemos que isso ocorre também em um trecho do texto de HFP – “o lixo e

um assunto muito sério para se falar, Há muitas pessoas que não pensam antes de jogar o lixo em qualquer lugar, jogam em caçudas, em Ruas” – pois, após expor sua opinião mencionando sobre a seriedade que é falar do tema abordado (lixo), ele tenta justificar o seu posicionamento explicando que muitas pessoas não refletem sobre o ato de jogar lixo em qualquer lugar, compreensão que seria facilitada se tivesse um conector para unir os períodos.

Sabemos que a utilização desses recursos linguísticos de coesão pode proporcionar uma organização mais efetiva e, portanto, um texto mais coerente. A esse respeito, segundo Koch (2003, p.18), “o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem”, logo em seguida, a autora acrescenta ainda que “a coesão é altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial da coerência” (KOCH, 2003, p. 18). Dessa forma, compreendendo a importância de trabalharmos a coesão, chegamos à conclusão de que deveríamos desenvolver um estudo sobre os mecanismos coesivos com os alunos, em especial, sobre as conjunções explicativas e adversativas, uma vez que constatamos a deficiência do aluno em relação ao uso desses elementos em sua produção textual. Assim, no módulo a seguir, nós nos propusemos a trabalhar com os mecanismos de coesão com o intuito de colaborar para a refacção de uma quarta versão.

4.8 MÓDULO III: O TRABALHO COM A COESÃO TEXTUAL

O Módulo didático III está voltado ao desenvolvimento da progressão textual, a partir das conjunções explicativas e adversativas –mecanismos de coesão constituintes da lógica do texto. Esse módulo foi elaborado a partir do diagnóstico alcançado ao analisarmos a terceira versão do texto do aluno, visto que cada módulo trabalhado tem o propósito de solucionar os problemas detectados na produção textual.

Conforme vimos no módulo anterior, para sanar os problemas da segunda versão exploramos, em sala de aula, a sequência argumentativa e o artigo de opinião. Com isso, constatamos que foi de suma importância que se trabalhasse esse conteúdo, pois, a partir desses estudos, o aluno compreendeu não apenas sobre a importância de se argumentar mas também que um bom argumento deve apresentar dados e fatos relevantes e que estes devem estar apoiados em bases consistentes para que alcancem o seu objetivo (convencer ou mudar a opinião do leitor). Além disso, comprovamos o quanto é fundamental a apropriação do gênero textual pelo aluno, pois isso lhe possibilita uma escrita mais organizada e estruturada, guiando

o percurso a ser seguido. Verificamos que parte dos problemas apresentados na segunda versão foram amenizados após a intervenção.

Assim, tomando como exemplo os módulos anteriores, os quais contribuíram para o desenvolvimento da produção textual, buscamos com o Módulo III colaborar ainda mais para uma reescrita significativa do aluno. Constatamos, na última etapa, que existe uma carência quanto à utilização de elementos linguísticos responsáveis por estabelecer uma conexão semântica que favoreça a progressão do texto sem que haja prejuízo em seu sentido.

Tomamos mais uma vez alguns exemplos para demonstrar de que maneira se deu a ausência dos conectores de coesão. Observamos que no trecho “Temos que nos conscientizar em relação ao lixo, estamos chegando a uma situação crítica em que a maioria da população não se importa com isso” o aluno ASLN não utilizou um conectivo que una os períodos, dificultando, assim, que o leitor perceba que o segundo período busca explicar o primeiro. Desse modo, ao mencionar que a maioria da população não se importa com a situação em que se encontra, o aluno está explicando o porquê da necessidade de uma conscientização coletiva.

Vemos que o mesmo problema ocorre no texto de KBA, pois, segundo o aluno, “Falar sobre o lixo que está em nosso meio nem sempre é fácil, muitos não estão por dentro do assunto”. Deduzimos que, nesse trecho, ou o aluno omite propositalmente o conectivo que indicaria uma explicação (ao dizer que muitos não estão por dentro do assunto) sobre a sua opinião (de que falar sobre o lixo não é fácil), ou ele não utilizou porque não percebeu a importância que esse elemento tem para tornar o texto mais claro.

Dando continuidade a seu texto, KBA apresenta uma oposição de ideias no trecho “não estão habtos á construir um diálogo fora do que estamos acostumados, há os que tem consciencia do problema que estamos passando nos ultimos anos ”. Com isso, podemos inferir que o aluno tem o intuito de afirmar algo e em seguida se contrapor a essa mesma afirmação, pois, para ele, apesar de não haver muitas pessoas aptas a dialogar sobre o problema em questão, há algumas que têm consciência sobre o referido problema (lixo).Entretanto, a dedução sobre a intenção retórica do aluno é percebida após uma leitura mais atenciosa de todo o trecho, pois a impressão que se tem em uma leitura imediata do trecho (isolado) é a de que não há coerência no que se diz, pois, os períodos parecem tratar de conteúdos diferentes, por não haver entre eles alguma conexão que promova uma relação semântica.

É, portanto, notório que se precisa intervir para que o aluno preencha esses espaços vazios entre os períodos, de forma a contribuir com a progressão do texto. Nesse sentido, um

dos mecanismos de coesão responsável por esse fenômeno é a conjunção. Assim, a sequência didática pensada para se trabalhar nesse módulo está voltada à coesão e a seus mecanismos encadeadores.

4.8.1 Aula 4 – Mecanismos de coesão constituintes da lógica do texto

Os mecanismos de coesão que serão desenvolvidos estão dispostos no Plano de Aula 4, conforme Quadro 30, a seguir.

Quadro 30 – Plano de Aula 4

PLANO DE AULA 4	
Escola	Estadual Maurício Freire
Professora	Verônica Alves de Lira
Dados da turma	9º Ensino Fundamental II – Turma: A – Turno: Matutino
Tema da aula	Conjunções explicativas e adversativas – mecanismos de coesão constituintes da lógica do texto.
Objetivos comunicativos	Espera-se com esta aula que o aluno compreenda que a construção do texto depende de elementos linguísticos, e que estes constituem a textualidade, e ainda que, para que um texto tenha coerência é necessário estabelecer relação entre o texto e os mecanismos de coesão.
Objetivos linguísticos	Proporcionar ao aluno elementos substanciais para que ele seja capaz de: ➤ Reconhecer os elementos linguísticos essenciais para a construção da Textualidade no Texto, como a informatividade, a Coesão e a Coerência textual; ➤ Analisar os elementos linguísticos responsáveis pelo estabelecimento da coesão textual; ➤ Identificar a interdependência semântica entre os elementos constituintes de um texto responsáveis pelo estabelecimento da coerência. ➤ Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções explicativas e adversativas, e empregá-las em seu texto.
Proposta de escrita para 4ª versão	A partir da 3ª versão produzida pelo aluno, sobre o tema “Lixo, questão de cidadania e responsabilidade social”, redigir a 4ª versão: ➤ O texto deverá atender a mesma estrutura do gênero da versão anterior, artigo de opinião (15 a 20 linhas); ➤ O aluno deve posicionar-se com relação ao tema abordado, fazendo uso de elementos de coesão que contribuam para estabelecer relação com os argumentos favoráveis e de contestação (conjunções explicativas e adversativas), apresentando argumentos convincentes, que tornem o seu texto coerente e que fundamentem o seu posicionamento; ➤ Fica a critério do aluno manter/alterar o título do seu texto; ➤ O texto deverá atender a norma culta da língua; ➤ Ao final, assinar o artigo como “Cidadão Consciente”.
Orientação	A produção da 4ª versão textual terá como base as informações contidas nas oficinas trabalhadas em sala de aula (textos fonte, slides, dentre outras), assim como também servirão de referência para esta etapa as versões produzidas anteriormente pelos alunos (versões 1, 2, e 3).

Fonte: Autoria própria

Para colocarmos em prática o Plano de Aula 4, elaboramos a sequência didática com a intenção de amenizarmos os problemas diagnosticados na terceira versão escrita pelo aluno. Como a maioria desses problemas estava relacionada à ausência dos mecanismos de coesão, o que em alguns textos acabou comprometendo tanto o movimento argumentativo quanto a coerência, optamos, então, por desenvolver uma proposta metodológica em sala de aula voltada ao estudo desses mecanismos, em especial, das conjunções explicativas e

adversativas. Na maior parte das produções, a ausência desse tipo de conectivo foi mais recorrente, pois, ao tentar explicar/justificar um dado ou um fato apresentado com o intuito de argumentar, e/ou ao fazer um contraste de ideias como forma de contra-argumentar, há, no texto do aluno, uma carência de conectores que interliguem esses movimentos.

Diante dessa problemática, foi elaborado o Plano de Aula 4, que obedece a determinados procedimentos metodológicos expostos no Quadro 31 do tópico a seguir, que buscam colaborar para que, por meio dos mecanismos de coesão – conjunções explicativas e adversativas – a quarta versão resulte em um texto mais coerente.

4.8.2 Proposta de escrita para a quarta produção: estudo de conjunções explicativas e adversativas

Quadro 31 – Proposta de escrita

Fase	Procedimentos metodológicos	Duração	Material	Avaliação
1ª fase oral Trabalhando Os fatores Textualidade	Iniciar a aula questionando aos alunos o que eles acham que faz com que um texto seja considerado um texto e quais elementos são essenciais para sua construção. Propor que reflitam sobre algumas informações que acrescentaram na 2ª versão, esclarecer que essas novas informações compõem o elemento da INFORMATIVIDADE, e esta, assim como outros elementos, são responsáveis pela textualidade.	50 min.	Projektor multimídia; notebook; quadro branco; caneta para quadro;	Além de serem analisados os critérios estabelecidos para avaliação das versões anteriores, analisaremos ainda se o aluno foi capaz de reconhecer os elementos linguísticos constituintes da Textualidade, como a Informatividade, a Coesão e a Coerência textual; fazer uso de elementos linguísticos responsáveis pela coesão e coerência textual; Estabelecer relações lógico-discursivas no texto, através das conjunções explicativas e adversativas. Deve-se ainda observar, se o texto do aluno atendeu ao
2ª fase (oral/escrita) Conhecendo a Coesão e a Coerência textual e alguns mecanismos de coesão sequencial, como as conjunções	Distribuir cópias do texto “Circuito fechado”, de Ricardo Ramos, orientar para que os alunos leiam, interpretem e reflitam sobre elementos que faltam ao texto (como os conectores) e que se presentes, poderiam ter facilitado à sua interpretação. Esta atividade tem como propósito que eles percebam que o uso dos recursos de COESÃO são responsáveis pela conexão entre as partes do texto, encadeando-as sintática e	2h e 30 min.	Cópias de textos impressas em folha de ofício, quadro branco e caneta para quadro, projetor	

	semanticamente, possibilitando COERÊNCIA ao texto. Trabalhar atividades de coesão e coerência presentes em outros textos, com os alunos; Apresentar, através de slides, conceitos sobre Coerência e Coesão e alguns mecanismos da coesão textual, especificando as CONJUNÇÕES; Expor para os alunos que os mecanismos de coesão sequencial são responsáveis pelo encadeamento do texto e que as conjunções explicativas e adversativas contribuem para estabelecer relação com os argumentos favoráveis e de contestação, respectivamente.		multimídia e notebook.	comando da proposta de escrita e se houve alterações significativas no texto do aluno, comparando as versões produzidas após intervenção do professor.
3ª fase (oral/escrita) Analisando as conjunções sequenciais explicativas e adversativas.	Retomar o artigo de Cerqueira, “Lixo urbano”, através de uma atividade em sala de aula, com o propósito de analisar, com a turma, os tipos de conjunções presentes no texto, e se aparecem conjunções explicativas e adversativas, e ainda qual a relação dessas conjunções na argumentação.	1h e 40 min.	Cópias de texto impressas em folha de ofício (entregues nas oficinas de argumentação), quadro branco e caneta para quadro	
4ª fase (escrita) Produção da 4ª versão	Após realização das oficinas, orientar para que os alunos redijam a 4ª e última versão do texto, de acordo com a proposta de escrita.	1h e 40 min.	Folhas do tipo ofício e de cadernetas dos alunos em branco para a escrita da 4ª versão.	

Fonte: Autoria própria

Para explorar o Plano de Aula 4 e desenvolver o conteúdo programado em sala de aula, distribuímos os procedimentos metodológicos em 08 aulas de 50 minutos cada, de forma que atendesse o cronograma exposto no Quadro 32.

Quadro 32 – Cronograma – Distribuição das atividades desenvolvidas de acordo com o Plano de Aula 4

Data	Nº de aulas – Hora/aula	Atividades desenvolvidas
------	-------------------------	--------------------------

24/11/14	01 aula/ 50min	Roda de conversa e exposição sobre os fatores de Textualidade.
26 e 28/11/14	03 aulas/ 2h e 30min	Apresentar slides que contemplem conceitos e características da Coesão e Coerência textual e alguns mecanismos de coesão sequencial, como as conjunções (explicativas e adversativas).
01/12/14	02 aulas/ 1h e 40min	Atividade analisando a presença de conjunções explicativas e adversativas.
03/12/14	02 aulas/ 1h e 40min	Produção textual da 4ª versão.

Fonte: Autoria própria

4.8.3 Mecanismos de coesão e colaboradores da coerência textual

Para darmos início a essa etapa da sequência didática e prosseguimento ao cronograma estabelecido, começamos a primeira aula sugerindo aos alunos que refletissem sobre o que faz com que um texto seja considerado um texto e ainda sobre quais elementos são necessários para a construção de um texto. Em seguida, para responder ao questionamento, explicamos para os alunos que existem certos critérios que têm funções essenciais capazes de tornar frases soltas, ou um amontoado delas (que parecem não ter sentido algum), um texto compreensível, sendo esse conjunto de características denominado textualidade.

Na sequência, solicitamos que eles relembassem¹³ as informações que acrescentaram na segunda versão do texto produzido sobre o lixo (após terem acessado as várias fontes de conteúdos sobre o tema). Mencionamos que a distribuição dessas novas informações tornou os seus textos mais significativos, fator este ao qual é dado o nome de informatividade. Explicamos também que esse fator somado a outros, como a coesão e a coerência, correspondem à textualidade, e que juntos auxiliam na construção do texto.

Fizemos essa breve explanação em sala de aula sobre alguns fatores que compõem a textualidade não a fim de que os alunos se apropriassem de termos teóricos, os quais são necessários ao conhecimento do professor, mas como forma de introduzir o conteúdo que trata das conjunções (articuladores essenciais para dar progressão ao texto). Entendemos também que a utilização desses termos pelos alunos é justificável porque se trata de uma turma do 9º ano, ou seja, alunos que estão quase adentrando no Ensino Médio e que devem ganhar maturidade para lidar com termos com os quais não estão habituados. Ademais,

¹³ Essa atividade de recordar sobre o que haviam produzido na segunda versão teve como propósito tanto provocar o aluno, para que associasse o conteúdo que havia sido trabalhado com o que ele ainda teria acesso, quanto aproximá-lo de sua produção, dado que houve um distanciamento do período em que trabalhamos as três primeiras versões e a quarta versão. Isso se deu em virtude de um período de extenso recesso de aulas ao término da segunda versão, uma vez que o período de férias juninas foram ampliadas, devido ao evento da copa de futebol, que foi sediada no Brasil, e ainda a outros fatores que contribuíram para que adiássemos a continuação e a conclusão do nosso projeto em sala de aula.

percebemos que os termos teóricos mencionados estão presentes nos livros didáticos da referida série escolar, o que significa que esses termos não são desapropriados para esses alunos.

Iniciamos a aula seguinte distribuindo cópias do texto *Circuito fechado*, de Ricardo Ramos (1991). Nesse sentido, orientamos os alunos que fizessem, a princípio, uma leitura silenciosa e individual do texto, exposto no Quadro 33 a seguir.

Quadro 33 – Texto Circuito Fechado

TEXTO 1 - Circuito Fechado

Ricardo Ramos

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, telefone, agenda, copo com lápis, caneta, blocos de notas, espátula, pastas, caixa de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo. xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

Fonte: <http://jleitores.blogspot.com/2014/01/circuito-fechado-de-ricardo-ramos.html>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

Na sequência, propomos uma atividade interpretativa compartilhada, a fim de que os alunos compreendessem melhor o texto, e principalmente, como forma de introduzir o conteúdo a ser estudado (inicialmente coerência e coesão, e, mais adiante, as conjunções). Solicitamos, então, que respondessem oralmente às questões apresentadas no Quadro 34.

Quadro 34 – Questões sobre coerência e coesão

- a) Como você imagina a personagem?
- b) É possível saber se a personagem é homem ou mulher? Justifique com elementos do texto.
- c) Como é o dia dessa personagem?
- d) É possível identificar algum traço da personalidade dessa personagem? Por quê?
- e) Qual é o provável contexto social em que se desenrolam suas ações?

Fonte: Autoria própria

O texto de Ricardo Ramos (1991) é uma narrativa, estruturada por meio do encadeamento de substantivos, não fazendo uso de conectivos coesivos. Apresentamos esse texto aos alunos com o propósito de que eles percebessem que é possível que haja coerência em um texto que não tem mecanismos de coesão. Entretanto, esclarecemos que esse tipo de texto dificulta a compreensão do leitor, pois se, por um lado, ele olhar os elementos textuais em separado não perceberá o que o autor quis transmitir. Por outro lado, se perceber o texto como um todo verá que há um sentido, porém, é preciso que o leitor faça um esforço maior para compreendê-lo.

Declaramos para os alunos que essa afirmação é constatada ao verificarmos as respostas dadas por eles para as questões colocadas, ou ainda pela ausência de respostas, pois, de imediato, a resposta mais recorrente entre eles era “não entendi nada desse texto professora”. Somente após uma orientação e um direcionamento que fizemos de alguns trechos foi que eles começaram a extrair do texto algumas respostas, que íamos anotando no quadro, conforme destacamos no Quadro 35 ¹⁴.

¹⁴ Cada item de resposta corresponde ao item da questão no quadro anterior.

Quadro 35 – Respostas dos alunos

a) “Uma pessoa que fuma muito”; “Alguém que vive só”; “alguém que trabalha muito”; “É como se ele fizesse a mesma coisa todo dia”.
b) “É homem” ¹⁵ . “Porque fala em creme de barbear, pincel, espuma e gilete, e quem faz barba é homem”; “Também a parte de fala de cueca, camisa, e abotoaduras, que são coisas de homem”; “Fala também em lenço, e em terno e gravata”.
c) “É sempre do mesmo jeito”; “É de muito trabalho”; “É muito solitário”.
d) “Parece ser alguém sério, porque vive só para trabalhar, que não tem diversão”; “Pode ser alguém estressado, porque fuma muito”; “Também pode ser alguém triste, porque vive só”.
e) “Ele vive de casa para o trabalho” “Ele parece que vive no trabalho!” “Parece que ele trabalha num escritório, porque fala em jornal, papéis, e telefone”.

Fonte: Autoria própria

A atividade de interpretação do texto *Circuito Fechado* serviu para que a turma se apropriasse das intenções do autor, uma vez que, ao interpretar, o aluno também reflete sobre o que o autor quis passar. Vimos que a partir das respostas dadas pelos alunos houve um entendimento melhor do texto do que quando eles apenas o leram. Isso porque houve uma orientação que os provocou a refletir sobre o que poderiam extrair do texto. Porém, mesmo tendo havido uma evolução quanto ao entendimento do texto, constatamos nas falas dos alunos que não há uma exatidão quanto às respostas, que estas eram dadas, mas que ainda havia dúvidas, o que verificamos expressos em suas falas (“parece ser”, “pode ser”, “também pode ser”). Essa situação poderia ter sido diferente se houvesse presentes no texto elementos linguísticos, como é o caso dos conectores, que poderiam ter facilitado a sua interpretação. Essa atividade teve, portanto, como propósito que os alunos percebessem que o uso dos recursos de coesão é responsável pela conexão entre as partes do texto, encadeando-as sintática e semanticamente, o que possibilita uma coerência textual.

Em outra atividade, expomos a leitura de outros textos, que apresentassem elementos coesivos, porém, que não houvesse coerência. Começamos expondo pequenos textos, conforme Quadro 36 a seguir.

¹⁵ Resposta unânime entre os alunos.

Quadro 36 – Exposição de textos diversos

- a) “No verão passado, quando estivemos na capital do Ceará Fortaleza, não pudemos aproveitar a praia, pois o frio era tanto que chegou a nevar”.
- b) “Estão derrubando muitas árvores e por isso a floresta consegue sobreviver”.
- c) “Todo mundo viu o mico-leão, mas eu não ouvi o sabiá cantar”.
- d) “Todo mundo destrói a natureza menos todo mundo”.

Fonte: Autoria própria

A proposta de atividade para os alunos era a de que, a partir dos textos do quadro (entregues em folhas impressas para os alunos), eles deveriam fazer a leitura e dizer qual seria o problema encontrado em cada item. Percebemos que a maioria dos alunos não teve dificuldade para desempenhar a atividade em questão, pois, ao concluirmos a leitura oral compartilhada, eles detectavam, sem aparentar dúvidas, quais eram esses problemas, como podemos observar no Quadro 37, que apresenta algumas repostas para cada item.

Quadro 37 – Resposta dos alunos

- a) “Se era verão, não podia nevar”;
“Não existe neve no Ceará”.
- b) “Se estão derrubando muitas árvores, não tem como a floresta sobreviver”.
- c) “Porque fala de ver mico-leão e depois de ouvir sabiá”; “porque muda de assunto”.
- d) “Diz que todo mundo destrói a natureza, menos todo mundo, então era para dizer que ninguém destrói a natureza”

Fonte: Autoria própria

Conforme os alunos respondiam oralmente, íamos registrando as suas falas em caderneta. As anotações serviram para que víssemos que, pelas respostas dadas, eles conseguiam perceber o que soava estranho em cada situação, ou seja, o que estava incoerente em cada texto, e ainda como forma de coletar dados para este *corpus*.

Explicitamos para os alunos que, conforme eles detectaram nas orações analisadas, as quais apresentavam contradições, havia conectivos de coesão (pois, e, por isso, mas) que interligavam suas ideias. Porém, apontamos para eles que a utilização desses mecanismos não é garantia de um texto coerente.

Após trabalharmos com textos mais curtos, decidimos dificultar um pouco mais a atividade, apresentando outro texto, dessa vez, um pouco mais extenso, entretanto, seguindo a mesma proposta anterior (compreender as situações incoerentes do texto), como podemos observar no Quadro 38.

Quadro 38 – Texto de Koch e Travaglia (2003)

“João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina, cuja frente dava para leste. Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, até o horizonte, uma planície coberta de areia. Na noite em que completava trinta anos, João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente e observava como a sua sombra ia diminuindo no caminho coberto de grama. De repente, viu um cavalo que descia para sua casa. As árvores e as folhagens não o permitiam ver distintamente; entretanto observou que o cavalo era manco. Ao olhar de mais perto verificou que o visitante era seu filho Guilherme, que a vinte anos tinha partido para alistar-se no exército, e, em todo esse tempo, não havia dado sinal de vida. Guilherme, ao ver seu pai, desmontou imediatamente, correu até ele, lançando-se nos seus braços e começando a chorar”.

Fonte: Koch e Travaglia (2003)¹⁶.

Assim como fizemos com os textos anteriores, houve uma leitura oral, compartilhada pela turma, deste último, que também se encontrava na mesma folha impressa que os demais. Após a leitura, solicitamos aos alunos que mencionassem se conseguiram identificar (e quais seriam) os problemas expostos pelo texto que poderiam dificultar a compreensão do leitor.

Inicialmente, os alunos se detiveram em responder, demonstramos então um dos problemas apresentados pelo texto, como forma de motivá-los a refletir sobre os demais problemas, e assim responderem à questão. Mostramos para eles, como exemplo, o seguinte trecho: “João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina, cuja frente dava para leste”, e explicamos que o que podíamos deduzir dessa frase era que, se a frente da casa era para o leste, a sua parte de trás seria para o oeste, e se esta é a direção em que o sol se põe, ele se punha na parte de trás da casa. Dessa forma, há uma contradição em outro trecho do texto ao mencionar que “João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente”, pois isso não era possível, uma vez que não tinha como o João ver o sol se pôr na frente da sua casa.

Após mostrarmos o referido exemplo, questionamos aos alunos se eles conseguiam identificar mais alguma contradição no texto. Aos poucos, eles foram detectando essas contradições, conforme registramos no Quadro 39 a seguir.

¹⁶Texto cedido pela professora Mary Kato para o livro de Ingedore G. Vilhaça Koch e Luiz C. Travaglia. Texto e coerência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995, p. 32-33.

Quadro 39 – Resposta dos alunos

- 1) “No texto diz: *‘Na noite em que completava trinta anos, João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente’*, o sol não podia mais se por, porque já era noite”.
- 2) “No início diz que João morava no alto de uma colina coberta de areia, e depois que ele observava a sua sombra no caminho coberto de grama, se era tudo coberto de areia é porque não tinha grama”; “fala também que as árvores e as folhagens não permitiam ver direito, diferente do que disse antes”.
- 3) “No início diz que João morava no alto de uma colina coberta de areia, e depois que ele observava a sua sombra no caminho coberto de grama, se era tudo coberto de areia é porque não tinha grama”; “fala também que as árvores e as folhagens não permitiam ver direito, diferente do que disse antes”.
- 4) “No começo do texto diz que a casa de João ficava no alto da colina, e depois que ele viu um cavalo descer para sua casa, então se ele já morava no alto, não tinha como descer para a casa dele.
- 5) “Se ele não via direito por causa das árvores e das folhagens, como dava para ver que o cavalo era manco?”.
- 6) “Se João estava completando trinta anos, então ele não podia ser pai de Guilherme, que tinha partido a vinte anos”.

Fonte: Autoria própria

Após a identificação dos trechos que apresentavam ideias contraditórias, explicamos para os alunos que, ao ler o texto sem prestarmos atenção aos detalhes, poderíamos não perceber essas contradições, e que isso acontece porque o texto está entrelaçado, ou seja, há nele elementos linguísticos que unem as suas ideias, que são os mecanismos de coesão. Apesar disso, ressaltamos que somente após um olhar mais atento foi que eles perceberam que alguns trechos do texto não faziam sentido. Explicamos, então, que essas ideias contraditórias tornavam o texto incoerente. Justificamos, mais uma vez, que tanto a coesão como a coerência, bem como a informatividade e outros elementos, são fundamentais para a construção textual, pois eles irão torná-lo mais compreensível para o leitor.

Na sequência apresentamos em sala de aula slides (sintetizados e adequados à turma de 9º ano) contendo conceitos e características de texto, textualidade e seus componentes. Especificamos, em especial, sobre as conjunções, que assim como outros elementos linguísticos, são conectores responsáveis por dar sequencialidade ao texto, e que são denominados por Koch (2003, p.72) de operadores ou encadeadores de discurso. Ademais, segundo a autora, pelo fato de determinar a orientação argumentativa, ao introduzir um enunciado, esses tipos de conectores também são chamados de operadores argumentativos, pois estabelecem relações semânticas e/ou pragmáticas que fazem o texto progredir. Do conteúdo apresentado para a turma, mostramos como exemplos os tipos de conjunções disponíveis no Quadro 40.

Quadro 40 – Tipos de conjunções

TIPOS DE CONJUNÇÕES

- ✓ Coordenativas – simplesmente coordenam orações, sem que entre elas se estabeleça uma relação sintática.
- ✓ Subordinadas – são conjunções que, ao ligarem duas orações, estabelecem uma relação de dependência sintática entre elas, de tal maneira que uma das orações determina ou completa o sentido da outra.

Conjunções Coordenativas:

- **aditivas** (adição): e, nem, mas também, como também, bem como, mas ainda;
- **adversativas** (adversidade, oposição): mas, porém, todavia, contudo, antes (= pelo contrário), não obstante, apesar disso;
- **alternativas ou disjuntivas** (alternância, exclusão, escolha): ou, ou ... ou, ora ... ora, quer ... quer;
- **conclusivas** (conclusão): logo, portanto, pois (depois do verbo), por conseguinte, por isso;
- **explicativas** (justificação): pois (antes do verbo), porque, que, porquanto.

Conjunções Subordinativas:

- **causais**: porque, visto que, já que, uma vez que, como, desde que;
- **comparativas**: como, (tal) qual, assim como, (tanto) quanto, (mais ou menos +) que;
- **condicionais**: se, caso, contanto que, desde que, salvo se, sem que (= se não), a menos que;
- **consecutivas** (consequência, resultado, efeito): que (precedido de tal, tanto, tão etc. - indicadores de intensidade), de modo que, de maneira que, de sorte que, de maneira que, sem que;
- **conformativas** (conformidade, adequação): conforme, segundo, consoante, como;
- **concessiva**: embora, conquanto, posto que, por muito que, se bem que, ainda que, mesmo que;
- **temporais**: quando, enquanto, logo que, desde que, assim que, mal (= logo que), até que;
- **finais** - a fim de que, para que, que;
- **proporcionais**: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais (+ tanto menos).
- **Integrantes**: (ligam à oração principal as orações subordinadas substantivas, que exercem as funções próprias dos substantivos - Sujeito, predicativo, objeto direto, indireto, complemento nominal, e aposto): que, se.

Locuções Conjuntivas:

São duas ou mais palavras que conectam orações, estabelecendo entre elas uma relação de subordinação (dependência) ou simples coordenação. São geralmente formadas por advérbios, preposições e particípios seguidos da conjunção que.

Exemplos: já que, desde que, visto que, uma vez que, ainda que, posto que, sem que, por mais que.

Fonte: Autoria própria

Entre os tipos de conjunções apresentadas em sala de aula, voltamos as nossas explicações para as conjunções coordenadas adversativas e explicativas, as quais, segundo Koch(2003, p. 73), estabelecem relações de contrajunção (quando os enunciados de argumentações diferentes se contrapõem), explicação ou justificativa (quando ocorre o encadeamento de um primeiro ato de fala por outro que explica ou justifica o anterior), respectivamente. Dessa forma, orientamos que os mecanismos de coesão sequencial são responsáveis pelo encadeamento do texto e que as conjunções explicativas e adversativas contribuem para estabelecer relação com os argumentos favoráveis e de contestação, respectivamente, dando maior credibilidade à tese e ao posicionamento do autor.

O motivo de voltarmos nossa atenção especificamente para esses mecanismos de coesão se justifica pela ausência desses operadores na maior parte dos textos dos alunos, conforme constatamos na análise da terceira versão textual. Ademais, explicamos para os alunos, que estávamos trabalhando com um texto argumentativo. Nesse caso, a utilização desses conectores no artigo de opinião é indispensável, uma vez que é a partir deles que a intenção argumentativa do autor é percebida com mais clareza pelo leitor.

A partir do conteúdo estudado com os alunos, iniciamos a aula seguinte. Para tanto, retornamos ao texto de Cerqueira, o artigo *Lixo urbano* (havíamos solicitado ao final da última aula que trouxessem o texto que havia sido entregue a eles durante as oficinas trabalhadas anteriormente). Na sequência, justificamos que o motivo de trabalharmos com esse texto se deu pelo fato de se tratar de um artigo de opinião que desenvolvia os fatores constituintes da textualidade, principalmente os que eram de nosso interesse para o momento, as conjunções explicativas e adversativas, pois o texto fazia uso desses elementos coesivos para estabelecer a coerência.

Propomos, então, para os alunos, que lessem o texto e analisassem as conjunções presentes, orientamos que eles tentassem identificar os tipos de conjunções e qual função elas desempenhavam no enunciado, ou seja, qual a relação dessas conjunções com a argumentação. Para demonstrarmos as conclusões sobre essa análise, feita pelos alunos, expomos mais uma vez o texto de Cerqueira (Quadro 41), utilizado em outras atividades, e que agora serve para o estudo de outros fatores, que explicitaremos a seguir.

Quadro 41 – Texto sobre o lixo urbano

Lixo Urbano

Um dos principais problemas ambientais da atualidade é a grande produção de lixo, pois esse processo tem como consequência a liberação de gases que promovem o efeito estufa e a poluição das águas subterrâneas e superficiais. Esse fenômeno é uma das consequências do aumento populacional nas cidades, da intensificação do modelo consumista, do uso de produtos descartáveis, além do modismo, pois existe uma “necessidade” de se adquirir objetos mais modernos.

O lixo é também um problema socioeconômico, visto que grandes quantias de dinheiro são destinadas à coleta e tratamento do lixo urbano. No aspecto social, vários indivíduos são afetados pela concentração de lixo nas cidades, que causa proliferação de insetos, transmissão de doenças, poluição visual, entupimento de bueiros, entre outros.

As origens do lixo urbano são as mais distintas, e ele é classificado em:

Domiciliar: alimentos, papéis, plásticos, vidros, papelão, produtos deteriorados, etc.

Industrial: cinzas, lodos, metais, cerâmicas, madeira, borracha, resíduos alcalinos, etc.

Hospitalar: embalagens, seringas, agulhas, curativos, gases, ataduras, peças atômicas.

Lixo tecnológico: computadores, pilhas e aparelhos eletrônicos em geral.

A coleta do lixo deve ocorrer de acordo com a sua classificação, pois os tratamentos finais desses resíduos são diferentes. O lixo hospitalar, por exemplo, tem que ser incinerado, queimado em forno de micro-ondas ou tratado em autoclave. Porém, não é o que acontece na maioria das cidades.

A falta de estrutura e empenho dos políticos em solucionar o problema do lixo tem como consequência a existência de lixões a céu aberto em várias cidades. O destino adequado para o lixo urbano é o aterro sanitário, construído em áreas adequadas, com profissionais qualificados e estrutura para o tratamento dos gases e do chorume. Outra alternativa, é a incineração dos resíduos, no entanto, esse método é muito caro, sendo inviável em muitos casos.

O mais importante, porém, é a conscientização da população, e isso pode ser promovido através da utilização da Política dos 3 R's: Reduzir, Reutilizar e Reciclar. A coleta seletiva é uma das alternativas mais eficientes para reduzir o lixo, além de ser uma forma de contribuir para os catadores de materiais recicláveis. Portanto, através de simples atitudes e mudanças de comportamento todos os habitantes podem colaborar para reduzir a produção de lixo.

Fonte: Wagner de Cerqueira e Francisco (2011)

Para registro das respostas dadas pelos alunos, dividimos o quadro branco em partes (cada parte fazia referência a um tipo de conjunção coordenada), e com uma caneta para

quadro branco, fomos anotando as conjunções encontradas por eles. As conjunções mencionadas pela turma foram anotadas e se encontram no Quadro 42.

Quadro 42 – Conjunções coordenativas

Conjunções Coordenativas				
Aditivas	Adversativas	Alternativas	Conclusivas	Explicativas
E, além de	Porém, no entanto	Ou	Portanto	Pois, que, visto que

Fonte: Autoria própria

Após identificarmos, em parceria com os alunos, as conjunções coordenativas presentes no artigo de Francisco (2011), fomos anotando-as no quadro, cada uma de acordo com a sua classificação, e explicando para os alunos a relação semântica estabelecida entre cada conjunção e as orações em que elas se encontravam.

Mostramos, exemplificando, que no trecho “O lixo hospitalar, por exemplo, tem que ser incinerado, queimado em forno de micro-ondas ou tratado em autoclave. Porém, não é o que acontece na maioria das cidades” (linhas 17 a 19), o autor do artigo *Lixo urbano* afirma sobre o destino que deveria ser dado ao lixo e, em seguida, utiliza a conjunção “porém” para dar uma ideia de contrariedade ao que disse antes, afirmando, na sequência, que as coisas não acontecem como deveriam acontecer. Outro exemplo que mencionamos foi referente às conjunções “pois, visto que, que”, utilizadas pelo autor para explicar algo dito por ele anteriormente, como ocorre nos seguintes trechos:

- “O lixo é também um problema socioeconômico, **visto que** grandes quantias de dinheiro são destinadas à coleta e tratamento do lixo urbano” (linhas 7 e 8).
- “Vários indivíduos são afetados pela concentração de lixo nas cidades, **que** causa proliferação de insetos, transmissão de doenças, poluição visual, entupimento de bueiros” (linhas 8 a 10).
- “A coleta do lixo deve ocorrer de acordo com a sua classificação, **pois** os tratamentos finais desses resíduos são diferentes (linhas 16 e 17)”.

A atividade de demonstrarmos para a turma como as conjunções foram empregadas pelo autor no artigo tinha o propósito de que os alunos percebessem de que forma podiam fazer uso das conjunções em seu próprio texto, e a compreensão de que, ao utilizá-las, estão estabelecendo uma unidade de forma e sentido nos textos, por meio do encadeamento das ideias. Reafirmamos, assim, que é esse encadeamento que permite ao texto avançar, procedimento chamado de coesão sequencial.

Concluímos a aula, então, mencionando para os alunos que ao analisarmos os seus textos detectamos algumas lacunas, nas quais poderiam ser encaixados mecanismos de coesão

sequencial que serviriam para unir as orações, possibilitando uma progressão ao seu texto a partir da conexão por eles operacionalizada. Dessa forma, assinalamos que os conectivos que permitiriam estabelecer essa relação são as conjunções, pois estas são utilizadas para construir uma relação semântica a partir do sentido que expressam. Por fim, relacionamos as atividades trabalhadas ao conteúdo proposto, explicitando para a turma que retomariamos a terceira versão dos textos produzidos por eles, e que, dessa vez, poderíamos fazer uso de todo o conteúdo apreendido para elaborarmos uma quarta produção, a versão final.

4.9 PRODUÇÃO FINAL: ASPECTOS FORMAIS DO TEXTO

A produção final foi planejada para apresentar a construção da lógica do texto, a partir das conjunções explicativas e adversativas. Para tanto, foram desenvolvidas diversas atividades a fim de sanar os principais problemas detectados na terceira versão, ocasionados devido à ausência de conectivos entre as orações nos textos da maioria dos alunos. Já sabemos que a ausência desses elementos linguísticos pode prejudicar tanto a progressão textual quanto a relação semântica entre autor/escritor e o pretendo leitor.

Dessa forma, durante todo o módulo III, a sequência didática adotada estava voltada para desenvolvermos uma metodologia que orientasse os alunos para que eles se apropriassem dos conteúdos relacionados aos mecanismos de coesão (conjunções), mas principalmente para que refletissem sobre a sua própria escrita. Para chegarmos até a produção da versão final, percorremos um longo processo de “idas e vindas”, de escritas e reescritas, de leituras e releituras.

Sabemos também que o propósito final deste estudo é elevar o nível de informatividade no texto do aluno. Porém, seria mais difícil elevarmos o nível pragmático se também não considerarmos os critérios do plano linguístico e conceitual. Por isso, tornou-se essencial um estudo pautado em elementos de coesão, em especial, as conjunções explicativas e adversativas, que guiassem a produção da quarta versão textual.

Para que os alunos evoluam em seus textos, iniciamos a aula de produção textual devolvendo para a turma a terceira versão escrita por eles sobre o “lixo”. Em seguida, mencionamos a importância de reelaborarmos uma nova versão, pois, a partir do novo conteúdo estudado, somado aos anteriores, eles poderiam revisar a sua escrita, percebendo e relacionando o que aprenderam ao que poderiam melhorar em seus textos.

A atividade de revisão textual (tanto para a versão atual como para as anteriores) permite ao aluno, conforme afirma Rocha (apud COSTA VAL, 2008, p.73), que ele

“(re)elabore concepções acerca da estrutura textual considerando aspectos relativos ao nível de informatividade do texto, à ortografia, à caligrafia, a concordância, entre outros”. Diante do exposto, para essa nova versão, o intuito é que o aluno leve em consideração os aspectos linguísticos, percebendo o que detectamos na análise de terceira versão, as lacunas entre as orações que poderiam ser preenchidas por conjunções. Porém, temos a consciência de que após a revisão em seu texto, o aluno é capaz de perceber vários outros aspectos que podem ser melhorados, além dos que foram mencionados. É no ato da revisão que o aluno se coloca na posição de leitor do seu próprio texto e passa, então, a compreender que se escreve para um interlocutor, e que, por isso, é preciso que sua letra seja legível, que não faltem informações, e que não haja problemas com a formalização da escrita, para que não se comprometa a construção de interlocução. Dessa forma, a revisão se torna essencial por ser um procedimento que, segundo Rocha (apud COSTA VAL, 2008, p. 73, grifo do autor):

Permite não apenas ver melhor, mas, também, ver de outra perspectiva, na medida em que se considera que, durante a produção da primeira versão do texto, o aprendiz tem sua atividade reflexiva centrada em aspectos como: *o que dizer, como dizer, que palavras usar...* durante o processo de revisão, o aluno tem possibilidade de centrar esforços em questões pertinentes ao plano textual-discursivo, como *dizer mais, dizer de outro jeito, analisar e/ou corrigir o que foi dito*, visando ao sucesso da interlocução enquanto “proposta de compreensão” feita pelo leitor, como também pode focalizar questões relativas às normas gramaticais e às convenções gráficas [...] que são igualmente importantes para o bom funcionamento da interação mediada pela escrita.

Assim, a atividade de revisão contribui para a construção de uma capacidade reflexiva, e é esse fator que guia o aluno em sua apropriação das habilidades textuais, a partir de um movimento não linear, que supõe rupturas, avanços e recuos e que deve ter como parâmetro, segundo Rocha (apud COSTA VAL, 2008, p. 73), as interações e reflexões de alguém que está se constituindo como sujeito da própria produção, um “eu-autor em construção”. Por isso, é importante que o aluno faça do processo de revisão um hábito rotineiro, retornando sempre às produções anteriores, para que, ao chegar à produção final, ele tenha evoluído, tanto em seu texto como na condição de sujeito que interage com o leitor (mediado pela sua produção textual).

Outro ponto que foi mencionado para os alunos foi o de que todo o processo de escrita, leitura, revisão e reescrita de seus textos era necessário para atingirmos o nosso propósito de evolução na versão final, uma vez que essa produção seria o nosso objeto de estudo a ser desenvolvido na feira científica e cultural da escola, evento que é promovido anualmente pela instituição e que mobiliza toda a comunidade escolar.

Socializamos, antecipadamente, com a turma sobre o projeto (a partir de seus próprios textos) a ser desenvolvido na feira por dois motivos: primeiro, porque acreditamos que é uma forma de motivar o aluno para que ele, mais uma vez, reescreva o seu texto. Pelo fato de a reescrita do mesmo texto (com o mesmo tema) ter se tornado algo repetitivo, o aluno poderia se propor a fazê-lo de qualquer jeito, sem se preocupar em melhorá-lo, com a justificativa de essa atividade era cansativa e enfadonha, o que não seria de todo incompreensível, uma vez que esse mesmo tema vem sendo trabalhado e retomado durante todo o ano letivo. Segundo, por entendermos que é essencial que o aluno saiba que a sua produção tem um valor significativo, uma vez que ela não será simplesmente lida, corrigida e engavetada, em vez disso, será exposta para outros leitores que fazem parte da comunidade escolar, que vão além do professor e dos colegas de sala de aula.

Acreditamos que, dessa forma, reescrever o seu texto fará sentido para o aluno, pois ele passa a perceber que há uma intenção comunicativa em sua produção que será compartilhada com terceiros, ou seja, ou seu texto é a ponte que liga interlocutores com diferentes propósitos na sociedade. Assim, a necessidade da reescrita se justifica, principalmente, para que o texto esteja organizado, estruturado e coerente, tornando-se, dessa forma, aceito pelo seu receptor.

Após trabalharmos a realização das atividades de intervenção, voltadas para sanar/amenizar os problemas de coesão diagnosticados na terceira versão do texto do aluno, promovemos, então, a orientação de como eles deveriam proceder para reescrever os seus textos, que culminariam em sua quarta e última versão. Além disso, a produção final é responsável por encerrar a sequência didática proposta por Dolz e Schneuwly (2004, p. 90), pois ambos concordam que a versão final “dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos”, ou seja, é na versão final que o aluno retoma e faz as correções que podem ter passado despercebidas em outras versões, considerando tanto o conteúdo estudado nos módulos como outras correções, a exemplo, de ordem gramatical e ortográfica, conteúdos que não foram abordados para o trabalho em questão. É nessa versão, segundo os autores mencionados, que o próprio aluno se torna consciente do processo de sua aprendizagem, tomando conhecimento do que aprendeu e do que falta aprender, regulando e controlando o seu comportamento, como produtor de textos durante a revisão e a reescrita, e se tornando capaz de avaliar os progressos realizados no domínio trabalhado.

A produção final ainda permite, de acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p. 91), que o professor realize uma avaliação do tipo somativa que permita ao aluno encontrar, de maneira explícita, os elementos trabalhados em sala de aula, servindo de critérios de

avaliação, quer por meio de uma lista de constatações construída no decorrer das sequências, quer por uma grade diferente para avaliar as produções. A explicação dos critérios de avaliação de forma clara e que faça uso de um vocabulário conhecido por ambas as partes permite que o aluno compreenda mais facilmente o que o professor espera encontrar em sua produção, considerando os critérios estabelecidos para a refacção de seu texto. Assim, antes que o aluno iniciasse a reescrita do seu texto, orientamos a turma mencionando quais eram esses critérios que compunham a proposta de escrita para a quarta versão, conforme podemos observar no tópico a seguir.

4.9.1 Quarta produção: proposta de escrita

Solicitamos aos alunos que produzissem a quarta versão, buscando atender aos seguintes critérios:

- O texto deverá estar de acordo com a mesma estrutura do gênero da versão anterior, artigo de opinião;
- O aluno deve fazer uso de elementos de coesão que contribuam para estabelecer relação com os argumentos favoráveis e de contestação (conjunções explicativas e adversativas), apresentando argumentos convincentes, que tornem o seu texto coerente e que fundamentem o seu posicionamento diante do tema abordado;
- Fica a critério do aluno manter/alterar o título do seu texto;
- O texto deverá atender a norma padrão da língua;
- partir da 3ª versão produzida pelo aluno, sobre o tema “Lixo, questão de cidadania e responsabilidade social”, redigir a 4ª versão;
- Ao final, assinar o artigo como “Cidadão Consciente”.

A produção da quarta versão se deu a partir da proposta descrita acima e tendo como base as versões produzidas anteriormente pelos alunos (versões 1, 2, e 3), e ainda, tendo como referência os estudos realizados em sala de aula, por meio de várias atividades, nas quais utilizamos diversos recursos (textos, slides, entre outros). As atividades desenvolvidas abordavam como conteúdo os componentes linguísticos da coesão. Tais elementos são responsáveis por promover a progressão textual, e se fizeram necessários ser trabalhados por percebermos a deficiência desses elementos no texto da maioria dos alunos. A esse respeito, a terceira versão apresentava muitas lacunas, as quais poderiam ter sido preenchidas se tivessem sido utilizadas as conjunções coordenadas (explicativas e adversativas).

Dessa forma, após os alunos reescreverem os seus textos, recolhemos a produção final, que, como as demais, compõem este *corpus*, com o intuito de analisá-la e compará-la com a 3ª versão, observando se o aluno aderiu à proposta de escrita ao seu texto, e se fez uso das conjunções explicativas e adversativas em sua produção, a fim de sanar os problemas diagnosticados na terceira versão.

4.9.2 Análise da quarta produção: um olhar voltado à sequencialidade do texto, a partir das conjunções explicativas e adversativas

A análise da produção final levou em consideração o nosso terceiro objetivo específico: o de analisar a evolução na refacção textual do aluno a partir do uso dos elementos linguísticos de coesão (conjunções explicativas e adversativas), elementos estes encadeadores dos argumentos e essenciais para a construção da textualidade e coerência do texto. Averiguamos ainda a importância de uma ação mediadora proposta pelo professor, analisando quais os efeitos ela pode surtir no desenvolvimento do aluno escritor de textos.

Este último fator analisado nos direcionou para constataremos se, de fato, a intervenção pedagógica contribuiu para que o aluno conseguisse refletir sobre o processo de escrita, tornando-se capaz de produzir textos bem articulados e que apresentassem informações pertinentes e significativas, que proporcionassem função informacional e sociocomunicativa, possibilitando, assim, a compreensão do recebedor.

Para analisarmos o conjunto de textos da quarta versão produzidos pelos alunos, ao qual nomeamos de bloco D, adotamos como base o conteúdo trabalhado no Módulo III, analisando, dessa forma, se o aluno foi capaz de fazer uso de elementos linguísticos responsáveis pela coesão e coerência textual, estabelecendo relações lógico-semântico-discursivas no texto, com base nas conjunções explicativas e adversativas. Observamos ainda se o texto do aluno atendeu o comando da proposta de escrita e se houve alterações significativas no texto desse aluno. Para tanto, comparamos as versões produzidas após a intervenção do professor.

Os estudos de Koch (2003, p. 45) serviram de fundamentação para embasar a análise da quarta versão, considerando as questões inerentes aos recursos linguísticos de coesão utilizados (ou não) pelo aluno na produção final de seu texto. Segundo os estudos da referida autora, a coesão é o fenômeno responsável pelo modo como os elementos linguísticos encontram-se interligados entre si, por meio de recursos linguísticos que formam sequências veiculadoras de sentidos. Ainda de acordo com Koch (2003, p. 52), a continuidade dos

sentidos é possível devido à coesão sequenciadora, que permite que o texto avance. Ademais, um dos fatores que contribuem para que a coesão sequencial se estabeleça é o encadeamento, mecanismo que, segundo Koch(2003, p.66), permite “estabelecer relações semânticas e/ou discursivas entre as orações, enunciados ou sequências maiores do texto”.

Sabemos que o encadeamento de enunciados, que Koch e Elias (2012, p. 186) também nomeiam de entrelaçamento, é constituinte de um recurso poderoso de sequenciação textual, podendo ser classificado por justaposição, quando apenas se colocam os enunciados um ao lado do outro, sem a presença explícita de uma conjunção, a fim de estabelecer relações semânticas ou discursivas; ou encadeamento por conexão, quando há um conector no texto. Este segundo tipo de encadeamento foi o que consideramos como critério para analisar a produção final.

Quando, na produção textual, existe um conector inadequado, isso pode prejudicar a compreensão do texto, por isso, é importante que se tenha muito cuidado na escolha do conector para expressar a intenção desejada. Nesse sentido, Koch e Elias (2012) retomam Charolles (1983) para justificar que é preferível não fazer uso de conector algum, ou seja, fazer um encadeamento por justaposição, do que utilizar um conector que dificulte a construção da coerência textual. De acordo com as autoras, é preciso que se tenha bem clara a relação que se pretende estabelecer entre os enunciados do texto e conhecer os elementos linguísticos adequados para cada relação estabelecida. Ademais, Koch e Elias (2012, p.187) classificam alguns elementos que permitem estabelecer essa relação, quais sejam: os conectores, palavras ou partículas de ligação, operadores discursivos, articuladores textuais. Seleccionamos, então, as conjunções explicativas e adversativas, que são conectores que têm como função estabelecer uma relação de sentido com o intuito de explicar/justificar determinado conceito ou argumento (explicativa), e demonstrar uma adversidade de opinião ou expor um contra-argumento (adversativa).

Dessa forma, analisamos se houve a utilização das conjunções explicativas e adversativas em sua produção final, uma vez que detectamos a ausência desses elementos na terceira versão, e que, por isso, trabalhamos esses tipos de elementos coesivos no terceiro módulo. Para tanto, comparamos alguns trechos de textos (que serviram de referência) da terceira e quarta versão, analisando se apresentaram evolução em sua quarta produção. A escolha desses textos se deu principalmente porque eles apresentavam as lacunas que poderiam ser preenchidas de acordo com os elementos coesivos trabalhados, visando à progressão e à coerência textual, conforme podemos averiguar no tópico a seguir.

4.9.3 Análise comparativa quanto ao uso dos conectores de coesão – conjunções explicativas e adversativas (entre as versões 3 e 4)

Para demonstrarmos a ocorrência de conectores, comparamos dois trechos de cada versão (terceira e quarta), escrita pelo aluno ECDS, que teve seu texto selecionado como forma de representar os demais, a fim de demonstrar as comparações feitas entre as versões três e quatro, de acordo com Quadro 43.

Quadro 43 – Trechos das versões 3 e 4 da produção textual do aluno ECDS

a) Texto 3 (2º parágrafo)	“Lixo está no termo cidadania, cidadania é um conjunto de direitos e deveres e o direito da população é ter ruas e cidades limpas e nosso dever é ajudar para que isso aconteça, voluntariamente apanhando o lixo das ruas para contribuir com a sociedade”.
b) Texto 4 (2º parágrafo)	“Lixo está num termo, cidadania pois cidadania é um conjunto de direitos e deveres onde o dever das pessoas é preservar o meio em que vive, não jogando lixo na rua, coletando seu lixo em casa, que muitas vezes pode virar lucro. E nosso direito é ter mais funcionários trabalhando na área da limpeza, para que tenhamos uma cidade limpa”.
c) Texto 3 (4º parágrafo)	“Devemos deixar de poluir tanto, deixar de ser tão cabeças duras, nas cidade deveria ter mais carros para coletar o lixo outras formas para levar o lixo, havia de ter, mais isso não é praticado não devemos pensar só na gente mas no resto da população”.
d) Texto 4 (4º parágrafo)	“Deve-se deixar de poluir tanto, pensar mais não só em se mas nas outras pessoas, pois foi jogando lixo e chutando não vai prejudicar, só você mais todos a cidade, mais caminhões de lixo seria melhor, caminhos subterrâneo para a coleta do lixo”

Fonte: Autoria própria

Conforme podemos observar, no item “a” (2º parágrafo do texto 3) do quadro acima, o aluno ECDS tenta relacionar o termo “lixo” com “cidadania”. Em seguida, ele simplesmente repete o mesmo termo “cidadania” para, na sequência, explicá-lo. Percebemos, porém, ao compararmos com o segundo parágrafo reescrito pelo aluno na sua quarta versão (item “b”), que ECDS introduziu a conjunção “pois” para, em seguida, dar início à explicação do conceito do termo “cidadania”.

Verificamos, ainda, que o aluno utilizou outra conjunção explicativa no item “b” que não havia sido utilizada no item “a”, trata-se da conjunção “que”, que aparece com o intuito de justificar um novo argumento acrescentado na quarta versão, uma vez que este não estava presente na terceira, pois nesta, ele apenas menciona que temos o dever de contribuir para que as ruas permaneçam limpas, e que, para isso, temos de apanhar voluntariamente o lixo das ruas. Já no segundo parágrafo da quarta versão, o aluno justifica que os deveres das pessoas é

preservar o meio em que vive, apresentando como ação preventiva o ato de não jogar lixo na rua, e faz menção à coleta de lixo introduzindo o “que” em “que muitas vezes pode virar lucro” para explicar o que foi dito, e relacionar a coleta de lixo com o fato de que este pode se tornar uma fonte de renda.

Em outro trecho, referente ao quarto parágrafo da terceira versão, conforme exposto no item “c”, ECDS tenta interagir com o leitor ao convidá-lo, de forma implícita, a refletir sobre as ações que devem (ou não) ser tomadas para solucionar o problema do lixo. Para argumentar, o aluno vai mencionando uma sequência de informações sem que haja uma conexão entre elas, como podemos observar no seguinte trecho: “devemos deixar de poluir tanto, deixar de ser tão cabeças duras, nas cidade deveria ter mais carros para coletar o lixo”. Percebemos, assim, que o aluno apresenta diferentes propostas para solucionar o problema, e estas não conversam entre si. Entretanto, ao observarmos no item “d”, referente ao quarto parágrafo da quarta versão, o aluno se expressa de forma diferente, pois, para justificar o seu posicionamento de que se deve “deixar de poluir tanto”, ele apresenta, na mesma sequência, um argumento e um contra-argumento, quando aconselha que devemos “pensar mais não só em se **mas** nas outras pessoas”. Dessa vez, os enunciados aparecem interligados pela conjunção “mas”, apontando para uma ideia de adversidade, visto que a intenção do aluno é a de nos convencer de que devemos pensar em nós mesmos, porém, temos de pensar também em outras pessoas.

Na continuação do item “c” da terceira versão, onde se lê: “outras formas para levar o lixo, havia de ter, **mais** isso não é praticado”, observamos que o aluno até tentou utilizar a conjunção “mas”, porém, ele escreveu a palavra “mais”, que remete à ideia de adição e não de adversidade (que parecia ser a pretensão do escritor), promovendo certa confusão. Vemos também que o aluno repetiu a mesma palavra “mais” em sua quarta versão (mesmo que tenhamos explicado em sala de aula a diferença entre “mas” e “mais”), no trecho “não vai prejudicar, só você **mais** todos a cidade”, empregada com o mesmo sentido da terceira versão. Já no final do quarto parágrafo da terceira versão ele emprega a conjunção “mas” grafada de acordo com a sua intenção (de adversidade), conforme vemos em “não devemos pensar só na gente **mas** no resto da população”. Outro ponto percebido é que no quarto parágrafo do item “d” o aluno acrescenta uma explicação, introduzida pela conjunção “pois”, para explicar o motivo pelo qual devemos deixar de poluir, como vemos em “**pois** foi jogando lixo e chujando não vai prejudicar, só você mais todos a cidade”, ou seja, o aluno explica que se jogarmos lixo e sujarmos as ruas estaríamos prejudicando não só a nós mas também a toda a cidade.

Observamos, assim, que o aluno ECDS, a exemplo dos demais, não apenas fez uso das conjunções “pois”, “que”, e “mas” na quarta versão como também acrescentou novas informações em sua produção final, com o intuito de esclarecer ou dar sustentação aos seus argumentos. Percebemos que ECDS, bem como a maioria dos alunos, compreenderam a importância de se reconhecer os elementos linguísticos da coesão, e que estes são constituintes da textualidade, assim como a informatividade, e que ambas são essenciais para a coerência textual.

Apesar de todo o trabalho que realizamos, reconhecemos que a quarta versão ainda apresenta falhas que podem ser corrigidas, como questões ortográficas, de sinalização, entre outras. No entanto, somos conscientes de que esse processo de produção escrita é contínuo e demanda, tanto por parte do professor como do aluno, muita dedicação, muita leitura e, principalmente, muitas escritas e reescritas para que o aluno consiga evoluir de fato. Acreditamos que nosso objetivo maior, o de contribuir para a evolução da informatividade na produção textual do aluno, tenha sido alcançado, principalmente ao compararmos a primeira versão com a produção final, percebemos que houve uma melhora significativa quanto a esse objetivo. Isso comprova também a importância de uma ação mediadora por parte do professor, pois é essencial que se tenha um olhar voltado para diagnosticar as dificuldades apresentadas pelos alunos, e assim buscar agir pedagogicamente na tentativa de sanar essas dificuldades. Esperamos que este estudo seja apenas o início de um extenso trajeto a ser percorrido na tentativa de colaborar para a formação de alunos produtores de texto, que seja o início para uma evolução do eu-autoral, tanto para o aluno quanto para o professor, que é responsável por mediar o conhecimento e guiar esse aluno em sua produção.

4.9.4 Aula 5 – Exposição dos textos ao público

Essa etapa teve como objetivo valorizar a produção textual dos alunos diante da comunidade escolar. Dessa forma, os textos foram expostos na Feira Científica e Cultural da Escola Estadual Maurício Freire. A exposição dos trabalhos se deu tanto pelos textos escritos pelos alunos como pelos projetos desenvolvidos a partir dessa produção escrita, por meio de confecção de maquetes, cartazes, bonecos etc. Esses projetos, elaborados pelos próprios alunos (divididos em grupo) e orientados pelo professor, foram confeccionados e apresentados de acordo com a mesma temática abordada nos textos: o lixo.

Na culminância dos trabalhos, os alunos expuseram os conhecimentos construídos de forma muito coerente e consciente, mostrando domínio sobre o assunto, e expondo nos textos

produzidos, o conceito do que é o lixo, sua origem, tipos de lixo, apresentando à comunidade exemplos de como tratá-lo corretamente, conforme se pode observar nas Figuras 14 a 22, a seguir.

Figura 14 – Exposição da versão final dos textos dos alunos



Fonte: Autoria própria

Lixo: produção de texto a partir de um contexto social (temática abordada pelos alunos no projeto da feira de ciências, que relaciona a questão do lixo ao conhecimento adquirido durante o processo de ensino aprendizagem).

Figura 15 – Origem do lixo e exemplo de rios poluídos pelo lixo doméstico, industrial, químico, entre outros



Fonte: Autoria própria

Figura 16 – Problemas ambientais, socioeconômicos e de saúde causados pelo acúmulo inadequado do lixo



Fonte: Autoria própria

Figura 17 – Soluções para o lixo



Fonte: Autoria própria

Exemplos e soluções para o lixo, como cidades autossustentáveis com processo de reciclagem, que vão desde os métodos tradicionais de coleta do lixo aos sistemas de sucção pelo subsolo e levam o lixo direto para usinas de tratamento e transformação do lixo em energia, como é o caso de Barcelona, na Espanha.

Figura 18 – Visitação da comunidade escolar à feira de ciências e explanação dos alunos sobre o projeto – I.



Fonte: Autoria própria

Figura 19 – Visitação da comunidade escolar à feira de ciências e explanação dos alunos sobre o projeto – II.



Fonte: Autoria própria

Figura 20 – Visitação da comunidade escolar à feira de ciências e explanação dos alunos sobre o projeto – III.



Fonte: Autoria própria

Figura 21 – Visitação da comunidade escolar à feira de ciências e explanação dos alunos sobre o projeto – IV



Fonte: Autoria própria

Figura 22 – Turma 9o ano "A" – Escola Estadual Maurício Freire – 2014



Fonte: Autoria própria

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta dissertação surgiu a partir da preocupação que aflige a maioria dos professores de língua materna, a quem geralmente cabe a “responsabilidade” de ensinar ao aluno a produzir textos. Dessa forma, o nosso *objetivo maior* neste estudo é apresentar uma proposta de intervenção para o professor/pesquisador, que contribua para o desenvolvimento da informatividade na produção textual do aluno do 9º ano do Ensino Fundamental II. Para alcançarmos o nosso maior objetivo, partimos inicialmente da hipótese de que uma ação interventiva mediada pelo professor poderia contribuir para modificar a situação que provocara este estudo, a falta de informatividade na produção textual do aluno do nono ano do ensino fundamental II.

Em seguida, buscamos respostas, que permeiam o nosso objetivo geral, para as seguintes questões: a intervenção feita pelo professor pode contribuir para o desenvolvimento da informatividade na produção textual do aluno? O que muda na reescrita do aluno ao apresentar-lhe as sequências e os gêneros textuais? De que forma os elementos linguísticos e de textualidade podem contribuir para a refacção da produção textual?

Nesse processo, compreendemos que, para encontrar respostas para essas questões e obtermos o avanço almejado (que não iria acontecer de uma hora para outra), precisávamos elaborar um projeto de forma gradual e sistematizado, capaz de nortear o nosso trabalho e que fosse flexível a ponto de se adaptar às dificuldades e aos imprevistos no decorrer do percurso. Assim, optamos por desenvolver uma intervenção que considere as diversas etapas do processo de escrita e reescrita textual. Para tanto, tomamos como base a pesquisa-ação educacional, por se tratar de uma estratégia voltada ao desenvolvimento do professor/pesquisador, e que permite a este fazer uso de suas pesquisas para aprimorar o ensino e o aprendizado dos seus alunos, buscando, assim, promover um conjunto de ações que devem ser planejadas e executadas pelos participantes, sendo submetidas sistematicamente à observação, à reflexão e à mudança.

Para pormos em prática a nossa intervenção, adotamos os projetos de classe de Dolz e Schneuwly (2004) e projetos pedagógicos de leitura e produção de gêneros discursivos de Lopes-Rossi (2011), ambos estruturados em módulos de aprendizagens, como procedimentos metodológicos na sequência didática. Como nosso intuito é o de mediar a aprendizagem do aluno de forma flexível, buscando atender as suas necessidades, adaptamos esses projetos de acordo com a realidade vivenciada em sala de aula.

Assim, para responder à primeira questão mencionada, que tem como intuito nos fazer refletir sobre a relevância da intervenção feita pelo professor e sua real eficácia quanto ao desenvolvimento da informatividade na produção textual do aluno, construímos o nosso primeiro objetivo específico: o de analisar/descrever o desenvolvimento da informatividade na produção textual dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, a partir da comparação entre os textos escritos sem/com a intervenção pedagógica. Para atingirmos o primeiro objetivo, elaboramos duas etapas, a da produção inicial e o módulo I.

Promovemos a primeira escrita textual do aluno com o propósito de que servisse como guia para as demais etapas, pois a produção inicial tem a função tanto de regular a sequência didática quanto de delimitar o problema de base da pesquisa e/ou diagnosticar outros problemas e dificuldades (linguísticos ou comunicativos) apresentados pelos alunos nessa primeira versão.

Como o maior problema detectado inicialmente foi o baixo índice de informatividade no texto do aluno, esse foi o nosso objeto de estudo para análise na primeira versão, e requisito de estudo no Módulo I, visando à produção da segunda versão. Tentamos, nessa etapa, não influenciar sobre o conhecimento do aluno acerca do tema abordado. Por isso, buscamos não especificar um gênero textual em ambas as versões, por acreditarmos que ele poderia ser influenciado de acordo com o gênero proposto.

Solicitamos, então, que produzissem (na primeira versão) um texto dissertativo, discorrendo acerca do tema lixo. Para analisar o desempenho dos alunos ao expressarem por escrito os seus conhecimentos, assim como o índice de informatividade presente em suas produções, levamos em consideração os estudos de Costa Val (1991). O que diagnosticamos no bloco I dos textos analisados é que a maioria das produções de fato apresentava deficiência quanto ao fator informatividade, destacando-se um alto índice de imprevisibilidade e a exposição de dados insuficientes, fatores que comprometem a unidade textual e que podem ter contribuído para essa deficiência, o que justificou adaptarmos os módulos desenvolvidos por Dolz e Schneuwly (2004) para trabalharmos a nossa proposta de intervenção, visando ao desenvolvimento da informatividade textual.

Para transformar os resultados apresentados, planejamos o Módulo I, centralizando o nosso estudo na questão da informatividade. Para isso, expomos para os alunos diversas informações sobre o tema proposto, no caso, o lixo, com o intuito de que eles se apropriassem de informações suficientes acerca do tema, e de que, assim, pudessemos modificar os resultados relativos aos baixos índices de informatividade em suas produções, proporcionando-lhes a possibilidade de refletir sobre o seu texto e a oportunidade de melhorá-

lo na reescrita. Após a refacção textual, analisamos os textos produzidos pelos alunos, a fim de averiguarmos se houve alteração na escrita e se, a partir da ação interventiva mediada pelo professor, houve acréscimo de informatividade em seus textos.

Constatamos, na segunda versão, que quando a produção textual é mediada pelo professor, a partir de um processo significativo para o aluno, e a este é apresentado um leque diversificado de informações, ele se apropria dessas informações, trazendo-as para o seu texto e demonstrando um domínio maior em relação ao assunto. Observamos que esse processo de antes expor para o aluno sobre o tema é fundamental para que ele tenha o que dizer, e saiba como fazê-lo, melhorando, assim, o nível de informatividade em seu texto. Porém, percebemos que o percurso feito não foi suficiente para transformar significativamente esse nível de informatividade. Apuramos que houve uma melhora, ao se comparar a refacção com a primeira produção, entretanto, parte dos alunos permaneceu com dificuldades que prejudicaram o desenvolvimento da informatividade. Esses problemas estavam relacionados tanto à organização dos textos quanto ao ato de argumentar ou concatenar os argumentos e as informações em sua segunda versão, o que justificaria a necessidade de adequarmos a escrita do aluno a um gênero e a uma sequência textual, possibilitando-lhe orientar melhor a sua escrita, organizando a estrutura e as informações acrescentadas em seu texto.

Optamos, assim, por trabalhar com o gênero artigo de opinião no Módulo II, devido a sua relevância social, uma vez que este tem o propósito não apenas de informar, mas ainda de formar cidadãos críticos e conscientes, pois esse é um gênero que proporciona ao aluno lidar com sua faculdade de argumentar. Fator este que também justifica termos abordado, no mesmo módulo, as sequências textuais, em especial, a argumentativa, pois além de compor o gênero do artigo, ela é essencial para essa formação crítica do aluno.

Ao analisarmos a terceira versão, constatamos que houve de fato uma melhora significativa na disposição dos argumentos nos textos produzidos pelos alunos, que os dados apresentados estavam mais fundamentados do que na segunda versão, e que houve uma evolução na escrita do aluno, após trabalharmos a sequência argumentativa e o gênero artigo de opinião em sala de aula. Porém, apesar de termos diagnosticado esse avanço, após trabalharmos uma intervenção voltada para a argumentação, diagnosticamos que parte dos textos reescritos pelos alunos apresentava problemas de coesão sequencial, pois não havia, de forma geral, elementos linguísticos capazes de promover a progressão textual, o que acaba prejudicando a sequencialidade no texto. Compreendemos que o uso de recursos linguísticos de coesão pode proporcionar uma organização textual, propiciando um texto mais coerente e,

portanto, mais informativo. Dessa forma, percebemos a necessidade de abordar um estudo voltado para os mecanismos sequenciais de coesão em um terceiro módulo.

Assim, o Módulo III está voltado ao desenvolvimento de encadeadores da sequencialidade no texto, em especial, das conjunções explicativas e adversativas, visto que constatamos a ausência desses conectivos entre as orações em parte dos textos desses alunos e entendemos que a ausência desses elementos pode prejudicar a progressão do texto e a relação semântica.

Após a produção da quarta versão, e ao comparar as versões produzidas após intervenção do professor, chegamos à conclusão de que os alunos foram capazes de atender o comando da proposta de escrita na versão final. Observamos que os alunos conseguiram se apropriar e fazer uso dos mecanismos linguísticos estudados em sala de aula, o que, somado aos demais fatores abordados nas versões anteriores, contribuiu para que houvesse nos textos dos alunos alterações significativas, capazes de tornar essas produções mais informativas, objetivo maior deste trabalho.

Sabemos que para se atingir esse objetivo foi preciso um trabalho planejado e uma metodologia sistemática que estivessem pautados, principalmente, na aprendizagem do aluno. Tal metodologia precisa ser revista a fim de se alcançar o que se propõe. Dessa forma, reafirmamos a importância de uma ação interventiva, mediada pelo professor, para chegar ao objetivo de se ter textos escritos por alunos com um índice maior de informatividade.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBERT, A. Como mudar hábitos de consumo para produzir menos lixo. Nova Escola, 1 maio 2010. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1180/como-mudar-habitos-de-consumo-para-produzir-menos-lixo>>. Acesso em: 7 dez. 2017.
- ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. 18 ed. São Paulo: Papirus, 2012.
- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.
- ANTUNES, I. **Lutar com palavras** – Coesão e coerência. 1. ed. e 5. reimp. São Paulo: Parábola, 2005.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BEAUGRANDE, R.-A. de & DRESSLER, W. U. **Introduction to Text Linguistics**. London, Longman, 1981.
- BALMANT, O. Ideb mostra lacuna no ensino de português e matemática. **Exame**, 14 ago. 2013. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/ideb-mostra-lacuna-no-ensino-de-portugues-e-matematica>>. Acesso em: 7 dez. 2017.
- BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARMAGNANI, A.M. A concepção de professor e de aluno no livro didático e o ensino de redação em LM e LE. In CORACINI, M.J. (Org.) **Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático**. Campinas: Pontes, 1999b. p.127-133.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CENÁRIOS: o que (não) é responsabilidade social?”. Direção d Bárbara Duarte e Simoni Helfer. São Paulo: Bigorange, 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OLe77z50Xs8&spfreload=10>>. Acesso em: 8 maio 2014.

COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

COSTA VAL, M. G.; ROCHA, G. (Org.). **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito-autor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FRANCHI, E. **E as crianças eram difíceis – a redação na escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FRANCISCO, W. C. Lixo urbano. **Brasil Escola**. 2011. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/lixo-urbano.htm>>. Acesso em: 12 maio 2017.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GLOBO. **Telecurso** – Ensino Médio – Sociologia – Aula 03. Cidadania – o que eu tenho a ver com isso? Disponível em: <<http://educacao.globo.com/telecurso/videos/ensino-medio/t/sociologia/v/telecurso-ensino-medio-sociologia-aula-03/1291713/>>. Acesso em: 8 maio 2014.

ILHA das flores. Direção de Jorge Furtado. São Paulo: Casa de Cinema PoA, 1989.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Ideb** – resultados e metas. 5 set. 2016. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

KOCH, I. G. V. **A coerência textual**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1999.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1999.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I. G. V.; FÁVERO, L. L. **Linguística Textual**: uma introdução. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência textual**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino da leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011. p. 69-82.

LOSEKAN, M. Barcelona usa sistema subterrâneo para descartar lixo. **Globo**. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gzNrWn89MHQ>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

MINGAU PRODUÇÕES. **Se liga no lixo**. 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/12580783-Se-liga-no-lixo-a-conteudo-do-site-www-seliganolixo-wordpress-com-b-fontes-de-pesquisa-c-expediente.html>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

MUSSALIM, Fernanda (Org.) ; BENTES, Anna Christina (Org.) . **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.2. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIRES, S. Um novo sistema de coletar lixo. **Jornal da Gazeta**, 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QmM1Hj6IzYU&spfreload=10>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

QEDU. **Portal Ideb**. 2011. Disponível em: <<http://www.portalideb.com.br>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

RAMOS, Ricardo. **Circuito Fechado**. Disponível em: <<http://jleitores.blogspot.com/2014/01/circuito-fechado-de-ricardo-ramos.html>>. Acesso em: 8 maio 2014.

SALERA JÚNIOR, G. **O lixo nosso de cada dia**. 2007. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/463899>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A Pesquisa Científica**. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VIDAS no lixo. Direção de Alexandre Stockler. São Paulo: A Exceção e a Regra Produções Artísticas 2008. DVCam. Disponível em:

<http://portacurtas.org.br/filme/?name=vidas_no_lixo>. Acesso em: 18 mar. 2014.

ANEXOS

ANEXO A – TEXTOS DE ALUNOS PARA AMOSTRA DA ANÁLISE

Aluno: ASLN

Lixo no Lixo – 1V

A varios tipos de lixo, tipo os lixos terrestres, marinhos, eletronicos, e o melhor de todos o lixo reciclado que esta muito fraco mais esta se espalhando rapidamente pelo globo. O mundo esta sendo poluido em grandez quantidade e o pior é que não é só em terra é também no mar, e esse problema esta causando muitas mortes de peixes, e animais marinhos e isso não esta afetando so a nós mais sim as gerações futuras tipo: neto, filhos, bisnetos e por aí vai. nos estamos afetando um aos outros, lembre-se jogue sempre lixo no lixo e não lixo na rua tenha consciencia de suas atitudes.

Lixo no Lixo – 2V

Nós temos que ter responsabilidade sobre nossos atos estão se usamos alguma e queremos jogar fora, nós temos que ter consciência e jogar no lixo e não nos Bueiros ou em ruas porque isso pode entopir esgotos e prejudicar a nós mesmos e não a outros. Mais tamBém a culpa não é só noss e sim uma parte do governo, que não mandam muitos caminhões de lixo e não tem verBa suficiente para fazer um projeto que reutilize esse lixos que só prejudica a nossa sociedade, mais nos podemos

mudar tudo isso.

Lixo no Lixo – 3V

Temos que nos conscientizar em relação ao lixo, estamos chegando a uma situação critica em que a maioria da população não se importa com isso.

As maioria da Pessoas não ligam para onde o lixo vai, e nem o que ele pode causar. assim eles jogam lixo nas ruas, que acabam indo para os bueiros e depois para os mares que acaba prejudicando alguns animais e o meio ambiente.

Assim acabamos prejudicando a nos mesmos, portanto, precisamos nos conscientizar e começar e reciclar e para de jogar lixo nas ruas.

Lixo no lixo – 4V

Temos que nos concientizar em relação ao lixo, poisestamos chegando a uma situação critica em que a maioria da população não se inporta com isto.

A maioria das pessoas não ligam para onde o lixo vai, e nem o que ele pode causar, assim eles jogam lixo nas ruas, que acabam indo para os bueiros e depois para os mares que acaba prejudicando alguns animais e ao meio ambiente.

Assim acabamos prejudicando a nós mesmos, portanto, precisamos no concientizar e começar a reciclar, parar de jogar lixo nas ruas, comecar a jogar lixo no lixo, assim mudaremos essa nossa situação ambiental gravissima em que nós encontramos.

Cidadão Conciente

Aluno: **AR****Lixo – 2V**

Nos dias de hoje e as cidades
 Estão cada vez maiores, não tem
 Onde colocar o lixo, todos os locais
 Apropriado estão em capacidade maxi-
 Ma, muito pouca espaço. Para quantida-
 De de lixo, na maioria dos vezes a
 População queima o lixo.
 O lixo também tem seu lado
 Ruim, que prejudica moradores de favela
 Que onde é mais encontrados lixos, em
 Rios também se encontra . Gente que
 Não tem consciência sabe que jogam-
 Do lixo faz mal a saúde e etc ...

Se todos tivessem consciência não
 Jogariam lixo nas ruas. Rios , Praias e etc...

O mundo seria bem melhor...

O Lixo é um Problema Sério! – 3V

O Lixo é uma responsabilidade social que cada um de nós devemos tomar. As Pessoas Hoje em dia
 “não dão conta do que faz com o lixo”. Jogam nas ruas, em todos os lugares, o mais importante e fácil que é na
 lixeira “ningém joga”.

O Lixo ele causa problemas na saúde do ser humano, e também a dos animais. Sabendo que os
 problemas causados pelo lixo pode levar a morte.

Então Devemos dar conta disto o quanto cedo (que já é tarde) nos responsabilizar mais, Para evitar
 doenças, Poluições e etc...

Vamos Combater o lixo!

Ass: Cidadão Consiente

O LIXO é um problema serio! – 4V

O LIXO é um Problema Global que contamina o nosso solo o nosso Ambiente, trazendo doenças e
 problemas para a nossa saúde.

O LIXO é uma responsabilidade social, que cada um de nós devemos tomar. As pessoas hoje em dia “não dão conta do que fazem com o lixo”. jogam nas ruas, em todos os lugares o mais importantes e fácil que é na lixeira “ninguém joga”.

Como Falei o lixo ele traz doenças como: Dengue, leishmaniose e etc... atacando a saúde dos animais também. Sabendo que as doenças pode levar a morte.

Então Devemos dar conta disto o quanto cedo nos responsabilizar mais, para evitar doenças, poluição e etc...

Vamos Combater!

Aluna: **ACL**

O lixo no cotidiano – 4V

O lixo em nosso cotidiano, esta cada vez mais se acumulando não só nas ruas e também nos rios.

Isso pode agravar várias doenças, portanto, muitas pessoas não colaboram e acabam jogando lixo nas ruas, nos rios, esgotos etc.

Muitos cidadãos não sabem como isto é uma coisa séria, no entanto deveriam ter uma consciência no que estão fazendo.

Soluções:

Deveríamos diminuir a geração de lixo: aumentar a coleta seletiva, através de pontos de entrega voluntária, campanhas de conscientização, coleta porta a porta;

Incentivos fiscais para empresas que comercializarem produtos com menos embalagens; pontos de entrega voluntários para coleta do lixo eletrônico, lixo tóxico e lixo perigoso;

Afinal, o lixo urbano acarreta em uma série de problemas ambientais:

- Entupimento de bueiros, que geram enchentes e alagamentos;
- Contaminação do solo e lençol freático devido a disposição final inadequada;
- Transmissão de doenças.

Mas o que é problema pode se tornar solução. Temos a oportunidade de converter os resíduos em combustível, e gerando postos de trabalho.

Ensuma, todos temos um papel nesta história, os consumidores, os produtores... E cabe cada um de nós fazer nossa parte na construção de um mundo mais limpo!

Aluna: EC

“Reconhecendo o meio ambiente” – 1v

O lixo cada vez mais tá alimentando
por causa de nós humanos, cada dia mais
a poluição cresce e acontece, nós temos que
valorizar

o que nós temos, pois cada vez que a gente polui
a gente perde um pedacinho do nosso planeta

Nós temos que dedicar mais e valorizar
mais
nossas datas como 22 de março o dia da água,
entre outras. Nós usamos o lixo para reciclar e
fazer vários utensílios até pra nós mesmos, muitas
pessoas hoje em dia sofrem com a poluição, sofrem
ainda mais as pessoas de classe muito baixa
porque vivi com os pés no chão, tomando banho
em barreiros, dormindo ao ar livre.

Todos tem aquelas lixeiras de reciclagem
seria
Bem mais fácil reciclar.

Lixo é um dever voluntario ! – 2V

O lixo é uma coisa que causa
Polêmica em todo o país e em algu-
Mas regiões. o lixo é coisa
Muito grave espalhado nas ruas ,
Provocando doenças e transmitindo
Micobrios e quando a chuva vem,
Fico tudo alagado possas de lama
e a água que fica acumulada
no lixo hoje em dia esta causando
degue em todo o país brasileiro.

O lixo também está no termo
Cidadania pois cidadania é um
Conjunto de deveres e direitos e o
Direito da gente é ter rua limpa e nosso
dever é coletar o lixo de nossa casa e

repara-lo para que fique mais fácil para
os outros trabalhadores e para isso
nós temos que ter responsabilidade
social um ato de solidariedade umas
nem tanto assim pois é um dever
nosso coletar nosso proprio lixo e
separa até pra nós mesmos recicla-
lô.

Responsabilidade social é você voluntario-
Mente separa o lixo, coletar o lixo, pois no
Nossos pontos turísticos tem muito lixo.

Lixo é um dever Voluntario – 3V

O lixo vem cada vez mais aumentando e
com isso prejudicando a população, o meio
ambiente e o sistema econômico. Ele vem
ultimamente causando muita polêmica na mídia,
além de provocar deslisamentoe outras causas mais
graves.

Lixo está no termo cidadania pois
cidadania é um conjunto de direitos e deveres e o
direito da população é ter ruas e cidades limpas e
nosso dever é ajudar para que isso aconteça,
voluntariamente apanhando o lixo das ruas para
contribuir com a sociedade.

O lixo vem causando vários problemas,
mas isso esta acontecendo porque a população esta
consumindo muito e poluindo também as pessoas
não querem saber se estão fazendo mal ou não na

hora de poluir, mas na hora de cobrar a limpeza todos querem.

Devemos deixar de poluir tanto, deixar de ser tão cabeças duras, nas cidade deveria ter mais carros para coletar o lixo outras formas para levar o lixo, havia de ter, mais isso não é praticado não devemos pensar só na gente mas no resto da população.

Cidadão Consciente.

Lixo é um dever voluntario – 4v

O lixo vem cada vez mais aumentando e com isso prejudicando o meio ambiente e o sistema econômico, o lixo pode-ser bem lucrativo mas não temos pessoas bastante consientes para, que a população pare de poluir.

Lixo está num termo, cidadania pois cidadania é um conjunto de direitos e deveres onde o dever das pessoas é preserva o meio em que vive, não jogando lixo na rua, coletando seu lixo em

casa, que muitas vezes pode virar lucro. E nosso direito é ter mais funcionarios trabalhando na área da limpeza, para que tenhamos uma cidade limpa.

O lixo pode-ser uma arma perigosa para quem não sabe usar, pode provocar deslisamentos, doenças, poluição, entre outros. Com o lixo podemos trabalhar com artesanato, reaproveitando para fazer coisas até pra casa.

Deve-ser deixar de poluir tanto, pensar mais não só em se mas nas outras pessoas, pois foi jogando lixo e chujando não vai prejudicar, só você mais todos a cidade, mais caminhões de lixo séria melhor, caminhos subterraneo para a coleta do lixo.

Cidadão

Consciente.

Aluno: FMA

O lixo no nosso dia-dia – 1V

O lixo esta em muitas ruas e esta epalhado no mundo inteiro o lixo e prejudicial para nossa saude e varias pessoas jogam o lixo no chau prejudicando o meio ambiente

e tambem o lixo esta prejudicando a camada de ozônio e se ela se abre o buraco nos do planeta terra moreremos porisso nos não podemos joga lixo no ambiente temos que jogar no lixo

no nosso dia-dia o lixo esta presente em varios formos no nosso planeta no vamo deixa isso acontecer com a terra existe varios tipos de lixo ogonico,metal,papel plástico não devemos jogar lixo no chão jogem lixo no lixo.

lixo no nosso dia-dia – 2V

O lixo esta em muitos lugares do nosso planeta e esta espalhado no mundo inteiro . O lixo e prejudicial para nossa saude varios hospitais não tem camto para botar esse tipo de lixo .

cidadanie e um conjunto de direitos e deveres no qual um individo esta sujeito em relações a sociedade em que vivemos o conceito de cidadania sempre esteve fortemente “ligado” À noção de direitos especialmente os direitos políticos, o conceito de cidadania tem origem na grecia classica sendo usado então para designar os direitos relativos ao cidadai ou seja o individo que vivia na cidade e ali participava Ativamente dos negocios

e das decissoes políticas.

Lixo no nosso cotidiano – 3V

Você ja parou para pensar quanto lixo cada um de nos produzimos diariamente? E o lixo produzido, na sua Cidade, no seu Bairro, na sua Rua, na sua cassa Você sabe quanto é? jaimaginol qual o destino do lixo? Você sabe para onde ele vai? A maioria da pessoas não Param Para Pensar nessas coisas, pois muitos de nos não comprendemosnuito Bem esse assunto e Alguns na verdade nen se importa tanto com todos os problemas que podem Esta Relacionado com o nosso lixo. nos Humanos Devemos nos conscientizarmos que não devemos jogar lixo nas Ruas ou nos Rios, lagos.\ Nos devemos Reciclar/Reutilizar e Repensar esses são os 3R que Devemos fazer para diminuir e evitar jorgar lixo nas Ruais e nas Cidades diminuindo a quantidade de lixo no mundo.

Cidadão Consciente

O lixo no nosso cotidiano – 4V

Você já parou para pensar quanto lixo cada um de nos produzimos diariamente? e o lixo produzido, na sua Cidade, no seu Bairro, na sua casa, na sua Rua: você sabe quanto é? já imaginol quanto o destino do lixo? você sabe para onde ele vai? A maioria das pessoas não param para pensar nessa coisas pois muito de nos não comprendemos muito bem esse assunto e alguns na verdade nem se importa tanto com todos os problemas que podem esta relacionando com o nosso lixo.

No Humanos Devemos nos conscientizarmos que não devemos jogar lixo nas ruas ou nos lagos e Rios. O lixo no nosso cotidiano é muito comum pois vemos lixo nas Ruas, lixo Hospitalar, lixo Eletrônico, lixo Orgânico e entre outros tipos de lixo. nós devemos fazer coletas seletivas separando material orgânico, papel, plástico, metal, vidro etc...

Eu sou a favor da coleta seletiva como na Espanha em Barcelona que a coleta é subterrânea ou seja, no subsolo que essa coleta é muito boa para nós pois não ficava lixo nas Ruas e não teria mal cheiro. no Brasil já existe esse tipo de dispositivo que só tem em São Paulo que o lixo que é coletado será transformado em combustíveis e outros.

Cidadão Consciente

Aluno: **HFP**

O lixo e sua poluição – 1V

há muitas pessoas que a maioria das vezes Não
 Sabem se dar muito bem como o lixo.
 as pessoas pessam que Se dar bem com
 o lixo e coisa facia o lixo polui maioria
 das cosas, dos lagos, rios matas e entre
 outros a população não se preocupa com a
 poluição que o lixo está causando e muita
 Não a lugar para onde ir que tenha poluição
 para todos os lados que você olha tem
 poluição a poluição aumenta em cada
 momento a cada lugar conciencia das
 pessoas aumentam e pasam tudo que você pensar
 e poluição do lixo e muita se Não ouvesse
 poluição Seria melhor o mundo estaria mais
 limpo sem poluição

Lixo – Questão de cidadania e responsabilidade social – 3V

Há muitas pessoas que a maioria das vezes não
 pessam antes de fazer o pior para o meio ambiente
 as pessoas só pessam em si proprias so pessam
 em fazer o melhor para elas e não pessam o que vai
 ser bom para o meio ambiente. O lixo está se acum-
 ulando cada vez mais todo o mundo sofre seja cidadão
 tinha responsabilidade social pense antes de fazer o ruim
 para você as pessoas e pricipalmente para o meio
 ambiente pensi naquelas pessoas que sofrem com o
 lixo jogado todo dia nas portas das casas o lixo
 se acumula cada vez mais e as pessoas não
 tomam conciencia. tudo se polui dos lagos até as
 cachoeiras as matas até os animais Sofrem com
 todo esse acumulo total de lixo e as pessoas so
 poluem mais a cada vez

O Lixo – 3V

Há muitas pessoas que não pensam antes de jogar o lixo em qualquer lugar, jogam em caçudas, em Ruas e com o lixo bem perto delas mas na verdade o ser humano não pensa antes de fazer algo. não pensam no melhor para O meio ambiente. O lixo está se acumulando cada vez mais e não acontece nada uma das soluções e colocar lixos na frente de cada casa outra e o carro do lixo passar todo dia nas casas das pessoas com tudo o lixo nunca irá para de acumular. Portanto a cidadania em questão do lixo e a pior faixa de todos.

O LIXO – 4V

O lixo e um assunto muito serio para se falar porque tem pessoas que não sabem o que estão fazendo em questão do lixo as pessoas jogam o lixo em todos os lugares em ruas em lagos em caçudas em mas não jogam no próprio lixo pensam em todos os lugares menos no lixo. elas não pensam antes de fazer o melhor para elas mesmos e a poluição só irá aumentar nunca irá parar se não procurarem uma solução, nas cidades nos países avançados o lixo serve de energia para maioria das casas, o lixo passa por um processo de coleta muito interessante o lixo e processado e depois são feitas varias seleções.

Cidadão Conciente

Aluno: INBF – 1V

O lixo no meio ambiente calça muito doenças e perigos.

Você anda em qual que canto que tendo lixo
des calso você podê pega uma grave doença
prevínase não deixe agua parada cumulada pode dar
a dengue não deixe lixo alredo da sua casa tenha
zelo o lixo prejudica muito nossa saude
porisso que agente têm acabar de jogar lixo nas
ruas nas calçadas em porta de visio e mesmo
na sua casa o lixo de muito de muito bactéria so em
você chega breguentar aquele ambiente descals
sem equipamentos proprio você pode pegar uma
grando do ença donde você ve lixo queime não
deixe acumular o lixo que sinão você sera prejudi
cado o lixo e uma das coisas mais ruim desse
mundo ex: contem muita bacteria muitas
micróbios é etc... sé prevínase não deixe acumular
lixo na sua casa.

Aluno: INBF – 4V

o lixo questão de cidadania e a responsabilidade social.

o lixo é um perigoso, se você anda em qualquer lugar. Que tenha lixo. você pode pegar uma grande doença. previna-se não deixe o lixo à rede de cada tem zelo o lixo prejudica muito a nossa saúde por isso que agente tem, que acaba de jogar, lixo nas ruas não deixe queime o lixo queime o lixo na sua casa si você, não fazer isto você pode pegar uma grave doença, tenha cuidado o lixo tem muita bactéria onde tem lixo previna-se tenha cuidado o lixo um mostro pelo menos tente detelo este mostro muito poderoso que é o lixo não é com você jogar lixo ao redor, da sua casa o lixo tras, varias doenças gripes dores nos corpos que é um sinal da dengue previna-se

Cidadão consciente

Aluno: JC – 1V

O lixo tomou conta da cidade emtera.

O lixo esta em muitos lugares
 por comta das pessoas que não sabe cuida
 da cidade coloca lixo nus lugare correto não
 coloca luixo nus lugare erados e porisso que
 a contece muitas devastação em cicade
 como: são Paulo, Rio de janeiro,Natal e etc...
 E nessas cidades grandes a contece muitos
 A lagamento por conta do lixo é a importancia
 Da cidade bote lixo no lixo recicle os lixos
 E não cola lixo em lugares erados como : Rios
 Lagos, não podemos colocar lixo. E porisso que
 A contece muitas mortos por causa do lixo
 Que o povo não coloca lixo nus locais certos
 E porisso que eu falo coloque lixo no lixo

Aluno: JC – 2V

O Lixo crescendo no pais e no mundo.

O Lixo no pais esta crescendo muito nas
 cidadania é os resposave é agente por que
 estamos poluindo tudos os rios, lagos, barre, floresta
 e etc... porisso as resposabilidade social é ter
 mais um pouco de respeito com a natureza
 e os rios, lagos, floresta e etc... por que
 nois todos estamos poluindo o mundo todo
 e si continua assim muita gemte via finda
 si dando mau. Por que ta poluindo muitas coisas
 te gente que faz casa em barrancos é vai
 colocando lixo no loucau errado e canda
 vai da uma chuva dísabanda com que ta
 dentro leva eletri..... e muitas
 coisas, comu , geladeira, criança, bebe e
 e etc....

Aluno: JVNRR – 1V

O LIXO

O lixo é um problema muito serio o jendia porque a população tem poluido muito os Rios, as Ruas..., fora a pouição das fabricas que alem de poluir as Ruas, os Rios tambem libera muita fumça que polue o ar e abre cada vez mas a camada de ozonio.

Esistem varios tipos de lixo o orgânico que são fruta, verduras, restos de comida, comida estragada.... e tem o lixo mas prejudica ao meio ambiente que são plasticos , vidro, papeis...

tem pessoas mas consciente que fazem sua parte e fazem campanha comtra o lixo nas ruas ros e exemplo: saco é um saco. Vamos fazer nosa parte.

Aluno: JVNRR – 2V

O lixo

O lixo hoje está em tudo nos Rios, esgoto, ao ar aberto... existe varios tipos de lixo orgânico que é restos de comida e o lixo domestico que é plástico, vidro, papel, metal... asiste uma regra que deveria ser obrigatória separar os lixos para que eles fosse reutilizados. ajente não deveria jogar lixo nos rios, lago, esgoto... porque so prejudicamos so nos mesmos isto é quando jogamos lixos nos rios depois ajente poderia esta bebendo aquela água suja. muitos vezes os restos de comida vai para os lichões e o que não serve Para ajente .seve para os porcos e o que os porcos não come as pessoa que moran La come e as vezes moren

intoxicado por produtos jogado La.

Não jogue lixo nas ruas jogue
o lixo no lixo conserve nosso
planeta tenha conciencia.

Aluno: JVNR – 3V

Lixo

O Lixo é um dos Problem que aflije os cidadãos de variasSidade do brasil pricipalmente o Rio grande do Norte (RN).

Esse tipo de cituação preocupa as pessoas e o governo do estado, por que o saneamento básico não concege tratar todo o lixo e acaba o lixo indo para o esgoto, Rios, lagos, bueiros, Praias e ate mesmo nas Ruas da Cidade e isso pode Provocar, mau Cheiro, doenças, inundações, morte de animais e outras coisas. muintas vezes estes lixos como sacos plasticos vão par no mar e provoca a morte de animais marinhos por entocicação por exemplo as tartarugas morrem porque comem sacos plasticospenssando de ser aogas e acabão morrendo.

O que deveríamos fare é parar de jogar lixo nas Ruas, mares e esgoto e comessar a reciclar seu proprio lixo.

Aluna: JAD – 1V

Lixo:

O lixo no Brasil aumento cada vez
mais, quanto mais lixo mais aumenta a proliferação
de doenças alem de ser um lugar otimo
para pragas como ratos, insetos e entre outros.

Um dos grandes problemas e os grandes
Lixões por deixar o lixo exposto o sol e chuva
e com isso a água da chuva que escorre
pelo lixo acaba sendo absolvido pelo solo tendo
a sim o solo acaba morrendo e essa água
escorre para os lençóis práticos e contaminando
a água.

Uns dos meios de evitar isso é a reciclagem
com a reciclagem podemos reutilizar 80% do
lixo que jogamos fora , para facilitar a reciclagem
é preciso separar como?! papel com papel, lata,
vidro e lixo orgânico.

Aluna: JAD – 2V

O lixo entre a sociedade

O lixo é um dos problemas do
Nosso mundo, devemos controlar a quantidade de
Lixo que produzimos porque esse lixo está acabando
com a natureza. Você já parou para pensar como vai
ser o mundo que os seus filhos vão viver?! Será
que vai ter grandes matas com várias espécies de
animais?! do jeito que está eu acho que não devemos
tomar o nosso papel de cidadão é cuidar do nosso
planeta devemos parar de produzir tanto lixo.

mas tem pessoas que vivem por meio desse
lixo que nós produzimos esse é um caso de uma
menina de 14 anos que se alimenta de que
encontra no lixo é muito difícil não é?! saber
que tem pessoas que vivem assim. devemos tomar
o nosso papel de cidadão é cuidar do nosso
planeta

Aluna: JAD – 4V

O lixo entre a sociedade

O lixo é um problema de todo território global, ele é um dos culpados no aquecimento global, pois esse processo tem como consequência a liberação de gases que promovem o efeito estufa, e isso causa o aquecimento e derretimentos das geleiras.

Com o aumento da população há o aumento do lixo produzido, muitos países não têm capacidade suficiente para mandar para um local apropriado e esse lixo tem como destino lixões a céu aberto. Esse lixão acaba poluindo o lençol freático e o solo.

A população tem que se conscientizar. Essa conscientização pode ser utilizada pela política dos 3Rs: reduzir, reutilizar e reciclar. A coleta seletiva é uma das alternativas mais eficientes para reduzir o lixo, além de ser uma forma de contribuir para os catadores de materiais recicláveis.

Cidadão Consciente.

Aluna: KFS – 1V

O lixo do nosso dia-dia, que está em
nossas casas, nas ruas, em todos os lugares. O nosso país está coberto de lixo, tomando
de conta também, nos Rios e mares, no
entanto ele está causando problema para o meio
ambiente.

Mas, este lixo só está nos fazendo mal
por causa de nós mesmos, nós que somos
culpados de as ruas, mares, estarem poluídos. Se???

Aluna: KFS – 4V

O lixo em nossa vida

Quanto mais cresce a economia, mais suginho o país irá produzir. Com o passar dos tempos, as pessoas estão
aumentando cada vez mais o LIXO. isso causa problemas na camada de ozônio e causa também o efeito estufa.

O problema é que pensamos que um simples papel de uma bola não vai fazer a mínima diferença, mas,
com isso podemos mudar bastante com a nossa vida e de outras pessoas.

O lixo é o causador de vários problemas, mais também o causador de várias soluções. Com o lixo você
pode fazer objetos, produtos e outras coisas a mais que podemos usar em nosso dia a dia.

Cidadão Conciente

Aluna: KBA

Lixo – 1V

O lixo para muitos é visto como um problema para a sociedade, ao contrario do que eles pensam o lixo é uma forma de ajudar o meio ambiente e a si mesmo, claro que para isso foi divulgado um projeto dado o nome “reciclar”. Visto pelo sociedade que esse projeto havia dado certo, as pessoas começaram a definir cada cor da lixeira para cada tipo de item jogado nela. A amarela para o metal, a vermelha para o plástico, verde para o vidro, o azul para o papel e a cinza para os não recicláveis.

Do lixo é retirado coisas o mais inusitados possíveis desde comida até a vestimenta. Desses apetreixos são feitos esculturas para museus, trabalhadores acham bilhetes premiados e entre outros.

O lixo é tão necessario em nosso meio que ele serve até de comida para muitos. Então vamos acabar com essas mentiras sobre o lixo e fiquem cientes que o lixo é no lixo.

“Lixo – Questão de cidadania e responsabilidade social” – 2V

Muitos tem o que questionar sobre o lixo, cidadania e responsabilidade social, mas poucos sabem que há um vínculo entre esses três fatores que se for seguido ao “pé da letra” era mudar o mundo.

A cidadania para muitos se destingui em direitos, direito do voto, da segurança, do estudo, da saúde e entre outros, e claro, eles atuam sobre nós. Mas e os nossos deveres? Não jogar lixo na rua, votar com consciencia,

respeitar o proximo e seguir regidamente as leis, esses pequenos fatores são deficeis de serem seguidos?

E a responsabilidade social foca mais em propagandas e empresas, tentando por alto ter ação de respeitar o meio ambiente não jogando lixo nele e se preocupando com as familias du seus trabalhadores e com o futuro.

Reflita, pense, e questione, vomos nos tornar um cidadão de bem cumpro com o seu dever, e saibam que lixo é no lixo.

Abra os Olhos...lixo. – 3V

Falar sobre o lixo que está em nosso meio nem sempre é fácil, pois muitos não estão por dentro do assunto ou não estão habtos á construir um diálogo fora do que estamos acostumados, entretanto, há os que tem consciencia do problema que estamos passando nos ultimos anos, que se alastra ainda mais por falta de responsabilidade social dos cidadãos e principalmente aos governantes de nosso país, que não apresentam soluções para conseguirmos viver em harmonia.

Vivemos em um país em que a democracia não existe, as leis não são respeitadas e o lixo é um grande problema, mesmo com toda tecnologia e informação todos feicham os olhos, mas não é assim, o lixo produzido por nós está afetando nosso país, fazendo com que aconteça a poluição do meio ambiente assim atingindo toda a população que foram os principais causadores.

Esse questionarem esses fatores? provavelmente serem o quão estão proprio se destruindo e um declinio habitando nosso país, será que alguém se importa com isso? Talvez.

Portanto abrir os olhos para vermos esse problemas seria a melhor opção, e principalmente reutilizar reciclar e não jogar lixo na rua.

Cidadão Consciente.

Nosso aviso para sociedade – 4V

Falar sobe lixo que está em nosso meio nem sempre é facil, pois muitos não estão por dentro do assunto ou não estão hábitos a construir um diálogo fora do que tem consciencia dos problemas que estamos passando nos ultimos anos que se abastra ainda mais por falta de responsabilidade social, principalmente dos governantes de nosso país, que não apresentam soluções para conseguirmos viver em harmonia.

O lixo produzido por nós, está de alguma maneira afetando o país, causando poluição ao meio ambiente atingindo a população em grande escala desde doenças, lixões, enchentes que são as consequências até as soluções, como o sistema subterraneo de Barcelona.

E se questionarem esses fatores, provavelmente veram o quão estão proprio se destruindo e um declinio habitando nosso pais será que podemos fazer algo? com certeza, jogar o lixo no lixo é uma solução.

Portanto, abrir os olhos para vermos esses problemas seria a melhor opção e principalmente reutilizar, reciclar, reduzir e repensar.

Cidadãp Consciente.

Aluno: LMMS

“Lixo – Questão de cidadania e responsabilidade social” – 2V

O lixo Hoje é um grande problema
Em nosso pais e muitas pessoas não
Respeitam o direito do proximo.
Empresas de construção hoje poluem
Nosso ambiente.

As Pessoas tem que respeitar o
Sistema do lixo colocar cada material
em seu devido lugar.

Para não poluir nosso planeta
em Barcelona na Espanha , vizeram
um sistema de lixo subterrâneo,
mais parce isso precisa colocar
o lixo no seu lugar correto.
muitos países querem adotar
esse sistema.

O lixo em nosso meio – 3V

O lixo é uma questão de cada cidadão se conscientizar pela sua parte, por exemplo jogar cada tipo de lixo em seu lugar correto.

Uma solução que podemos solicitar para acabar isso seria, como na espanha, que o lixo desse para um lugar subterrâneo e pode ser transformado em energia.

Também a reciclagem, podemos reaproveitar o lixo para fazer muitas coisas como: guardanapos, garrafas novas de refrigerantes, muitas pessoas usam o lixo como forma de sobreviver como : retirando cada lixo para seu devido lugar.

O lixo é um dos grandes culpados do aquecimento global pois que aconteça diversas liberações de gases que resultano efeito estufa na atmosfera que resulta em buraco na camada de ozônio, poluição do ar e outros.

Cidadão Consciente

O lixo em nosso cotidiano – 4V

A questão do lixo em nosso cotidiano é muito séria. Para melhorá-la seria importante que cada cidadão se conscientizar pela sua parte, Exemplo: jogar cada lixo em seu lugar correto.

Em Barcelona na Espanha eles usam uma solução muito eficiente, lá em Barcelona (Espanha) há o sistema subterrâneo, que o lixo saía da lixeira por tubos muito grandes para outra lixeira, onde passar o caminhão que levará para grandes turbinas para transforma-lo em gasolina, cerá e etc...

O lixo é um dos maiores culpados do nosso aquecimento global por causa das liberações de gases na atmosfera que resulta em: Efeito estufa, Buraco na camada Ozônio, Poluição do ar e etc...

Podemos evitar isso na reciclagem para reutilizarmos, o lixo é assim que podemos evitar.

Cidadão Consciente.

Aluno: **LFS**

O lixo no nosso dia a dia – 1V

O lixo é um assunto sério na nossa sociedade, algumas cidades do Brasil estão muito sujas porque nós moradores destas cidades não se conscientiza de que o lixo tem que ser colocado nas latas de lixo das cidades e não na rua.

Existe muitas formas de limpar as Ruas nós devemos fazer reciclagem, jogar o lixo no seu devido lugar, podemos fazer um dia para a coleta do lixo.

O lixo depois que é acumulado ele pode virar um problema para a sociedade, pois o lixo vai ser arrastado pelas correntezas da água da chuva e entope os bueiros e isso provoca enchentes, por causa de todos estes fatores que devemos colocar o lixo no lixo.

“O lixo questão de cidadania e responsabilidade Social” – 2V

O lixo é um assunto sério na nossa sociedade,
Deve ser Refletido por cada pessoa, devemos nos perguntar-
Qual é a quantidade de lixo que produzimos todos os
Dias, o lixo é tratado como um assunto de cidadania e de
Responsabilidade social, todas as pessoas tem o dever de
Jogar o lixo no seu devido local.

Existe muitas formas de limpar as ruas, nós devemos
Fazer reciclagem, jogar o lixo no seu devido lugar, podemos
Fazer a coleta do lixo.

O lixo para muitas pessoas significa sobrevivência ou
Seja é do lixo que os moradores de rua comem, que os
Catadores conseguem o dinheiro para se manter
nessa sociedade.

O lixo acumulado pode virar um problema para as
Cidades, quando chove muito o lixo acumulado vai
Ser arrastado pela água até os bueiros e isso pro-
voca as enchentes.

“O lixo, Questão de Cidadania e responsabilidade Social”. – 3V

Antigamente as cidades eram mais limpas e agradáveis porque não existia essa enorme quantidade de lixo, hoje em dia está totalmente ao contrário, não é difícil achar nas ruas um lixo à céu aberto, esse aumento significativo da quantidade de lixo nos últimos anos foi causado pelo consumismo da sociedade que também aumentou, a cada ano as pessoas vão comprando cada vez mais aparelhos eletrônicos objetos que são descartáveis, além desse consumismo exagerado falta organização das cidades, essa organização tem que ser elaborada pelos políticos.

Cada cidadão tem seu papel para acabar com o problema do lixo, as formas de acabar com esse problema são: jogar o lixo no seu devido lugar, podemos fazer a coleta do lixo. o lixo pode causar doenças devido ao acúmulo dele, o lixo atrai insetos, ratos e etc, esses bichos são transmissores de doenças.

O lixo pode ser devastado, quando há muita chuva o lixo acumulado nas ruas é arrastado pela água até os bueiros e isso provoca as enchentes, deixando famílias desabrigadas.

Cidadão Consciente.

“O lixo, Questão de Cidadania e responsabilidade Social”. – 4V

O lixo, antigamente as Cidades eram mais limpas e agradáveis, porque não existia essa enorme quantidade de lixo, hoje em dia essa situação está totalmente ao contrário, vemos constantemente lixo à céu aberto, esse aumento significativo da quantidade de lixo nos últimos anos foi causado principalmente pelo consumismo descontrolado da sociedade, a cada ano as pessoas vão comprando cada vez mais aparelhos

eletrônicos e objetos que são facilmente descartáveis, além do problema do consumismo, falta mais organização nas Cidades.

Cada Cidadão tem seu papel de Cidadão para acabar com o problema do lixo, as formas de acabar com esse problema são: jogar o lixo em seu devido lugar, sistemas de coleta de lixo, reciclagem. O lixo pode causar doenças devido ao acúmulo dele, o lixo atrai insetos, ratos e etc, esse bichos são transmissores de doenças.

O lixo pode ser devastador, quando há muita chuva o lixo acumulado nas ruas é arrastado pela água até os bueiros, isso provoca as enchentes deixando famílias desabrigadas.

Cidadão Consciente

Aluna: MIS

O lixo é uma poluição ambiental !!! – 1V

Nas ruas são colocado várias
lixeiras para as nossas ruas não
ficar tão poluído, mas nem todo
mundo sabe para que serve as lixarias.
A lixeira é para colocar lixo e cada
lixeira tem seu nome e o nome do
lixo que pode se colocar.

Tem o lixo orgânico que é para colocar
restos de comidas. Tem o do plástico pois
os do plástico é para por garrafas etc.

Tem o do metal pois se colocar ferro
latas etc; tem o um que é para colocar papel.

Tantas lixeira que as pessoas colar
Tudo sobre ao chão para só poluir o nosso

Meio ambiente.

FIM

O Lixo é uma poluição urbana – 2V

Lixo é uma forma que vai destrui-
ndo as ruas e a nossa cidade,
Entra. Com um mal cheiro muito dezagra-
dável e forte poluição que leva muitas
até a ficar doente com os mal cheiros
e fungos e bactéria. Doenças sérias que

leva até a morte.

Muitas das vezes por dia morte trêz
a quatro pessoas e crianças. Com um
fungo do lixo que é colocado sobre os
calcadas. Muitas pessoas vem até fazer
as suas próprias necessidade.

Vamos chega a um conclusão vamos
Colocar o lixo nos cantos correto nas
Ruas são colocado as lixeira Para papel,
Plásticos, vidros e etc....

Vamos cuida da nossa cidade vamos
Para com a poluição. Vamo colocar
Lixo no lixo.

O lixo é um grande problemas para a saúde e a sociedade. – 3V

O lixo é um grande problema que prejudica a saúde de muita pessoas com os varios que é causado pelo lixo pois há varias quantidade de lixo nas ruas e na grande cidade.

Doenças que e causada e de corre o risco de saude. duencascravissimas que as vezes leva ate a morre.
Muitas e muitas vezes por dia morre de duas a tres pessoas com o varios do lixo.

Vamos chega a uma coclusão vamos coloca o lixo em seus lugares corretos pois fazemos o bem e também previnimos a nossa propria saúde.

Nas ruas são colocados coisas para erreta o lixo tamboles para repor os lixo e não fica com mau cheiro.

O Cidadão Consciente

Lixo em toda parte – 4V

Você já para pra pença na quantidade de lixo que é retirada das ruas, todos os dias. Setenas de sacos, sacos que lota o caminha de lixo que é mandado pela a prefeitura pra conseguir retira todos lixo que causa grande poluifa e trasmitate doenças grave.

O lixo já fais parte do nosso dia a dia convivemos já com a poluição do lixo. de tanto anda pelas as ruas e em todo canto sentenas de lixo jogado!!! por isto que já é convivemos.
O viros que é transmite pode até leva a morte tudo isso e causado só pelo lixo.

Em todas as cidade é colocado tamboles de lixo que pra amenizar todas as ruas da cidade. Em quanto mais a cidade. Mais a quantidade de lixo.

Em todas ruas são colocados tamabole de lixo vario tipos, e em muitas e muitas vezes as pessoas coloca encantos errado.

Cidadão Consciente

Aluna: MJT

Lixo no lixo – 1V

Uma coisa muito comum de se ver nas ruas é o lixo e a poluição. O lixo está cada vez mais aumentando nas ruas e em todos os lugares. Algumas pessoas jogam lixo na rua e não tem a noção de que isso pode prejudicar a elas mesmas, as pessoas fazem isso sabendo também que existe lixeira nas ruas, essas pessoas deveriam ter a consciência do que quando chove entopem os canos e outras coisas e lugares. Deveriam pensar muito bem antes de fazer isso. Outro problema é o aumento do lixo nos lixões na tv passa reportagem de quantidades enormes de lixo.

No Brasil era pra existir uma lei que multasse as pessoas que jogassem lixo no chão, talvez não acabaria totalmente com esse problema mas amenizaria ou talvez acabasse totalmente com esse problema. Lugar de lixo é no lixo e não no chão.

Lixo, questão de cidadania e responsabilidade social. – 2V

Lixo, é uma coisa muito comum de se ver em qualquer lugar principalmente nas ruas. Cada vez mais tem aumentado mais e mais. Esse é um dos maiores problemas do mundo. As pessoas colocam lixo sem ter a consciência de que esse lixo que elas estão jogando em qualquer lugar pode prejudicar a elas mesmas e a outras pessoas. Os lixeiros que tem na rua foi feito para colocar lixo, mas mesmo assim as pessoas preferem colocar no chão. Isso também é um problema quando chove entopem canos, bueiros e outras coisas. As vezes no jornal passa reportagens sobre lixo e mostra os lixões com enormes quantidades de lixo. Mas o lixo não é só papel e plástico existem vários tipos de lixo com por exemplo

domiciliar, hospitalar industrial e etc... não jogar lixo
no chão também é questão de cidadania e
responsabilidade social, cumprindo direitos e deveres

Lixo: Questões de cidadania e responsabilidade social. – 3V

O lixo é uma coisa muito comum de se ver em qualquer lugar hoje em dia. Nas ruas é onde mais vimos. A cidadania parece ter preguiça de jogar o lixo nas lixeiras, não são todas as pessoas mas muitas delas parece ter problema com a lixeira. Para eles isso é um lixinho qualquer, mas não pensam nas consequências que o lixo pode trazer. Nas enchentes esse lixo entope canos, se acumulam nas ruas e etc...

Várias vezes na televisão se passa reportagens mostrando imagens de quantidade de lixo que existe nos lixões e falando que cada vez o lixo só aumenta.

Quando se fala em lixo, a primeira coisa que pensamos é em plástico. Mas não existe só esse tipo de lixo, existe também lixo hospitalar: que são seringas, agulhas, gases... lixo domiciliar: resto de comida, papel...lixo tecnológico resto de peças de computadores e etc...

Talvez a solução para esse grande problema seja multar cada pessoa que faz sujeira, pelo menos nas ruas iria amenizar a questão de lixo. devemos pensar bem antes de colocar lixo em qualquer lugar, pois esse lixo pode nos prejudicar.

Cidadão Consciente

Lixo, questão de cidadania e responsabilidade social. – 4V

Quando falamos em lixo, não é só em questão de reciclar, é também de ter uma responsabilidade de sermos cidadãos e não poluir nossa cidade, aliás nosso mundo cada vez produzimos muita quantidade de lixo. O ser humano só pensa em comprar e comprar e não para pra pensar que pode reaproveitar usando o que já tem em casa.

Nós brasileiros produzimos cerca de 500 g à 1 Kg de lixo por dia. Podemos evitar que isso acontecesse, repensando, reciclando e reduzindo.

Temos que ser cidadãos, e ser cidadão também e contribuir para melhor do nosso planeta, para que fique limpo e até mesmo mais bonito.

Cidadão Consciente

aluno: NMML

Doenças causadas pelo lixo – 1V

O lixo para todos nós causa varias
doenças toxicas , por exemplo: alergia e pode

pegar vírus de doenças tóxicas, o lixo causa uma grande poluição e pode até causar enchentes em alguma cidade, devido algum acúmulo de lixo, etc. O lixo tem várias substâncias tóxicas que pode levar a doenças graves, infecção, etc...

segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mais de 500 pessoas tem doenças graves através do lixo e até pode levar a internação hospitalar.

O lixo causa poluição, etc ... um lixo

Pode levar a 10 anos a se decompor

Depende da matéria feita.

Doenças causadas pelo o lixo e sua responsabilidade social – 2V

O lixo para todos nós causa várias doenças tóxicas, Por exemplo: alergia e pode pegar vírus de doenças tóxicas, o lixo causa uma grande poluição e pode até causar enchentes em alguma cidade, devido algum acúmulo de lixo, etc. O lixo tem várias substâncias tóxicas que pode levar a doenças graves, infecção, etc... A nossa responsabilidade sobre isso é cuidar para não ocorrer tragédias por causa da poluição do lixo, nós como seres humanos devemos preservar o que é nosso, como por exemplo: o meio ambiente, a mata atlântica, etc...

já, o lixo causa muita poluição, como citamos, neste texto. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mais de 500 pessoas tem doenças graves por causa do lixo e até pode levar a internação hospitalar. Também um lixo pode levar a 10 anos a se decompor dependendo do material feito. A nossa responsabilidade social é preservar e cuidar, devemos reciclar e não destruir o que é nosso,

não devemos fazer queimadas em nossa floresta, por que ela é o pulmão da nossa respiração, é das florestas que respiramos. Devemos cuidar com muito carinho da nossa amada floresta que é a mata atlântica, a nossa mata está quase perdendo a vida, por causa das queimadas e das destruições, etc...

Doenças causadas pelo o lixo e sua responsabilidade social. – 3V

na minha opinião, o lixo deve ser aprimorado, quer dizer, deve melhorar na questão da reciclagem, pois o acúmulo de lixo pode causar: doenças tóxicas, etc. O lixo também muitas vezes pode causar: enchentes, poluição, e até mesmo pode causar tampamentos de bueiros.

já, o lixo causa muita poluição, como já citamos, neste texto. segundo a fonte do Instituto Brasileiro de geografia e estatísticas (IBGE), mais de 500 pessoas tem doenças graves por causas do acúmulo de lixo tóxico e até pode levar a internação hospitalar, devido aos vírus que circulam em torno do lixo, o lixo para se decompor dependendo do material feito, pode levar 10 anos.

a nossa responsabilidade social é preparar e preservar cuidar, devemos reciclar e cuidar de tudo que é nosso. não devemos fazer queimadas em florestas, por que ela é o pulmão da nossa respiramos. a nossa mata está quase perdendo a vida, por causa das queimadas e das destruições.

Cidadão Consciente

lixo: reciclagem e suas doenças. – 4V

na minha opinião, para reciclar-mos o lixo devemos, desde então, se conscientizar, e devemos simplesmente separar corretamente o lixo, para facilitar ainda mais, a incineração a queima do lixo. o que podemos reciclar? Podemos reciclar garrafas, alumínio, metais, etc... Para não causar enchentes e várias precauções, devemos cuidar da nossa natureza, e preservar tudo aquilo que temos.

O lixo pode causar várias doenças, como por Exemplo: infestações e outras mais. O lixo, além de tudo isso, pode causar enchentes, entupir bueiros e pode causar dissabamento de terra, entre morros... podemos citar também nas favelas do Rio de Janeiro que estão em cima de morros, que é muito perigoso para a vida humana, onde pessoas jogam lixo quando a chuva vem acontece essa tragédia. então devemos reciclar, e cuidar de tudo aquilo que nos pertence de tudo aquilo que é da nossa natureza.

Aluno: PAOS

os lixos nas ruas – 1V

Os lixos nas ruas e um problema que existe em muitas cidade porair que causa muitos problema como, alagamento, poluição na florestas, nas ruas , em becos e esgoto .

o lixo nas rua causa doenças para as pessoas, e animais, os lixos quando e jogado e é acumulado causa inxeste , e alagamento e comesa a desmoronar poste, e destruir casas, derrubar muro, e muitas vezes morrem gente levada pela comrrrenteza da agua e tambem morrem animais, e as pessoas ficam desobrigado e muitas das vezes causa uma doença chamada DENGUE que e uma doença muito perigosa Que pode causa morte .

Para previnir problema , como alagamento, poluição e enxentes e prinsipalmente a dengue e só para de jogar lixo nas ruas e bota o lixo no lixo.

“Os lixos e responsabilidade social” 2V

os lixos nas ruas e um problema que existe em muitas cidade porair que causa muito problema como, alagamento, poluição na florestas, nas ruas,em becos e esgoto.

O lixo e uma responsabilidade social que nos devemos cuida para nossa cidadania. nos devemos ter mais responsabilidade de nossa cidadania por que cada um de nos temos a responsabilidade joga o lixo nas ruas para não poluir o meio ambiente , por que o lixo nas rua causa doença para as pessoas, e as vezes morre gente então devemos ter responsabilidade

aluna: RTRA

O lixo nas ruas – 1V

O lixo nas ruas , é algo que a muito tempo é Frenquentado pelas cidades, as pessoas elas não tem a correta ação, ao invéz de diminuir, so

aumenta . falam que patica boa ação, mas na verdade, so ajuda a aumentar a quantidade de lixo, que toda via, não e pequena.

Quando questionados em relação ao assunto, recebem um choque de realidade , dizem que apartir daquele exato momento ira , tomar novas atitudes, em relação ao citado, porém, não praticam. E as coletas ela precisam melhorar.

As coletas nas ruas, elas precisam ter, uma pratica mais avançada, não dão o devido valor que ela merece, está chegando a copa e existe locais que os visitantes estrangeiros iram ver, o estado de calamidade, que se encontra o Brasil

Somos o pais da copa ! Isso é uma vergonha pra nós, Medidas tem que ser urgentemente tomadas porque Assim não da.

Temos que ter a consciencia dentro das nossas casas, para que possamos, ter a boa pratica nas ruas, temos que mante-las limpas, fazendo a nossa parte , pois nos temos que pensar no amanhã, para que ele seja bom e limpo.

O lixo na sociedade

O Lixo ! Tema a ser menos discutido e mais

Ações de melhorias. – 2V

O Lixo ! tema que a muitos anos é discutido, entretanto, soluções posiveis e agradaveis não são tomadas. Métodos tomados seja da maior autoridade, ao vizinho da rua, por muitas vezes não são dados valores, as opiniões, governamental , publico, e da rua.

Em todo o mundo o lixo existe , entretanto , o Brasil é um dos países que menos emveste, nas melhorias, e na capacitação de pessoas, e tecnologias para diminuir o citado gasta bilhoes em copa , e mizereis investimentos , nesse caus que só alimenta

Cidadania e responsabilidade, temos ótimos para Se discuti juntamente com o lixo. A cidadania são

Os deveres e direitos que temos, como por exemplo, o Direito de votar nas eleições em um determinado candidato, e se ele for eleito, exigir as melhorias sociais, e a demanda dos problemas nas sociedade como já citado o lixo.

Responsabilidade e o dever de arca com atos, e promesas, feitas seja ele de uma pessoa normal ou um político.

Responsabilidade também envolve dezenas de aspectos, e políticas de pessoas.

Tema: Lixo questão de cidadania e responsabilidade social

Subtítulo: Questão pra ser discutida pela população. – 3V

Lixo, tema que com o passar do tempo tornou-se polemico e de ardua necessidade de ser discutido. O lixo está aí nas ruas a anos, e enquanto as promessas oferecidas na maioria das vezes pelos políticos, nunca, ou quase nunca sai do papel.

Enquanto o assunto é discutido, e é começado mas sem ter termino, o protagonista principal não para de atuar pelo mundo todo, a cada dia que se passa mais se aumenta a demanda de lixos nas ruas, e em determinados lugares a precisão do recolhimento não é suprida, e assim metade desse lixo que não foi recolhido e as vezes a coleta não chega até esses locais.

Em essas situações se repetem por todos os lugares, mas com uma diferença de que em alguns lugares a atenção dada é maior do que em outros.

Uma solução óbvia pra isso é a conscientização da população porque por mais que seja preciso investimentos em dinheiro, e mudanças de leis sobre o assunto, tudo será em vão se não houver a vontade do povo de fazer a mudança.

Uma solução que poder ser a certa pra mudar é a política dos 3Rs, que é Reutilizar, Repensar e Reciclar. Que vem como método de causas a vontade nas pessoas de ter a maior conscientização e é ter mais conhecimentos sobre o assunto, que a tanto tempo está aí pelo mundo, mas a mudança é mínima de grandes partes.

Enquanto não houver a vontade da mudança nas pessoas, de nada vale investimentos financeiros, projetos tem que ser criados pensando na acessibilidade de todos em ter o projeto dentro e fora das suas casas, não tem logica criar projetos milionarios voltados pra só metade do povo, os ideais das mudanças tem que ser pra todos pois é preciso lembrar que a maioria do lixo está infitrado nos lugares mais humildes do Brasil e do mundo.

“Cidadania Consciente”. – 4V

Todos nós somos cidadãos, e isso nos dá o direito e o dever de sermos cidadãos conscientes para que sejamos conscientes e necessario que todos tenhamos os devidos conhecimentos sobre conscientização.

Conscientização significa refletir, repensar e praticar. No tema centralizado que é o lixo, é necessário que essa três palavras que dá como significado de conscientização seja, praticadas por todos nós cidadãos, para que assim sejamos “cidadãos conscientes”.

Para que isso aconteça é necessário que exista políticas de cidadania dos governos, dos políticos, mas principalmente das comunidades, dos bairros, por fazer com que todos os cidadãos tenham acesso a ter novas informações sobre a prática da conscientização e como ser cidadãos conscientes.

É muito interessante que aconteça multirões nas comunidades, nos bairros, palestras inovadoras, cursos de artesanato, reciclando o lixo, e o, utilizando para confeccionar objetos decorativos e de uso diário de todos. Grupos de pessoas indo nas casas fazendo perguntas sobre o lixo, sobre como mas as práticas de reciclagem e de conscientização diária tudo isso pode ser começado por um pequeno grupo de pessoas e se houver realmente força de vontade desse pequeno grupo para que aconteça as mudanças, tudo isso fará com que desperte o desejo nas outras pessoas e assim sucessivamente. Tudo isso gera dinheiro com as vendas do artesanato, gera emprego para os catadores e garis e assim ajuda no rendimento familiar, uma cidade um bairro, as ruas mais limpas e o principal e o principal cidadão conscientizador.

Aluna: SLS

LIXO ! – 1V

O Lixo traz um mal enorme para todos no mundo, causa transtornos principalmente no Brasil. Existe maneiras de se aproveitar o lixo, como as garrafas pet, vidro, papel entre outros que se utiliza para fazer brinquedos, móveis etc...

O lixo também tem seu lado ruim que prejudica moradores de favela que onde é mais encontrado lixo, em rios também se encontra. Os moradores não tem noção dos perigos que eles mesmos fazem jogando lixo onde passam, o lixo ele é perigoso para crianças que moram perto de lixão, elas ficam doentes com a intoxicação da sujeira.

Se todos tivessem consciência não jogariam Lixo nas ruas, rios, praias, tem gente que Não sabe o que fazem.

“Lixo- questões de cidadania e responsabilidade social” – 2V

O lixo é um transtorno para a globalização, o mundo sofre com o lixo e a falta de responsabi-

lidade, as pessoas da sociedade brasileira precisar ter consciência do que estão fazendo, jogam lixo em qualquer lugar, nas ruas e o principal lugar que existe mas lixeira e o povo ainda Joga nas calçadas e entre outros lugares.

Se a sociedade tivesse consciência e não poluísse os rios, ruas, praias e jogasse lixo na lixeira seria mais fácil para todos os cidadãos. Todos nós precisamos ter responsabilidade para assumir o que fazemos de errado, e estamos errando jogando os lixos nas ruas.

Responsabilidade para o lixo – 3V

Não estamos dando importância para o lixo e a poluição está maior a cada dia que passa, A sociedade não está se tocando no que está acontecendo, em meio a sociedade temos que se preocupa mais com o lixo uma solução é que as pessoas se conscientizem do que está acontecendo em nosso planeta, as pessoas ainda não acordaram para ver que o lixo é um problema grave.

Que vamos conseguir combater o lixo.

Responsabilidade para o lixo– 4V

Nos Brasileiros estamos sofrendo com a quantidade de lixo em nosso mundo. A responsabilidade são poucos que estão tendo. Existe várias maneiras de não poluirmos o meio ambiente, que já estão em algumas cidades. Em meio a sociedade temos que se preocupa mais com o lixo uma solução é que as pessoas se conscientizem do que está acontecendo em nosso planeta, as pessoas ainda não acordaram para ver que o lixo é um problema em nosso mundo.

Fácil seria se cada papéisinho jogado no chão fossem jogado no lixo assim diminuiriam a poluição em nosso Brasil em nossas cidades.

Aluna: SMS

O lixo traz muitos problemas para humanidade – 1V

O lixo traz muitos problemas, como enchentes e também prejudica a natureza, as pessoas deveriam pensar antes de jogar qualquer coisa na rua, elas não sabem como isso afeta muitas coisas, traz muitas

doenças. Era para todos fazer um gesto de humanidade, poderia reciclar, o mundo ficaria muito melhor e mais limpo . e não trazia muitas doenças e poluição .

A causa do lixo – 2V

O lixo é um grande problema na humanidade , o lixo trás problemas como enchentes e poluição na natureza. A sociedade tem que ter conscientização . pra não jogar lixo na rua , elas não sabem como isso prejudica a natureza e trás doenças e poluição. se todos fizer o certo, de jogar o lixo no lixo e não na rua. Também causa muita poluição no mar, muitos animais morrem por causa da quantidade de lixo que eles pensam que é comida.

E também causa muitas liberações de gases que promovem poluição das águas. várias pessoas são afetadas pela concentração de lixo nas cidades, que causam transmissão de doenças, poluição visual , entupimento de bueiros , entre outros

A causa do lixo – 3V

O lixo é um problema que vem afetando muitas regiões, o lixo vem trazendo muitas doenças, enchentes e poluição. A população tem que conscientizar mais, para não jogar lixo nas ruas, ela não sabe como isso afeta o meio ambiente.

Se todos fizer o certo de jogar o lixo no lixo, já vai ser uma boa ajuda. E já não tem mais onde colocar o lixo por causa da quantidade acumulada nas ruas, também causa muitas liberações de gases. muitas pessoas são afetadas pela concentração de lixo nas cidades, que causam transmissão de doenças, poluição visual, entupimento de bueiros, e entre outros.

Cidadão Consciente

Aluna: SMS – 4V

A causa do lixo

O lixo é um problema que vem afetando muitas regiões, o lixo vem trazendo muitas doenças, enchentes e poluição. A população tem que conscientizar mais, para não jogar lixo nas ruas, elas não sabem como isso afeta o meio ambiente.

Se todos fizerem o certo de jogar o lixo no lixo, já vai ser uma ajuda. E já não tem mais onde colocar o lixo, tem muitas liberação de gases que promove poluição do mar muitas pessoas são afetadas pela concentração de lixo nas cidades, que causam transmissão de doenças, poluição visual, entupimento de bueiros, e entre outros.

Uma maneira de se ajudar é a reciclagem é uma forma de separar os lixos. Se cada um fizer a reciclagem pode ajudar muito, e também se cada cidade tivesse o sistema de coleta seletiva não teria muita poluição.

Aluna : SMS2 – 1V

O lixo está causando muitos problemas no sistema global .

O lixo cada vez mais está causando muitos problemas no mundo como : mudanças de clima, aumento frequente do mar, problemas na saúde e enchentes e derretimento das geleiras.

Existe muitas causas para prevenir esses problemas que o lixo vem trazendo reciclagem , jogar o lixo no lixo não jogar nos rios e nas ruas. O mais culpado por todos esses acontecimentos é o homem que não respeita a população que sofre muito com isso . se todos nós unirmos nossas forças e fizermos campanhas contra os lixos nas ruas e todo mundo colaborarem nada disso estava acontecendo, mas ninguém pensa nessa possibilidade de que pode melhorar o mundo com isso .

Aluna: SMS2 – 2V

Cidadania e responsabilidade social no dia dia

O lixo cada vez mais está causando muitos problemas no mundo. O lixo nos rios e mares está causando

cada vez a falta de água. Muitas pessoas ganham dinheiro com a reciclagem de latas , garrafas, papelão, entre outros. O melhor lugar para o lixo é o aterro sanitário que não causa poluição.

cidadania é o direito e deveres na sociedade, o cidadão tem direito a saúde , educação, segurança.

formar cidadãos concientes, participativos e multiplica dores de ações solidárias , servir para atitudes que lutem pela eliminação do preconceito da discriminação.

Responsabilidade social é quando as empresas decidem Melhor e para um ambiente mais limpo

Aluna: SMS2 – 3V

Cidadania e responsabilidade social no dia a dia.

O lixo cada vez mais esta causando problemas no mundo, como: Entupimento de bueiros, que causam inchentes, proliferação de insetos, transmissão de doenças, entre outros riscos a saúde. Nem sempre o lixo só traz prejuízo, quando esta sendo usado de forma consciente, um deles é a reciclagem, que transforma o lixo em outros produtos que podem ser utilizaveis.

Outra maneira para o destino do lixo é aterro sánitrio é a forma mais comum de destinar o lixo ao solo, mas não é toda politica pública que fazem uso dessas soluções.

A participação coletiva também é importantíssima, ações sobre esse problema no trabalho, nas escolas para trazer pequenas soluções que podem ajudar bastante; tais como: não jogar lixo nas ruas, depositar o lixo nos lugares corretos. Esses são pequenos gestos que podem mudar o mundo.

Cidadão Consciente

Aluna: SMS2 – 4V

Cidadania e responsabilidade social no dia a dia.

O lixo cada vez mais esta causando problemas no mundo como: Entupimento de bueiros, que causam enchentes, proliferação de insetos, transmissão de doenças, entre outros riscos a saúde.

Nem o lixo só traz prejuízo, quando esta sendo usado de forma consciente, uma dessas formas é a reciclagem, que transforma o lixo em outros produtos que podem ser utilizáveis, com esse processo ajuda muitas famílias.

Outra maneira para destino do lixo é o aterro sánitrio é a forma mais comum de destinar o lixo ao solo, mas não é toda politica pública que fazem uso dessas soluções. A participação coletiva também é importantíssima, ações coletiva sobre esse problema no trabalho, nas escolas e nas residencias para trazer pequenas soluções que podem ajudar bastante, tais como: não jogar lixo nas ruas depositar o lixo nos lugares corretos. Esses são pequenos gestos que podem mudar o mundo.

Cidadão Consciente

ANEXO B –TEXTOS TRABALHADOS NAS OFICINAS DE INTERVENÇÃO:

Lixo

1º texto

Lixo Urbano

Um dos principais problemas ambientais da atualidade é a grande produção de lixo, pois esse processo tem como consequência a liberação de gases que promovem o efeito estufa e a poluição das águas subterrâneas e superficiais. Esse fenômeno é uma das consequências do aumento populacional nas cidades, da intensificação do modelo consumista, do uso de produtos descartáveis, além do modismo, pois existe uma “necessidade” de se adquirir objetos mais modernos.

O lixo é também um problema socioeconômico, visto que grandes quantias de dinheiro são destinadas à coleta e tratamento do lixo urbano. No aspecto social, vários indivíduos são afetados pela concentração de lixo nas cidades, que causa proliferação de insetos, transmissão de doenças, poluição visual, entupimento de bueiros, entre outros.

As origens do lixo urbano são as mais distintas, e ele é classificado em:

Domiciliar: alimentos, papéis, plásticos, vidros, papelão, produtos deteriorados, etc.

Industrial: cinzas, lodos, metais, cerâmicas, madeira, borracha, resíduos alcalinos, etc.

Hospitalar: embalagens, seringas, agulhas, curativos, gases, ataduras, peças atômicas.

Lixo tecnológico: computadores, pilhas e aparelhos eletrônicos em geral.

A coleta do lixo deve ocorrer de acordo com a sua classificação, pois os tratamentos finais desses resíduos são diferentes. O lixo hospitalar, por exemplo, tem que ser incinerado, queimado em forno de micro-ondas ou tratado em autoclave. Porém, não é o que acontece na maioria das cidades.

A falta de estrutura e empenho dos políticos em solucionar o problema do lixo tem como consequência a existência de lixões a céu aberto em várias cidades. O destino adequado para o lixo urbano é o aterro sanitário, construído em áreas adequadas, com profissionais qualificados e estrutura para o tratamento dos gases e do chorume. Outra alternativa é a incineração dos resíduos, no entanto, esse método é muito caro, sendo inviável em muitos casos.

O mais importante, porém, é a conscientização da população, e isso pode ser promovido através da utilização da Política dos 3 R's: Reduzir, Reutilizar e Reciclar. A coleta seletiva é uma das alternativas mais eficientes para reduzir o lixo, além de ser uma forma de contribuir para os catadores de materiais recicláveis. Portanto, através de simples atitudes e mudanças de comportamento todos os habitantes podem colaborar para reduzir a produção de lixo.

Por Wagner de Cerqueira e Francisco

Graduado em Geografia

<http://www.brasilecola.com/geografia/lixo-urbano.htm>

2º texto

O lixo

Lixo é tudo aquilo que você não quer mais e joga fora. São coisas que não servem mais, que estão velhas, quebradas ou estragadas. Mas o que é lixo para você pode ser útil para outras pessoas. Ou porque elas vão usar aquilo, ou porque elas podem ganhar a vida juntando e vendendo “lixo” como o seu. É o caso das cooperativas de catadores de lixo, mas também dos brechós (que vendem coisas usadas) e dos sebos (livrarias que vendem livros e revistas usados).

Tipos de lixo

O lixo é um problema ambiental muito sério que coloca em risco toda a vida na Terra. Como há cada vez mais gente, todas usando produtos (e às vezes comprando coisas de que nem precisaria), a quantidade de lixo no planeta só faz aumentar.

Faltam locais adequados para colocarmos a grande quantidade de lixo que geramos todos os dias. **Só no Brasil, são produzidos todos os dias cerca de 240 mil toneladas de lixo.** A maior parte deste total vai parar nos lixões a céu aberto e só uma pequena parte é reciclada ou reutilizada.

Lixo doméstico – é o lixo que as pessoas produzem em casa e também em bares, restaurantes, supermercados e lojas. Também é chamado domiciliar ou urbano. É composto por restos de comida, papéis, vidros e plásticos. Normalmente esse material é levado para aterros sanitários, locais próprios para o depósito de lixo.

Lixo hospitalar – é o lixo de hospitais, farmácias, postos de saúde e casas veterinárias. São seringas, vidros de remédios, algodão, gaze, restos de órgãos humanos que são jogados fora. Este tipo de lixo é muito perigoso, pois pode transmitir doenças. Por isso, deve ter um tratamento diferenciado, desde a hora em que é coletado até a sua deposição final. Precisa ser transportado em veículos especiais e encaminhado para o incinerador, local onde o lixo é queimado.

Lixo industrial – vem das indústrias e pode conter restos de alimentos, madeiras, tecidos, couros, metais e produtos químicos. Pode ser perigoso, até mesmo tóxico, por isso não pode ir para os mesmos aterros sanitários que o lixo doméstico. A não ser que passe por processos de tratamento específicos.

Lixo nuclear – esse lixo vem das atividades que envolvem produtos radioativos. É o lixo produzido principalmente pelas usinas nucleares e laboratórios de exames clínicos, onde são feitos os exames de sangue e urina, por exemplo. Deve ser transportado, tratado e isolado com o máximo de cuidado, seguindo normas de segurança internacionais, para evitar qualquer tipo de acidente ou contaminação.

Lixo agrícola – é o lixo que vem das áreas rurais. É o resto de colheitas, as sobras de fertilizantes, agrotóxicos, esterco, rações e produtos veterinários.

Lixo tecnológico – são os restos de aparelhos eletroeletrônicos e seus componentes, sucatas de informática, pilhas, baterias e produtos magnetizados.

Você ainda pode classificar o lixo como **lixo orgânico** e **lixo inorgânico**.

Lixo orgânico

É todo o lixo que tem origem animal ou vegetal. Por exemplo:

- restos de alimentos
- folhas

- sementes
- restos de carne e ossos
- fezes e urina
- papéis
- madeira

Quando acumulado (nas lixeiras e nos terríveis lixões) polui muito e é super mal-cheiroso, porque os produtos orgânicos vão apodrecendo com o passar dos dias. Esse apodrecimento até o completo desaparecimento do lixo orgânico é chamado de “decomposição”.

O lixo orgânico contém bactérias, fungos e vírus. Pode, portanto, causar muitas doenças.

Lixo inorgânico

É todo lixo feito de material que não vem dos animais ou vegetais. Por exemplo?

- plásticos
- metais
- vidro

Quando o lixo inorgânico é jogado no meio ambiente sem tratamento, pode demorar centenas de anos para se decompor.

2º texto

O lixo – parte II

Problemas que o lixo causa

O lixo que o ser humano produz e joga no planeta todos os dias é um risco muito sério à saúde de todos os seres vivos e do planeta em si.

São bilhões de pessoas morando no planeta Terra. Dê uma olhada na lixeira da sua cozinha. Repare o quanto aquele lixo aumenta todos os dias. Depois, tente imaginar que cada uma das famílias do mundo (esses bilhões de pessoas) faz a mesma coisa, diariamente. Dá para imaginar o tamanho do lixo?!

Veja alguns dos problemas que o lixo pode causar:

Doenças: O lixo que vai para lixões a céu aberto ou terrenos baldios produz bactérias e fungos. Também atrai baratas, ratos, moscas, mosquitos etc. Esses animais podem transmitir doenças sérias, como dengue, febre tifóide, cólera, disenteria, peste bubônica e leishmaniose.

Acidentes aéreos: lixo acumulado perto de aeroportos causam acidente (o avião se choca com um urubus ou outra ave grande). Pode causar morte de pessoas, além, claro, da morte do pássaro, que poderia ter sido evitada.

Chorume: é um líquido mal-cheiroso e *nojento* que o lixo acumulado produz quando vai se decompondo. O chorume é dez vezes mais poluente que o esgoto. Isso porque, além de conter matéria orgânica apodrecida, ele tem substâncias químicas e metais muito tóxicos. O chorume contamina o solo e pode chegar aos lençóis freáticos (espécies de rios subterrâneos que existem por toda a Terra e que jogam sua água nos mares, lagos, mangues e rios). Quanto mais o chorume se espalha, mais vai poluindo.

Poluição do ar: o lixo – queimado ou não, produz gases que fazem mal à saúde dos seres vivos e do planeta, como o gás metano e o gás sulfídrico. Esses gases poluem o ar e podem causar doenças respiratórias. O lixo queimado produz gás carbônico, um gás que é tóxico se estiver em grandes quantidades. Se a gente se lembrar que o ar do planeta já está cheio de gás carbônico por causa dos carros e das fábricas...

Inundações: garrafas de PET, sacos plásticos e outros lixos são levados pelas águas numa chuva forte. Eles acabam entupindo bueiros e até impedindo os rios de correrem por seus leitos. Isso causa inundações terríveis. A água suja das inundações estraga as casas das pessoas, mata animais domésticos e causa mais doenças na população.

O lixo é um grande problema. Mas ele pode ser um problema um pouco menor, desde que os governos, as instituições (escolas, hospitais etc.), as empresas e cada pessoa façam a sua parte. Isso inclui você e sua família.

Quanto dura?

O lixo que a gente produz se decompõe até desaparecer na natureza. Isso pode levar alguns dias ou centenas de anos – depende do tipo de lixo.

Veja nessa tabela o tempo que cada material (chiclete, garrafas de plástico, alumínio etc.) leva para desaparecer:

CASCA DE BANANA	3 meses
GARRAFAS DE PLÁSTICO	mais de 500 anos
CHICLETE	5 anos
PRALDA DESCARTÁVEL	600 anos
ALUMÍNIO	100 a 500 anos
PONHA DE CIGARRO	2 anos
PILHAS E BATERIAS	100 a 500 anos
CAIXAS LONGA VIDA	até 100 anos
VIDRO	milhares de anos, pelo menos

Fonte da tabela: Unicamp e site Recicla Brasil

Importante: Esta tabela não é exata, ela dá apenas uma ideia geral. Se você consultar vários sites, verá que alguns dão um tempo diferente para a decomposição de cada coisa. É que, dependendo do tipo de material e da qualidade do solo, o tempo de desaparecimento das coisas pode mesmo variar. Por exemplo: papelão, jornal e cartolina são tipos bem diferentes de papel (o mais grosso demora mais a se decompor, é claro); um solo mais ácido ou mais encharcado fará alguns materiais se decomporem mais rapidamente.

O lixo – parte III

Os quatro “Rs”

Reduzir, Reutilizar, Reciclar e Repensar

Uma boa ideia para pensar em soluções para os problemas do lixo são os 4 Rs (“quatro erres”): reduzir, reutilizar, reciclar e repensar. Mas é importante lembrar que, para ter um bom resultado na melhoria do meio ambiente, os 4 Rs devem ser trabalhados igualmente.

R de Reduzir

O primeiro passo para diminuir a quantidade de lixo é reduzir a quantidade do que consumimos. No supermercado, por exemplo, podemos escolher produtos com pouca embalagem ou com embalagens mais resistentes e reutilizáveis. Na hora de levar as compras para casa, por que não levar uma sacola mais resistente, para evitar o uso de muitas sacolinhas de plástico? E na hora de escolher os bens duráveis, como fogão e geladeira, o negócio é escolher modelos de melhor qualidade, com garantia, que durem mais, reduzindo a necessidade de comprá-los de novo em breve.

R de Reutilizar

Reutilizar significa guardar coisas que normalmente seriam jogadas fora e usá-las de novo. É uma forma de aproveitar os produtos sem que eles tenham passado por qualquer tipo de alteração ou processamento.

Os principais resíduos que podem ser reutilizados são embalagens e roupas. Uma garrafa vira um vaso de plantas, a camisa velha vira um pano de chão, os potes de sorvete se transformam em potes para guardar comida, e por aí vai. Imagine se conseguirmos usar pelo menos mais de uma vez todas as coisas que consumimos, o quanto estaremos diminuindo o lixo de casa!

R de Reciclar

Depois de evitar consumir coisas desnecessárias e de reaproveitar outras, agora é hora de pensar em reciclar.

Reciclar é transformar uma coisa velha numa coisa nova. A reciclagem permite uma diminuição da exploração dos recursos naturais e muitas vezes é um processo mais barato do que a produção de um material a partir da matéria-prima bruta.

Reciclar é, por exemplo:

- Transformar papel usado em pasta de papel e depois fazer papel novo a partir dessa pasta;
- Esmagar garrafas de vidro usadas em bocadinhos pequeninos e derretê-los para fazer novos produtos em vidro;
- Derreter latas de alumínio usadas, prensar o material derretido em folhas e moldar estas folhas em novas latas ou outros produtos de alumínio.

R de Repensar

Quando falamos neste quarto R, estamos querendo repensar nossos hábitos de consumo, que por muitas vezes são exagerados. É preciso parar e pensar antes de cada compra. O consumismo – comprar, comprar, comprar, mesmo que aquilo não seja necessário para você – traz ainda mais problemas para o planeta. Causa o esgotamento dos recursos naturais (ou seja, vão acabando a madeira, as reservas de metais, os animais etc.), a poluição das águas, do ar e do solo.

Reciclagem

Reciclar é reaproveitar os materiais que iriam para o lixo (como latinhas de alumínio de refrigerante), usando várias técnicas para transformá-los em novos produtos.

Simbologias e cores na reciclagem

Você sabe por que as lixeiras para reciclagem são coloridas? É para ajudar as pessoas a colocarem o lixo no lugar certo. Cada cor é para um tipo de lixo. Veja:

- Azul: papel e papelão
- Amarelo: metais
- Vermelho: plásticos
- Verde: vidros
- Preta: madeiras

Atenção: em casa, não é preciso separar o lixo por cores. Se o seu prédio ou condomínio não tiver instruções sobre o assunto, você já pode ajudar bastante se lembrar sua família de separar sempre o que é reciclável do que não é reciclável (por exemplo: cascas de legumes vão para um lixo; garrafas pet e revistas velhas, para outro).

TIRE SUAS DÚVIDAS E COMECE A RECICLAR!

Pode-se reciclar embalagens sujas (com restos de óleo, por exemplo)? Ou temos que lavá-las primeiro?

As garrafas podem ser recicladas. Devemos eliminar os restos do produto que estava lá dentro, mas não é preciso lavá-las. Isso acontecerá durante o processo da reciclagem.

As garrafas PET devem ser postas para reciclagem tampadas ou destampadas?

De preferência amassadas e tampadas. Tampar as garrafas evita entrada de água e mantém o lugar do descarte mais limpo.

O que fazer com os restos de comida?

Jogue-os fora numa lixeira separada da lixeira para embalagens recicláveis (veja a pergunta seguinte).

Posso ter só duas lixeiras, uma para restos de comida, outra para os recicláveis?

Sim, isto é o ideal. Basta ter duas lixeiras. Numa, você põe o lixo seco (PETs, garrafas, jornais limpos etc.); na outra, o lixo úmido (cascas de legumes, restos de comida, papel higiênico usado etc.). O trabalho de separar os materiais recicláveis por tipo será feito nas cooperativas de reciclagem.

Adianta amassar latas e garrafas PET ou desmontar as embalagens longa-vida?

Isso não vai ajudar o trabalho de reciclagem em si, mas vai ajudar você a juntar mais latas e garrafas dentro da sua lixeira, porque, amassados, esses objetos ocupam menos espaço. Também vai facilitar o trabalho de quem vier recolher os recicláveis.

O que fazer com as baterias?

Devem sempre ser devolvidas ao fabricante. Você pode pesquisar, na sua cidade, onde há locais de coleta ou onde ficam as lixeiras especiais, só para baterias. Nunca misture as baterias ao lixo comum, nem as coloque junto com os demais materiais recicláveis.

<http://seliganolixo.wordpress.com>

3º texto

O lixo nosso de cada dia

Você já parou para pensar quanto lixo cada um de nós produz diariamente? E o volume de lixo produzido na sua rua, em seu bairro, ou em sua cidade, você sabe quanto é? Já imaginou qual o destino final de todo esse lixo? Você sabe para onde ele vai? Alguma vez você já se perguntou sobre as consequências negativas que o lixo produz ao meio ambiente?

A maioria das pessoas não pára para pensar nessas coisas, pois muitos de nós não compreendemos muito bem esse assunto e alguns na verdade nem se importam tanto com todos os problemas que podem estar relacionados com o nosso lixo.

O lixo que um bairro, uma cidade ou nação produz está intimamente ligado ao modo de vida de sua população. Por exemplo, cidades e países industrializados produzem grande quantidade de lixo inorgânico. Já nas nações em desenvolvimento, nas pequenas cidades do interior, nos povoados, assentamentos rurais e nas fazendas, grande parte do lixo produzido é de origem orgânica.

Para quem não se recorda vale lembrar que o lixo orgânico é aquele originado de quaisquer seres vivos, animais e vegetais, que são facilmente decompostos pela natureza. Restos de comida, restos de frutas e verduras, restos de plantas (folhas, galhos, pedaços de madeira, serragem etc.) são alguns exemplos de lixo orgânico. Por outro lado, o lixo inorgânico é aquele que resulta de produtos industrializados (plásticos, vidros, metais etc.), que, em geral, são de difícil decomposição pela natureza, mas que podem ser reciclado pelo homem.

O lixo que produzimos pode ser classificado em quatro grupos (1) lixo domiciliar, produzido nas residências, tais como restos de alimentos e sacolas plásticas; (2) lixo comercial, produzido nos estabelecimentos comerciais como lojas, butiques, mercearias etc.; (3) lixo industrial, produzido nas indústrias, como por exemplo, restos de matérias-primas e subprodutos da produção; e (4) lixo hospitalar, produzido nos hospitais, postos de saúde, clínicas, laboratórios e farmácias.

O entendimento dos tipos de lixo e suas classificações é importante, pois à cada um deles deve ser dado uma coleta e destinação diferenciadas.

Existem muitas formas de tratamento do lixo, entre as quais: (a) aterro sanitário, (b) incineração, (c) reciclagem e (d) compostagem.

O “aterro sanitário” é a forma mais comum usada para destinar o lixo no solo. Ele consiste em espalhar e dispor o lixo em camadas cobertas com material inerte (em geral, terra e cascalho). Junto com essas medidas são construídos sistemas de drenagem para os gases (metano etc.) e líquidos (conhecido como chorume), de forma que não ocorra a poluição do meio ambiente.

A “incineração” consiste na queima controlada do lixo em fornos especialmente projetados para transformá-lo em cinzas. É um processo de desinfecção pelo calor, pelo vapor e pela água em elevadas temperaturas, sem a intervenção do trabalho manual. A incineração possui algumas desvantagens, tais como: alto custo de instalação e manutenção da usina de incineração; os gases emanados da queima do lixo são altamente poluentes; e para esse tipo de tratamento há a necessidade de mão-de-obra qualificada.

A “reciclagem” é a transformação do lixo em matéria-prima. As vantagens econômicas, sociais, sanitárias e ambientais da reciclagem são amplamente reconhecidas, sendo algumas delas: diminuição da quantidade de lixo a ser aterrado; economia de energia; e geração de empregos, através da criação de indústrias recicladoras.

A “compostagem” é o método de tratamento da parcela orgânica existente no lixo. O processo de compostagem consiste na transformação de restos de origem vegetal ou animal em adubo a ser utilizado na agricultura e jardinagem, sem ocasionar riscos ao meio ambiente. A compostagem possui várias vantagens, como por exemplo: aumento da vida útil do aterro sanitário; aproveitamento agrícola da matéria orgânica, a usina de compostagem pode ser artesanal, utilizando mão-de-obra e instalações de baixo custo; além de ser um processo ambientalmente seguro.

Nenhuma dessas quatro formas de tratamento deve ser vista como algo milagroso, capaz de solucionar todos os problemas relacionados ao lixo.

Na escolha do modelo de gestão do lixo, todos os setores da sociedade devem participar. Nós não devemos deixar só a cargo da Prefeitura ou do Governo Estadual decidir qual será o destino do lixo que produzimos, pois a má gestão da coleta e destinação final do lixo afeta a todos indistintamente.

A participação coletiva nas ações e trabalhos que envolvam políticas públicas como o tratamento do lixo é fundamental, mas, além disso, cada um de nós deve também estar disposto a contribuir individualmente através de pequenos gestos diários, tais como: não jogar lixo nas ruas, praças, praias e demais áreas públicas; não pichar monumentos, muros ou fachadas de residências e estabelecimentos comerciais; depositar o lixo somente nos locais indicados pela prefeitura. Essas são algumas pequenas ações que podem fazer grandes diferenças para nossa vida e para o meio ambiente.

Giovanni Salera Júnior

<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/463899>

Publicado em:

Jornal Chico, edição n. 31, p. 05, de 01/04/2007. Gurupi – Estado do Tocantins.

Jornal da Feira de Tradições Nordestinas do Campo de São Cristóvão/ RJ, edição n. 057, p. 02, março de 2009.

São Cristóvão - Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: www.feiradesaocristovao.org.br

"Estudos Complementares II - Vida Saudável (Língua Portuguesa - Oficina 3)", do Programa Nacional de Inclusão de Jovens - PROJOVEM URBANO. Brasília (DF), p. 13-14, em 2009. Disponível em:

http://www.projovemurbano.gov.br/userfiles/file/materialdidatico/aluno/portugues/Oficina03_Portugu%C3%AAs_ECII.pdf

Revista VivoVerde, edição n. 03, p. 12-13, de Novembro/2010. Palmas - Estado do Tocantins. Disponível em: <http://vivoverde.com.br/revista/>

Jornal Mesa de Bar News, edição n. 390, p. 15, de 26/11/2010. Gurupi - Estado do Tocantins.

"Material de Apoio - Lixo" do Programa Escola Amiga da Terra – Mapa Verde - do Instituto Brookfield. São Paulo, p. 06, em 2012. Disponível em: <http://www.institutobrookfield.org.br/uploads/arquivos/lixo.pdf>

4º texto

Como mudar hábitos de consumo para produzir menos lixo

O ritmo alucinado das grandes cidades está fazendo mal ao nosso planeta. Nossos hábitos cotidianos, como a produção crescente de equipamentos tecnológicos e o acúmulo de resíduos, estão exigindo da Terra mais do que ela pode suportar. A saída é uma só: conscientização.

O consumo está ligado ao mundo em que vivemos, em maior ou menor grau em diferentes países. Apesar de serem unânimes em afirmar que o hábito é responsável pelo esgotamento do planeta, os especialistas admitem que não é possível acabar com ele. A saída é comprar com critério e moderação. Quando se fala em consumo exagerado, no entanto, os Estados Unidos são o país que primeiro vem à nossa mente. Para a maior parte 310 milhões de norte-americanos, o consumo é a ferramenta ideal para atingir o ideal de vida confortável. Graças a incentivos públicos, a partir de 1945, milhões de habitantes do país deixaram o agito das grandes cidades e migraram para casas maiores nos tranquilos subúrbios. Não que as famílias hoje sejam maiores. Dados de 2009 do US Census Bureau, responsável pelo censo norte-americano, indica que cada lar é ocupado por, em média, 2,57 pessoas. Em 1950, eram 3,37.

As pessoas fogem do estresse, mas seus empregos estão nas metrópoles. E o carro é indispensável. As vendas de veículos caíram de 2001 para cá, mas a frota dos EUA continua sendo maior que o número de motoristas habilitados. Gastar tempo na cozinha é inimaginável diante da praticidade do *fast-food* e dos alimentos congelados. Na virada do século, os norte-americanos gastaram 110 bilhões de dólares em restaurantes de refeições rápidas - ou 390 dólares por pessoa. E o conforto também está nas facilidades tecnológicas. Pesquisa da Pew Research Center de 2006 mostra que 71% da população acredita que ter um aparelho de ar-condicionado em casa é fundamental.

Qual é o custo desse estilo de vida para o nosso planeta? Embora sejam 5% da população mundial, os norte-americanos são responsáveis por 32% do consumo. Em média, cada cidadão dos EUA produz 760 quilos de lixo por ano - quase o dobro que um do Japão. O relatório *State of the World 2010*, da Worldwatch Foundation, calculou quantas pessoas o mundo conseguiria manter de forma adequada se elas tivessem os hábitos dos norte-americanos. Resultado: 1,4 bilhão. Porém já somos 6,6 bilhões.

O dado mais alarmante é a pegada ecológica, conceito criado em 1992 por dois pesquisadores: o canadense William Rees e o suíço Mathis Wackernagel. O cálculo da pegada considera quantos hectares produtivos seriam necessários para recompor os recursos gastos pelo homem. O índice ideal, de acordo com eles, é 1,8 hectare, mas o mundo já consome 2,2. Os norte-americanos precisariam de 9,4 hectares para manter seu ritmo: mais de cinco planetas.

"O consumo é um sintoma de um modo de vida, assim como a deterioração ambiental", diz Eda Terezinha Tassara, professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (*leia o artigo na última página*). Para ela, a publicidade usa imagens e valores para alimentar a vontade de consumir, pois cria novas necessidades e reinventa os objetos de desejo. E a máquina é poderosa: levantamento da agência McCann-Erickson estima que, em 2006, foram gastos 630 bilhões de dólares em publicidade no mundo. Esse valor representa mais da metade do PIB brasileiro no mesmo ano.

É claro que nem todos os norte-americanos vivem assim. Um exemplo no outro extremo são as pequenas comunidades conservadoras da igreja cristã Amish. Isoladas em áreas rurais, elas rejeitam o contato com o exterior a ponto de deixar de usar a energia elétrica. Os trajes, os equipamentos agrícolas e muitos hábitos do grupo pouco se alteraram do século 18 para cá. Em algumas aldeias, há geradores a querosene e ônibus que levam os amish às cidades próximas em caso de emergência. Mas o uso de combustíveis poluentes é mínimo se comparado ao do restante do país.

André Albert

<http://revistaescola.abril.com.br/ciencias/pratica-pedagogica/habitos-consumo-lixo-produzido-reciclagem-tecnologia-586717.shtml>